ANO 25.º SÁBADO, 6 DE ABRIL DE 1946 N.º 8390

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X. 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS

VINTE E CINCO ANOS DEPOIS

O pensamento que nos dirige

é o mesmo que presidiu à fundação do «Diário de Lisboa»

Devemos considerar o jornalismo, na sua diversidade de processos e seja qual fôr a sua tendência, uma interpretação histórica de factos e acontecimentos. A lingua em que se escreve, o país onde se nasce, o pensamento que se defende são outros tantos elementos, aliás fundamentais, do grande livro das nacionalidades. Mas nem sempre, evidentemente, o jornalista sabe resistir á adversidade, ou ter olhos para medir os acontecimentos que, na sua heterogeneidade imprevisivel, se geram, vivem ou morrem, modificando o destino dos povos. Um Girardin, um Rochefort, ou um Clemenceau não foram meros ou ocasionais interpretes de sucessos. Dirigiram os seus periodicos, como dirigiram a coisa publica e, podendo ter errado, souberam nos momentos cruciais da França escrever o que a verdade, toda a verdade, exigia, sem curvarem a espinha aos vencedores, nem transigirem com o arrebatamento das paixões. Enraizados nos seus conceitos doutrinários, calmos perante a tormenta, mas combativos nas horas do perigo, eles souberam honrar a mais nobre das profissões, salvando o seu país nas emergencias mais graves—como no caso do *Tigre*.

Em Portugal, o jornalismo tem tido grandes nomes e alguns mestres: Emidio **Navarro**, o das *Novidades;* Antonio **Enes**, pioneiro da epopeia da ocupação; Mariano de Carvalho, tão vilipendiado e denegrido, que morreu honestamente pobre, e ainda, o maior de todos, Rodrigues Sampaio, com o seu diabolico *Espectro*, redigido numa mansarda, quando a sua cabeça andava a premio...

A tradição desses «grandes» não morreu. Outros vieram empunhar o facho ardente de uma profissão que tem tanto de bela, como de apaixonante, de cruel como de ingloria! Aqui, os homens são para queimar. Não vivem; esgotam-se, e sacrificam-se tambem.

Se na nossa epoca, tão escassa de valores, quisermos apontar o nome de um mestre de jornalismo, sem duvida o do dr. Joaquim Manso surge, espontaneamente, até mesmo á critica dos seus contraditores.

* * *

Há vinte e cinco anos, numa doirada tarde de Abril, um grito agudo e rebelde subia na atmosfera inquieta do Chiado:

—Cá 'stá o *Diario de Lisboa!*

Os tempos eram outros. Os jornais tinham a duração das rosas de Malherbe. Nasciam e desapareciam sem deixar rastro da sua passagem. Mas aquilo pareceu diferente. Surgia, sem mácula original, liberto de todas as algemas, e com uma irreverente e atrevida mocidade, que fazia dizer á elegante Clarinha:

—O *Diario de Lisboa!?* Bem sei: um muro, no alto do qual um grupo de rapazes bem humorados atira pedras a quem passa!

Nem tanto, evidentemente. Nunca lapidámos ninguem, mas a frase de graciosa maledicencia era bastante sugestiva para exprimir a audácia, o inconformismo e a juventude de todos nós.

Joaquim Manso não funda, apenas, um jornal; cria uma escola de jornalistas. Dá-lhes a maior liberdade, mas exige-lhes a maior responsabilidade. Não é um bamburrio, nem é uma tentativa; é uma grande obra que começa e que há-de perdurar—um jornal novo, fresco, correcto de maneiras, impertinente, mas bem educado, que ouve tanto republicanos como monarquicos ou independentes, com respeito profundo pelas suas convicções. Guardava a sua liberdade de critica, mas sem aquela excessiva severidade que pudesse confundir-se com o rancor ou o parcialismo. Quando há um equivoco, ou um adversário riposta, Joaquim Manso franqueia-lhe, largamente, as portas do *Diario de Lisboa*. Não se importa dos comentários, nem mesmo de contrariar, de certa maneira, os canones jornalisticos do tempo.

O grande pretorio da opinião publica lá estava para julgar.

Nunca Joaquim Manso quis eliminar um nome, nem deixar de corresponder, nobremente, a um esclarecimento.

Mais de uma vez, quando, naturalmente, lhe chamamos a atenção para determinado caso, ou uma atitude ostensiva, ele, paternalmente, nos tem confundido com a sua generosidade.

Disse-nos um dia, numa emergência grave:

—Os senhores não sabem perdoar!

Sabemos tambem, mas o seu coração é de melhor oiro que o nosso!

Durante este quarto de século, Joaquim Manso tem sido o interprete fiel da consciência publica. A' guerra responde com a paz; á intransigência, com a tolerancia; ao facciosismo, com o seu amor veemente á liberdade—que é, afinal, o conceito supremo do jornalista. Em épocas de crise, de paixões desvairadas, do *vae-victis* dos grupos ou das classes, a sua voz nobilissima e desinteressada tem-se levantado, nesta tribuna livre, confundindo-se com a da própria consciência nacional.

O seu testemunho literário está patente. O *Diario de Lisboa* reflecte-o intensamente. Todos aqui têm entrado, velhos e novos, da arte, das letras, da politica, sem se lhes pedir outros papeis de identidade que não sejam os da sinceridade e objectividade das suas intenções. Se o jornal triunfou, foi porque trouxe com ele mais alguma coisa do que o efemero da vida, no seu cotidiano trágico ou grotesco, mas um ideario puro, embora ardente como uma labareda, e uma expressão cultural, sem pedagogias fastidiosas, que tanto procura corrigir os erros, como exaltar as virtudes do nosso tempo.

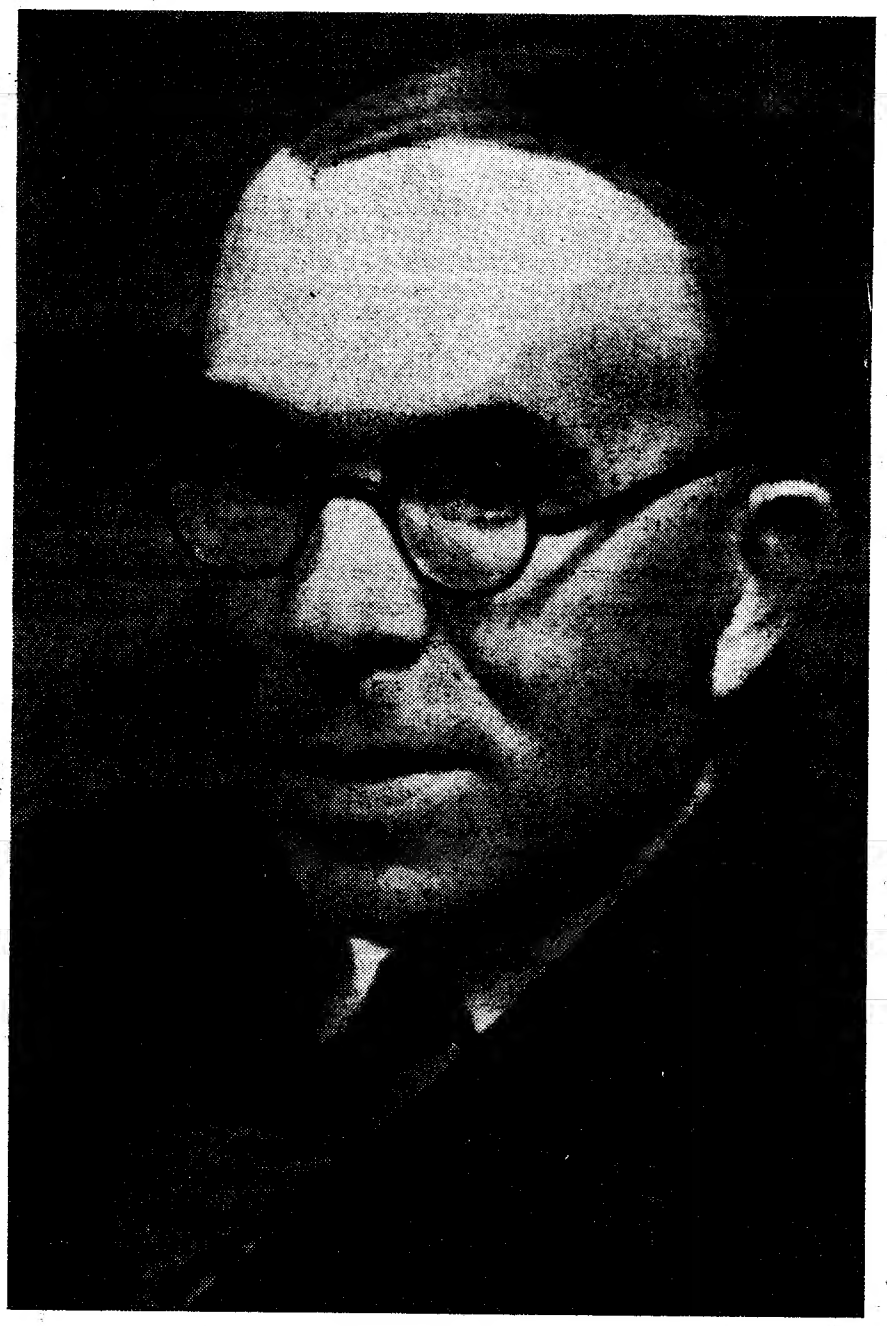
Joaquim Manso não se limita, apenas, ao seu papel de Director, aliás, de tão pesadas responsabilidades. Sendo um homem de pensamento, é tambem um homem de acção. E' mesmo o reporter n.º 1 do jornal. Vai a Espanha, a França, a Inglaterra, a Itália, á Suiça, á Alemanha, e desse bizarro e fascinante caleidoscopio internacional de antes da guerra dá-nos admiraveis sinteses. As suas cronicas, as suas entrevistas, os seus «fundos», os seus «ecos» retratam nele um tipo excepcional de viajante de sensações e de emoções. Como português, é europeu; como europeu, universal. Para lá do que ouve, do que observa, do que tateia, Joaquim Manso sabe definir em termos claros e humanos os problemas que, sombriamente, se projectam sobre a trajectória de cada continente.

A par do jornalista de vigorosa personalidade, existe o escritor, de tão elevada altitude mental que, nas «Pedras para a construção dum Mundo», nos oferece, palpitante de dolorosa sensibilidade, uma mensagem profetica dos tempos futuros. E seguem-se essas joias de limpido fulgor, como «A Primavera da Lenda», «Fabulas», «Malicia sem Maldade», «D. Pedro e D. Inês», «Livro das Moralidades», que são outras tantas manifestações de um espirito que sabe descobrir a novidade das coisas, as formas radiantes da vida, e, sobretudo, os conceitos naturais da beleza e da moral.

Não é, sem inquietação, tambem, que se debruça sobre o ser humano e, em orações fervorosas de paixão, o resga-

A REDACÇÃO

(Continua na 45.ª pág.)



DR. JOAQUIM MANSO

Este numero do **Diario de Lisbôa** **é de 48 páginas** e foi visado **pela Comissão de Censura**

DE-LUTO

Major João Carlos Basto Lima

Constituiu uma sentida manifestação de pesar o funeral, que hoje se realizou, da estrada de Benfica, 374, para o cemitério do Alto de S. João, do sr. major João Carlos Basto Lima, regente da 2.ª secção do Instituto dos Pupilos dos Exercitos.

O corpo do distinto oficial foi, durante a noite, velado por pessoas de familia, professores e alunos daquele estabelecimento. Pelas 10 e 30, o caixão foi retirado da camara ardente e conduzido para um armão que o transportou ao cemitério, onde o corpo ficou sepultado no talhão privativo da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

O caixão foi coberto com a bandeira nacional e sobre o ataude foram colecados muitos ramos de flores. No prestito encorporaram-se muitas pessoas de familia e de amizade do extinto, bem como muitos oficiais do exército e directores e componentes do corpo docente do Instituto dos Pupilos do Exercito, todos os funcionários disponiveis e corpo de alunos das duas secções.

João Saturnino da Silva Peres Gonçalves

Na sua residência, Rua Ferreira Borges, n.º 109 r/c., faleceu o sr. João Saturnino da Silva Peres Gonçalves, de 54 anos, funcionario de Finanças, aposentado, natural de Lisboa.

O extinto deixa viuva a sr.ª D. Elisa Amélia Cortês Santos Peres Gonçalves. Era pai da sr.ª dr.ª Maria de Lourdes Peres Gonçalves, formada em Direito, da sr.ª dr.ª Beatriz Santos Peres Gonçalves, formada pela Escola Superior Colonial, e do sr. José Avelino dos Santos Peres Gonçalves, estudante.

O funeral, a cargo da agencia Barata, realiza-se amanhã, pelas 11 horas, para o cemitério da Ajuda.

António Miguel Barata

Em Parede, Rua José Carlos da Maia—«Vivenda Germana»—faleceu hoje o sr. António Miguel Barata, de 60 anos, natural de Alvito, 1.º sargento do Exército, reformado, casado com a sr.ª D. Germana dos Santos Barata. O funeral, a cargo da Agencia Magno, realiza-se ámanhã, ás 11 horas, da referida residencia para o cemitério de S. Domingos de Rana.

Rosa Kobler de Morais

Na sua residência, faleceu hoje a sr.ª D. Rosa Kobler de Morais, de 86 anos, natural da Austria, casada com o sr. José Joaquim de Morais, proprietário. O funeral, a cargo da Agencia Magno, realiza-se ámanhã, pelas 14 horas, da Avenida Julio Dinis, n.º 27, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

Coronel Luis Nascimento Dias

Sua familia manda rezar, pelo seu eterno descanso, uma missa, ámanhã, domingo, pelas 12 e 30, na igreja de S. Pedro, em Alcantara.

Chegou o «Foz do Douro»

Procedente de Vera Cruz e de Nova York, chegou hoje a Lisboa o navio-motor «Foz do Douro», que saira do Tejo em 18 de Janeiro, levando a bordo emigrados espanhois para o Mexico. Durante a viagem foram descobertos dois passageiros clandestinos, António Lopes Chivia, de Angola, e Valentin Martin, de Madrid. O capitão, sr. Eduardo de Oliveira e Sousa, tomou as precauções possiveis para evitar que os passageiros clandestinos fugissem, durante a permanencia em Vera Cruz, mas, apesar disso, eles desapareceram, na companhia de mais seis homens da tripulação.

S. R.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

OPERA ITALIANA

ABRIL-MAIO DE 1946

REPERTORIO

RECITAS DE ASSINATURA

MANON LESCAUT (G. Pussini) — BARBEIRO DE SEVILHA (G. Rossini)

FALSTAFF (G. Verdi) — RIGOLETTO (G. Verdi) — NORMA (V. Bellini) — AMIGO FRITZ (P. Mascagni)

DUAS RECITAS EXTRAORDINARIAS COM A OPERA

FORÇA DO DESTINO

(RÉCITA INAUGURAL) de G. Verdi

ELENCO—(POR ORDEM ALFABETICA)

MARIA CANIGLIA — RINA GIGLI — ELENA RAGGI — AGATA ROSELLI—EBE STIGNANI — PALMIRA VITALI MARINI GINO BECHI—ALBERTO CAMICI LOTTI — FERNANDO DELLE FORNACI—GAETANO FANELLI—BENIAMINO GIGLI — MELCHIORRE LUISE—GIULIO NERI—AFRO POLI — ILDEBRANDO SANTAFÉ — TOMASO SPATARO

MAESTROS-DIRECTORES

NAPOLEONE ANNOVAZZI — PEDRO DE FREITAS BRANCO — PINO DONATI — VITTORIO GUI

MAESTRO SUBSTITUTO

MARIO PELLEGRINI

ORQUESTRA SINFONICA NACIONAL

CORPO CORAL DO TEATRO

MAESTROS DE COROS: MARIO PELLEGRINI E TEOFILO RUSSELL

ASSISTENTE: FILIPO DADO — DIRECTOR DE CENA: MARIO FRIGERIO — PONTO: CARLO PASQUALI

CORPO DE BAILE: GRUPO «VERDE GAIO», DO S. N. I. C. P. T.

COREOGRAFO E 1.º BAILARINO: GUGLIELMO MORRESI

PRIMEIRAS BAILARINAS: CARMEN DE LA VEGA E RUTH WALDEN

DIRECTOR CENOTECNICO

HUGO MANUEL

CENARIOS DE: HUGO MANUEL, RAUL CAMPOS, JOSÉ MERGULHÃO, SERRA & AMANCIO, MANUEL DE OLIVEIRA, CUNHA E SILVA E ROIZ. GUARDA ROUPA DO TEATRO. ASSISTENTE DE INDUMENTARIA: ALBERTO RIBEIRO. CONTRA-REGRA: MARIO DA ENCARNAÇÃO. MAQUINISTA-CHEFE: JOSÉ MOTA. ELECTRICISTA-CHEFE: MARIO PAIXÃO

A preferencia dos antigos assinantes termina na segunda-feira, 8, não sendo respeitadas as marcações cujos bilhetes não forem levantados até ás 19 horas.

Continua aberta a assinatura até sábado, 13, para 6 récitas com as mesmas óperas.

B. B. C.

A VOZ DE LONDRES fala e... o Mundo Acredita

Devido á mudança da hora em Portugal, a partir de amanhã, dia 7, as transmissões da B. B. C., em português, passarão a ser ouvidas neste país uma hora mais tarde, ou seja:

13,30—13,45—**Noticiário e Revista da Imprensa:** 41.96 m., 31.01 m., 25.42 m.

21,30—22,00—**Noticiário e Actualidades:** 41.96 m., 31.01 m., 25.42 m., 307 m.

Berta Cardoso

a voz d'oiro do Fado

HOJE na SPLP Júlia Mendes Parque Mayer

Dum sensacional programa:

BRIGIDA SILVA—IZABEL DE OLIVEIRA—MODESTO MAIA—MARIO PANINHO—JOSE' PEREIRA

Amanhã, em «matinée» e «soirée»:

NOEMIA CRISTINA—ANA LALA—FERNANDA BAPTISTA—XAVIER PINTO GABINO FERREIRA—ARMANDO GONÇALVES

Acompanhamentos por CARVALHINHO e F. REIS

A Bilheteira da Sala Julia Mendes, está situada á entrada do Parque Mayer

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

O «Diario de Lisboa», vende-se na Papelaria Saiam, Batalha.

Tribunais

Julgamento em Vila da Feira

VILA DA FEIRA, 5.—Realizou-se o julgamento de Mário Pinto de Sá, casado, de 27 anos, da freguesia de Sanfins que, na noite de 27 de Novembro ultimo, na estação do caminho de ferro desta vila, vibrou uma navalhada numa perna de José da Silva Tavares (o Juca) de S. João da Madeira, do que lhe resultou morte instantanea. De madrugada, foi lida a sentença, condenando o reu em 3 anos de prisão maior celular, 15.000$00 de indemnisação á viuva da vítima e 1.000$00 de imposto de justiça. No decorrer do julgamento, provou-se que o reu agiu sem intenção de matar e o seu bom comportamento anterior.

Em Vouzela

VOUZELA, 5.—Em tribunal colectivo, foi julgado Angelino Manuel da Silva Gonçalves de Sousa, acusado de ter cometido um crime grave. Foi condenado em 18 meses de cadeia e 10 contos de indemnisação á parte queixosa, 1.700$00 ao irmão e respectivo imposto de justiça.

TAUROMAQUIA

«Sector 1»

Valdomero de Zea Bermudes realiza na sede do «Sector 1», na próxima segunda-feira, 8, ás 22 horas, uma conferência subordinada ao titulo «Idade e sentido do touro». Nesse mesmo dia, ou até 10, devem os sócios efectuar o pagamento dos bilhetes do auto-carro á Feira de Sevilha.

Cardeal-Patriarca da Havana

Ao sr. Cardeal Patriarca da Havana, dr. Arteaga, foi hoje oferecido um almoço íntimo pelo ministro da Venezuela, em Espanha, sr. Fombona.

...é a altura de tratar dos seus incómodos e dôres

Nada a fazer à noite que lhe perturbe o sono — nada durante ou depois das refeições, quando o seu organismo está ocupado com o trabalho de digestão — mas meia hora antes do pequeno almôço, ainda de estômago vazio.

A causa das suas perturbações é o facto do seu intestino estar só meio vazio. Quando êle não se esvazia completamente, as matérias inúteis acumulam-se, putrefazem-se, gerando venenos e ácidos. Êstes venenos abrem caminho e vão localizar-se em diferentes pontos do organismo. Como resultado dêste facto sentir-se-á fatigada, com dores de cabeça, nas costas e reumáticas.

Meia hora antes do pequeno almôço, tome meia colher de chá de Sais de Kruschen, em meio copo de água quente. Kruschen entra em actividade, imediatamente, auxiliando os intestinos a produzirem um trabalho *completo*, pela estimulação natural das secreções do organismo.

Passará a ter os olhos brilhantes, a pele lisa e clara, e parecerá mais nova. São êstes os resultados que muitas das que tomam Kruschen tiram do tratamento, meia hora antes do pequeno almôço. Kruschen vende-se em tôdas as farmácias a Esc. 17$00 e 10$50 cada frasco.

KRUSCHEN

Sousa

Executa todos os bordados para

ALTA COSTURA

com desenhos e trabalhos inéditos

76, Rua Garrett, 78 — Telefone 29101

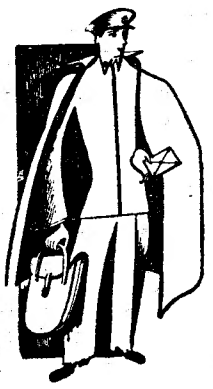
VINHO ESPUMANTE NATURAL

Neto Costa

Agente e distribuidor:

A. SERRA CAMPOS FERREIRA

Rua António Maria Cardoso, 27 - Telefone 2 8949



O CARTEIRO LEVA A ESCOLA A CASA DE CADA ALUNO

CURSOS PRÁTICOS AIEC POR CORRESPONDÊNCIA

★ GUARDA-LIVROS ★ CHEFE DE CONTABILIDADE ★ CONTABILIDADES ESPECIAIS ★ CALIGRAFIA ★ DACTILOGRAFIA ★ TAQUIGRAFIA ★ LÍNGUAS ★ ETC.

PREENCHA, CORTE E REMETA ÊSTE CUPÃO

ACADEMIA INTERNACIONAL DE ENSINO POR CORRESPONDÊNCIA

Rua Vitor Cordon, 36, 2.º • LISBOA

Queiram enviar-me, grátis, o folheto indicando as condições de matrícula.

NOME_____

MORADA_____

D 2

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL A'S 6 HORAS (T. M. G.) DE HOJE—A depressão localizada, ontem, na região da Bretanha encontra-se já no centro da França. A depressão assinalada a NW dos Açores deslocou-se para NE, encontrando-se agora localizada na região da Islandia. Sobre a Peninsula, formou-se uma nova pressão. Temperaturas: Londres, 3º; Paris, 6º; Madrid, 10º; Lisboa (Monsanto), 11º.

PRINCIPAIS FENOMENOS OBSERVADOS —Aguaceiros no norte da Inglaterra, chuva e nevoeiros em vários pontos da França e centro da Peninsula.

EVOLUÇÃO PREVISTA—A depressão da Peninsula continua a influenciar o tempo no nosso país.

Por consequencia:

TEMPO PROVAVEL AMANHÃ EM PORTUGAL—Instavel com formação da algumas trovoadas. Vento predominante dos quadrantes do N, moderado a fresco. Temperatura sem grande alteração.

Temperaturas extremas em Lisboa, até ás 15 horas, segundo o registo do Observatorio D. Luis: *Máxima, 18º,0; minima, 10º,8.* No mesmo dia do ano passado: *Máxima, 29º,7; minima, 14º,7.*

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«O Alcaide de Zalamea».
TRINDADE—A's 21 e 45—«Pedro, Feliz».
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Tiro-Liro».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Travessa da Espera».
APOLO—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Cuidado com a Bernarda!».
COLISEU—A's 21 e 45.—«Entre Giestas».

CINEMAS

S. LUIS—«Meia Luz».
TIVOLI—«Saratoga».
EDEN—«Medo que Domina».
POLITEAMA—«A Mulher dos Sete Dias».
CAPITOLIO—«Noite sem Lua».
GINASIO—«Dança com o Imperador»
ODEON e PALACIO—«Prisioneiros do Terror».
OLIMPIA—«Escravas do Nazismo».
TERRASSE e LYS—«Rumo a Toquio».
REX—«Laura».
PROMOTORA—«O Rei do Ritmo».
R. AMADORA—«O Eterno Fantasista».
CAMPOLIDE—«Esquadrilha Internacional».
SALÃO IDEAL.

A 43.ª EXPOSIÇÃO DAS BELAS ARTES

Uma parada de valores

plásticos da pintura e escultura

onde há muitos talentos a assinalar

40.ª... 42.ª... 43... exposição de pintura e escultura das Belas Artes. Quase meio século! Como o tempo passa! Os discipulos de ontem, são os mestres de hoje, embora os grandes nomes, Columbano, Malhôa e Reis, os mais contemporaneos, não tenham ainda encontrado equivalências nitidas. Mas, enfim, não faltam valores; o «naipe» plastico é que não está ali completo. E já agora, confessamo-lo, abandonamos a esperança de que assim seja.

Que tal a exposição? Nem boa, nem má; foi o que se pôde arranjar. Há nomes cimeiros, entre outros Varela Aldemira, Domingos Rebelo, Martinho da Fonseca, Portela Junior, Lauro Corado—Jorge Colaço, falecido, numa clareira de respeito, e Conceição Silva que desceu «á cidade», com dois retratos, um deles magnifico, o do sr. Alberto George, e ainda duas senhoras: Maria de Lourdes de Melo e Castro e Alda Machado Santos.

O «salon» tem uma atmosfera clara e franca: o sol misturando-se com as tonalidades altas, vivas dos quadros. Varela Aldemira está um mestre colorista. Apresenta três retratos. O melhor, sem duvida, é o da senhora sentada, em que o mestre, num prodigio de harmonia, conjugou e fundiu os tons mais dispares, numa verdadeira festa de luz e de colorido. Martinho da Fonseca é o artista da elegancia. Tem valores predilectos de paleta, que ele aplica com sobriedade. Um flagrante João de Deus Ramos e um retrato de senhora, que tem finura, espiritualidade e beleza. Parabens!

Portela Junior dá-nos um quadro «Procissão» que é do melhor que tem feito. Aquilo é nosso, franco, directo, bem observado. Uma autentica página de folclore mistico, com uma série de cabeças de raça, prodigiosas de verdade. Todas as figuras estão bem dispostas. O angulo focado é o melhor, e dá ao assunto, pictoricamente, uma novidade absoluta. Um colorido intenso, sem pontos mortos na superficie da tela, anima a cena de um eloquente portuguesismo. Na «Alentejana» como que molhou os pinceis em sentimento. Maria de Lourdes Melo e Castro apresenta-se, notavelmente. A sua paisagem quente de sol, é uma pequena obra prima a pedir museu. Gostamos tambem da «Cesta de Zinias», flores mortas, entre flores vivas, numa irradiação e alacridade de cores, que nos deslumbram. Alda Machado Santos na «vida silenciosa» de flores, crustaceos e frutos, tem pinceladas de um vermelho voluptuoso e ardente.

Nos «Campos de Arzila», Jorge Colaço dá-nos a visão de uma carga impressionante de cavalaria moura. E' majestosa e dramatica, tem movimento e furor batalhante. Em frente, a hoste cristã, heroica, bela, e invencivel. A seguir, com interesse, a «Cascata da Peneda», de Albino Armando, de tons fulvos; uma cena de barco ao mar, de José Amaro; Fortunato Anjos, com um «Estabulo», que é um primor de técnica e de colorido; uma vigorosa natureza morta, de José Basaliza; Abel Cardoso que nos mostra os verdes esmeraldinos do Minho; Aires de Carvalho que, na «Natureza e o Homem» tem o seu melhor trabalho, expressivo de força explosiva; Gabriel Constante, pintando sempre; João Costa, uma revelação, que tão bem sabe pintar uma máquina como a fábrica, sem nada roubar á paisagem; Albino Cunha, com os seus retratos decorativos; «O Rebanho», de José Dias Sanches; Frederico George, com um nu audacioso; e Machado da Luz, que nos dá sempre temas interessantes, por exemplo, um retalho de Lisboa nova, quase newyorquina.

Vejamos tambem as paisagens de Jaime Murteira, uma delas, «Manhã Triste», de tão finos toques, e as outras, duas igualmente, através de uma observação que sabe distinguir individualmente, cada arvore; Francisco Maia, impressionista das praias e das ruas; Maqueda, que enviou o seu retrato; Emerico Nunes, que assina um retrato de rapariga, fresco e gracioso; José Ribeiro, pintor romantico a evidenciar-se, que tão bem sabe interpretar as atmosferas humidas de Sintra; os «Vidros, de Maria Toscano; o marinhista João Rodrigues, Pedro Pinto, através de uma impressão nitida da terra extremenha; Constancio Silva, sinfónico nas suas claridades oceanicas; Jorge Valadas, que se admira com curiosidade; João Veiga, que tem personalidade; Tulio Vitorino, pintor de ar livre, e Taborda, cujo modelo tem exuberancia plástica.

Lauro Corado marca em relevo, o seu lugar. «Ria de Aveiro», esponsais da mulher com o mar, vê-se um rosto cheio de lirica doçura portuguesa, com o cenario natural de uma paisagem de agua e ceu, ambos bem conjugados. Domingos Rebelo é um pintor sério, austero, que tem, na paisagem açoreana, e na rapariga, os elementos mais representativos do seu talento; Simão da Veiga, dá-nos um touro corpulento, no meio da agua, que mais uma vez caracteriza as suas qualidades de animalista—homem da paleta e grande do redondel. Fernando Santos marca em dois tipos, «A Festeira» e o «Homem do Harmonio» as suas virtudes estéticas.

Muita escultura, mas nenhuma estátua, com figura humana de tamanho natural. Distinguem-se, entre outros, Anjos Teixeira, filho, em Beethoven: Joaquim Correia, no busto do sr. Coutinho Raposo; José Farinha, com uma mascara interpretativa de Cristino da Silva; Lagoa Henriques; Delfim Maia, que modelou o busto do sr. conde da Torre; e ainda Armando Mesquita, Norte de Almeida, Manuel Santana, o caricaturista que se afirma um escultor, e Raul Xavier, estatuário feito. Procuramos, mas não encontramos, o trabalho do professor Leopoldo de Almeida, nome que, aliás, dispensa apresentação. E por aqui ficamos.

A exposição foi esta tarde inaugurada pelo Chefe do Estado, que se fazia acompanhar de altas individualidades.

O sr. Presidente da Republica foi recebido no atrio do edificio, pela direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, e numerosos artistas.

«O Cabreiro», quadro de Portela Junior

BOX

HOJE no ESTADIO MAYER

organização José Santos

ás 21 e 30

UMA EXTRAORDINARIA SESSÃO INTERNACIONAL

TRÊS BOXEURS ESPANHOIS

de reconhecida categoria

CONTRA

três pugilistas nacionais dos mais combativos

FERRER

(um boxeur de cujos combates se espera sempre um K. O.)

GONZALEZ

um dos mais cientificos Boxeurs espanhois, vencedor de Peiró e de Clavari

PANTERA

contra, respectivamente

FIGUEIREDO

que na categoria dos médios, tem feito os seus melhores combates

WILSON

unico português que «bateu» Miguel França que se estreia como meio-medio, pois deseja defrontar Jorge Larzen

ANTONIO SILVA

que ultimamente, se tem apresentado no Porto, em tão boa «fórma» que bateu Valente Rocha, Velasco e empatou còm Reverte e que pretende reptar Guilherme Martins

Um interessante preliminar

PEIRÓ' contra ROCHA II

CONCHITA CINTRON

É AMANHÃ

ás 17,30 que se realiza

em VILA FRANCA

a formidavel corrida de casta espanhola

com Conchita Cintron, Fernando Salgueiro, Diamantino Viseu e Manuel dos Santos

(da Golegã)

que interessou toda a aficion de Lisboa e do Ribatejo

Grande espera de toiros às 10,30 horas

Bilhetes á venda a preços populares: em Vila Franca no Café Central e ém Lisboa, até ás 19 horas de hoje, nos Restauradores, 7 (Campo Pequeno).

TRANSPORTES—Comboios para Vila Franca: saidas de Lisboa ás 7, 10 e 04, 11 e 35 e 15 e 50. Regresso de Vila Franca ás 9 e 14, 20 e 35 e 22 e 10.

Aos toiros a VILA FRANCA DE XIRA!

ALGÉS

A'manhã às 17 e 15

1.ª Corrida formal da temporada

para apresentação dos famosos matadores de toiros

Brionis e Choni

2 CAVALEIROS 2

Alberto Luis Lopes e Murteira Correia

Forcados de Alcochete, de ARTUR GARRETT

Continua a venda de bilhetes nos Restauradores, por cima do antigo Café Avenida.

Sol—peão, 10$00 e bancada a 20$00. Sombra—bancada a 50$00.

Em Algés não haverá esperas! Os eléctricos e os comboios estão organizados de forma a transportar os passageiros rápidamente, tanto á ida como á volta.

AVENIDA telefone 27273

HOJE 2 sessões às 20,30 e 22,45

A revista de grande montagem

TIRO-LIRO

com Irene Isidro, Herminia Silva, e os comicos Armando Machado, Barroso Lopes, Ricardo Santos Carvalho (no compère)

A vedeta internacional GEMA DE RIO

Amanhã, «matinée» ás 16 horas

TRINDADE HOJE às 21,45

Ultimas representações

PEDRO FELIZ

com Lalande, Ribeirinho, Hortense, Assis, Antonio Silva, Villaret, Caeiro e C. Dolores

A manhã, ás 16 horas, ultima «matinée»

CERVEJARIA ARTISTICA

Largo de Alcantara, 1

Frutuoso França

HOJE:—Grandioso baile até de madrugada abrilhantado pela Orquestra Monumental, nos intervalos, FADOS e GUITARRADAS. — Grandes surpresas.—DOMINGO, 7.—Grande sessão de fados, com os apreciados artistas: FRUTUOSO FRANÇA, JULIO PERES e ISABEL DE OLIVEIRA.

Societe Française de Bienfaisance

Les Membres de la Société Française de Bienfaisance sont priés d'assister á l'Assemblée Générale qui aura lieu le samedi 13 courant á 17 heures á la Légation sous la Présidence de M. le Ministre de France.

Lisbonne, le 4 Avril, 1946.

Salão Recreio

Emp. José Miguel—PARQUE MAYER

2 sessões, ás 20 e 45 e ás 23 horas

A peça musicada, original de *José de Oliveira Cosme* e *Frederico Brito*.

BOM PROVEITO

Um grandioso elenco artistico

A'manhã, ás 16 horas, 1.ª «matinée»

Teatros e Cinemas

Ópera portuguesa

«Entre Giestas», no Coliseu

Decorridos muitos anos depois da estreia, quis e pôde o maestro Rui Coelho repôr no Coliseu a sua opera «Entre Giestas», com libreto extraído do conhecido drama de Carlos Selvagem.

A nossa opinião desde então, infelizmente, confirmou-se mais no sentido da discordancia e do desagrado. Não discutiremos já a questão talento. De qualquer modo, o que está em causa nesta afirmação da personalidade do maestro Rui Coelho, não é o esforço artistico e intelectual, o trabalho que se fortalece pela auto-critica; nem está em causa tampouco uma finalidade social. Há, sim, o simples jeito de querer impôr-se cultivando no publico o que há de mais grosseiramente superficial, falseando, deturpando o verdadeiro caracter rácico.

Dizemos isto porque Rui Coelho já dobrou bem o cabo dos cinquenta, porque escreve musica com abundancia há mais de trinta; portanto, a sua orientação (?) tem obrigação de estar definida (?), porque estamos convencida de que artistas assim apoucam a sua terra e porque outra atitude nossa neste momento seria só prudencia e lei do minimo esforço. (Claro, não é do esforço necessário para escrever estas tão simples palavras que falamos, mas sim do esforço necessário para assumir publicamente uma atitude susceptivel de ser antipatica aos olhos de alguns bem intencionados).

A realização da obra foi o comprometimento do costume. Neste ponto, justificar-se-ia benevolencia e paciencia, pois cada um tem de arquitectar por si só, ou quase, a complexa engrenagem dum espectáculo desta natureza, não fosse o desprendimento, a falta de sensibilidade artistica com que o maestro Rui Coelho se defende da situação.

Na distribuição, Maria Teresa de Almeida aceitou o papel principal talvez sem tempo (não queremos aventar que sem gosto) para estudá-lo convenientemente; a sua voz não teve a maleabilidade e a bonita pujança nos agudos de que é susceptivel. Verdade seja tambem que o estilo vocal do referido papel é ingrato. Mas tambem o tipo de Maria Teresa de Almeida dificilmente se adaptaria á figura de «Clara».

Ao seu lado, o tenor José Antonio Teixeira revelou-se um bom elemento para desempenhos mais leves, menos pretenciosos; tem compostura cénica e a voz é sempre extremamente agradável.

O baritono Carmo Pequito é que ainda teve de lutar com uma visivel inexperiência. Quanto a Manuel Mergulhão, só acentuou a enfase insuportável do papel. Nem Justina Pereira esteve á vontade, podendo brilhar um pouco, no entanto, no dueto do 2.º acto.

Maria Robert, que se estreava na cena lirica, mas numa curta intervenção, continua a dar-nos a impressão de que se poderia contar com ela nesta modalidade.

Alfonso Pozal, e sobretudo Lima Henriques, estiveram com acerto.—FRANCINE BENOIT

Primeiras representações

«Bom proveito», no Salão Recreio

Mais um teatrinho, de feitio popular está a funcionar no Parque Mayer. E' o Salão Recreio, no antigo Casablanca, que iniciou a sua nova fase com uma revista formal, intitulada «Bom proveito», escrita por José de Oliveira Cosme e Frederico de Brito, e musicada por João de Vasconcelos. E' de um espectáculo gracioso, sem pretensões ridiculas, mas que, por isso mesmo, resulta muito simpatica em seu conjunto, com alguns numeros justamente dignos de serem sublinhados por aplauso. De um modo geral, os interpretes são gente nova, que se saiu briosamente do cometimento. Alguns nomes: o «compadre» Samuel Maia, Renato Chaves, Mimi Alcobia, Mary Delly, Branca Velez, Maria Dorotea, Moisés Campelo, Orlando Sidónio, etc., além de Fernanda de Sousa, experiente e decidida, e algumas atracções espanholas, que valorizam o programa.

EFEMÉRIDES

1907: Primeira representação, no teatro do Principe Real (Apolo) da revista «O' da guarda!», original de Luís Galhardo e Barbosa Junior, que alcançou grande exito, estando em cena mais de um ano. A musica era dos maestros Filipe Duarte e Luís Filgueiras. Entraram na representação Carlos Leal, que fazia o «compère»; Nascimento Fernandes, no célebre «Çavalidade»; Eduardo Vieira, na figura de João Franco; Lucinda do Carmo e Julia Mendes que apareceu pela primeira vez numa grande revista.

Fazem amanhã anos: o actor Ricardo Santos Carvalho (Ricardo Lozano Santos Carvalho).

Atrás do reposteiro

Da companhia que vai representar, no Apolo, a revista «A Rua», de António Porto, Anibal Nazaré e Nelson de Barros, fazem parte Maria Helena, Maria Sidónio, Luísa Durão, Maria Clara, Helena Felix, Virginia de Noronha, Branca Gaspar, Maria Luizette, Costinha, Soares Correia, Carlos Alves, João Pio e Carlos Barros.

—O papel criado por Maria das Neves, nas «Lavadeiras», no teatro Maria Vitória e ultimamente no Brasil, por Beatriz Costa, vai agora ser desempenhado, no Avenida, pela actriz Irene Isidro.

—Deve ser no Verão que trabalhará no Apolo uma companhia de comédia com três artistas de grande categoria.

—Para a revista que será representada no Avenida, no Verão, com o actor João Villaret, escreveu o poeta António Botto um quadro e alguns numeros.

—Numa entrevista feita ao microfone da Rádio Pan-American, de S. Paulo, o empresário e agente artistico austriaco Karl Gehsrt declarou que o tenor Luís Piçarra, que tem alcançado grande êxito no Brasil, é o *«unico cantor europeu da geração moderna que poderá impressionar as Américas»*.

—Da companhia do Maria Vitória, que vai fazer uma temporada no Coliseu do Porto, faz parte a actriz Clara Maria.

—O actor Manuel Santos Carvalho passou a ser o ensaiador do teatro Maria Vitória.

—O recital das Irmãs Meireles será dirigido em cena pelos locutores da E. N., D. João da Camara, Pedro Moutinho, Artur Agostinho e Alberto Reprezas.

Primeiras exibições

«Medo que domina», no Eden

O filme mantem com o publico um duelo empolgante. Dir-se-ia mesmo que o vence com o seu misterio, e daí a avidez da plateia que o seguiu e ouviu de olhos fascinados. O realizador atingiu o tenebroso puro.

Com um entrecho denso de enigmas e personagens sombrios, a imaginação sofre as mais dolorosas alternativas e expectativas. Devemos dizer que sob o ponto de vista de técnica do medo, assim se pode chamar, a obra está repleta de belos elementos. Os olhos de Gail Russell conseguem impressionar-nos. Vê ele claro no meio daquele imbroglio policial? Seja como fôr, ele fascina as almas. E até mesmo um enigma humano no meio daqueles ambientes estranhos e enevoados, «Medo que domina» atrái-nos irresistivelmente. O desempenho é de um relevo alto. Destacamos, entre outros, Gail Russell, Joel Mac Crea e Herbert Marshall. Bons complementos. Um deles, «Animais falantes», é cheio de graça.—*Visor 42.*

Ópera portuguesa

«Entre Giestas», a ópera aclamada ontem por milhares de pessoas no Coliseu, repete-se ali esta noite

Obteve ontem um enorme sucesso a ópera portuguesa «Entre Giestas», cantada por alguns dos nossos melhores artistas líricos nacionais. E' um facto que concorre para que ali se repita esta noite o inspirado e arrebatador drama rural, cujo entrecho foca, de forma empolgante, o profundo sentimento do amor em corações portugueses. Trata-se, entretanto, da ultima represenatção, pelo que aconselhamos a todos os amigos da boa musica a que não faltem hoje, no Coliseu.

Cinema no Coliseu

O colossal filme de aventuras em 31 partes, «O Sinal do Monstro Escorpião», estreia-se amanhã, em «matinée», no Coliseu

Que virá depois da bomba atómica? A esta interrogação responde terrivelmente o gigantesco filme de aventuras em 31 partes que se estreia amanhã, no Coliseu, em «matinée», repetindo-se depois, á noite, e exibindo-se todos os dias, em «matinée» e á noite. Toda a Lisboa vai passar pelo Coliseu para o ver. Os titulos dos episódios são os seguintes: «O mistério das flores», «A morte no laboratório», «A solução dos mistérios», «O mistério da raposa prateada», «A morte paira no rio», «A sombra criminosa», «Frente a Frente», «A armadilha fatal», «Os telhados de Paris», «A batalha», «O rastilho mortal», «O salto fatal», «A marca do Escorpião», «O Escorpião desmascarado», «A armadilha da Vitória». O destemido e o intrepido artista Ralph Byrd é o principal intérprete deste formidável filme de acção.

Teatro Nacional de D. Maria II
Hoje - A's 21 e 45 Hoje
A peça em 3 actos e 4 quadros
O Alcaide de Zalamea
com Alves da Cunha
3. feira, 9: L'ART DRAMATIQUE EN CHINE
Conferencia de Marcela de Juan

Telef. 23868
Hungária
Parque Mayer
UM BAR — UM DANCING
UMA ORQUESTRA
MALANZA, ao piano
ALFREDO LOPES, cantor
HOSTILIO SALGADO
acordeon
VIRGILIO, baterista
Domingo: CHÁ-DANÇANTE, DAS 17 ÁS 19 H.

LUSO

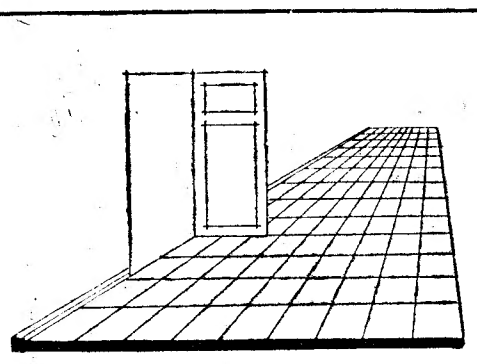
Joaquim Cordeiro

A's 21 e 30—Sessão Popular em que tomam parte: Manuel dos Santos, Carlos de Oliveira, Maria Emilia de Araujo, Joaquim Cordeiro (apreciado humorista), Ivete Pessoa, Francelina Reis. Acompanhamentos por Casimiro Ramos e Martinho de Assunção. Amanhã, «matinée» e «soirée» com: António Caricias, Augusto Pereira, Judite Pinto, Natividade Correia, Eulália Duarte, Armando Ribeiro. Animador, José de Castro. 2.ª feira, estreia do cantador *António dos Santos.*

RETIRO DOS MARIALVAS

Antonio Lopes

Hoje, ás 21 horas, a cégada humoristica «3 a falar para o boneco», da autoria de Clemente J. Pereira. Fados por: Adelaide Fernandes, Aurora Sobral, Antonio Vidal e Antonio Lopes (humoristico). Amanhã, em «matinée» e «soirée»: a cégada «*Vida, canção do povo*», de José Luciano, e fados pelos artistas privativos desta Empresa.



PAVIMENTOS
LAMBRINS
ISOLAMENTOS
EM
AGLOMERADO DE CORTIÇA
ROBINSON
AGENTES:
AZEVEDO & PESSI, LDA.
RUA NOVA DO ALMADA, 46
TELEFS. 29879 24495
LISBOA

As jóias, pratas e filigranas portuguesas, são presentes de muito rara distinção para adorno pessoal e do lar!
Visite as ourivesarias.

CRISTAL

— BAR-DANCING DA MODA —

HOJE E TODAS AS NOITES A'S 23 HORAS

CARMEN ROMERO — Extraordinaria vedeta de grande classe

BRAZALEMA — Genial bailarina de grande categoria

EM PLENO TRIUNFO: A CANCIONISTA

CARMEN CUENCA

A Orquestra **LUIZ DUQUE** da Rádio de Barcelona com o vocalista **José Clavé** e a Orquestra **SOUSA PINTO** com o cantor **Albino Gomes**

CORDOVECITA - MARI CANDELAS - VICENTITA FRUTOS - ISABELITA DE ALBA - LILI FRANCE - MANOLITA CONDE e VERA FREY

Amanhã, das 17 às 20: CHA'-DANÇANTE

CAFE' CRISTAL

HOJE

das 17 às 19,30

CHA'-CONCERTO — VARIEDADES

SEVILHA

MUSIC-HALL DANCING
PARQUE MAYER

ENTRADA SELECCIONADA

HOJE -- NOITE RIBATEJANA

HOMENAGEM À DIGNISSIMA DIRECÇÃO E EX.mos SOCIOS DA

CASA DO RIBATEJO

AMANHÃ: Matinée e soirée
«ROMARIAS DO NORTE»
DEDICADA A' CASA DO PORTO

No programa:
FADOS ◆ GUITARRADAS
FANDANGOS ◆ HARMONIUNS
CANÇÕES TIPICAS
BAILADOS REGIONAIS
e todos os artistas privativos deste music-hall

Orquestra Internacional JOSÉ PUERTAS

CASINO ESTORIL

TODAS AS NOITES

AS ORQUESTRAS
NAPOLEON AREVALILLOS e TOSELLI
e a vocalista
TERESITA ARCOS

Leiam ás quintas-feiras o jornal humoristico *SEMPRE FIXE*

Ela, Ele e os seus Milhões

Um dos mais graciosos filmes espanhois apresentado pela **LISBOA FILME**

HOJE no **CONDES**

com **RAFAEL DURAN,** o genial intérprete do inolvidável filme ***«O Drama de um Juiz»***

ARCADIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Apresenta o maior programa de atracções internacionais

Ballet Mercedes Begoña

ORQUESTRA SUR

BALLET SIETE MAGNOLIAS

Carmen Macia, Mary-Mely, Maruja Iglesias, Lolita Bahamonde

ORQUESTRA ARCADIA com o animador **João Valério**

e a vocalista **ESTRELLITA LEWIS**

AMANHÃ, das 17,30 às 20: **CHÁ DANÇANTE**

Segunda-feira: ESTREIA DA PARELHA DE BAILE

HERMANAS GOYESCAS

Ruth
ALTA-COSTURA

NOS DIAS 8 E 9 APRESENTA NOS SEUS SALÕES A COLECÇÃO DE VERÃO DE VESTIDOS E CHAPEUS MODELOS, DESFILANDO OS MANEQUINS A'S 15,30

P. Marquês de Pombal, 6 - 1.º
Telef. 44696

Entrada por convites

Monumental

★ RUA CARVALHO ARAUJO ★

Hoje—explendida sessão de Fados com os estimados artistas
MARIA CARMEN—MADALENA DE MELO—N. N.—CARLOS RAMOS—JAIME SILVA—ALBERTO CARDIA
Amanhã, em «matinée» e «soirée»:
ILDA SILVA—MARIA JOSE'—SIMONE MONTEIRO—JULIO PROENÇA
MARIO PANINHO—ROGERIO FERNANDES
Guitarradas por JAIME SANTOS e PAIS DA SILVA

RITZ CLUB

RUA DA GLÓRIA - Telf. 25140
O MAIS MODERNO E ELEGANTE DANCING-BAR

Só hoje e amanhã Ultimas

do encantador desfile artistico, um grandioso numero de conjunto realizado pelo bailarino RIMA e em que tomam parte as 30 atracções deste dancing

3.ª feira: GAGY UBILLA

São Luiz
T. 27172—As 21,30

2.ª SEMANA
MEIA LUZ
com Charles Boyer, Ingrid Bergman e Joseph Cotten
«Matinées diarias»

TIVOLI
A's 21,30
TELEF. 50595

4.ª semana
SARATOGA
Realização de Sam Wood, com Gary Cooper e Ingrid Bergman

EDEN

A's 21,30
Telef. 2 0768

Medo que Domina
com Gair Russel, Joel Mc Crea e Herbert Marshall
«MATINÉES» DIARIAS

TELEFONE 26305
Politeama
HOJE ÁS 21.30

A Mulher das Sete Luas
com Phyllis Calvert, Patricia Roc e Stewart Granger

CONDES

A's 21,30
Telef. 22523

ESTREIA
Ela, Ele e os Seus Milhões
com Raphael Duran e Josita Hernan

CAPITOLIO

As 21 e 30
Telef. 27492

2.ª semana
NOITE SEM LUA
A grande epopeia de um povo sem medo

GINÁSIO

Telef. 20556

A's 21 e 30
Marika Rökk em
Dança com o Imperador

ODEON

A's 21 e 30

PALACIO

A's 21 e 30

Prisioneiros do Terror
com Ray Milland e Marjorie Reynolds

OLIMPIA CLUB

Apresenta o melhor programa da actualidade com as sensacionais atracções

ROSITA BRAVO—MARUJA DEL CAMINO—MABEL VALENCIA—ROSSEND and MARY—THESEVEN SUEVIA GIRLS—LITA GON JANLLEL
CARMEN GALLARDO

E a grande ORQUESTRA OLIMPIA dirigida por LUIS ALAGARIM

REX

Telef. 2 9656
A's 21 e 15

LAURA MIAMI

LYS

Tel. 48560
A's 21 e 15

Rumo a Toquio
A Sucursal do Inferno

APOLO

2 SESSÕES
20 e 30 e 22 e 45

Ultimas representações
Ultimos dias da engraçadissima comédia popular
CUIDADO COM A BERNARDA!
Maria Matos e Custinha
A frente de um grandioso elenco
Amanhã, às 16 horas, ultima «matinée»

TEATRO
Tel. 22476
MARIA VITORIA

2 sessões — A's 20 e 30 e 22 e 45
Ultimas noites da engraçada revista
TRAVESSA DA ESPERA
com **Satanela, Ruas, Teresa, Octávio Matos,** a estrêla de bale **Aracelli Coral** e a atracção **FRANCIS e RUTH**
Amanhã, «matinée» ás 16 horas

TERRASSE

Telef. 20917 — A's 21 e 15

Rumo a Toquio
A Sucursal do Inferno

VITORIA CINE CARCAVELOS

A's 21
O movimentado filme series
A MORTE VERMELHA

ÀS JUNTAS, GRÉMIOS, ARMAZENISTAS, LAVRADORES E PARTICULARES

LEILÃO

Por determinação da Excelentíssima Comissão de crèdores da firma

RAMIRO DE MAGALHÃES & C.ª

serão postos em praça em Lisboa no próximo dia 8 do corrente

SEGUNDA-FEIRA, às 21 horas, na

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47

todos os seus

ARMAZENS E CASAS DE HABITAÇÃO

existentes nas seguintes localidades:

Bombarral, A-dos-Francos, Cadaval, Adão Lobo, Barreiras, Lourinhã e Vale do Medo

Conforme descriminação detalhada do «Diário de Notícias» de ontem.

TRATA ESTA IMPORTANTE ALMOEDA A

AGÊNCIA DE LEILÕES

ERNESTO BENTO JUNIOR

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47 — Telefone 4 9361

Pregoeiro: A. PINTASSILGO

CHAMPAGNE

Trouillard & C.º

Epernay

GRAND VIN DE RÉSERVE

N M 3.930 427

O GRANDE CHAMPAGNE FRANCÊS

que desde 1940 não foi possível importar, vai enfim dhegar brevemente a Portugal

Aproveitem a oportunidade para fazer as suas encomendas

Representantes gerais para Portugal, Ilhas e Colónias:

COMMERCIUM, L.da

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 2, r/c.
Telef. 4 4536 — LISBOA

Distribuidores para o Norte:

LOBO & FREITAS, L.da

Rua Infante D. Henrique, 39
Telef. 4 — PORTO

LEILÃO

— DE —

MOBILIARIO ESTRANGEIRO E ADORNOS

PRATAS; T. S. F. móvel; esquentador, «Junker's», banheira esmaltada, «carpettes», roupas, etc.

AMANHÃ, domingo, às 14 e às 21 h.

Rua David de Sousa, n.º 7, r/c

(Junto ao Largo Afonso Pena—Campo Pequeno)

Por retirada para a América do Ex.mo Sr. Martin Davidshon, será vendido pelas maiores ofertas todo o recheio, como:

Riquissima mobilia de quarto casal, toda em carvalho, com invulgar guarda-vestidos, roupeiro com gavetões interiores e prateleiras, tudo da mesma madeira, maciça; toucador e cómoda-«toilette» com espelhos cristal bisautado, óptima fabricação estrangeira; bela mobilia sala de jantar, género balcão, toda em autentico mogno polido, assim como gavetas, interiores, com mesa redonda cadeiras forradas em tecido, também rica fabricação estrageira; jogo de maples, papeleira de pau santo, lustres cristal, «carpettes», otomanas, pratas, como faqueiro, serviços' salvas, etc.; serviços de louça e de copos, quadros, roupas de linho e algodão, T. S. F. móvel, «bibelots», c. banho com éptimo esquentador «Junker's», banheira ferro esmaltado, toalheiro, etc.; cozinha e marquise com móveis, espelhos, mesas, camas de ferro com óptima colchoaria, fogão a gás, louças diversas, armário e diversos lotes patentes no acto do leilão que serão RIGOROSAMENTE VENDIDOS PELAS MAIORES OFERTAS.

Trata esta almoeda a

AGENCIA DE LEILÕES — ERNESTO BENTO JUNIOR

AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 47 — Telefone 4 9361

Pregoeiro: **A. PINTASSILGO**

Aos comerciantes e particulares

CARCAVELOS

Leilão

Por determinação superior será vendida em hasta publica toda a existencia da

COLONIA DE FERIAS ESTRANGEIRA

sita na vila acima no

CHALET LAURA

(JUNTO A' ESTAÇÃO)

Amanhã, Domingo, às 14 e 21 horas

Que será sem a minima reserva de preços como:

Grande frigorifico «Gibson», jogo de maples pele, diversos armários roupeiros «toilettes», mesas de jantar e cadeiras, assim como diverso mobiliário tipo rustico, maples, mesas, jogos estofados, cómodas, armários, candeeiros, grande sortido de camas da F. P. com colchões de ferro e impecáveis colchoarias, banheiras ferro esmaltado, mobilia de escritório, secretárias, quadros e mesas de escola, cadeiras, guarda-fatos em mogno e nogueira com espelho, guarda-louça, cabides bengaleiro, grafonola, T. S. F., passadeiras, otomanas, lavatórios, louças de esmalte e aluminio, mesas de cozinha com tampo pedra, «carpettes», fogões de petróleo, fogão circular, esquentador a petróleo, toalheiros, «plafoniers», livros bustos e diversos patentes no leilão que a falta de espaço não permite publicar.

Trata esta boa almoeda a

Agência de Leilões — ERNESTO BENTO JUNIOR

Avenida Duque de Loulé, 47—Telefone 49361

Pregoeiro: C. SILVEIRA

Bernardo Manuel

— COM —

Serralharia mecanica e civil. Caldeiraria de ferro e cobre. Fundição de metais e soldaduras a oxi-acetilene e eléctricas

Construções e Reparações

— DE —

NAVIOS — MAQUINAS — MOVIMENTOS — CALDEIRAS — TANQUES — COBERTURAS METALICAS, ETC., ETC.

RUA DA COZINHA ECONOMICA, 16 a 28
Telefone 81-322
ALCANTARA — LISBOA

MATÉRIAS PLÁSTICAS

BAQUELITE

FABRICO NACIONAL

Copos, chavenas, pratos, bandejas, caixas para máquina de barba e sabonetes, etc., em cores vivas.

CONDIÇOES ESPECIAIS PARA QUANTIDADES E ARMAZENISTAS

CONFRONTAR PREÇOS E QUALIDADES

Artigos para escritorio, laboratorios e outros fins e aplicações.

FABRICAM-SE QUAISQUER OUTROS ARTIGOS EM BAQUELITE

Consultas á Fabrica NOBRE & SILVA, LD.ª
Venda Nova—AMADORA

UM ARTIGO DE CLARINHA

Primavera de 1946

E' Primavera. Na minha serra as arvores de fruto estão em flor. Em Beirós há uma orgia de perfumes e de cores esbatidas. As pereiras, os pessegueiros, as cerejeiras, as rainhas-Claudias florescem á porfia—e a casa deve estar coberta de flores. A glicinia costuma deitar sobre os telhados os seus cachos cor-de-violeta, que pendem até ás janelas, e lançam sobre a casa o aroma doce e amargo, que amo, porque é para mim uma pálida visão da vida. As macieiras esperam. Só mais tarde abrem os seus botões rosados.

Foi na Primavera que também floresceu, e abriu, e começou êste jornal, que se tem mantido sempre com honra e brio. Foi o primeiro jornal da tarde com esta forma. Outros nasceram depois, e florescem também como as macieiras.

Quando eu era menina—há quanto tempo, meu Deus!—ouvia falar em politica, que eu julgava ser uma mulher de bastos cabelos negros, esparsos, tendo á cinta um punhal. Recebia então meu Pai os grandes políticos dessa epoca; e eu pasmava ao ouvi-los discutir coisas que não compreendia. Mas que brincadeira era a politica de então comparada á dos nossos dias? Há muito já, que a minha visão da mulher do punhal ensanguentado, se tornou em realidade. Mas agora faz jorrar sangue dos inocentes e culpados.

O Mundo tornou-se vasto campo de batalha, no qual se digladiam todos os países, todas as raças. Parece que voltamos aos tempos crueis, em que as hordas selvagens, abordavam a Europa. E chamavam bárbaros aos espanhois que matavam toiros! Agora os toiros só nos interessam, porque podem fornecer-nos alimento. Só os homens são vitimas desse furor impiedoso.

Portugal tem-se mantido em paz—o «Diário de Lisboa» também.

Como nada sei de politica, sou da opinião dos estrangeiros que acham Lisboa a terra ideal. Os bolos, as salsichas e os presuntos, enchem o mercado. Mas seria necessário, para os comprar, todo o dinheiro dos Rotschild. É verdade que não temos carne, e que a nossa sardinha tomou um rumo desconhecido; é verdade que se paga a fruta a peso de oiro. Tanto cantaram os pômos doirados dos laranjais, que estes tomaram a sério o seu papel, e fazem-se pagar em metal sonante.

Eu tinha trinta fontes em Beirós—quase todas secaram graças ás manchas do Sol:—outro misterio. Creio que dependemos dos astros que nos cercam, e que qualquer dia iremos até Marte, já que não podemos ir a Paris.

Ah! Como um amigo meu, titular e que já não existe, tinha razão quando me dizia com gravidade:

—«Mandei pôr no meu terraço quatro estátuas, sabe? as quatro partes do Mundo—a Grécia, a «Précia», a Africa e Portugal!».

Assim com o Mundo reduzido, seria menor a confusão em que vivemos, bem que a «Précia» e a Grécia estejam em perigo, creio.

Saudemos o «Diário de Lisboa», que navega há 25 anos, seguindo um rumo que escolheu, e que não sei qual é, mas no qûal se tem mantido, graças a uma incomparavel força de vontade e coragem.

CLARINHA

///

«Portugal ou é um acto de fé ou não é nada. No limpo cantinho que ocupamos, tendo ao nosso lado um grupo de gente moça e aguerrida, alentamos a certeza de que nunca concorremos para perturbar ou ofuscar as virtudes essenciais de um povo que, com bons pastores, é capaz de ascender ás maiores alturas».

(Do «Diario de Lisboa» no dia do seu 20.º aniversario).

///

«As pessoas que se empenharam no apparecimento do «Diario de Lisboa» sentiram-se de tão bom humor que nem pensaram se ele duraria um ano. Todo o seu cuidado foi lança-lo sem nuvens nem preocupações, entregando-o ao publico com a boa fé de quem acredita que neste mundo há uma justiça amavel para os esforços honestos. O exito excedeu as nossas timidas esperanças».

(Do «Diario de Lisboa» no dia do seu 1.º aniversario).

///

«O «Diario de Lisboa» nunca animou para outra tarefa senão esta:—servir a Patria sem politica a a politica sem odios».

(Do «Diario de Lisboa» no dia do seu 5.º aniversario).

///

«Cada vez mais convencido de que, fiel ao serviço dos supremos interesses da Patria da Republica, num respeito absoluto pela dignidade dos que lutam e trabalham, não será para o «Diario de Lisboa», inteiramente inutil tudo quanto fizer para evitar que os interesses vençam os ideais, as opressões as liberdades, os fortes os fracos e os orgulhosos os humildes».

(Do «Diario de Lisboa» no dia do seu 10.º aniversario).

///

O «Diario de Lisboa» concebeu o proposito de reunir num só espirito os vários aspectos da lusitana verdade. Se Portugal é unico—territorio, população e alma, sob a formula camoneana «Esta é o ditosa Patria minha amada»—não é excessivo que um jornal se proponha traduzir-lhe a unidade do seu ser».

(Do «Diario de Lisboa» no dia do seu 15.º aniversario).

Os olhos são para ver e o que os olhos vêem o desenho o sabe — **Almada**

(Desenho inédito de Almada Negreiros)

///

Aquilino Ribeiro começou a colaborar no «Diario de Lisboa» no n.º 1, com a publicação, em folhetins, de quatro novelas, que foram sucessivamente «O Esconjuro», «Em busca de boa sôrte», «Os santos em pé de guerra» e «Português dos velhos tempos». A publicação terminou em 15 de Junho.

///

Logo no primeiro numero o «Diario de Lisboa» se dedicou a questões coloniais, publicando uma entrevista sobre Angola, a proposito da então proxima partida para aquela colonia do general Norton de Matos, como alto comissário, assunto que apaixonava, então, a opinião publica.

JORNAIS DA NOITE

Da "CAPITAL" ao "Diário de Lisboa"

Escreveu um dia Augusto de Castro que o jornalismo não é uma profissão, mas uma conformação mental. Nasce-se com os olhos azuis ou castanhos como se nasce jornalista. Não é uma profissão que se escolhe, mas uma profissão que nos escôlhe a nós. Quando se foi jornalista, nunca se deixa de ser, mesmo quando já se exerce outro mister.

Por isso aqui estou hoje, jornalista que deixei de ser e ainda sou, a colaborar entre camaradas e amigos nas bodas de prata do «Diário de Lisboa».

* * *

Os jornais da noite, até ás vésperas da proclamação da Republica, eram sobretudo orgãos de opiniões politicas, só acessóriamente se ocupando de informar os seus leitores. Compravam-se as «Novidades», na sua primeira fase, para ler os artigos de Emidio Navarro, formidável demolidor de ministérios, de partidos e de reputações. O «Correio da Noite» exprimia oficiosamente o pensamento de José Luciano de Castro, chefe do partido progressista. João Franco doutrinava a sua propaganda através das colunas do «Jornal da Noite». O «Popular» tinha sido de Mariano de Carvalho, como o «Dia» fora orgão de António Enes, e mais tarde da dissidência progressista, com José de Alpoim e Moreira de Almeida. Jornais do partido regenerador, entre outros, a «Tarde», o «Noticias de Lisboa», o «Diário Ilustrado».

Manuel Guimarães pretendeu, fundando a «Capital», criar um novo tipo de jornal da noite, atraindo o leitor pela reportagem animada dos acontecimentos, vivacidade de comentários politicos, actualidade flagrante dos assuntos. Formado numa excelente escola de profissionais, o «Século», sobejavam-lhe aptidões para fazer triunfar a renovação que empreendia. Inteligência arguta, analisando homens e factos com lucidez penetrante, pode dizer-se que possuia, por instinto, o sentido da sua profissão.

Não escrevia. Na «Capital», que foi principalmente obra sua, não existe um artigo, um comentário, uma noticia que tivesse saido da sua pena.

Hermano Neves, querido amigo e lealissimo camarada, organização prodigiosa de jornalista, foi, de todos nós, o que mais intensamente viveu para a «Capital», o que mais e melhor satisfez a curiosidade e o interesse dos seus leitores. Não se compreendia a «Capital» sem o Hermano. Fez a reportagem das incursões monárquicas, realizou um largo inquérito ás colónias portuguesas, foi aos campos de batalha da Flandres, fez entrevistas em Paris, Berlim e Londres, subiu em balão, desceu num submarino, bateu-se em duelo.

Mayer Garção escrevia os fundos. No cavaco da redacção, que precedia as horas de trabalho e em que brilhava sempre o seu espirito cintilante, quantas vezes Mayer semi-cerrava os seus olhos de miope e dizia apaixonadamente versos de Junqueiro e Gomes Leal, dois grandes poetas que êle amava.

Silva Passos, coração de oiro, transviado na vida boémia de Lisboa, dava á «Capital» uma colaboração intermitente. Nos periodos de assiduidade, ocupava-se das «grandes zarzuelas», como êle chamava aos assuntos de sensação que encontrava no seu caminho de jornalista.

Avelino de Almeida, um dos grandes profissionais da imprensa que tenho conhecido, chefiava a redacção. André Brun escrevia uma interessante crónica diária, «Migalhas». Garibaldi Falcão fazia o expediente do jornal. Foi mais tarde chefe da redacção, trabalhando e rabuiando infatigávelmente.

Todos êles, meus antigos camaradas, já desapareceram. Vivem outros, que muito contribuiram para o exito e influência que a «Capital» exerceu: Joaquim Manso, Adelino Mendes, Vitor Falcão, José Pontes, Emilio Costa, Sobral de Campos, Paulo Freire, Virginia Quaresma. E ainda, do primeiro ano de existência do jornal: Tito Martins, Camara Reys, Edmundo Pôrto Alexandre Caldas.

* * *

A «Capital» extinguiu-se lentamente, mercê dum conjunto de circunstancias que a vontade forte de Manuel Guimarães não conseguiu dominar. O «Diário de Lisboa» principiava então a ser apregoado nas ruas da cidade, conquistando rápidamente o lugar de primeiro jornal da noite. Joaquim Manso, inteligência superior, que uma profunda cultura humanista mais aproxima do sentido exacto da realidade, tinha reunido á sua volta meia duzia de jornalistas que devotaram a sua mocidade, nervos e talento á tarefa de criar um jornal moderno, de sugestivo recorte literário, afirmando amplamente uma admirável independência de espirito e raras aptidões profissionais.

O ambiente social e politico sofrera certa evolução. A curiosidade do publico era diferente. O «Diário de Lisboa» passou a reflectir—como a «Capital» no seu tempo—a hora que se vivia.

HERCULANO NUNES

«NATURA» Doutrina . . .
E o Povo crê ! ! !

VIVER E' LUTAR

Completa vinte e cinco anos de existência o «Diário de Lisboa» que celebra as suas «bodas de prata», sem uma ruga, um cansaço ou uma hesitação na sua marcha! Dos jornais novos é o mais antigo, se bem que o quarto de século que pesa sobre ele seja um motivo de orgulho, uma satisfação íntima, na expansão dum jubilo irreprimível.

Nunca se sentiu aperreado nos seus movimentos, porque o pensamento que presidiu á sua fundação não pagava tributo nem aos interesses criados nem ás dinastias a criar. Livre, inteiramente livre, perante Cesar e perante a plebe. O publico que nos lê decidiu do seu destino, pois acompanhou o «Diário de Lisboa» com calorosa simpatia, apaixonando-se pelas suas iniciativas e compreendendo prontamente que serviamos a Nação e não bandos ou facções.

Para ele vão hoje os nossos agradecimentos bem sinceros pelo apoio moral que expontaneamente nos deu, principalmente nas horas em que o jornalista não voga em maré de bonança.

Temos a consciência de haver acompanhado o país nas suas aspirações e também nas suas inquietantes angustias, sem lhe pedir como recompensa, nem honras nem proveitos. Quando apareceu o seu primeiro numero, nas ruas de Lisboa, os cepticos disseram, com algum amargor nos lábios:

—Este jornal é tão pequeno, que dificilmente encherá a cidade, com o seu pregão!

Enganaram-se os cepticos nas suas desoladas previsões. Os profetas quando engrossam a voz, esquecem-se de que a profecia é um simples e ligeiro sopro que Deus manda ao Mundo. Por isso, o «Diário de Lisboa» caiu no agrado dos bons portugueses de todas as classes que presentiram nele um amigo e um mensageiro.

Pretendeu ele, acaso, arredar alguém do mesmo caminho que percorria?

Nunca deixámos de ser um leal camarada na prática da deontologia jornalística, lutando para que a Imprensa, na variedade das suas toadas, se impusesse, mais pela seriedade dos seus processos que pelo fragor das suas atitudes. Na defesa das suas certezas e convicções, nunca se propôs empunhar uma sonora tuba de batalha, pois se contentou com a mais humilde e menos barulhenta — a persuasão.

Republicanos da Republica e jámais da arruaça.

Vencedor e vencido, conforme o sabor do tempo, manteve infatigávelmente a fé que conforta e resiste á adversidade.

Nunca o animou um desejo de vingança. Nos seus dignos adversários, admirou sempre a constancia e o vigor do combatente. Ignora o que seja a inveja ou a calunia.

Quere isto significar que se julga sem defeitos, irrepreensível?

Não existe barro humano que não ande sujeito a imperfeições. Nós devemos ter algumas, mas confessamos que as não cultivamos por gosto nem sequer por diletantismo ou gostosa irreverência. Nós, os mortais, somos criados como pecadores e não como anjos.

Há qualquer possibilidade de escaparmos ao erro ou á efemera ilusão?

Dificilmente, pois para tal se conseguir, havemos de vencer a nossa própria condição. Voluntáriamente, com o apetite do mal a dirigir a nossa pena e a gastar a nossa tinta, aqui o declaramos solenemente:—Jámais!

Eis a causa do nosso contentamento, neste dia que conquistámos palmo a palmo, queimando as nossas energias e sofrendo caladamente as contrariedades da fortuna. Ajuntar vinte e cinco anos de improbo labor, num grito de alegria e numa época em que construir é tão dificil, representa para nós—na modesta esfera da nossa acção—um exito que ousamos chamar um triunfo.

EM 3 LINHAS

Hoje, ás 23 horas, adiantam-se 60 minutos os relógios, entrando a vigorar o regime da hora de verão.

///

Em Vila da Feira, há tantos processos para julgar que, amanhã, haverá julgamento.

///

Os pintores João Martins da Costa e José Ribeiro partilham entre si a «Bolsa de Viagem José Malhoa», no valor de 12.015$00, instituida no testamento do saudoso artista.

///

O sr. ministro da Marinha visitou hoje, em S. Jacinto a Escola de Aviação Naval «Almirante Gago Coutinho».

///

No mercado livre do ouro, nos ultimos dias, a cotação da libra desceu levemente, cotando-se a 505-510 escudos a moeda.

///

O 1.º tenente Pereira Parreira, comandante do «D. João de Castro», vai chefiar a missão hidrográfica do arquipelago de Cabo Verde.

///

Foi aprovado o contrato com a Policia de Segurança Publica de Lisboa para o internamento de reclusos no estabelecimento dependente daquela Policia, situado na Quinta do Pisão, á razão de 7$00 por dia e por preso.

///

A' Camara Municipal de Sintra foi concedido um subsidio de 151 contos para captação de agua na freguesia de Colares, cuja obra está orçamentada em 302 contos.

///

Começa esta noite, nos teatros, a venda do Capacete a favor dos pobres protegidos pela Liga dos Combatentes.

///

Apareceu hoje nas montras das livrarias o novo livro de Joaquim Leitão, «Jardim da Saudade».

Morreu no hospital

o agente de polícia ferido na rua Eugénio dos Santos

Faleceu hoje, no hospitaal de S. José, o guarda da Secção de Justiça da Policia de Segurança Publica, Adelino Rodrigues, que, há dias, com três colegas seus travou luta com dois audaciosos gatunos, que, dias antes, haviam furtado um automovel ao motorista Manuel da Cunha, da cidade do Porto, sob ameaças de morte, tendo depois abandonado o carro numa estrada, bastante avariado.

Os gatunos vieram para Lisboa, tendo sido encarregados três guardas da Secção de Justiça da P. S. P. de os descobrir. Aqueles agentes não tardaram em levar a cabo a sua tarefa, mas os meliantes resistiram e tentaram pôr-se em fuga, tendo-se trocado tiros. O guarda Avelino Rodrigues, ferido gravemente, foi conduzido ao hospital de S. José, onde, dada a gravidade dos ferimentos, veio a sucumbir esta manhã.

Alfredo Vieira Pinto

Veio hoje pela primeira vez ao «Diário de Lisboa», depois duma grave doença que o reteve durante alguns dias em casa, o nosso querido amigo sr. Alfredo Vieira Pinto, membro do conselho de administração da Renascença Gráfica.

Todos quantos trabalham nesta casa se congratulam com as suas melhoras e fazem votos por que tenha um pronto restabelecimento que o traga de novo ao nosso convivio diário.

Não Vale A PENA

Incomodar-se a ler mais reclames.

Precisa adquirir joias, pratas ou relogios?

Vá á

Grande Ourivesaria da Moda

Onde encontrará tudo que o seu bom gosto idealise.

257. Rua da Prata (Esq. de Santa Justa)

O sr. dr. Joaquim Manso, tendo a seu lado decendo a homenagem

AS NOSSAS BODAS DI

Foi descer na s uma lapide de ho ao sr.

O 25.º aniversário do «Diario de Lisboa» foi assinalado, de uma maneira perdurável, no nosso pequeno, mas hoje festivo lar. A redacção, administração, revisão, tipografia e o pessoal das máquinas do nosso jornal promoveram ao sr. dr. Joaquim Manso uma merecida homenagem, que o surpreendeu na sua nobre e sincera modestia. Tomou essa homenagem a expressão de uma pequena lapide de marmore, onde se gravou a seguinte legenda: *A Joaquim Manso, director do «Diario de Lisboa», no XXV aniversário — 1921-1946. Homenagem da Redacção,* a qual foi colocada na sala de trabalho. Fômos buscar o nosso Director ao seu gabinete, e um de nós, depois de ter descerrado a lapide, pronunciou algumas palavras de carinhosa emoção.

O sr. dr. Joaquim Manso, que estava acompanhado do sr. Alfredo Vieira Pinto, que foi também, assim como o sr. dr. Guilherme Pereira da Rosa, especialmente saudado, e dos srs. dr. João de Barros, professor dr. Pinto Barbosa, Alfredo Augusto Pinto, Amadeu Gaudencio e outros amigos do nosso jornal, profundamente sensibilizado, agradeceu a homenagem de de que era alvo, porque ela vinha disse, da amizade de todos quantos aqui trabalham, os quais reconhecem

Manifestação contra a França em Madrid

PARIS, 6—A rádio desta cidade informa que manifestantes se reuniram em frente da embaixada francesa em Madrid depois da parada realizada ontem e pediram que fosse arreada a bandeira francesa.—(R.).

FERROS A

SER

VICEN

Tel. 42340 — Rua das

Os colaboradores deste numero

No numero de hoje do «Diário de Lisboa», honram-nos com a sua colaboração, além dos nossos redactores, os seguintes escritores e artistas que nos primeiros numeros do nosso jornal deixaram vincados os seus nomes, e durante anos (alguns ainda presentemente) nos acompanharam em efectividade—e todos em afectividade:

CLARINHA, cronista cintilante, de incomparável frescura;

D. FERNANDA DE CASTRO, redactora de há 25 anos, poetisa de grande inspiração e romancista muito apreciada;

D. VIRGINIA VITORINO, colaboradora de sempre, poetisa ilustre e escritora de grande nomeada;

D. MARIA DE CARVALHO, ainda nossa colaboradora, poetisa e cronista de muito mérito;

AQUILINO RIBEIRO, romancista eminente, prosador de primeira água;

DR. JOÃO DE BARROS, ainda nosso colaborador, poeta insigne e escritor de prestígio;

HERCULANO NUNES, mestre de jornalismo e cronista político de brilhante tradições;

ANTONIO FERRO, nosso redactor há 25 anos, escritor original e cronista cintilante;

MARIO BEIRÃO, poeta de rara sensibilidade;

ALMADA NEGREIROS, artista pintor e desenhador, conferencista e espírito de eleição;

ANTONIO SOARES, artista pintor e desenhador duma originalidade e duma frescura incomparáveis;

JORGE BARRADAS, artista pintor e desenhador de excepcional talento;

BERNARDO MARQUES, lápis privilegiado de comentador da vida social;

FRANCISCO VALENÇA, caricaturista de real mérito, que herdou do lapis de Rafael Bordallo a intenção mordaz.

CONSIGLIERI SA' PEREIRA, redactor do primeiro ano do nosso jornal e apreciado escritor de assuntos históricos.

A nossa delegação no Porto

Desde os primeiros anos da sua fundação que o «Diario de Lisboa» assegurou um serviço de informação do Porto e desde 1934 que instalou ali uma delegação, á frente da qual se encontra, desde a primeira hora, o nosso prezado camarada Guilherme de Carvalho, que tem posto a sua actividade incansavel ao serviço do nosso jornal. Conhecemos e apreciamos a sua dedicação pelo «Diario de Lisboa». Não podiamos esquecer hoje o seu nome.

Para a delegação do Porto entraram recentemente dois novos elementos redactoriais, Antonio do Souto e José Sarrasqueiro, que pertencem já pelo coração e pelo espirito á grande familia do «Diario de Lisboa».

O nosso jornal conta no Porto simpatias que não podemos esquecer e dedicações que muito nos sensibilizam. Reconhecemo-lo com desvanecido orgulho.

HÁ MUITA BATATA

e o preço deve descer

Começou já a aparecer á venda, em Lisboa, batata nova, provinda da região do Montijo. Pena é que, segundo informações que obtivemos naquela vila, a batata esteja a ser arrancada da terra sem ter atingido o seu completo desenvolvimento. Alguns produtores, deixando-se entusiasmar pelo alto preço que lhes estão a oferecer, colaboram, afinal, num mau negócio, que tanto os prejudica a eles como a todos os consumidares.

O certo é que a produção da batata continua a manifestar-se como sendo excepcionalmente abundante, pelo que a tendencia natural é para a descida do preço, que deve começar a verificar-se dentro de poucos dias, a menos que sejam postas em pratica novas manobras de especulação.

Segure as suas mercadorias contra os riscos de TRANSPORTES TERRESTRES

Dirija-se à

ULTRAMARINA

Rua da Prata, 108 (Edificio proprio)—Telef. P. A. B. X. 23348/9—Estado 205

...ndo o sr. Alfredo Vieira Pinto, agra-...ue hoje lhe foi prestada

PRATA

...ada hoje

...la da redacção

...enagem

...dr. Joaquim Manso

a obra de devoção e de honestidade jornalistica que caracteriza o «Diario de Lisboa». Uma salva de palmas, que se prolongou durante alguns minutos, coroou, na sua simplicidade, mais esta nova *pedra* do nosso lar.

A Assembleia francesa votou a lei eleitoral

PARIS, 6.—A Assembleia Nacional Francesa votou hoje de manhã por 439 votos contra 135 a nova lei eleitoral, que introduz o sistema de representação proporcional, para a França e o Imperio francês.

O ex-presidente do Conselho francês, Edouard Herriot, atacou a lei, num discurso que fez no principio da semana, declarando que era um passo para o totalitarismo, e René Capitant, ex-chefe da resistência francesa e antigo ministro da Educação, no Governo do general De Gaulle, disse que um sistema semelhante de educação, adoptado pela malfadada Republica alemã de Weimar, tinha «levado o país ao regime de Hieler».—(Reuter).

Vai reunir-se em Nova York

a Comissão da Energia Atómica

NOVA YORK, 6.—O secretário geral da O. N. U. enviou notas ás 12 nações que fazem parte da Comissão da Energia Atómica, para nomearem imediatamente os seus representantes, a fim de a comissão poder dar começo aos seus trabalhos. Esta noticia foi dada hoje pelo «New York Times».—(R.).

...RTISTICOS

...ALHARIA ARTISTICA

...E JOAQUIM ESTEVES

Fundada em 1889

...moreíras, 88 — LISBOA

ECOS

Refere-se hoje o «Diario de Noticias» a um boato que revolveu Lisboa e que se espalhou pelo país como um gás mefitico que envenena o ar que se respira.

Qual a sua origem?

Como se engendrou o monstro, sem pés nem cabeça?

Simples brincadeira de mau gosto, como insinua o nosso estimado colega?

E' dificil de responder. Em todo o caso, nota-se que é sempre facil alarmar e perturbar os credulos que prestam ouvidos complacentes ás «bojardas» mais inverosimeis.

Não haverá maneira de purificar a atmosfera em que se formam nuvens tão informes?

■

Gentilissima a ideia do municipio de Sevilha, a que preside o sr. duque de Alcalá, em enviar a Lisboa dois delegados que são dois sevilhanos de categoria—o sr. D. Luis Toro Buiza, vice-presidente, e o sr. Romero Marube, escritor e poeta em que palpita, com o amor da beleza, o culto da cidade encantada. A conferencia que este fez ontem á noite sobre «A alma de Sevilha», no atrio do «Diario de Noticias», deslumbrou o selectissimo auditorio.

O conferencista evocou a Semana Santa como a criação espantosa duma Andaluzia que imprime á Paixão a grandeza duma obra prima. Nos seus labios, Sevilha foi a revelação dum poema religioso que transcende o vulgar brilho das cousas em que o homem, de qualquer raça que ele seja, se sente superior a si mesmo—bracejando para o infinito. O sr. Romero Morube conseguiu fazer do magno assunto que versou a exaltação amorosa da Cruz e da fé das multidões.

Visita oficial

á região de Vendas Novas

infestada pelos gafanhotos

O sr. eng.º Homem de Melo, sub-secretário da Agricultura, seguiu esta manhã para Vendas Novas, em visita ás regiões habitualmente infestadas por pragas de gafanhotos, onde vai apreciar os trabalhos em ourso, empreendidos por uma brigada de técnicos, com o fim de debelar aquele terrivel mal. Acompanharam aquele membro do Governo os srs. eng.º Botelho da Costa, director geral dos Serviços Agricolas; prof. dr. António Sousa da Camara, director da Estação Agronómica Nacional; eng.os Pessoa Lopes e Francisco Aranha, altos funcionários daquele departamento do Estado; e Jorge Jardim, secretário.

Na área de Vendas Novas-Pegões, onde estão a realizar-se grandes obras com vista á extinção das manchas de eclosão dos gafanhotos, receberam equelas entidades as autoridades locais e os funcionários dos serviços técnicos encarregados daquela importante empresa, de que resultarão grandes e apreciaveis beneficios para salvaguarda da produção da terra.

A área infestada abrange cerca de 75.000 hectares, considerando-se os locais de maior densidade os nucleos situados no Vidigal, Vendas Novas e A. Branca.

A primeira visita fez-se á herdade de Maria Vicente onde funciona um posto experimental da Estação Agronomica Nacional encarregado de estudar a influencia da lavra no exterminio dos acridios.

O sr. sub-secretario dirigiu-se, depois, para Vendas Novas, sendo aguardado no cruzamento da estrada de Pegões pelos srs. engrs. Filipe Malta da Costa, vice-presidente da Camara de Montemór-o-Novo; coronel Pereira de Barros, comandante da E. P. A.; D. Manuel de Bragança e José Pires Piçarra, respectivamente, membro do conselho administrativo da Casa de Bragança e delegado da mesma em Vendas Novas; João Inacio de Freixo, presidente da Junta de Freguesia e vários técnicos de serviços agricolas.

Aquele membro do Governo assistiu, seguidamente, ao lançamento de semeas envenenadas, nos terrenos invadidos pelas lavras, visitando seguidamente, a herdade do Vidigal e os armazens de Vendas Novas, onde se procede á preparação dos venenos aplicados no combate aos acridios.

O sr. sub-secretario almoçou no Palácio Vidigal da Casa de Bragança, depois do que visitará a região de Pegões.

RIBEIRO COUTO

Um grupo de amigos e admiradores do ilustre escritor e diplomata Ribeiro Couto, que em breve vai deixar Portugal, onde tantas e tão merecidas amizades e simpatias conquistou, vai oferecer-lhe um jantar de homenagem e despedida no próximo dia 23.

A inscrição está aberta na Livraria Sá da Costa, Rua Garrett, e na Livraria Portugália, Rua do Carmo.

A inauguração da fabrica de pneus e camaras de ar em Lousado

Partiu hoje, ás 9 e 15, da estação do Rossio, um comboio especial que a Companhia Manufactura Nacional da Borracha pôs á disposição das entidades convidadas para assistirem hoje á inauguração da sua fábrica de pneus e de camaras de ar na freguesia de Lousado, nas margens do rio Ave.

Seguiram no referido comboio os srs.: Cardeal Patriarca, sub-secretários de Estado das Colónias, das Comunicações e da Educação Nacional; Joaquim Roque da Fonseca, presidente da Associação Comercial de Lisboa; dr. Cortez Pinto, presidente da Associação Industrial Portuguesa; João Ortigão Ramos, Augusto José dos Santos e Alberto Toste, respectivamente directores e secretário geral do Automovel Club de Portugal; engenheiros Herculano de Carvalho e Conceição e Silva e Vitorino de Avelar, respectivamente presidente, chefe e adjunto dos Serviços de Racionamento do Instituto Português de Combustiveis; dr. Camara Pestana, director geral das Alfandegas; eng.º Alcantara Carreira, director geral das Industrias; engenheiro Carlos Alves, da administração das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, engenheiro Aulanio Lobo, administrador da C. U. F.; António Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação e Cultura Popular; adido comercial da embaixada dos Estados Unidos, jornalistas, representantes de agências telegráficas, etc.

Foram todos recebidos, na estação, pelos administradores da «Mabor» srs. conde da Covilhã, Carlos Farinha e dr. Henrique Reynolds.

O sr. ministro das Finanças—que embarcara no «rápido»—tomará o comboio especial em Campanhã.

O sr. embaixador dos Estados Unidos seguiu para o Norte no avião particular do adido aeronautico, aterrando no aeródromo das Pedras Rubras.

Chegada a Lousado de várias individualidades do Norte

LOUSADO, 6.—Em automóveis e comboio especial, chegaram a Lousado os srs. governador civil do Porto, presidente da Camara Municipal, comandante da Região Militar, com o seu Estado Maior e ajudantes e outros convidados de categoria.

Ao meio dia, o sr. coronel Juviano Lopes, acompanhando o sub-secretário dos Estrangeiros, dr. Pinto de Mesquita, foi ao campo de Pedras Rubras, esperar o embaixador da América e outros altos funcionários da embaixada.

A importancia da iniciativa

A Fábrica de Pneus, hoje inaugurada na vila de Lousado, com tanta solenidade, vem dar satisfação a uma necessidade há muito expressa pelas necessidades da economia nacional, pois, para se avaliar, num golpe rápido, da importancia que o comércio de borrachas exerce no balanço das contas portuguesas, basta recordar que, no quadriénio de 1931-34, a importação de pneus e camaras de ar, na metropole, se cifrou na média anual de 893 toneladas, no valor de 16.193 contos. As dificuldades que se sentiram durante a guerra fizeram realçar a gravidade do problema, se bem que datava de 1934 o primeiro pedido de autorização para instalar no país uma fábrica de pneus. Fizeram-se os necessários estudos e o respectivo alvará foi lavrado em 1940, que inclui como condição o exclusivo industrial por dez anos, a maioria de 80 % de capital português e a preferência ás matérias primas nacionais.

A localização da fábrica

Constituida a empresa em 13 de Julho de 1940, escolheu-se para localização da fábrica a freguesia de Lousado, concelho de Vila Nova de Famalicão. A construção da fábrica começou em 1942, tendo-se considerado concluida em 1945 a entrega da maquinaria, que só veio a ser instalada em Janeiro deste ano.

Como se trata de uma industria nova em Portugal, os operários portugueses têm sido treinados por uma brigada de técnicos americanos, podendo dizer-se, desde já, que revelaram excelente capacidade de adaptação ao novo trabalho a que foram chamados.

O conselho de administração da empresa é actualmente composto pelos srs. Manuel Pinto de Azevedo, conde da Covilhã, Carlos Farinha, eng. Francisco Borges, dr. Albert Reynolds, eng. Abel Pêgo Fiuza e dr. José Adelino Sá Fernandes. São directores gerais da Manufactura Nacional de Borracha os srs. dr. Rudolf Ulrich, Henrique Malheiro Dias, Armando Cruz e Rodolfo Teixeira.

Liquidação

de cortes de sedas com lindos padrões exclusivos.

Ao preço da Fabrica.

CALÇADA DO SACRAMENTO, N.º 7, 4.º

Travou-se vivo dialogo entre Rudenko e Keitel em Nuremberg

NUREMBERG, 6.—O marechal Keitel disse hoje na audiência do tribunal de Nuremberg que na célebre ordem alemã contra os partidários e o movimento de resistência nos territórios do Oriente da Europa, a vida humana não tinha qualquer valor, por desejo pessoal expresso por Adolf Hitler. Keitel admitiu que ele tinha assinado essa ordem. Foi-lhe perguntado se tinha sido levado a isso por necessidade. «Sim—respondeu—as actividades dos partidários no Sueste da Europa estavam a atingir proporções incriveis»

O acusador soviético Rudenko, que o estava a interrogar, perguntou:

—Considera correcta essa ordem?

Keitel respondeu:

—Já expliquei os meus pontos de vista essenciais, sobre o tratamento a dar á população civil, ao meu advogado. Dentro da minha jurisdição oficial, assumo a inteira responsabilidade.

Rudenko referiu-se a outra instrução dada contra os partidários, no mês de Dezembro de 1942, a qual ordenava que «por cada soldado alemão morto deveriam morrer 50 a 100 comunistas». Keitel disse que a minuta dessa ordem tinha sido enviada a Hitler, a qual propunha apenas 5 a 10 e não 50 a 100.

Rudenko disse então sarcásticamente:

—Desse modo, a unica diferença entre V. e Hitler era apenas de um algarismo. Era nessa ordem que se dizia ás tropas alemãs que deveriam ser «tomadas medidas para intimidar as mulheres e as crianças».

Rudenko insistiu:

—Acha que isso é justo?

Keitel hesitou e procurou as palavras.

Rudenko tornou:

—Justo ou injusto? Responda sim ou não e explicará o caso depois.

Keitel procurou explicar que essa directriz significava que as mulheres e as crianças deviam ser retiradas das áreas em que residiam para a retaguarda.

Rudenko:

—Mas V. sabe que os homens delas foram mortos?

Keitel:—Não creio que sejam milhões. Nenhum soldado alemão e nenhum oficial alemão pensou nunca em matar mulheres e crianças.

Rudenko:—V. não acredita nisso. E' melhor deixar que os documentos falem por eles. V. classifica-se como soldado e o seu advogado já lhe tem chamado neste tribunal marechal, contudo, V. aprovou, com a sua infame resolução, e sancionou, o assassinio de soldados indefesos, aprisionados pelos vossos exércitos?

Keitel:—Assinei essas duas ordens e, portanto, assumo a inteira responsabilidade dos actos dos meus oficiais.

Keitel referiu ao Tribunal álgumas das «piores coisas» que tinha a fazer «contra a voz da sua intima consciência», no exercicio das suas funções, entre as quais incluiu o caso dos 50 oficiais da R. A. F.

Respondeu quase mecanicamente a muitas das perguntas que lhe eram endereçadas, designadamente quando foi interrogado sobre a aplicação das ordens secretas quanto aos sabotadores.

—Acha que o fuzilamento de ferroviários que não querem trabalhar para as forças invasoras é a medida mais cruel e mais brutal que qualquer homem podia imaginar?», perguntou Fyfe. Keitel concordou «que era uma medida cruel».

Sobre o caso da acção das forças de «Comandos», o acusador citou a ordem para o seu fuzilamento, com a nota: «Esta nota não deve cair nas mãos dos inimigos».

O acusador:—Queriam V. e Jodl dizer com isto que tinham vergonha dela?

O acusador desviou a pergunta com uma série de respostas evasivas.—(Reuter).

18 CASAS DESTRUIDAS

por um avião que caiu

LA VALETTA, 6.—Ficaram destruidas dezoito casas quando, ontem, um avião «Wellington» da R. A. F. se despenhou pouco depois de ter levantado voo, com 4 tripulantes.—(R.).

Remédio D. D. D.

Liquido fino e cor dourada que se infiltra através dos poros, operando em cada dia curas maravilhosas. Faz cessar a terrivel comichão. Não cheira e deixa a pela limpa e sã. Inigualavel para os casos de: ECZEMA, HERPES, IMPINGENS, CHAGAS, ESCALDADELAS, BORBULHAS, ESPINHAS, SARNA, MORDEDURAS DE INSECTOS, etc.—Frasco 15$00.

Unico agente distribuidor no País António Madureira—Rua D. João IV n.º 602—Telefone 2 141—PORTO.

GEBILDETE PORTUGIESIN SUCHT BESCHÄFFIGUNG BEI KINDERN IN DEUTSCHER FAMILIE IN LISSABON ODER UMGEBUNG. EVTL. AN PAIR ANTWORT AN DIE FILIALE IN PORTO DES «DIARIO DE LISBOA»—RUA DO ALMADA, 30, DIE «GEBILDETE».

NESCAFÉ

PRODUTO

NESTLÉ

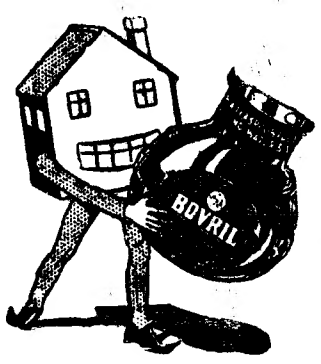
ENCONTRA-SE NOVAMENTE A' VENDA NOS MELHORES ESTABELECIMENTOS

Brilhantina Rêve d'Or formando um véu imponderavel, protege a cabeleira, fazendo-a brilhar em luminosa beleza, conservando a ondulação e tonificando o cabelo.

L.T. PIVER

O AMPARO DA CASA

BOVRIL



Há tantas ocasiões em que Bovril nos poderá ser valiosissimo que nunca devemos passar sem ele.

Quando nos sentimos cansados Bovril é um precioso estimulante e restaurador.

Na cozinha, Bovril é igualmente necessário para dar sabor aos pratos e aumentar as suas propriedades nutritivas, além de por si poder fazer as mais deliciosas sandwiches.

Vende-se nas farmacias, drogarias, mercearias, etc.

Agentes em Portugal:

A. L. Simões, L.da — R das Flôres, 22 — LISBOA

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA:

PORTUGAL

Prédio da Rua dos Fanqueiros, 278, 2.º.

Proprietária das fábricas do Prado, Marianaia, Penedo, Casal d'Ermio (Lousã) e Vale Maior (Albergaria-a-Velha)—Instaladas para uma produção anual de oito milhões de quilos de papel

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA-270, Rua dos Fanqueiros, 270

TELEFONES: 22331/2

PORTO-49, Rua de Passos Manuel, 51

TELEFONE: 217

Endereços telegráficos de Lisboa e Pôrto

PELPRADO

Laranjada Sameiro

Pedidos em Lisboa pelo Tel. 51.426

— A —

Carlos Martins Cadavez

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU» Esmerado serviço de restaurante e esplendidos quartos e «*appartements*».

Recomendado pelos Automovel Club de Portugal, Club dos Medicos Portugueses, Club dos «100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Portugal.

Bau só existe um em Alcobaça e não tem sucursais

IMPORT. & EXPORT. End. Teleg.ª **FILIOSA**

José Furtado Leite, L.da

Cereais, Legumes, Chá, Chicória, Lacticínios, Gado vivo e Couros

TELEFONES
ESCRITORIO 81-402
DEPENDENCIAS 6 3596
4 5494
4 7312
Odivelas 24

ESCRITORIO
26, RUA DA JUNQUEIRA, 28
LISBOA
(PORTUGAL)

Joaquim Pereira Ramos

é um entalhador de grande merecimento artistico

Desde há muito que a arte de marcenaria atingiu no nosso país um grau de grande perfeição.

Acompanhando o progresso desta modalidade artistica, queremos mais uma vez salientar a obra levada a efeito pelo distinto entalhador sr. Joaquim Pereira Ramos, cujos trabalhos artisticos se têm tornado notaveis entre nós.

Quando há dias estivemos no seu «atelier», ali o fomos encontrar dando os ultimos retoques em obras que são uma verdadeira maravilha na arte de marcenaria. Uma das que nos chamou a atenção, foi uma majestosa moldura em estilo D. João V, cuja talha dourada é opulentissima e digna de ser admirada.

O sr. Joaquim Pereira Ramos cujas oficinas amplas e higiénicas estão magnificamente instaladas na Rua Angela Pinto, 8-A, Lisboa, encontram-se sempre repletas de muitos e importantes trabalhos artisticos em talha.

Ali se executam restaurações perfeitissimas de moveis antigos, construção e mobiliário, e carpintaria fornecendo-se projectos e orçamentos. O seu telefone é o numero 40531 para onde podem ser solicitados todos os informes.

O sr. Joaquim Pereira Ramos é, sem favor, um grande artista que tem já uma longa folha de serviços prestados ao bom gosto em particular e á arte em geral, honrando assim a arte de marcenaria.

A Sociedade Industrial de Reparações, L.da

representa um grande factor de desenvolvimento industrial, na capital

Há dias o acaso pôs-nos em contacto com o conhecido industrial sr. António Padua José Barbosa. Então, ofereceu-se-nos o ensejo de inquirirmos sobre as novas directrizes, que a industria no nosso país tomará, neste periodo de após guerra. O sr. António Padua Barbosa, pessoa culta, viajada e com um grande conhecimento de causa, fala-nos entusiásticamente de como a industria portuguesa se tem desenvolvido nos ultimos anos e das suas possibilidades no futuro.

Diz-nos, que no campo industrial. Portugal ainda tem um vastissimo campo para se desenvolver, que espera que desse incremento advenham para todos nós grandes benefícios, terminando por nos convidar a visitarmos a Sociedade Industrial de Reparações, Ld.ª uma das grandes organizações industriais que ultimamente se têm imposto.

Nestas oficinas fomos apresentados aos seus dignos sócios srs. Simplicio Antunes Gonçalves, sócio gerente e Carlos Cunha técnico competentissimo e especializado na construção e reparação de tantos e variadissimos maquinismos que ali vimos.

Começou então a nossa visita, percorrendo diversas secções, sendo-nos em todas elas explicado minuciosamente o funcionamento da complexa maquinaria que ali estava a trabalhar: apetrechamento completo modelar e obedecendo a todos os requisitos modernos da especialidade, todo ele assistido por um pessoal preparado técnicamente para tal fim.

Conforme iamos caminhando, mais conhecimentos iamos adquirindo e mais compreendiamos como a mão de obra do nosso operário é perfeita, quando devidamente orientado e ensinado. Observámos como o nosso obreiro é diligente e disciplinado; o entusiasmo como trabalha e a maneira como cumpre todas as ordens que recebe.

Nestas magnificas oficinas, instaladas na Rua do Olival, 4 a 10, cujo telefone é o numero 60884, fazem-se reparações em máquinas tipográficas, litográficas, «offset», picotadeiras, coser e fio vegetal; também se reparam máquinas «Intertypes» e «Linotypes» e execução de peças para as mesmas, soldadura a autogénio e electrogenio com máquina para deslocação.

Nas oficinas da Sociedade Industrial de Reparações, Ld.ª executam-se também reparações em máquinas a vapor, caldeiras maritimas e terrestres, máquinas agricolas e motores maritimos; em automoveis, camionetas e todos os trabalhos mecanicos e de bate-chapa. Instalações completas de vulcanização e todos os seus pertences.

Todos estes trabalhos são duma grande perfeição e tão bem executados como o que de melhor se faz no estrangeiro; pois examinamos, em detalhe, algumas máquinas depois de reparadas e vimo-las trabalhar. Ninguém dirá que não se trata de maquinaria nova chegada do fabricante.

De facto, a Sociedade Industrial de Reparações, Ld.ª é inexcedível em tudo quanto executa.

Por tudo quanto vimos e observámos resta-nos felicitar os srs. Simplicio Antunes Gonçalves, Carlos Cunha e António Padua José Barbosa.

BELAGIESTA

E' a casa onde se tinge, limpa e engoma com a maior perfeição

«Belagiesta», como o seu nome tão a propósito indica neste principio de primavera é, realmente, um estabelecimento digno de ser conhecido, pela grande utilidade que terá para muitos dos nossos leitores.

E' uma organização interessante, bem preparada e apetrechada para executar todo o trabalho a que se propôs. Apenas com dois anos de existência, todavia a sua clientela é já hoje bem numerosa e escolhida.

«Belagiesta», é um estabelecimento que tinge em todos os géneros e cores e engoma, fatos, vestidos e toda a qualidade de vestuário; reposteiros, carpetes, etc.

Todos os trabalhos executados na «Belagiesta» são perfeitissimos e oferecem toda a garantia de acabamento; as cores são fixas, resistindo até á luz do Sol.

«Belagiesta», possui um pessoal competentissimo, sabendo assim rodear-se de elementos de grande valia para levar a bom fim os trabalhos deste género.

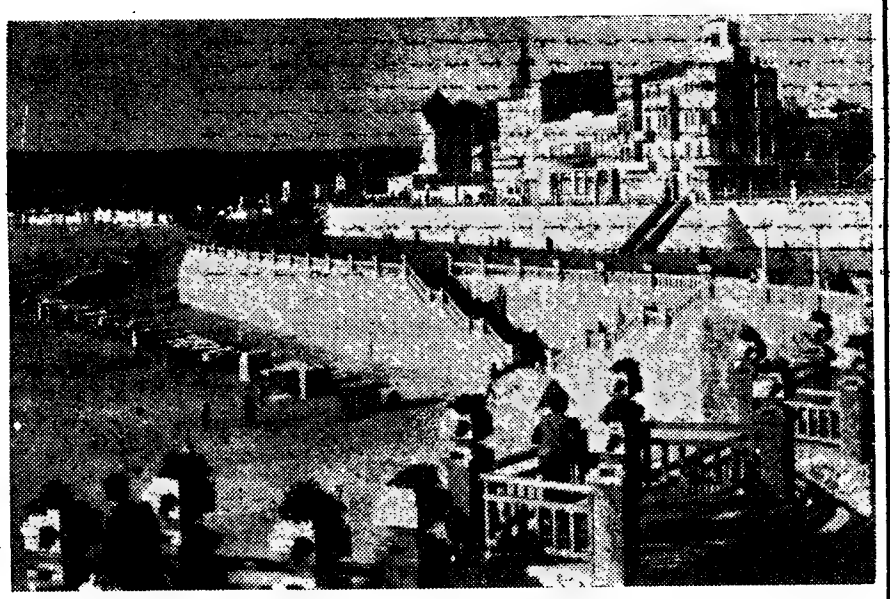
«Belagiesta», tudo limpa e tudo tinge sempre pelos processos mais modernos.

«Belagiesta» por este rápido esboço que aqui deixamos, aliás elucidativo, é um dos bons estabelecimentos do género em Lisboa.

«Belagiesta», está situado no populoso Bairro dos Actores, Rua José Ricardo, 7, rés-do-chão, onde podem ser entregues todos os trabalhos.

FIGUEIRA DA FOZ

PRAIA — RIO — MONTANHA



A mais luminosa cidade-atlantica.—O mais amplo e mais fulgurante cartaz turistico de Portugal

Grande centro de diversões

No belo e populoso Bairro dos Actores, Rua Angela Pinto, 12-A, num magnifico e espaçoso recinto, bem convidativo para as noites calmosas que se aproximam, encontra-se muito bem instalado o «Café Patinagem, Ld.ª».

Este magnifico salão onde se aprecia o belo e aromático café puro das colónias, tem também a caracteristica de ali se exibirem as nossas melhores cantadeiras do fado, tão apreciado por todas as nossas camadas sociais.

De facto assim é. Pelo «Café Patinagem, Ld.ª» têm passado os mais eximios guitarristas e os mais apreciados cantadores do fado.

O «Café Patinagem, Ld.ª», é dirigido por um homem de acção, novo, dinamico e inteligente, como é o sr. Cordeiro do Val que está sempre diligenciando em bem servir a sua numerosa e selecta clientela.

O «Café Patinagem, Ld.ª», dispondo de uma magnifica esplanada, ao ar livre, ali apresenta todas as suas atracções, onde há sempre alegria, bom gosto e esplendida musica.

«Matinées» todos os domingos e dias feriados e «Soirées» todas as noites.

Frequentar o «Café Patinagem, Ld.ª», é frequentar um centro de diversões onde há alegria, musica e bom gosto.

Swing

É UMA LÂMINA REAL QUE BARBEIA BEM.
Peça *Swing* ao seu fornecedor.

Paçote de 5 lâminas . . . . . 7$50
Para a Província . . . . . 9$00
(Porte pago)

DISTRIBUIDORA:
SOCIEDADE LUSO-SUECA, L.DA
Rua de Alexandre Herculano, 9 — Lisboa
Tel. Cinco — Três, Um e Um: Dois.
CALDEVILLA

PASTELARIA BIJOU

A. C. ALVES & C.A

Escolhido e variado sortimento de Cartonagens, Bombons, Amendoas, Frutas e Caramelos, os melhores, chocolates nacionais e estrangeiros

A mais fina e esmerada colecção de doces

A casa preferida para fornecimentos de «lunches» e «soirées»

84 — Avenida da Liberdade — 88 — Telefone 2 2339

Sucursal — 87 — Avenida da Liberdade — 89 — Telefone 2 2330

LISBOA

FUNERAIS

SERVIÇOS SUPERIORES A TODOS PREÇOS INFERIORES A TODOS
Preferir a «SRAF» é poupar muito dinheiro e ter a certeza de que tudo lhe será tratado com honestidade e competência profissional.
Direcção e propriedade de Octávio A. Lopes
R. DAS PEDRAS NEGRAS, 5. S/L.
Telefones 2 7288—2 8584—4 2172

TELEFONE 4 7924

MANUEL POUSADA

INDUSTRIA NACIONAL

CASA ESPECIALISADA NO FABRICO DE TODAS AS FERRAMENTAS E EM ESPECIAL A DA INDUSTRIA CORTICEIRA

Brocas para rolha e discos. Facas e lâminas de todos os tipos. Serras circulares para madeira, ferros plaina manual e mecânica, ferros de pua, trados, colheres de pedreiro, formões e badames, machos, cançonetes, mandris, etc., etc. — **Todos os fabricos rivalisam em qualidade com os melhores estrangeiros**

RUA CARVALHO ARAUJO, 68 LISBOA—PORTUGAL

K. L. M.

REAL SOCIEDADE HOLANDESA DE AVIAÇÃO

Serviço regular para passageiros e mercadorias entre LISBOA e AMSTERDAM e vice-versa

Ligações de Lisboa, via Amsterdam, para:

PARIS
BRUXELAS
COPENHAGUE
MALMO
STOCKHOLMO
OSLO
LONDRES
ZURICH
GENEBRA
NAPOLES
PRAGA
CAIRO
BASRA
KARACHI
CALCUTTA'
BANGKOK
RANGOON
SINGAPURA
BATAVIA

OS PREÇOS DAS PASSAGENS E FRETE, DO SERVIÇO EUROPEU, FORAM SENSIVELMENTE REDUZIDOS

Nova tarifa de passagens e fretes

De Lisboa para:	Passagens	Taxa de frete por quilograma
Amsterdam	3.180$00	25$45
Paris	3.920$00	31$35
Bruxelas	3.490$30	28$15
Copenhague	4.450$00	35$60
Malmo	4.520$00	36$15
Stockholmo	4.930$00	39$45
Oslo	4.700$00	37$60
Londres	3.960$00	31$85
Zurich	4.400$00	35$20
Genebra	4.550$00	36$40
Praga	4.470$00	35$75

Estes preços deverão ser acrescidos dos impostos respectivos.

PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS CONSULTAI OS

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

OREY, ANTUNES & CIA., LTDA.

Praça do Duque da Terceira, n.º 4 — Telefones: 22271/73 — LISBOA

C.AS R.DAS GÁS E ELECTRICIDADE • R. VITOR CORDON, 45-47 • LISBOA

Gasogénios

GAZAUTO FERREIRINHA

4.ª fase de vendas para 9 montagens apenas, com todas as vantagens e regalias oferecidas pelas outras marcas

Avenida Visconde Valmor, 68-C

Telefone 5 2909

A SENHORA ESTRANGEIRA

Aluga-se parte de casa só paredes ou a combinar, em lugar muito saudável e pitoresco, em quinta dentro de Lisboa, carro á porta, a 20 minutos da Baixa. Máximo respeito e sossego. Em conta. Resposta a este Jornal, ao numero 1001.

Vida musical

XXII Concerto de «Sonata»

O Salão da Academia dos Amadores de Musica é cada vez mais pequeno para conter o publico que acorre aos concertos de musica moderna promovidos por «Sonata». Oxalá possa em breve resolver-se este problema, o que é do interesse de todos.

No seu ultimo cconcerto, predominou a musica brasileira e ocupou um bom lugar a musica portuguesa. A musica brasileira esteve a cargo da cantora Raquel Bastos, que se tem, por assim dizer, especializado no género. Cantou só dois autores, Lorenzo Fernandes e Villa-Lobo; mas a escolha das peças e a sua interpretação não deixaram de focar o caracter da musica brasileira.

Do segundo, tanto os dois «Cromos» como o «Poema da criança e sua amã»—este ultimo em conjunto com flauta, clarinete e violoncelo,—são muito europeus, têm mesmo requinte especificamente francês, Raveliano, até; mas claro que não deixam por isso de ser páginas interessantes, o «Poema» sobretudo. A ingenuidade infantil foi deliciosamente posta pelo autor, e tambem deliciosamente realizada por Raquel Bastos, que mostrou, de resto, uma perfeita compreensão de todas as peças, com dicção clara e equilibradissima pronuncia. Nas três Canções de Lorenzo Fernandes, a associação da melodia com o ritmo do acompanhamento é saborosa. A «Canção do carreiro», de Villa-Lobos, pareceu-nos uma obra prima.

A parte instrumental do «Poema da Criança e sua Mamã» foi razoávelmente executado por Luis Boulton, Carlos Saraiva e Filipe Loriente. São justamente peças assim, com menos ensejo de serem tocadas, que precisavam de um trabalho mais burilado. As outras peças foram acompanhadas pela jovem pianista Maria Elvira Barroso, com propósito e galhardia, o que adquiriria mais relêvo se o ataque fosse mais nitido.

Fernando Lopes Graça tocou três «Epitáfios» (1930), três «Bagatelas» (1938-1941), e três «Danças» (1942), tudo de sua autoria, pertindo-nos ajuizar da sua evolução como compositor. Achamos essa evolução pouco sensivel na manifestação de um temperamento forte e rico. Exceptuando talvez o Epitáfio «para uma donzela» e a Dança antiga (que é uma das bagatelas), prevalece sempre a invenção não sempre pulida mas tambem não rebuscada, e que se desenvolve sobre si com uma «constante» sublinhada pela escrita um pouco massiça. Fernando Lopes Graça não é harmonista no sentido de procurar efeitos raros, timbres exóticos, mas é harmonista pelo reforço de sonoridades que emprega, parecendo-nos que lhe custa aceitar a limitação pianistica.

Lopes Graça completou o programa executando ao piano uma elegante «Pastoral» da compositora francesa Germaine Tailleferre e a Sonata op. 28, com data de 1917, de Prokofielf, anterior á depuração que a sua escrita sofreu posteriormente. A dificil Sonata não foi inteiramente dominada, mas não que Lopes Graça, se quisesse, não tivesse envergadura para correr terras como concertista, igual nisso a Prokofieff. Tudo o que toca tem sentido, tem calor, e uma justeza de ritmo absoluto.

O acolhimento, como sempre, foi entusiástico.

Sociedade Nacional de Musica de Camara

Foi simpatico, este acolhimento dado a novos compositores portugueses na ocorrência Joaquim L. Gomes, Natércia Couto, Isabel Lupi e Joly Braga Santos para preencherem um programa da Sociedade Nacional de Musica de Camara.

Do primeiro, ouvimos uma Sonata para piano em três andamentos, muito influenciada por uma musica francesa já não muito moderna, mas bem escrita para o teclado, brilhante até, e executada nesse sentido por Maria Helena Leite de Matos. O 2.º andamnto será o mais original, mas deu-nos uma impressão de muito longo.

As sete pequenas Canções de Natércia Couto, cantadas com voz bem tratada e bem emitida por Judith Lupi Freire, acompanhada pela autora com muita discreção, não nos permitiram distinguir mais do que uma ou outra palavra solta. Estas canções são agradáveis, mas tanto elas como a «Sonata», de Joaquim L. Gomes, e o «Quarteto», de Joly Braga Santos, tocado pelos mesmos jovens constituidos em Novo Quarteto Nacional, que deram a 1.ª audição da obra num concerto de «Sonata», não definem ainda nem critério nem temperamento dos seus autores.

O valor mais positivo do programa, quanto a nós, esteve nas peças para dois pianos de Isabel Lupi: «Pastoral» e «Preludio e Dança». A escrita pianistica destas peças é equilibrada e, o que é mais, elas têem um certo poder de invenção. O «Preludio» é a mais modesta. Tanto a «Pastoral» como a «Dança» são mais ousadas e preferimos a «Pastoral» por ser de melhor urdidura. A sua apresentação foi plenamente realizada pela segurança e o interesse musical de Berta Rosa Delgado bem secundada por mais um jovem: Filipe da Silva, ao 2.º piano.

FRANCINE BENOIT

«NATURA» esgotou-se!
Agora... até ao Número de MAIO!

O PENSAMENTO QUE NOS DIRIGE

(Continuação da 1.ª pag.)

ta, o acarinha, o ampara em dialogos magistrais de pensamento, nos quais, por vezes, parece brilhar a luz da eternidade. E' que Joaquim Manso não nega a sua confissão, e isso é, afinal, o que melhor explica o generoso humanismo da sua personalidade!

E' ainda o conferencista que reintegra, no amor do povo, as grandes figuras nacionais, como, por exemplo, o Infante D. Henrique, de que reacende o culto patriotico. Nos seus sugestivos hetoronimos, Joaquim Manso desdobra as facetas luminosas de um talento e de uma cultura que, diariamente, nos dão lições de bom gosto e da subtil arte de escrever. Ele é o *Glaucias*, moralista fino e risonho dos costumes; *João Venancio*, o paisagista ardente e efusivo da nossa terra; o *Manuel Português*, com as suas belas páginas de civismo, em que há sempre um conceito lapidar e uma definição justa e equilibrada do facto pertinente.

A sua pena imaculada, durante estes vinte e cinco anos, tem reflectido todos os acontecimentos, sem fugir ás responsabilidades contraídas, para analisar, aconselhar, corrigir, orientar, acalmar, solucionar, e até ensinar. Intemeratamente, nunca vacilou no cumprimento do seu dever. A verdade para todos e, sobretudo, para ele, de tal maneira que o *Diario de Lisboa* hoje não constitui o que se pode chamar, uma empresa, mas uma reserva espiritual de património comum a todos os leitores. E' mais deles que nosso—orgulhosamente o dizemos, escancaradas todas as janelas e todas as almas á curiosidade alheia. Joaquim Manso pode hoje rever, com jubilo, a sua obra, não isenta de defeitos, decerto, mas levantada pedra a pedra, dia a dia, com invencivel convicção, e, servindo, exclusivamente, uma força eterna: a verdade! Só ela fica, afinal, em todas as circunstancias.

Nunca Joaquim Manso se distanciou de nós. Director para ele não é um titulo de hierarquia; apenas, o de camarada mais velho, o primeiro a entrar na redacção, o ultimo a sair, exemplo de trabalho e de devoção jornalistica, partilhando a nossa vida, as nossas inquietações, e tambem as alegrias que esta ardua, mas honrosa profissão, porventura, nos tenha dado.

Durante este quarto de seculo, uma vida a dobrar, Joaquim Manso tem servido Portugal, dentro e fora das suas fronteiras, como um dos maiores valores da inteligencia contemporanea. Não diverge, não lisonjeia interesses, justo e sincero por condição, tolerante por espirito, e generoso até ao sacrificio,—o seu pensamento tem-se confundido com o que de mais profundo, em virtude e em idealismo, existe na alma nacional.

Vinte e cinco anos depois, a sua obra apresenta-se ao «veredictum» da opinião, iluminada por aquele ardente clarão de fé que a viu nascer, impetuosamente!

Somos os mesmos, e Joaquim Manso, mestre do jornalismo, o guia que vai á frente, indicando o caminho.

A REDACÇÃO

Vida desportiva

FUTEBOL

Federação Portuguesa de Futebol

Da Federação Portuguesa de Futebol recebemos a seguinte nota:

«Por ordem superior deixou de fazer parte da comissão administrativa da Federação Portuguesa de Futebol, o sr. dr. Vicente da Costa e Melo, sendo substituido no lugar de tesoureiro pelo sr. dr. Facco Viana».

Campeonato corporativo

Iniciou-se esta tarde e conclui-se ámanhã a 9.ª jornada do campeonato corporativo de futebol. Para ámanhã, estão marcados os seguintes encontros:

Campo da F. N. A. T.—ás 9 e 30, Levedura Nacional-C. N. Navegação; ás 11 e 30, F. Prog. Mecanico-Estaleiros da C. U. F.; ás 14 e 30, F. Cimento Tejo-«Mascote» e ás 16 e 30, Org. Pesca Bacalhau-F. Louça de Sacavém.

Campo da Fábrica da Polvora de Chelas—ás 10 e 30, Luzalite-Val do Rio.

Campo da Fábrica de Louça de Sacavém—ás 12, Mat. Engenharia-F. Louça de Sacavém.

ATLETISMO

Torneios internos dos clubes

O Sporting Club de Portugal promove ámanhã, ás 10 horas, no Estádio do Lumiar, o seu torneio de atlétismo, destinado a sócios e simpatizantes, com disputa de provas de 60 e 700 metros planos, saltos em comprimento e altura, e lançamento de peso.

—Também a secção de atlétismo do S. L. e Benfica promove ámanhã ás 9 horas, no Campo Grande, um torneio para sócios e simpatizantes e atletas principiantes, com provas de 60, 250, 700 metros, altura e peso. Este torneio servirá de preparação para outro que se efectuará, no dia 14 e em que serão atribuidas medalhas aos vencedores.

—Amanhã, pelas 9 e 30, realiza-se no Campo da Estrela do Club Internacional de Futebol, um torneio de atlétismo para sócios e simpatizantes, com o programa seguinte: 60, 700, 2.000 metros; altura, comprimento, triplo, vara, dardo, disco e peso. A inscrição é feita na altura das provas.

VIDA MUNDANA

«MATINÉE» ELEGANTE

Realiza-se amanhã, domingo, no Clube Brasileiro, uma «matinée» elegante.

Reapareceram as insuperaveis laminas e maquinas de barbear
WARDONIA
à venda nas seguintes casas:
Antiga Casa José Alexandre, L.da
Rua Garrett, 8-12
A Toledana — Rossio, 41
Policarpo, L.da — R. S. Nicolau, 25-31
Shefferld House — R. Garrett, 26
e todas as boas casas da especialidade
ERIL, L.DA — Trav. da Gloria, 19 1.º D.

AGÊNCIA OFICIAL
OMEGA
CAYRES
RELOJOEIROS
RUA DO OURO 133 LISBOA

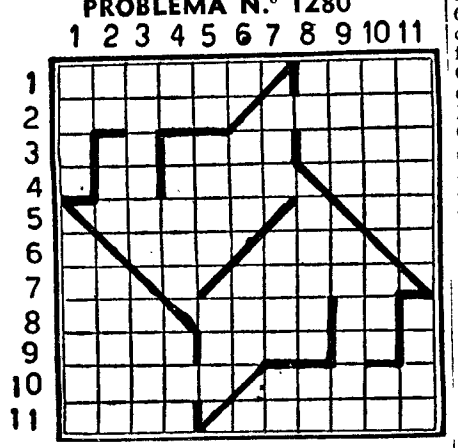
No Retiro da Bairrada
(em Benfica)
Amanhã, filetes de garoupa com arroz e leitão a sair do forno. Entrega-se o leitão ao domicilio. Actualmente o autentico leitão da Bairrada só se vende no «Retiro» em Benfica, telefone 58-116, e no Restaurante Bonjardim, travessa de Santo Antão, n.º 7. Telefone 24389.
Cuidado com as imitações.

Na hora que passa...
As doutrinas da «NATURA» impõem-se!!!

"RIALTO BRANDY"

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1280



HORIZONTAIS: 1—Cidade capital de distrito num contraforte da serra da Estrela. Publicar-se. 2—Protozoário rudimentar, microscopico que consta apenas duma gota de citoplasma nu. Pargo. 3—Simbolo químico do cromio. Jaez. Tecido grosseiro e forte de algodão. 4—Letra grega. Solitário. Preposição indicativa de falta. 5—Faixa de terra que une uma peninsula a um continente. Preposição e artigo. 6—Decametro quadrado. Ponto cardeal. 7—Atmosfera. Uma das mais célebres cidades da antiguidade, cognominada «a das cem portas». 8—Pêlos de certos animais. Quadro. Maligna. 9—Seguis. Raivas. Poeira. 10—Nome de homem. Exército. 11—Guarnecem de asas. Transitar.

VERTICAIS: 1—Apelido dum dos mais célebres navegadores portugueses da antiguidade. Desmaiada. 2—Algarismo. Acreditei. Portos interiores 3—Elegante. Tempo do verbo ser. 4—Simbolo químico do rubidio. Tipo de impressão. Afirmação. 5—Oferece. Equipe. Irmão da mãe. 6—Intimo. Possuir 7—Santo. Estampilha. Alto aí. 8—Cloreto de sódio. Dornas. Reis. 9—Aneis. Relampagos. 10—De fogo. Estão. Utensilio. 11—Trituremos com os dentes. Mula.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1279

HORIZONTAIS: 1—Cisne. Viloa. 2—Ar. Ora. Sr. 3—Usassem 4—Mio. Ion. 5—Dá. Alçada. 6—Cuba. Arse. 7—Almada. Em. 8—Fie. Ela. 9—Sangras. 10—Ou. Ato. Só. 11—Sinas. Esses.

VERTICAIS: 1—Cavar. Afros. 2—Ir. CLI. Ui. 3—Urdumes. 4—Nos. Aba. 5—Eram. Aden. 6—Asia. Alga. 7—Sola. Arte. 8—Crê. Aos. 9—Miásmas. 10—Os. Ode. Se. 11—Arena. Pelos.

O AVISO «GONÇALO VELHO»

saiu de Hong-Kong para Macau

O aviso «Gonçalo Velho», que faz parte da Força Naval do Extremo Oriente, foi de Macau, onde faz base, a Hong-Kong, para subir num plano inclinado a fim de sofrer beneficiação. Aquela unidade naval já regressou a Macau depois de uma permanência de alguns dias na base de Hong-Kong, onde o consul de Portugal e as autoridades navais britanicas lhe dispensaram todas as facilidades e uma carinhosa recepção.

ATKINSON'S
PORTO E BRANDY
Pereira & Rocha, L.DA
R. dos Bacalhoeiros, 42—Telef. 2 25 83

D. Rosa Kobler de Moraes

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

José Joaquim de Moraes, Carolina Kobler Pinto, Francisca Kobler (ausentes) e mais familia cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença a sua muito querida esposa, irmã, e parente e que o seu funeral se realiza ámanhã, ás 14 horas saindo da sua residência na Avenida Julio Diniz, n.º 27 para jazigo no cemiterio no Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

Venda do capacete

na linha de Cascais

A favor do cofre privativo da delegação de Oeiras da L. C. G. G., realiza-se nos dias 6 e 7, nas áreas daqueles concelhos, a venda do capacete-miniatura, sendo os grupos chefiados pelas sr.as D. Weledumira Antunes, em Cascais e Carcavelos; D. Branca Sommer Andrade, nos Estoris; D. Francisca Lindoso, na Parede; D. Assunção César Antunes, em Oeiras; D. Leonor Faria, em Paço d'Arcos e Caxias; D. Francisca Ferreira Martins, em Algés, Cruz Quebrada, Dafundo e Carnaxide; e D. Maria Luisa Correia Pereira, na Amadora.

No ultimo ano, aquela delegação despendeu 31.778$60, em pensões, subsídios vários e instrução.

ALMOÇO DE DESPEDIDA

ao adido aeronáutico americano

Oferecido pelo sr. brigadeiro Alfredo Sintra, comandante geral da Aviação Militar, realizou-se hoje, no Avenida Palace, um almoço de homenagem e, ao mesmo tempo, de despedida ao sr. tenente-coronel R. A. Cone, adido aeronautico junto da embaixada americana, que brevemente regressa ao seu país.

Ao almoço assistiram tambem os srs. tenente-coronel Fuqua, adjunto do coronel Cone; coroneis Esmeraldo de Carvalhais e Pinheiro Correia; tenentes-coroneis Magalhães, Vieira e Dias Leite, e capitão Couto Rodrigues.

O sr. brigadeiro Alfredo Sintra saudou o sr. coronel Cone e desejou-lhe uma boa viagem, o que o homenageado agradeceu.

PADEIROS E LEITEIROS

condenados em multa e prisão

Foram condenados, no Tribunal Colectivo dos Generos Alimentícios, por fabrico de massa para pão de 1.ª qualidade, adicionada de farinha de inferior qualidade: Padaria Marinhense, Limitada, de Lisboa, e Panificação dos Anjos, Limitada, respectivamente nas multas de 6.750$00 e 30 dias de prisão correccional; por venda de pão sem peso legal, a Sociedade Nacional de Padarias, Limitada, de Coimbra, em 3.800$00 de multa; e por venda de leite, adicionado com agua, Antonio da Costa, de Lisboa, em 12.600$00 de multa e 60 dias de prisão: e José Rodrigues Deus, de Elvas, em 3.175$00 de multa.

O 4.º centenário de Lutero

Celebra-se ámanhã, pelas 16 horas, na igreja Baptista do bairro novo da Lapa, o 4.º centenário de Lutero. Usam da palavra os srs. Lethar Thomas e Hugo Senty. Inaugura-se tambem, no mesmo templo, uma exposição de retratos e outros documentos lutheranos.

UM ALMOÇO OFERECIDO

pelo Ayuntamiento de Sevilha

O vice-presidente do «Ayuntamiento» de Sevilha, sr. Toro Buiza, que hoje regressa a Espanha com o poeta Romero Morube e o artista polígrafo Luis Arenas, ofereceu hoje, no Restaurante Tavares, um almoço de agradecimento pelas atenções de que foi alvo e pelas facilidades que encontrou para a exposição de fotografias da Semana Santa sevilhana. Assistiram os srs. comandante Nuno de Brion, governador civil de Lisboa; Eugénio Montes, director do Instituto Espanhol de Lisboa; António Eça de Queirós, José Palha, Mendez-Dominguez, da agência «Efe», Marino Rico, do «A B C» de Madrid, Ernesto Halfter, tenente-coronel Pereira Coelho, pelo «Diário de Noticias», e representantes dos directores dos outros jornais da capital, Martins Tomar, da «Vanguardia», Miguel Junqueira, secretário do Instituto Espanhol e adido cultural da embaixada de Espanha, Rogério Perez, etc.

Distribuição de farinha

para o corrente mês

Durante este mês, na área de Lisboa, além do aumento de mais 250 gramas de açucar, o consumidor poderá levantar, nos estabelecimentos que lhe tiverem carimbado a sua carta de arroz, 250 gramas de farinha em troca do talão «farinha» da carta do pão deste mês. O consumidor que não tenha levantado os géneros do mês de Março pode ainda levantá-los por todo o mês corrente, podendo os retalhistas, neste caso, proceder á entrega dos envelopes com as senhas no mês de Maio próximo.

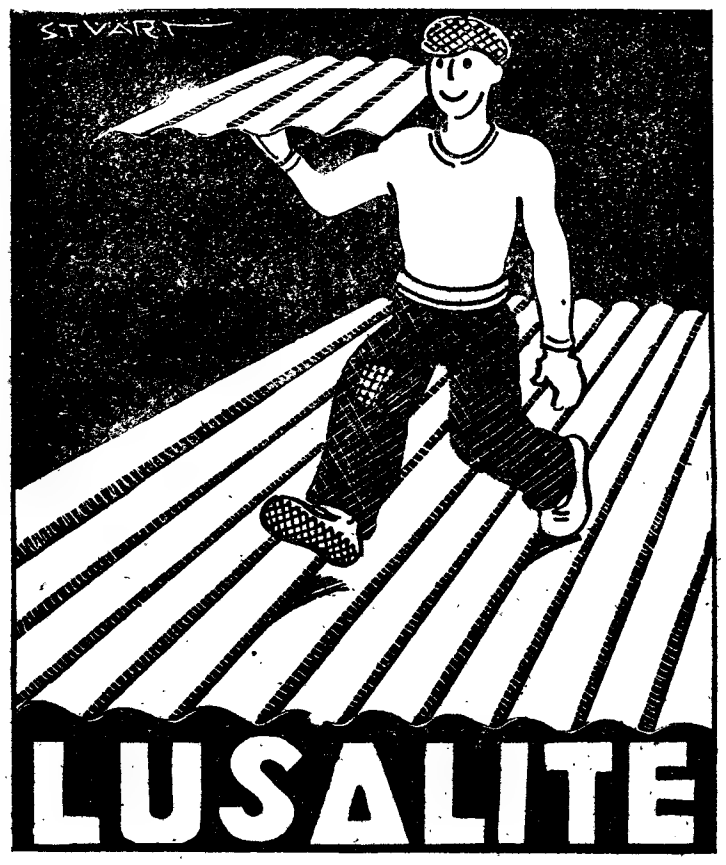
LEITE PARA AS CRIANÇAS

finlandesas e norueguesas

WASHINGTON, 6.—Cento e cinco mil crianças finlandesas receberão leite condensado durante três meses desta primavera, bem como 20.000 crianças norueguesas, durante quatro meses, segundo o programa estabelecido pela Cruz Vermelha americana, que prevê um auxilio de 5 milhões de dolares a esses dois países. A Finlandia receberá tambem outros produtos essenciais.—(R.).

EMBAIXADOR DE ESPANHA

No avião da carreira, seguiu hoje para Madrid o embaixador D. Nicolau Franco, a quem acompanhava o secretário da legação, sr. Florez Estrada. Aquele diplomata vai tomar parte numa grande caçada que se efectua ámanhã, na Serra de Gredos.



Corporação Mercantil Portuguesa, Ltd.
Rua S. Nicolau, 123 — P.B.X (2:091 29309
LISBOA

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

TRÊS NOCTIVAGOS—A'cercaa da noticia que, com este titulo, publicamente no passado dia 3, podemos acrescentar o seguinte: o funcionário corporativo sr. Eduardo Afonso Martins foi provocado por dois funcionários da Carris: um guarda-freio e um condutor, o primeiro dos quais lhe vibrou uma facada; para chamar a atenção da Policia aquele funcionário disparou um tiro; foram todos presos; e, depois de esclarecido o caso, o funcionário saiu em liberdade, o condutor foi afiançado e o guarda-freio ficou preso.

RAPAZES DA CIDADE

Por iniciativa da Junta de Freguesia de Belem, inaugurou-se hoje, o abrigo n.º 10 da Casa dos Rapazes da Cidade e Centro Extra-Escolar n.º 1 da M. P. instalados nas dependências daquela Junta, no Largo dos Jerónimos, n.º 3. A' cerimónia assistiu o sr. governador civil de Lisboa.

GRUPOS EXCURSIONISTAS

O grupo excursionista «Os Dez Entendidos» efectua ámanhã o seu 4.º passeio, visitando a Ericeira, onde haverá um almoço de confraternização.

Carlos Costa, Limitada

Para os devidos efeitos se publica que por escritura de 16 de Março de 1945, lavrada nas notas do notário desta comarca, dr. Mário Rodrigues, foi constituida entre Carlos de Carvalho Costa e António Antunes da Matta, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nas condições que constam dos artigos seguintes:

Primeiro—A sociedade adopta a firma Carlos Costa, Limitada, fica tendo a sua sede, domicilio e estabelecimento em Lisboa, na Avenida Gomes Pereira, cento e quatro B e durará por tempo indeterminado a contar de hoje.

Segundo:—O seu objecto é o comercio de representações e a industria de resinas, ou qualquer outro que a sociedade, por acordo unanime dos seus socios, resolva explorar e que seja de livre exercicio.

Terceiro:—O capital social é de vinte mil escudos todo realisado a dinheiro, com que os sócios entraram na Caixa da sociedade, e pa o qual cada um deles concorreu com uma quota de dez mil escudos, não ficando, porém obrigados a prestações suplementares.

Paragrafo unico:—Os socios poderão fazer á Caixa os suprimentos de que ela carecer nas condições que entre si estipularem e constarem da acta.

Quarto:—A cessão total ou parcial de quotas a pessoas estranhas á sociedade fica dependente do consentimento de quem mais for socio.

Quinto:—A gerencia e a administração dos negócios da sociedade ficam a cargo dos dois sócios, podendo ambos usar a firma e qualquer deles representam a sociedade em juizo e fora dele, activa e passivamente,—os gerentes não poderão obrigar a sociedade em actos de favor, nem em assuntos que não digam respeito directamente aos seus negócios.

Sexto:—Anualmente e com referência a trinta e um de Dezembro do respectivo ano, será dado um balanço geral, que deverá estar concuido e ser submetido á aprovação dos sócios, nos sessenta dias imediatamente seguintes.

Os lucros apurados, em cada balanço, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, e as mais despezas obrigatórias, serão divididos pelos socios na proporção das suas quotas e na mesma proporção serão supertados os prejuisos.

Sétimo:—A sociedade dissolve-se nos casos marcados na lei.— Em qualquer caso de dissolução, serão liquidatários os socios, seus herdeiros e sucessores e a partilha dos haveres sociais será feita como os interessados então combinarem e for de direito.

Oitavo:—No caso de falecer qualquer dos sócios, ou ser decretada a sua interdição, a sociedade continuará entre o sobrevivo ou habil e os herdeiros do falecido ou o representante do interdito, mas aqueles deverão fazer-se representar na sociedade por um só, de entre todos escolhido.

Nono:—Em tudo o omisso regularão as disposições legais aplicaveis e em especial as da lei de onze de Abril de mil novecentos e um.

Lisboa, 2 d Abril de 1946.

O Ajud do not.º Dr. *Mário Rodrigues.*

Luis da Sousa Rebelo

João Saturninoda Silva Peres Gonçalves

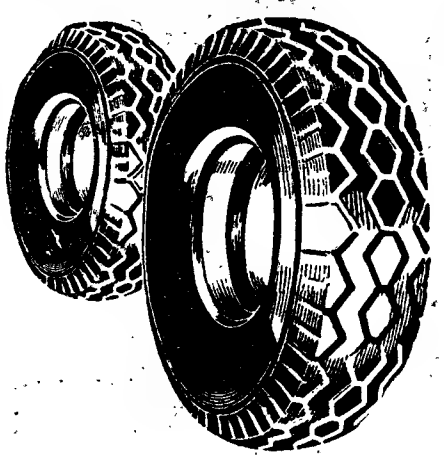
FALECEU

Eliza Amelia Cortês Santos Peres Gonçalves, Maria de Lourdes Santos Peres Gonçalves, Beatriz Santos Peres Gonçalves, José Avelino Santos Peres Gonçalves e mais familia cumprem o doloroso dever de participar o falecimento, de seu muito querido marido, pai e parente, e que o funeral se realiza ámanhã, ás 11 horas, da Rua Ferreira Borges, n.º 109, r/c., para o cemitério da Ajuda.

AGENCIA BARATA

MABOR

A MANUFACTURA NACIONAL DE BORRACHA, S.A.R.L., concessionária do fabrico de pneus e câmaras de ar, no dia da inauguração da sua fábrica de Lousado — Famalicão — tem a honra de dirigir-se ao Govêrno, para lhe exprimir o seu reconhecimento pelo auxílio oficial, recebido na realização do seu programa industrial; e ao País, para o saudar assegurando-lhe a sua disposição de suprir, em quantidade e qualidade, o consumo nacional.



Os «quatro grandes»

vão discutir rapidamente o pedido da Rússia

da curadoria sobre a Tripolitania

WASHINGTON, 6.—O pedido da Russia da curadoria sobre a colónia italiana da Tripolitania, no Norte de Africa, fará parte da agenda da reunião dos quatro grandes ministros dos Estrangeiros convocada por James Byrnes para o dia 24 de Abril, segundo se soube ontem nos círculos diplomáticos.

Esses círculos informam que se esperam em breve respostas afirmativas da França e da Grã-Bretanha, uma vez que esses três países já tinham concordado em que a conferência seria necessária para redigir os tratados esboçados.

Os mesmos círculos diplomáticos exprimem igualmente a crença de que outros pontos principais da divergência nas conferências dos adjuntos de Londres no que respeita ao tratado com a Itália seriam resolvidos talvez com facilidade, uma vez solucionado o caso da Tripolitania.—(R.).

A convocação oficial

da reunião

LONDRES, 6—O correspondente diplomático da Reuter escreve que a Grã-Bretanha aceitou o convite, anunciado pelo secretário de Estado norte-americano, James Byrnes, na noite passada, para tomar parte na reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros da França, dos Estados Unidos, da União Soviética e da Grã-Bretanha, que se realiza em Paris, no dia 25 de Abril. Isto foi anunciado hoje aqui oficialmente.

Se os quatro ministros dos Negócios Estrangeiros puderem desfazer o ponto morto a que tinham chegado nas minutas dos tratados de paz com a Itália, Roménia, Hungria, Bulgária e Finlandia, os seus delegados em Londres, há possibilidade de que a Conferência da Paz se possa realizar em qualquer dia do mês de Maio. Espera-se agora que os delegados dos ministros dos Negócios Estrangeiros podem assentar os seus pontos de vista sobre os tratados com a Bulgária, Hungria e Finlandia, como já o fizeram nos da Itália e Roménia. Os círculos bem informados de Londres crêem que poderão em breve ir para Paris, a fim de preparar o encontro dos seus ministros de Negócios Estrangeiros. — (Reuter).

O acordo russo-persa provocou uma sensação de alivio

LONDRES, 6—O correspondente em Teherão do «Daily Express» informou hoje, citando técnicos de petróleo na capital persa, que os homens e o equipamento necessário para a exploração dos novos campos de petróleo da Companhia Russo-Persa já se encontram em Tabriz esperando ordens de Teherão.

«Os engenheiros soviéticos fizeram nas províncias de Azerbeidjan, Mazanderan e Asterabad, durante os meses passados, pesquisas por toda a parte e marcaram os locais onde se encontra petróleo. Alguns poços já estão perfurados e basta carregar num botão para fazer chegar o petróleo á superficie», segundo me disseram, acrescenta o correspondente.

A maior parte dos jornais que comentam hoje o entendimento russo-perso, mostra satisfação por se ter realizado. O jornal conservador «Daily Express» classifica o facto de «um alivio e renovo de esperança». Mas o correspondente diplomatico do jornal trabalhista governamental «Daily Herald» diz: «Um definitivo do assunto e uma acção decisiva tem ainda de esperar por informações oficiais mais pormenorizadas».

O jornal «News Chronicle» escreve: «á luz desse tratado não será necessario ao Conselho de Segurança, na sua reunião do dia 6 de Maio, fazer mais do que notar que a disputa terminou. Se a Russia tivesse sido um pouco mais franca sobre o que estava fazendo, a crise da semana passada ter-se-ia muito fácilmente evitado».

O jornal liberal «Manchester Guardian» escreve: «Se a questão não pode ser fácilmente tomada como um modelo de conduta internacional, a sua solução é encorajante. Se a Grã-Bretanha, Russia e Estados Unidos se puderem pôr agora de acordo sobre a partilha dos recursos de petróleo da Pérsia e dar ao Governo persa o auxilio politico e economico que ele pede, uma das principais causas de suspeita entre as três grandes potencias será afastada para sempre».—(Reuter).

Cada um dos dois países cedeu um ponto

TEHERÃO, 6.—Nos circulos politicos persas a impressão dominante é de que o novo tratado russo-persa, ontem assinado em Teherão, entre Ghavam Sultaneh e Sadchiov, embaixador soviético, deu á Russia o petróleo que ela há tanto tempo vinha pedindo, mas salvou Azerbeidjan de se tornar uma provincia russa. Cada um dos dois países cedeu um ponto: a Persia aceitou a constituição de uma companhia petrolifera russo-persa, com maior percentagem de capital soviético, mas a Russia, por sua vez, anuiu em deixar de ter a menor interferência na provincia de Azerbeidjan, o que é muito importante.

Os observadores politicos são unanimes em afirmar que o primeiro-ministro persa jogou uma brilhante partida politica com a Russia e obteve o máximo das concessões que podia efectivamente obter.

Resta agora saber se o novo Parlamento persa aprovará ou não as clausulas para a constituição da companhia petrolifera russo-persa. A impressão geral é de que o Parlamento rejeitará a formação da referida empresa. Se assim fôr, não podem restar duvidas de que os russos auxiliarão ao máximo os democratas de Azerbeidjan e o partido esquerdista «Tudeh», de Teherão, para que possam levar a cabo um golpe de Estado.—(U. P.).

As negociações

para o novo tratado

anglo-egípcio

CAIRO, 6—O presidente do Conselho de ministros egipcio, Ismail Sidky Pashá, informou hoje que entregou para estudo, á delegação egipcia que tomará parte nas conversações para a revisão do tratado, a minuta do novo tratado anglo-egipcio, que substituirá o de 1936.

No Egipto há um sentimento geral de optimismo sobre o resultado das negociações anglo-egipcias, sobretudo devido á escolha das altas personalidades da delegação britanica, chefiada pelo secretario dos Negócios Estrangeiros, Ernest Bevin, o que convenceu os egipcios de que a Grã-Bretanha tenciona fazer qualquer coisa. Há, contudo, um certo perigo nesse optimismo, visto que os egipcios se estão convencendo agora de que os seus pedidos—incluindo a evacuação das tropas britanicas e a união do Sudão ao Egipto—serão concedidos, restando apenas determinar as datas. Diz-se aqui que o embaixador egipcio em Londres, Amr Pashá, teria declarado, depois da sua recente conversação com Bevin, que ficara optimista e convencido de que a evacuação seria satisfeita imediatamente.

Entretanto, a tensão na politica interna do Egipto, entre o Governo e o Partido Wafd (nacionalistas extremos), parece ter diminuido um pouco. Diz-se que Sidky Pashá teria sugerido a ideia de o Partido Wafd ter um observador nas conversações, na pessoa do secretário geral do Partido Wafd, Sabry Abu Alam Pashá.—(Reuter).

O IMPERADOR DO JAPÃO

vai perdendo a sua divindade

TÓQUIO, 6 — Tomou-se hoje uma medida revolucionária, no sentido da democratização da monarquia japonesa, com a publicação duma ordem, pelo Ministério da Casa Imperial, abolindo a obediência obrigatória perante os retratos do imperador do Japão. Pela primeira vez, podem ser vendidos ao publico os retratos do imperador para serem exibidos «em qualquer lugar próprio», em vez de estarem reservados em edifícios especiais.—(R.).

Truman vai dizer hoje

que os Estados Unidos se devem preparar militarmente

para a pior das contingências

WASHINGTON, 6—O presidente Truman partiu ontem á tarde para Chicago, onde assistirá hoje ás celebrações do Dia do Exército e ás 21 horas (T. M. G.) pronunciará um discurso acêrca da política externa dos Estados Unidos.

Os íntimos de Truman dizem que o presidente vai dizer que a paz e a segurança do Mundo através da O. N. U. é apoiada pelos Estados Unidos com todo o seu poder, e pedirá a pronta unificação das forças armadas norte-americanas num só departamento, o da Defesa Nacional e ainda o prolongamento do serviço militar por mais um ano, além daquele que termina em 15 de Maio próximo, e a adopção de um treino universal de maneira a preparar os Estados Unidos para a guerra, se esta infelizmente assolar de novo o Mundo—dirá Truman.

Truman preconizará que é absolutamente necessário que os Estados Unidos estejam militarmente preparados para a pior das contingências, pois será esta a melhor maneira de poder assegurar a paz no Mundo.

Segundo os íntimos do presidente, este ao referir-se ao Extremo Oriente, dirá que os Estados Unidos esperam que outras nações interessadas naquela área como a União Soviética, a Comunidade de Nações Britanicas e outras nações que têm importantes interesses a defender ali, reconheçam que a América do Norte tem o maior interesse em manter a paz e a segurança naquela área, visto que os Estados Unidos reconhecem também os interesses e os direitos dessas nações no Extremo Oriente.

Truman afirmará que os Estados Unidos fornecerão á Europa a maquinaria e as matérias primas que forem necessárias na base de pagamento a longo prazo, porque os americanos não desejam regressar á mesma espécie de estreito nacionalismo económico que envenenou as relações internacionais e destruiu o nivel do custo da vida entre as duas grandes guerras mundiais.

O presidente dirigirá um aviso solene ao Mundo, de que a rivalidade internacional, nas proximidades do Médio Oriente, se fôr permitida, poderá conduzir repentinamente a um vasto conflito armado.

Segundo as mesmas fontes de informação, Truman afirmará que os Estados Unidos estão preparados para ajudar ao máximo a reconstrução económica da Europa, porque os americanos sabem perfeitamente que a miséria económica em qualquer parte do Mundo é um terreno excepcionalmente fertil para fomentar e alastrar violentas lutas políticas.

Truman dirá ainda que os Estados Unidos não hesitarão em reduzir o consumo dos seus próprios géneros alimentícios, se tal medida se tornar absolutamente necessária para salvar a Europa da fome.—(U. P.).

A situação

da Grécia vai agravar-se com a demissão

de Damaskinos

LONDRES, 6 — O desaparecimento da cena politica, neste momento, do arcebispo Damaskinos, que pediu a sua demissão de regente depois das eleições de domingo, «agravará sem duvida a situação já muito crítica da Grécia», escreve o deputado Vernon Bartlett, no jornal liberal «News Chronicle». «O regente tem de qualquer maneira alguma influência em todos os sectores da opinião publica e os resultados da eleição não justificam de maneira alguma uma restauração imediata da Monarquia».

O apelo feito pelos partidos reunidos na EAM, aos Governos da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e Russia, para que as eleições sejam anuladas «não será certamente ouvido», e Bartlett continua: «Sobretudo porque os três Governos estão muito contentes porque o seu sistema de fiscalização evitou sérias desordens e não desejam arriscar-se a outro recurso aos eleitores, e o quarto Governo—o soviético—se recusou a intrometer-se na eleição».

A este respeito o correspondente em Atenas do jornal conservador «Daily Telegraph» escreve: «Sobre o espinhoso tópico da verdadeira proporção de abstenções «politicas», separadas das que se podem atribuir á morte, ausência ou indiferença, dificilmente qualquer relato de observador poderá satisfazer os gregos e o assunto fornecerá certamente terreno fértil para mais discussão acesa, durante meses ou mesmo talvez anos».—(R.).

O rei Jorge vai regressar

ATENAS, 6.—O arcebispo Damaskinos, que se demitiu de regente da Grécia, enviando um telegrama ao rei Jorge II, disse que até agora não recebera qualquer resposta do monarca helénico.

O informador oficial do novo Governo grego declarou, por sua vez, que o Partido Populista estava a empregar todos os esforços para convencer o rei Jorge II a ter tudo preparado para poder regressar dum momento ao outro á Grécia, mesmo antes da realização do plebiscito, que deve efectuar-se o mais depressa possivel.—(U. P.).

MAIS NAVIOS DE GUERRA

fornecidos á Turquia pelos Estados Unidos

NOVA YORK, 6—O «Herald Tribune» informa que muito brevemente os Estados Unidos vão fornecer á Turquia vários cruzadores e contra-torpedeiros de modelo recente e não unidades de guerra antiquadas e sem valor militar, assim como grande numero de lanchas-torpedeiras.—(U. P.).

Senhores fumadores

Experimentem os melhores mais suaves e aromáticos cigarros «OMAR». Diferentes de todos; mais caros na origem, vendem-se nas tabacarias a 7$00. Da categorizada «American Tobacco C.º.

Imp. Vi.ª Contreras & F.º

RETALHOS

de sedas, lãs e algodões grandes lotes em liquidação por preços fantasticos na Calçada do Sacramento, n.º 7, 4.º.

Ourivesaria Portugal

Uma garantia para as suas compras

ROSSIO, 122 (Esq. Rua da Betesga)

JUVENTUDE ASKIS

PRODUTOS DE BELEZA

Askis

Praia das Maçãs

Reabriu o RESTAURANTE-BAR do CASINO «MONUMENTAL»

Realizando-se Sábado de Aleluia jantar à americana, abrilhantado por excelente orquestra e variedades.

Desde já marcam-se mesas

Telef. Praia 33 ou 26084.

PRIMAVERA

Desenho inédito de JORGE BARRADAS

O aniversário do «*Diário de Lisbaa*»

Vinte e cinco anos de jornalismo

Vinte e cinco anos de actividade do «Diario de Lisboa» correspondem a um quarto de século da vida nacional e a outros tantos lustros da vida mundial. Todo o jornalismo de informação é um reflexo da vida que passou; sempre o melhor subsidio, a verdadeira crónica, o melhor guia da História, que um dia se fará. Não foi o «Diario de Lisboa» uma excepção, e nisto, como em tudo, o nosso jornal foi igual aos outros: narrou, reproduziu, comentou.

O que sucede é que, nisto de jornalismo, se põe maior ou menor dose de entusiasmo quando o «acontecimento» e o «homem» passam por nossas mãos. E' este o aspecto que queremos focar dentro do quarto de século de vida do nosso jornal; a sinceridade ardente da reportagem, a febre no improviso, a convicção na conquista da noticia e, ás vezes, do seu simples pormenor; a mocidade quando já se tem cabelos grisalhos; a noção do equilibrio e o sentimento da responsabilidade quando a cabeça é ainda jovem, e todas as audácias podiam ser toleradas. Não fizemos melhor ou pior do que ninguem; nem descobrimos novas fórmulas nem criamos nada de inédito, superior ao que fizeram mestres de jornalismo cujo nome o vulgo esqueceu—e nós não. Mas pusemos tanto ardor e desinteresse, tanta volupia de profissionais responsáveis e tanta alegria no nosso trabalho que, evocá-lo, não nos fica mal no dia em que o «Diario de Lisboa» celebra as suas «bodas de prata».

Deu o «Diario de Lisboa» aos acontecimentos e aos homens—que acontece sobreporem-se aos acontecimentos—, e ás ideias que dominam factos e individuos, todo o relevo que o seu reduzido formato lhe permitiu. Aqui houve cancela aberta para todas as ideias politicas, para todos os credos confessionais, para todas as doutrinas e teorias, dentro do campo politico, social, economico, religioso e moral. Respeitamos os governos e demos largas ás oposições, sem pelos primeiros sermos acusados de menos patriotas, e sem, pelos segundos, sermos acusados de serventuários de situações. A arte, a literatura, o teatro, a ciência—de um modo geral a cultura—contaram sempre connosco, para discutir, narrar, impulsionar e inspirar. Podemos somar por milhares, e não apenas centenas, os artigos e entrevistas «de momento» que os redactores desta casa realizaram, com maior ou menor projecção, e de cujo brilho não nos cumpre—nem interessa—ajuizar, mas apenas da sua boa fé e lealdade. Não pretendemos discriminar, nem sequer sintetizar.

Os movimentos politicos

Os grandes acontecimentos politicos, que apaixonaram o país, tiveram no «Diario de Lisboa» o seu grande eco: não nos custa dizer que as reportagens do nosso jornal foram procuradas, como imparciais, flagrantes e sugestivas, não apenas em Lisboa mas em todo o país. Para quaisquer deles deslocamos enviados especiais. Referimo-nos apenas aos principais: o 19 de Outubro de 1921, tragédia que nos foi possivel relatar em pormenores e em revelações que não desonrariam a melhor Imprensa do mundo. Foi esta a grande prova jornalistica dos redactores do «Diario de Lisboa».

A revolta dos aviadores (Junho de 1924), cheia de pormenores emocionantes até á rendição perante o general Bernardo de Faria, foi por nós relatada quasi hora a hora. O «18 de Abril» de 1925, movimento revolucionario que apaixonou o país, teve-nos sempre presentes, como jornalistas, e alguns de nós correram os riscos de que a mocidade se desprendia. Assim igualmente, o pronunciamento do «Vasco da Gama» e do «Dão» a 19 de Julho de 1925.

Foi, contudo, o 28 de Maio de 1926 do qual resultou a actual situação politica—o fulcro da reportagem jornalistica do «Diario de Lisboa»; para Braga, para o Porto, para Sacavem, para a Amadora foram destacados enviados especiais e fotografos, realizadas dezenas de entrevistas que esclareciam o publico, dando-se vasão ao pensamento de resistência do Governo constituido e ao dos chefes revoltosos Norberto Lopes acompanhou os acontecimentos desde Braga até Sacavém; Norberto de Araujo, Artur Portela, Felix Correia, Manuel Nunes, estiveram em Sacavém, no Entroncamento, na Amadora e noutros locais. Essas reportagens, e as entrevistas então realizadas, constituem subsidios para a história.

As revoltas do 3 de Fevereiro, no Porto, e do 7 de Fevereiro, em Lisboa, foram pelo nosso jornal acompanhadas hora a hora, em edições especiais, sem que o «Diario de Lisboa» deixasse de manter a linha de imparcialidade de que se orgulha—e que todos, aliás, reconheceram. A revolta da Madeira (1931), que, pela surpresa, não permitiu a ida ao Funchal de um enviado especial, está arquivada, a despeito disso, no nosso jornal, tambem como um subsidio. Um redactor do «Diario de Lisboa», porém, acompanhou as tropas que seguiram para o Faial. A revolta dos marinheiros no Tejo, a 8 de Abril de 1931, foi seguida por redactores nossos no forte de Almada e no do Alto do Duque.

As viagens presidenciais

Em Setembro de 1922 realizou-se a viagem presidencial do dr. Antonio José de Almeida ao Brasil, para a qual o nosso jornal deslocou um enviado especial, Norberto de Araujo, que durante um mês e meio transmitiu todos os passos dessa jornada, triunfo pessoal do Chefe do Estado português, cujos notáveis discursos pelo «Diario de Lisboa» foram reproduzidos. O eminente dr. Ruy Barbosa, já doente, concedera na sua casa do Rio de Janeiro (26 de Setembro) a sua ultima entrevista ao nosso enviado especial; foram talvez mesma as suas palavras as ultimas para o povo brasileiro, cuja Imprensa as transcreveu.

Em 16 de Outubro de 1929 partiu para Espanha (Madrid, Barcelona, Sevilha) o presidente da Republica sr. general Carmona, em visita precedida de um encontro na fronteira

(Continua na pág. 39)

Como se fundou e como se desenvolveu o «*Diário de Lisboa*»

Em principios de 1921 algumas individualidades das letras e do jornalismo «sonharam» fazer um jornal da tarde. Estas coisas começam sempre por uma simples conversa, que depois se desenvolve e se converte numa ideia que toma vulto se a vontade é firme. Não ia longe «A Capital», que, durante um grande período, constituiu um êxito da Imprensa da noite, e por onde passaram tantos jornalistas ilustres, alguns mestres de uma arte que pode ser de todos e não é para todos. Havia apenas—e este era o pensamento — que dar ao novo jornal um carácter acentuadamente literário, dentro dos moldes formais do jornalismo e imprimir-lhe um aspecto «mais moderno».

Vivia, também, ainda no espirito dos animadores da ideia a obra do jornal «A Manhã», que, num processo clássico de jornalismo, revelara algumas originalidades de forma, e havia quem evocasse «O Reporter», uma gazeta antiga que obtivera a compreensão de um publico escolhido. Tais seriam, salvas as naturais reacções do meio condicionado pela evolução da maneira profissional, os moldes do novo jornal. Era preciso «de inicio»—admitia-se—um apoio material; esse deu-o Antonio Vieira Pinto, menos confiado do que generoso. Foi escolhido para director o dr. Joaquim Manso, de quem se lê numa obra sobre Lisboa publicada há oito anos: «Advogado, professor e jornalista que reunia as qualidades necessárias de cultura e de isenção exigidas para um jornal da tarde republicano, independente de partidos e de facções, caracterizado por uma feição literária e por um sentido moderno de jornalismo».

As reuniões preparatórias realizaram-se num escritório forense da Rua do Carmo, 90, 2.º, onde também seria (que mal chegou a ser) a primeira sala de redacção. Foi escolhido o formato e a ele não foram alheios o jornalista Afonso de Bragança e o pintor Antonio Soares, o primeiro dos quais volitava á roda da ideia com a sua asa de talento, o dr. José Dias Ferreira, com o seu entusiasmo aliciante, Antonio Ferro, que principiava a sua carreira, e outros.

O jornal começou a compôr-se na tipografia Monteiro, Rua do Mundo, 57, hoje desaparecida, e onde também se fixou a redacção. Alvaro de Andrade secretariava a redacção, da qual, como redactores efectivos, faziam parte Norberto Lopes, Artur Portela, Afonso de Bragança, Antonio Ferro, Sarmento Duque, Tomás Colaço, Alves Martins, Costa Rosa, reporter, Nobre Martins (teatros), Carlos de Vasconcelos e Sá (mundanismo) e Manuel Rodrigues (tauromaquia); era considerada como redactora-colaboradora D. Fernanda de Castro, e eram colaboradores artisticos Antonio Soares, que desenhou o titulo do jornal, Almada Negreiros e Jorge Barradas, aos quais, mais tarde, se seguiram Francisco Valença, Stuart e Amarelhe.

Entre os primeiros colaboradores literários contavam-se Aquilino Ribeiro, D. Carlota de Serpa Pinto, D. Virginia Vitorino e D. Maria de Carvalho.

Miguel Martins era o chefe da tipografia, assistido, entre outros, por Manuel do Espirito Santo e Gabriel Duarte, três tipografos ainda hoje neste jornal e unicos da fundação. Administrador, pròpriamente, não o havia: Jorge Santos supria a função, e era guarda-livros, como ainda é, Mario da Silva Pereira.

Os primeiros numeros do «Diario de Lisboa» foram timidos dentro da audaciosa confiança; primeiros passos incertos e o publico—na espectativa.

Logo a 13 de Maio o novo jornal instala-se no edificio do jornal «A Patria», do dr. Nuno Simões, na rua do Mundo, 116, onde, desde 20 de Março de 1930 está a «Republica». No mês seguinte, Junho, entraram dois novos redactores, Consiglieri Sá Pereira, a 1, e Norberto de Araujo, a 15. Pouco depois veio Manuel Nunes.

Nenhum grande acontecimento agitara até então a vida portuguesa que pudesse pôr á prova a redacção de um jornal que tinha aspirações. Dá-se, porém, o 19 de outubro, e o «Diario de Lisboa» lança-se na grande reportagem: Lisboa tinha um jornal da tarde. Estava feito. Logo a 3 de Novembro—n.º 180—do ano da sua fundação o «Diario de Lisboa» instala-se no predio n.º 42 a 52 da Rua Luz Soriano, comprado em 24 de Setembro por Antonio Vieira Pinto, que tambem adquiriu em 14 de Maio de 1922 o prédio n.º 53 a 57 da Rua da Rosa, paredes meias com o primeiro. Mês e meio (8 de Novembro) depois de o jornal se instalar na Rua Luz Soriano constituiu-se a sociedade «Renascença Gráfica», como editorial proprietária do «Diario de Lisboa», da qual faziam parte o dr. Joaquim Manso, Antonio Vieira Pinto, Alfredo Vieira Pinto, e Pedro Bordallo Pinheiro, de uma ilustre familia de artistas, dr. Carlos Barbosa, devotado companheiro das primeiras horas, e Frederico Igrejas. Em 6 de Maio de 1924 a «Renascença Gráfica» comprou a Antonio Vieira Pinto os dois prédios onde o «Diario de Lisboa» instalara oficinas e escritórios, e onde realizara importantes melhoramentos. O jornal estava em casa sua! Tendo falecido prematuramente aquele que fôra a «alma mater» do jornal por haver tornado possivel a realização de uma ideia—o saudoso Antonio Vieira Pinto—sua viuva por escritura de 19 de Julho de 1929, confirmada em 23 de dezembro, passou a sua parte e de seus filhos ao dr. Joaquim Manso, Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordallo Pinheiro, que ficaram constituindo o grupo proprietário da «Renascença Gráfica», isto é: do «Diario de Lisboa». Pela infausta morte, a 6 de Fevereiro de 1942, de Pedro Bordallo—um dos maiores animadores do «Diario de Lisboa»—, entrou mais tarde para o Conselho de Administração, em representação da viuva e filha daquele nosso saudoso amigo, seu genro o dr. Guilherme Pereira da Rosa.

O numero de redactores do «Diario de Lisboa» foi crescendo logo a partir do ano seguinte ao da sua instalação na sede actual, Rua Luz Soriano: Felix Correia entrou em 9 de Abril de 1922, e Aprigio Mafra a 2 de Maio; Rogerio Perez em 2 de Abril de 1923; Santos Jorge, em 7 de Janeiro de 1924; Carlos Ferrão, em 2 de Janeiro de 1925; Mauricio de Oliveira, em 2 de Maio de 1929; Mario Neves, em 2 de Dezembro de 1931; Tavares da Silva, em 1 de Julho de 1933, José Ribeiro dos Santos, em 2 de Janeiro de 1943; D. Manuela de Azevedo, em 15 de Julho de 1945, e Denis Salgado (reporter fotográfico), em 1 de outubro de 1931. A'parte aqueles que a morte levou, e os que só transitoriamente passaram pelo «Diario de Lisboa», apenas hoje não fazem parte da redacção: Antonio Ferro, que poucos meses nos assistiu; Alvaro de Andrade, desde 1930; Aprigio Mafra, desde 1936, e Luiz Consiglieri Sá Pereira, que passou a colaborador. Trabalham em efectividade com a redacção em serviço exclusivo, D. Francine Benoit (critica musical); Xavier de Magalhães (informação teatral) e Alfredo França (colaboração).

Os serviços de administração e tesouraria são dirigidos desde Julho de 1937 por João Crisostomo de Sá, empregado já em 1926; os da tipografia, desde 1930, por Manuel do Espirito Santo, do quadro da fundação do jornal; os da revisão, desde Setembro de 1929, por Joaquim Lapa; os da gravura, desde Junho de 1936, por Henrique Franco; os de impressão e estereotipia desde 1938, por José Ferreira, e os do arquivo, desde 1931, por Alberto Feio.

O empregado mais antigo do jornal pode considerar-se a sr.ª D. Arminda de Vasconcelos, que já prestava serviços preparatórios administrativos dois meses antes do «Diario de Lisboa» começar a publicar-se.

O «Diario de Lisboa» não se publicou, por motivos extranhos á nossa vontade (não devido a qualquer greve) de 18 a 24 de Abril de 1925. Começou a circular aos domingos em 29 de Novembro de 1931.

Eis como principiou e como se desenvolveu o «Diario de Lisboa», jornal que logrou vencer mercê de uma congregação de esforços e de simpatias, ordenadamente e sem ambições que não estivessem na possibilidade do seu destino. Sem deserções assinaladas, o «Diario de Lisboa» trabalha hoje «com a mesma gente», pois os que vivem—e muitos já passaram aqui mais de metade da sua existência—guardam no coração a memoria dos que ficaram pelo caminho, os seus exemplos, a sua dedicação, tanta vez o seu sacrificio.

VIDA QUE SE VIVEU

Algumas recordações pessoais de jornalismo

A neta de Ruy Barbosa, a tolda do «Eagle» e duas memórias da Cidade Eterna

por **Norberto de Araujo**

Todos os jornalistas de todo o mundo têm na sua carreira centenas de pequenos episódios, de incidentes, de surpresas graciosas, quando não de audácias bem sucedidas, e que constituem o fundo anecdótico de seus trabalhos de reportagem. Dos trabalhos que cada um de nós realiza—seja de que natureza fôr—são, afinal, esses pormenores perdidos para o publico o que fica, na memória do jornalista, mais vincado: o facto capitular dispersa-se, dilui-se com o tempo. Acontece nós dizermos nas nossas memórias conversadas: sucedeu-me isto *mas já não sei* em quê.

O «isto» é que ficou.

E se todos conservam essas recordações, não faz mal, nem vem mal ao mundo, que nós evoquemos três ou quatro factos, muito pessoais é certo, mas que podem ter um certo interesse para o publico que tiver a benevolência de compreender o nosso amor profissional—o gosto de ter vivido, por si, certas coisas belas que «aconteceram um dia».

Mariazinha Augusta — neta de Rui Barbosa

O Norberto Lopes—que estivera meses antes no Rio—dissera-me em Lisboa:

—E' muito dificil falar com o dr. Rui Barbosa. Não recebe ninguém e muito menos jornalistas. Mas tu tenta...

Na meia tarde — 26 de Setembro de 1922, ano do centenário da independência do Brasil — deitei-me á Rua de S. Clemente, no Rio de Janeiro, e que hoje se chama de Rui Barbosa. Empurrei o portão do jardim daquele palacete, meio burguês meio fidalgo. Recebeu-me—o jardineiro, português de Viseu, que—aceitando-me como eu era, um simples jornalista—, com afabilidade de beirão me desiludiu logo:

—O sr. conselheiro não o receberá, porque não recebe ninguém (têm aqui vindo vários jornalistas estrangeiros), e, até, porque está doente...

Fiquei a admirar uma maravilha de rosas negras, aveludadas, e a ver o repuxo irisado salpicar a relva de um talhão de cravinas. Nisto, um homem descia a escada, apressado, e a olhar o relogio. Era o filho de Rui Barbosa.

—Meu pai não recebe. Eu queria ser-lhe agradável. Mas é inutil eu ir lá pedir-lhe. Esteve aqui o sr. presidente da Republica de Portugal: foi uma excepção.

E sumiu-se delicadamente. Voltei ao jardineiro.

—Eu não lhe disse, senhor? Está muito velho e fatigado.

E depois, a medo:

—Olhe: eu sei quem era capaz de o levar até ao sr. conselheiro. A menina... A neta. O avô não lhe recusa coisa alguma. A questão é falar-lhe. A «menina» deve estar a estudar.

E lembrou:

—Eu sou também o bibliotecário da casa. Posso autorizar a que suba; meta-se lá dentro, veja as lombadas, e entretanto, pode ser que a «menina» apareça, pela curiosidade de saber quem o senhor é.

Atravessei uma galeria livresca, ilustrada com estampas e quadros nimbados de espiritualidade. Passei a uma sala da biblioteca; tossi, tropecei numa cadeira. E não esperei muito tempo. A neta de Rui Barbosa surgiu.

—Temos avô!—confiei a mim próprio, ao encarar aqueles quinze anos frescos e amoráveis, infantis a mais não ser.

—Eu desejava ser recebido pelo Senhor Doutor, seu avô...

«Era impossível...». Ia-me guiando pelas salas da biblioteca. «O meu avôzinho está doente, e neste momento descansa. Mas mesmo que gozasse saude, não o receberia».

—Se a menina lhe pedisse... Eu sei que me pode ajudar. Seu avô, afinal, talvez goste de receber um jornalista português.

Aquela rosinha de toucar—sorriu, abanou a cabeça e confessou:

—Tenho medo que ele me diga «que não».

—A si?...

Fiquei, com um ar contristado, a olhar um retrato de Rui Barbosa, num grupo com o marquês de Soveral, Ivens Ferraz, Garcia Rosado, o dr. Alberto de Oliveira, o conde de Selir.

—Isso foi na Haia, na conferência de 1907. Tinha o avôzinho 58 anos.

E depois:

—Eu conheço muito bem Portugal pelos seus livros. O avô recebe muitos, e sou eu quem os abre e lê primeiro.

Aquela florinha de estufa, resguardada do sol e criada entre mimos romanescos—falou de literatura portuguesa. Camilo era-lhe familiar, nos comentários do avô. Recitou versos de João de Deus. Enfim: ensaiei despedir-me:

—Se eu pudesse ao menos passar pelo quarto onde está seu avô...

—Está numa salinha voltada ao jardim.

—Então—melhor para nós...

Mariazinha Augusta—assim se chamava a neta do Rui Barbosa—compreendeu a timidez da insistência:

—Bem... Dê-me o seu cartão. E agora... espere um bocadinho... assim—e mostrou o dedo «miminho».

Pouco depois eu estava diante de Rui Barbosa, ancião aconchegado entre almofadas de seda, voltado contra a luz que vinha da persiana aberta a deixar entrar um vago aroma a um tempo silvestre e doce, de cactus humidos e de baunilha. Magro, olhos tristes, adivinhei logo naquela face de uma tela que se diria do pincel mistico de Holbein-o-Velho, o homem que defendeu os escravos: o génio do Direito.

Mariazinha Augusta ajeitou melhor os almofadões—e a entrevista começou.

Está reproduzida no «Diário de Lisboa» de 16 de Outubro daquele ano:

—Tenho a minha acção terminada. Assinalei o meu destino, fazendo-me inscrever como o mais conservador entre os republicanos, conservador contra o radicalismo e contra o despotismo: as utopias revolucionárias e as usurpações administrativas. A minha divisa foi confiar nos mais fortes e servir os mais capazes...

No outro dia a Imprensa do Rio referia-se á entrevista—a visita durara uma hora e um quarto—que a «senhorinha» Maria Augusta conseguira arrancar ao avô para um jornalista que viera de longe, de chapeu na mão.

Vindo «das profundas do inferno»

A 21 de Junho de 1929 largou de Los Alcazares para a Terra Nova o grande hudro-avião «Numancia», comandado por Ramon Franco, e no qual seguiam também Gallarza (hoje general, e que há pouco nos visitou), heroi do «raid» a Manila, Ruiz de Alda, que se afamara com Ramon no «Plus Ultra», e o mecanico Madariaga. Do «Numancia» deixou de haver notícias: navios e aviões ingleses, espanhois, italianos, norte-americanos e portugueses sondaram o Atlantico. Sete dias depois eram oficialmente, de Madrid, considerados «perdidos os aviadores e o avião». Mas a 28 aparece a grande notícia: «O porta-aviões inglês «Eagle» recolheu a Sul dos Açores os aviadores espanhois, sãos e salvos. O «Eagle» segue para Gibraltar».

E no dia seguinte de manhã nós partiamos para Gibraltar, onde encontrámos 135 jornalistas espanhois e estrangeiros, alguns chegados de avião. Português, além de quem assina este artigo, lembramos—e com que infinita saudade! —Cristovão Aires, de «O Século», timbre de lealdade e dignidade profissional. Viera atrazado: trazia uma barba de náufrago e um optimismo reconfortante: «nós vamos dar «o banho» a estes jornalisticos»; era uma «broma» de prosápia, mas—ficou entendido.

O «Eagle» entrou no molhe no dia 2. Eu tinha um salvo-conduto especial—hoje no nosso salão de recordações—, que conseguira do comandante naval de Gibraltar; Cristovão também. Transportados em sete grandes «vedetas» até ao «Eagle», os jornalistas, fotografos e operadores cinematográficos tinham todos uma aspiração: entrevistar os homens, ouvir o relato do drama.

Sempre com Cristovão—então já reposto em «gentleman»—fomos metidos todos numa plataforma-elevador, que nos conduziu á pista de voo do «Eagle», ao alto, mas onde toda a gente ficou isolada dos náufragos e da oficialidade do navio. Os aviadores espanhois e os marinheiros ingleses ficaram em baixo num salão—a tomar vinho de Málaga, com o comandante Lawrence. E aquilo eternizava-se! Eram 11 horas; eu pouco tempo tinha de meu. Era, sem duvida, o unico jornalista com o «tempo a correr»; Cristovão segredava-me «estás tramado, rapaz». Talvez isso tivesse sido a minha estrêla...

Enervado, pois eu ia, por falta de tempo, «falhar aquilo», isolei-me na grande avenida que é a pista de um porta-aviões, e acerquei-me da balaustrada—não para me deitar ao mar, mas para me distrair, para ver «como aquilo é»: sai a pista um metro e tal fora do alinhamento do costado do navio. E vi—um cabo grosso pelo qual os marujos descem, a pulso, para os compartimentos de baixo. Durou isto—cinco segundos. Debrucei-me, atirei o chapeu para uma coberta lá em baixo, no intuito de ingenuamente «criar uma explicação», saltei o cordame, lancei-me ao tal cabo ensebado e—aí fui eu. (Ficaram-me as mãos em fogo). Uma vez na coberta inferior—onde passeava um marinheiro de ronda que não me viu surgir, pois ia de costas (aqui é que estava a «estrela» do jornalista), apanhei o chapeu, passei intencionalmente pelo marujo, a quem fiz subtil cumprimento—ao qual ele não observou coisa alguma—, meti-me ao acaso (pois como podia ser de outra maneira?) pelos corredores de aço do mastodonte britanico—e apanhei-me no salão onde estavam a oficialidade inglesa, as autoridades de Gibraltar e os quatro aviadores espanhois. Não sei que pensou o comandante Lawrence. Dirigi-me, sem respirar, a Ramon Franco, que eu conhecia de Lisboa, de uma reunião que com ele tivera, no Ministério da Marinha, na companhia do ministro, ao tempo, comandante João Belo, e do almirante Gago Coutinho. (Nessa reunião Gago Coutinho mostrara o seu sextante a Ramon, que não sabia pegar nele; e mais me lembro: Ramon Franco predisse que uma futura guerra seria ganha pelos aviões, «olhos dos navios»). Franco mostrou conhecer-me—o que me valeu na situação—, e as entrevistas, a correr, a correr, principiaram com Ramon, Gallarza, Alda e Madariaga, e não com o tenente Kilroy, o salvador dos aviadores, porque o meu inglês não chegava e o francês dele era muito vago. Durou aquilo ainda 20 minutos.

Depois meteram-se todos—e eu também—na plataforma elevador, que era descoberta, e aquilo começou a subir. Lá de cima, debrucado, Cristovão Aires viu-me surgir... «das profundas do inferno». Não havia dado pela minha falta! O seu espanto foi cómico e—glorioso: apresentei-o a Kilroy, e Cristovão, que falava o inglês como um «lord», tomou conta dele. Eu já nada tinha a fazer; desci no elevador que ia buscar mais gente—e sumi-me nos cais de Gibraltar, do lado oposto á cidade—que eu não conhecia—, e aproveitando o automovel, que a minha «estrela» me destinara, da linda filha do governador inglês de Gibraltar—a quem fiz em espanhol, é claro, um retrato de Kilroy que a apaixonou, meti-me a caminho do telegrafo inglês. Este serviço falhou por carência de autorização de Lisboa para eu telegrafar á «vara larga», e, em recurso, passei-me—eram 12 e 30—para Linea de la Concepcion, em Espanha, num «coche» cujos cavalos nunca andaram tão pouco nos dias da sua vida; dentro uma hora, por uma ligação especial que inventei, e foi acreditada, «Via Madrid—ordem de Primo de Rivera», estava na casa do telegrafo a comunicar com o «Diário de Lisboa», que—gracas ao entusiasmo dos redactores que cá ficaram (Andrade, Norberto Lopes, Portela e Felix)—apresentou duas páginas em cheio.

Eu passei com Cristovão Aires em Algeciras, uma noite admirável de camaradagem, por havermos recusado ir ao banquete de gala no Hotel Regina, ape-

NORBERTO DE ARAUJO

(Continua na pág. 40)

HAVAS

SINGEVERGA

ÚNICO LICOR PORTUGUÊS PREPARADO POR MONGES

POR DISTILAÇÃO DIRECTA DE ESPÉCIES VEGETAIS

AGENTE: SOCIEDADE LUSITANA DE REPRESENTAÇÕES
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 13, 2.º, FRENTE — LISBOA

HAUSER & FERNANDES, L.DA

Produtores, Fabricantes e Exportadores

CORTIÇAS — Prancha, Refugo, Aparas, Virgem, etc., etc.

Escritório:
Rua Augusta, 188 – LISBOA

Fábricas em:
Poço do Bispo, Centieira (Olivais) e Sines

Telefones: 2 1285 e 3 8167
Telegramas: CARFER-LISBOA

Codigos: A B C 5th e 8th Editions Rudolf Mosse Code e Bentley's

Banco Pinto & Sotto Mayor

Capital e Reservas Esc. 43:500.000$00

Sede: LISBOA

FILIAIS E AGENCIAS:

Porto, Braga, Chaves, Coimbra, Viana do Castelo, Viseu, Campanhã, Pombal, Povoa do Varzim, Regua e Santo Tirso

Banco Borges & Irmão

S. A. R. L.

CAPITAL E RESERVAS — ESC. 49:550.000$00

ENDEREÇO TELEGRAFICO «BORGIRMÃO»

LISBOA — PORTO

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

DOMINGUEZ & LAVADINHO, LD.A

PAPELARIAS nacionais e estrangeiras

TINTAS DE ESCREVER nacionais e estrangeiras

FABRICA de sobrescritos, manipulação de papeis de escrever e sacos de papel

PAPEIS QUIMICOS, lapis, artigos de escritorio e de desenho

SEDE: Rua da Assunção, 79 a 85 e Rua dos Sapateiros, 135 a 143
TELEFONES: 2 5201/02

FABRICA: Av. Casal Ribeiro, 18 a 24—LISBOA

PRODUTOS DE BELEZA

Marca **«SALOME'»**

— OS MAIS PUROS E MAIS PERFEITOS —

SABONETE «SALOME'»

Neutro, finissimo e de grande rendimento, discretamente perfumado com a essencia da flôr da **Acácia Mimosa.** Cada 4$50.

FARMACIA LIBERAL

Avenida da Liberdade, 213 a 221 (esquina da Rua Rosa Araujo)—**LISBOA**
Telef. 4 3641

Empresa de Sacos de Papel, L.da

Sede—Calçada S. Francisco, 29 a 37
Fabrica—Rua Poço dos Negros, 75 e 77

Completo sortido de artigos de escritorio, Especializada em todos os fabricos de sacos e carteiras de papel. Papelarias nacionais e estrangeiras
Papeis grossos, medios, finos e embalagens. Pedidos pelo telefone 2 4411

J. V. Feijó, Limitada

OURIVESARIA E RELOJOARIA

GRANDE SORTIDO EM JOIAS, PRATAS E RELOGIOS

Rua da Prata, 299 a 303
Rua da Betesga, 51 a 55

(Em frente da Praça da Figueira)

Telefone **21896** **LISBOA**

Dionísio Matias & C.ª (Filho)

Tel. 2 6576

Materiais de construção e cantarias — Tubagem de grés e seus acessórios, tijolos, telha de Marselha e Alhandra, cimento, pozzolana, areia, bacias, bidets e lavatórios nacionais e estrangeiros

ESCRITORIO: Campo das Cebolas, 12 - A

Armazens: CAMPO DAS CEBOLAS, D. M. F. — Beco dos Armazens do Linho, 3

ESCOLA **Automobilistica**

Preferida pela competencia dos seus técnicos

ESTAÇÃO DE SERVIÇO ESPECIALIZADA

Os melhores preços, e rapidez e perfeição em todos os trabalhos

O SÊGREDO DUMA ALMA

Como morreu Stefan Zweig

A verdadeira entrevista do grande evocador de Maria Antonieta

por **Artur Portela**

Zweig, á sua passagem por Lisboa, falando com Artur Portela

Vinha de longe açoitado pela tempestade. Vagueára pela Europa á procura de um refugio, mas já não havia uma fronteiria de pé, uma cidade intacta. Ouvia-se, apenas, através da terra em chamas, o martelar duro dos exércitos de invasão. Então, sentiu-se perdido, folha seca arrastada por uma torrente invencivel. Correra a Paris, mas bem depressa a teve de abandonar, sentindo o ressoar cavo dos exércitos de leste, que, incessantemente, marchavam pelas estradas convergentes. Conseguiu apanhar o ultimo avião que, de Bourget, entre luzes epagadas e o uivo sinistro das sirenes, levantara voo para Londres. Mesmo ali a metralha rugia. Nocturnamente, rasgavam-se na cidade crateras de fogo. A morte chegava, anonima e cega, para este ou aquele, indiferentemente.

Então, voltando costas á Europa, renegando-a, Stefan Zweig partiu para a ultima cidade do continente, onde as luzes brilhavam ainda.

A convulsão começara. Os seus olhos humanos negavam-se, porém, a ver o tetrico esplendor da catastrofe. Ele não seria um criminoso. Fôra á pressa que se evadira da Austria, não trazendo um livro, uma «valise», a mais insignificante recordação da sua querida Salzburgo.

Era o «amok» alucinado da guerra. A Europa a pique. O crime na ponta das baionetas.

O sol era uma mentira na cenografia azul da Natureza. Os homens haviam-no pintado de sangue. Em Viena, no romantico parque de Schoebrunn, os cisnes friorentos morriam com as primeiras neves do outono. Então, Zweig, cobrindo o rosto desvairado, com as mãos, no pudor humano de tanta atrocidade, escondeu-se num cantinho de luz e de flores de uma praia do ocidente. Em frente, o mar muito brando arfava, voluptuosamente, corpo doirado de mulher, que se tivesse perdido e adormecido, nos braços do amante—esta terra morena e cálida, que a sabe beijar tão bem.

Refugiara-se, fechando a porta a todas as indiscrições. Dera, no hotel, um nome falso, e ali esquecido, tremendo ainda num frémito de horror, parecia renascer suavemente, desta Europa violada e espezinhada.

Quando lhe falámos no terraço do hotel, numa maravilhosa manhã de estio, Zweig fugiu á identificação. Era dificil. A sua cabeça, demasiadamente conhecida, andava a premio no pelourinho do exito literário. Mas bem depressa a nossa voz encontrou na sua alma, uma ressonancia de simpatia. O seu sorriso iluminou-se de confiança. De repente, porém, vimos esvoaçar-lhe dos olhos uma asa de inquietação, sombra tremula de Nemézis que, roçando-lhe a fronte de marmore, naquele mesmo instante a marcasse de um estigma singular de desespero e de gloria.

As mãos, belas e nuas, eram, como as do jogador que ele modelara no pano verde da roleta, electrizantes e tentaculares, lutando, incertamente, contra o destino dos numeros. Ardiam!

Em baixo, no silencio do jardim, entre as bugainvilas em flor, tontas de luz, um chapeu de palha de Itália espiava-nos, avidamente. Oculta entre os arbustos, toucada daquele girassol doirado, que lhe sombreava o rosto, aquela mulher alta, de vestido flutuante, era, talvez, o tragico fascinio coroado de Maria Antonieta, que o mestre do amor tão apaixonadamente evocara.

De resto, o seu talento merecia bem uma rainha! Aquela ou outra!

Ficamos os dois perturbados. A presença do amante era uma confidência excessivamente intima. Tão tarde já na sua existência e a primavera ali, na expectação ardente do desejo renovado! Era preciso distrair, desviar o intruso; enconder-lhe o tesouro magnifico daquele maravilhoso jardim de Aladino. Foi, apenas, um relampago de deslumbramento, de inquietação carnal!

Falámos-lhe da Europa doente, de tudo quanto já desaparecera—e era tanto!—em poucos meses de guerra.

Zweig, finalmente, reagiu. A ferida estava aberta, e o sangue gotejava, corria, daquela consciencia viva e amargurada, sem ser possivel estancá-lo.

—Perdi tudo! Talvez a minha obra, o que há de banal e material na gloria, e até o nome que todos nós trazemos á vida! Do passado, resta-me, apenas,—sorrindo—a alma encantadora de Viena, naqueles olhos azues que o espreitam, como um passarito trémulo, lá em baixo, no jardim.

Debruçamo-nos. A desconhecida desaparecera. Dela ficára, sómente, como uma oferenda enamorada, o chapeu de palha de Itália, com duas rosas vermelhas pousadas em cima.

—Não voltarei á Europa! Agora sou apenas um emigrante de terceira classe que embarca no ultimo navio que larga do continente. Quando atravessar o Atlantico, já no mar do Novo Mundo, rasgarei o meu passaporte! Serei um desconhecido na America!

—Talvez que do outro lado do mundo, a vida ainda possa ser revivida...

—Eu, o senhor, meia duzia de almas, que ainda possam sobreviver, somos como naufragos de uma jangada, atrozmente carregada! Acredite, desta vez não é como nos romances: não abordaremos á ilha azul do paraiso!

—Desceremos mais fundo, para subirmos mais alto depois!

—Não creio! Uma a uma foram-se apagando as estrelas no ceu do velho mundo! De resto, já não eram tantas como há milénios. Brilhavam, talvez, mas já não existiam!... Voltamos á caverna, ao olho por olho da lei de Lynch, ás torrentes de sangue das invasões medievais. Cada cidade é uma Jerusalem destruida! A mãe Europa, que gerou todos os outros continentes, todas as outras civilizações, esvai-se, cambaleia!... Mutilaram-lhe a matriz da vida! Já não é um corpo, mas um cadaver insepulto!

—A America transfundirá o seu sangue, a sua juventude, nas veias exangues da velha Europa!... Tudo pode renascer...

Amargamente:

—Nem tudo! Os anjos negros, que revoluteavam no ceu, cairam sobre esta terra esqualida e tão martirizada que nem a propria beleza já a pode fecundar!

—Talvez outra geração resgate a nossa?

—Qual, a da maquina, a do canhão, a da força? Veja como não floresceu um santo na nossa época e como convertemos o marmore divino no cimento industrial. Veja ainda como as cidades se transformaram em necrópoles de cinzento!

—Ficamos nós para...

—Os degredados filhos de Eva! A tunica branca da paz, que cobria a humanidade, embora esfarrapada, ainda era uma esperança. Olhe para o que lhe fizeram! Manchada de sangue, de crimes, de inomináveis gangrenas!

Estremeceu violentamente. As mãos, febris, contraíram-se numa muda e dolorosa imprecação.

—Hitler é o Anti-Cristo! Fixe bem aqueles olhos brilhantes, agudos de mal, aqueles dedos que, nas arengas, parecem estrangular a vida, aquele facies diabolico, e diga-me se Lucifer não desceu á terra! E' o seu reino de maldição. Abriram-se as gehenas do odio! Vomitam fogo!

—Condena-nos, então, irremediavelmente? O que nos fica?

—Muito pouco! Está-se destruindo muita coisa bela que o homem não poderá recuperar. A confiança, o amor, a ternura, o grato prazer de sorrir. Tudo escravizaram, proibiram!... O nazismo odeia-nos, odeia Viena, que já era história secular quando Berlim não passava de um pantano—Viena, o sal da terra, a mais bela, a mais feminina mulher de todas as cidades do mundo!

E cada vez mais amargo, calcinado de desespero, o grande europeu que, numa torrente magnetica, parecia falar para além de nós, com os seus fantasmas, prosseguiu:

—Tudo quanto afinal escrevemos foi inutil, ou estava errado! Não fizemos recuar a barbarie, um metro sequer! Ela volta, ciclica e implacavelmente!... Platão, Socrates, Goethe, Shakespeare, a sua obra e o seu genio ardem, nas praças publicas da Alemanha, num carnaval trágico de labaredas! Não foram os conquistadores, mas nós, os poetas, que engrandecemos o mundo! A eles, resta destrui-lo. E' o que estão fazendo!

Uma dôr imensa parecia despedaçar agora aquela alma torturada de confissão. Foi num grito, apelo suplicante, que nos disse ainda.

—Quando ressuscitaremos dentre os mortos? Nunca mais, humanamente!

Era o De Profundis. *Não foi esta a entrevista que escrevemos. A outra inventámo-la, cerimoniosa e mundana, peça a peça, como na despedida de um «divo», que ainda se volta, banal e fotogénico, sorrindo á multidão, que o aclama no cais.*

O coração da Europa deixára de bater no peito daquele homem!

* * *

Mas ela era o seu veneno, a sua perdição! Quando chegou ao Rio, a America não o deslumbrou, esmagou-o. Tudo aquilo era voluptuoso e ardente. Muito tenso de energia para a sua sensibilidade debil, e doente. Começou, então, a sua agonia fisica. Ao contacto daquele clima, a amante parecia-lhe mais bela e diferente. Ele beijava uma nova mulher, que lhe sabia a perfumes, a flores, á terra cálida do Brasil. Nunca estátua foi mais bela e carnal, oferecendo-se á divagação dos seus sentidos. Respirava-a, tocava-lhe, tacteava-a, mergulhava os lábios naquela bôca, como entre os estames de uma anemona, retirando-os, inertes e frios, num fétido sabor de cinza. A selva, com os seus cancros monstruosos de massas arborescentes, invadia tudo, excessiva e exuberante. Os cactus, apunhalados, abriam-se em petalas sanguinolentas. As palmeiras de braços arqueados, mãos sobre a nuca, dançavam ao vento uma rumba creoula, e o mar, a deusa yemanja, não era negro e espesso, como o da Baia, nem a safira falsa do Mediterraneo. Era sinfónico, cada vaga um corpo de mulher, cada braço um violino, ou uma flauta encantada, gigantesca orquestra oceanica que Stolposki, invisivel, parecia reger com a sua sombra imensa. Nos rochedos ficavam as estantes dos violoncelos, côro baixo de ressacas e de espumas. E vinham as ondinas, com liras de prata, nas grandes noites estagnadas de luar dormente, dedilhando os extases harmoniosos e profundos de uma czarda tzigana ou o Peer Gynt do divino Grieg. Na sua cazinha de Petropolis, Zweig resvalava para a morte. Sofria daquela branca imaterialidade de amor. Perturbava-se ao tocar-lhe, cada vez mais distante, mais intangivel! Abria as janelas ao azul coruscante das pedrarias da noite. E tudo, o ceu, a terra, o oceano eram outras tantas imagens da nudez maravilhosa dos corpos desmaiados de paixão. Em frente, na baia, o mar parecia um ventre turgido de mulher, numa parabola perfeita de marmore. Se já não sabia amar, para que lhe servia viver?

A queda, então, foi rápida! A morte que, com a sua asa inquieta lhe aflorára a fronte, numa manhã doirada de estio, em Portugal, feriu-o, convulsivamente. Uma tragedia de meses, que se resolve em vinte e quatro horas. As duas almas estavam nuas, frente a frente—nuas e implacáveis.

Quando lhe disse a grande resolução, ela compreendeu-o logo. O escritor queimou ainda num fogãozito os ultimos papeis. Nada ficaria para espólio. O que andava pelo mundo pertencia ao mundo. Os dois, lentamente, num beijo gelado, esvasiaram, então, até á ultima gota, a taça sombria do esquecimento.

—Irene! Irene!

Já não lhe respondeu! Ouviu-se um frémito, depois as asas negras e pesadas de um urubu cairam no silencio do jardim. Era a morte que chegava. Musica ao longe, mas vaga, indistinta... a ultima valsa de Viena.

Zweig cessára de existir!

ARTUR PORTELA

RENASCENÇA GRÁFICA
S. A. R. L.

Relatorio e Contas do Exercicio de 1945
Aprovado em Assembleia Geral
Ordinária em 21 de Março de 1946

Relatório do Conselho de Administração

Ill.mos Srs. Accionistas:

Ao apresentar o Relatório e Contas do exercício de 1945, submetendo-o ao são critério e elevado espírito de análise de V. Ex.as, não podemos deixar de manifestar-lhes a nossa fé nas prosperidades da Empresa, embora os resultados do exercício se mostrem aquém das suas possibilidades.

O facto de terem terminado as hostilidades da maior hecatombe que a história registou, não significa, infelizmente, que se extinguiram, com elas, as mil dificuldades e encargos que assoberbam esta industria; pelo contrário, sem desejarmos ser péssimistas, julgamos, até, que se agravaram

Nesta convicção procurámos ser prudentes na administração do nosso património, precavendo-o contra possiveis agravamentos, dado o ambiente de incertezas e de duvidas existentes desde o fim da guerra.

E' com verdadeira satisfação que manifestamos o nosso muito reconhecimento a todos os membros do Conselho Fiscal, que sempre nos acompanharam com o seu sábio parecer na solução de problemas de interesse da Empresa

Assim ,temos a honra de propôr:

que seja testemunhado ao digno Conselho Fiscal o nosso reconhecimento pela assiduidade e interesse com que acompanhou a marcha da vida social, exarando-se na Acta um voto nesse sentido:

que, da mesma forma, fique exarado um voto de louvor a todos os nossos redactores, pessoal da administração e oficinas, correspondentes e agentes, pelo muito que fizeram para engrandecer, valorizar e expandir as publicações da Empresa.

Lisboa, 31 de Dezembro de 1945.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
(aa) *Dr. Joaquim Manso*
Alfredo Vieira Pinto
Dr. Guilherme Pereira da Rosa

BALANÇO DE 1945
ACTIVO

Acessórios e tipo	20.000$00
Armazens gerais	440.375$11
Caixa	86.150$59
Cobranças duvidosas	15.079$33
Depósitos em Bancos	43.102$89
Devedores gerais	366.474$21
Edificios e propriedades	35.000$00
Letras a receber	5.000$00
Máquinas	287.000$00
Móveis e utensilios	36.330$00
Valores á cobrança	308.741$28
	1.643.253$41

PASSIVO

Capital	200.000$00
Credores gerais...	844.975$17
Fundo para aquisição de acções...	68.262$48
Fundo de reserva	39.296$37
Ganhos e Perdas...	37.877$86
Reserva para cobranças duvidosas	15.079$33
Reserva para renovação de material e máquinas	437.762$20
	1.643.253$41

Conta de Ganhos e Perdas

Saldo da conta Edições	420.924$97
Saldo da conta Juros e Descontos	317$66
	421.242$63
Gastos Gerais, Ordenados, Contribuições, Seguros, Expediente, etc.	383.364$77
Saldo do Exercício	37.877$86

O Guarda-livros—(a) *M. da Silva Pereira*

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
(aa) *Dr. Joaquim Manso*
Alfredo Vieira Pinto
Dr. Guilherme Pereira da Rosa

Parecer do Conselho Fiscal

Ill.mos Srs. Accionistas:

Tendo acompanhado, como nos competia, a marcha da vida da Empresa, constatámos, no decorrer do exercício, que o Conselho de Administração zelou e geriu com inexcedivel prudência e perfeito tacto administrativo toda a nossa vida industrial.

Os resultados que vos são apresentados não correspondem, em verdade, á soma dos esforços despendidos, mas consideramos que, com as medidas adoptadas pelo Conselho de Administração, em face da situação presente e as incertezas do futuro, se encontram acautelados os legitimos interesses da Empresa e, com eles, os de todos V. Ex.as.

Em face do exposto temos a honra de propor:

que seja aprovado o Relatório e Contas do Conselho de Administração;
que, não tendo o Conselho de Administração proposto a aplicação a dar ao saldo da conta de Ganhos e Perdas, ele seja distribuido em conformidade com o preceituado nos nossos Estatutos;
que seja aprovado um voto de muito reconhecimento ao Conselho de Administração pelo zelo, competência, honesta e prudente administração demonstrados

Lisboa, 31 de Dezembro de 1945.

O CONSELHO FISCAL
(aa) *Dr. João de Barros*
Camilo Farinhas
Dr. Manuel Barbosa

Sociedade de Construções Amadeu Gaudencio
LIMITADA
Construções Civis
Carpintaria Mecânica
Arquitectura — Engenharia
DIRECÇÃO TECNICA
Engenheiros: J. Belard da Fonseca e L. Faria Maia—Construtores Amadeu Gaudencio e Henrique Gaspar
Escritorio e oficinas: Rua dr. Alexandre Braga
Telefone P. B. X. 4 3191-4 3192 — LISBOA

PREFIRAM SEMPRE
Collares
V. S.
VISCONDE DE SALREU
D. J. SILVA, L.DA
T. 47154 — 33, R. Rodrigues Sampaio, 35 — **LISBOA**

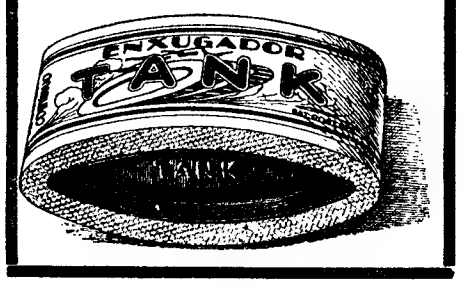
FÁBRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS
CHAPAS ESMALTADAS-SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR
E. E. de Sousa & Silva, L.da
Casa fundada em 1819—Telefone 2 7915
GRAVURAS EM TODOS OS GENEROS
DATADORES E NUMERADORES, EMBLEMAS PARA SPORT, ETC.
ARTIGOS PARA ESCRITORIO E DE NOVIDADE
BORDADOS DA MADEIRA
157-159, Rua do Ouro — *LISBOA*

Mármores e Cantarias de Pero Pinheiro—Estremoz, L.DA
PEDREIRAS—SERRAÇÕES—OFICINAS
em Pero Pinheiro Telef. P. P. 55
Cantarias para todas as obras. Mármores de todas as qualidades. Jazigos Campas—Esculturas, etc.
Escritorio—Lisboa—Praça dos Restauradores, 65, 1.º Telef. 24184

Carvão para gasogénio
Casa dos Condutores de Automóveis do Sul de Portugal
(S. C. R. L.)
Telef. 40202—RUA PONTA DELGADA, N.º 21 A 27—LISBOA
Posto n.º 43 — Com. Reg. Com. de Carvões
Em sacos de papel com 16 quilos de carvão preparado

Secção de Tipografia, Encadernação e Pautação—Trabalhos simples e de luxo
PAPELARIA CAMÕES
de AUGUSTO RODRIGUES & BRITO, LD.a
Tintas de óleo, aguarela e desenho das marcas: Lefranc, Winsor, Pelikan e Schmincke
Telef. 23063 42 — Praça Luiz de Camões — 43 LISBOA

SHEFFIELD HOUSE
CASA ESPECIALIZADA EM CUTELARIA FINA
Sortido completo de artigos para barbeiro, cabeleireiro e manucure—Grandioso sortido de tesouras para todos os usos
Canivetes de Rodger e outras marcas
INTRODUTOR E VENDEDOR EM PORTUGAL
há 30 anos das afamadas navalhas de barba suecas
«C. V. HELJESTRAND»
Manuel António Fernandes (Herdeira)
26, R. Garrett—Lisboa Telef. 2 8824

TANK
O ENXUGADOR IDEAL PARA ESCRITA
Prático, elegante e, sobretudo,
ECONÓMICO
EXIJA NO SEU FORNECEDOR


Chapelaria da Moda
Fundada em 1885
32—RUA GARRETT (Chiado), 34
Telefone 22877—LISBOA
GAGEAN, LD.a
Chapeus e «bonets» para homem do melhor fabrico e dos mais recentes modelos.
«Bonets» para oficiais de marinha

PRATAS D'ARTE
Fornecedores da Casa Real de Espanha
A. L. DE SOUSA, L.DA
16, RUA DA MISERICORDIA, 18
(Antiga Rua do Mundo)
LISBOA
Telefone 2 2662

OFICINAS
de Encadernação, Pautação e Dourador
Raúl Augusto da Fonseca
Executam-se trabalhos simples e de Luxo—Livros em Branco para o comercio
CASA FUNDADA EM 1918
Rua Luz Soriano, 68—LISBOA
Orçamentos grátis

Domingos Dias Junior
Com 100 anos de existencia
Calçada do Combro, 20—LISBOA
Executa com perfeição qualquer trabalho em Joalharia, Ourivesaria, Prataria, Relojoaria, Aparelhos de precisão. Grafonolas, etc. etc.

AOS NOIVOS
Quere V. Ex.a um magnifico lanche para o seu casamento?
Veja os «menus» da BIJOU DO CALHARIZ, que os fornece a preços comodos.
2, L. DO CALHARIZ, 3
Tel. 2 3167

Página inédita de um prefácio

Encontro com Salazar

por **António Ferro**

A página inédita de António Ferro, que publicamos a seguir, é extraida de um longo prefácio escrito para o seu livro sobre D. Manuel (crónicas e entrevistas) a aparecer brevemente, edição da Casa Bertrand, e em que o seu autor aproveita a oportunidade para fazer a historia da evolução das suas ideias politicas.

São bastante conhecidas as circunstancias em que me avistei com Salazar, pela primeira vez, para que alongue este prefácio, que ainda precisa de muitas páginas, com pormenores que devem estar na memória de todos. Bastará lembrar que foi com bastante petulancia, até com certa incredulidade, que me aproximei de Salazar que só muito dificilmente condescendeu em receber-me. Fôra já tocado pela verdade que se desprendia da figura de Sidónio, experimentara já a eficácia da palavra *chefe* no meu contacto com Filomeno da Camara, ajudara a preparar o caminho que conduziu o meu antigo comandante á chefia do 18 de Abril, acompanhara os primeiros passos do general Gomes da Costa depois da sua revolução triunfante, mas tinha-me lançado, ao mesmo tempo, nas grandes aventuras do jornalismo, nas grandes reportagens internacionais, na caça dos «grandes homens» que, tantas vezes, me pareciam pequenos, mesquinhos homens... Quanto trabalho não me davam, na verdade, para lhes esconder, por vezes, as deficiências, as mazelas, as vaidades ridículas, as atitudes cabotinas e postiças...

Dirigindo-me a Salazar, apesar do seu prestigio nascente, apesar do seu conhecido horror á multidão, eu continuava armado, por teimoso hábito, por velocidade adquirida, daquele cepticismo petulante pelo qual eram responsáveis esses *falsos* grandes homens cujo brilho aparente, cujo prestigio superficial algumas vezes me tinham iludido. Mas bem depressa me arrependi do meu ceptismo interior e da minha petulancia exterior. A seriedade de Salazar, a *séria* seriedade de Salazar desarmou-me por completo. E' que não encontrara nunca, na minha carreira, de entrevistador internacional, aquela profunda simplicidade de maneiras, aquela clareza de pensamento e de forma, aquela alta objectividade no encontro da palavra justa, aquela mistura tão harmoniosa, tão perfeitamente equilibrada, de misticismo e realismo. Desta vez, sim! Ausencia absoluta dos velhos truques, das velhas e sediças poses peculiares aos «grandes homens» profissionais: gestos, ademanes, frases históricas, silêncios oportunos, para deslumbramento fácil de jornalistas inexperientes. Confesso até que cheguei a sentir-me logrado, roubado, nos primeiros momentos, com essa falta de cenário, de moldura, diante desse chefe á paisana, sem farda, sequer, de *grande homem*...

Mas bem depressa compreendi, liberto dos meus preconceitos e hábitos de jornalista *à sensation*, que tal absoluta seriedade que se manifestava na sua própria maneira de trajar, na sua voz, até no seu perfil era a sua originalidade, a sua maior fôrça sobretudo numa época em que todos os homens usam máscara e, poucas vezes, rosto...

A seriedade, a sua transcendente seriedade, foi, pois, a primeira silaba de Salazar que consegui soletrar, decifrar. A segunda foi a elevação continua do seu pensamento, o seu constante pairar por cima das fraquezas e das misérias humanas, o seu amor das ideias, aparentemente para além do amor dos homens mas por amor dos homens. Não encontrei nunca, na verdade, até hoje, nenhum ser humano em contacto com a vida e compreendendo-a (ia a dizer, sentindo-a), que mais se despegasse de tudo, das ambições mais inofensivas, dos prazeres mais inocentes para se dedicar, unica e exclusivamente, á sua missão, ao sacerdócio da sua patria, tão concentrado nos seus altos designios que chega a parecer-nos, mais do que um homem que pensa, um pensamento que teve de se corporizar, de se humanizar, de ser vida e acção, para ser util, para servir...

Mas assim como a sua seriedade não exclue a sua profunda compreensão da alegria, tal como afirmou num celebre discurso, a sua constante elevação, a sua integridade moral, que inspiram confiança aos próprios inimigos, não excluem tambem o sentimento do real, do possivel. Quanto á sua apregoada frieza podemos considerá-la a mascara, o *couvre-feu* do seu calor interior, da sua fé ardente tal como a sua timidez não é mais do que a escola intima da sua energia lenta, de evolução morosa, por vezes, mas implacável. Desta forma, emquanto outros chefes, outros condutores de povos, vivem do seu perfil, da sua aparencia, da sua inflamação, Salazar vive da sua própria verdade, do seu conteudo, da sua normalidade. Simplesmente, essa normalidade constitui a grande, a genial anormalidade do seu caso, parafraseando Bernard Shaw quando afirma que as pessoas normais, absolutamente normais, são muito mais raras do que as anormais. A' formula de Mussolini «Viver perigosamente», em que êste não pode equilibrar-se, Salazar opôs aquele programa breve, menos teatral e mais realista, que expôs a Henri Massis «Viver habitualmente...». Ainda me recordo, por exemplo, quando alguns dos seus adeptos lamentavam (eu também, entre eles, algumas vezes...) que Salazar não se exteriorizasse, que fôsse tão sóbrio de gestos... Esses devem ser agora os primeiros a verificar (sem diminuição de apreço pela figura histórica de Mussolini) que era Salazar, respeitado hoje por gregos e troianos, com sérias probabilidades de sobreviver ás catastrofes da guerra e da paz, quem estava na verdade, talvez não na verdade efemera dos homens e das suas paixões mas na verdade transcendente dos fins superiores da vida.

Não se julgue, aliás, que a formula de Salazar («quero levar os portugueses a viver habitualmente») seja a tradução de um ideal cómodo, burguês, limitado. Para que o homem ganhe a paz da sua consciência muito tem de lutar consigo mesmo, para que possa chegar a viver *habitualmente* precisa de vencer, primeiro, os seus fantasmas, os seus dragões... E não há nada mais apaixonante do que as grandes batalhas interiores, aquelas em que procuramos dominar a nossa própria desordem, em que procuramos subjugar, domesticar o nosso anjo caído, o nosso demónio. Os homens são iguais a nós próprios, são os nossos semelhantes. Devemos respeitá-los e amá-los. Mas cada homem é diferente de si próprio, inimigo de si próprio. Combatamo-nos, portanto, e vençamo-nos.

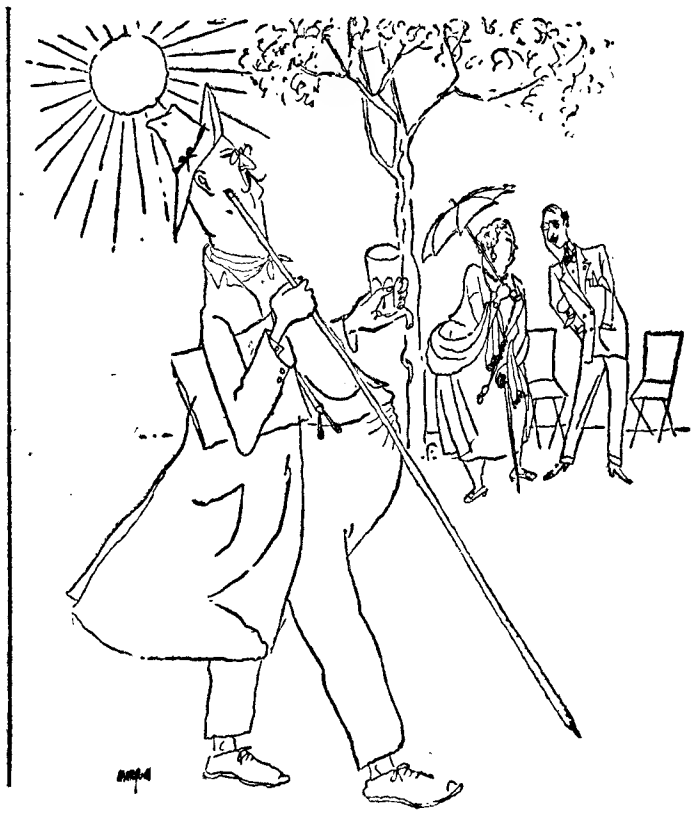
Não se julgue também que o ideal de Salazar signifique moleza de alma ou falta de sentido poético da grande aventura da vida. Queremos viver em paz mas para defender essa paz construtiva, animica, faremos a guerra se for preciso. E Salazar reconstroe, por isso, a nossa marinha e por isso nos dá um exército. Quanto á possivel acusação de limitação, de mesquinhez, de ausencia de ansia de evasão, de fuga poética, deveremos pensar que a poesia épica é apenas um aspecto (talvez o menos profundo) da Poesia. Ora a poesia lirica (se exceptuarmos o caso isolado, o milagre dos «Lusiadas») é a grande tendência, a tendência *nacionalista* da poesia portuguesa.

O lirismo, ainda que nasça do conflito ou da paixão, é uma flor da guerra interior, mas sempre da paz exterior... Salazar, portanto, criando os elementos de ordem fisica e moral onde esse lirismo pode mais fácilmente desenvolver-se, reintegra a nossa poesia, ainda que não tenha sido esse o seu propósito consciente, no seu ambiente próprio, no seu leito natural.

Mas o que mais convence em Salazar é o seu admirável sentido da medida (de forma alguma a medida das almas mediocres), daquela medida que chega a alcançar a força de um sistema, a personificação dessa ideia de *chefia* que constitui, por assim dizer, um regime novo ao lado da Republica e Monarquia, adaptado a essas duas formas de governo, ideia que Salazar expressou, de forma lapidar, no prefácio do terceiro volume dos seus «Discursos: «Democracia, liberdade, reacção, progresso, além de outras, são no espirito de quase todos nós puros mitos, abstracções de que se não pode tirar regra de conduta nem finalidade nacional. Muito melhor nos iria se pudessemos substituir-lhes, como temos tentado, sabe Deus com que exito, noções concretas, objectivos definitivos, processos de trabalho eficiente. A' volta do real, as discussões são mais limitadas, menos azedas e por isso mesmo menos capazes de dividir-nos». Com esta constante preocupação realista do equilibrio, Salazar desarma ou devia desarmar aqueles que combatem os chefes, pela sua verdadeira ou aparente arbitrariedade, pela ausência, precisamente, desse alto e filosófico sentido da medida. Salazar, verdadeiro chefe, é a negação, pois, da caricatura habitual do chefe que geralmente se afigura como atrabiliário e despotico. Não é, por exemplo, um homem que detenha o poder para fazer a sua vontade mas para obedecer á vontade da nação ainda que, por vezes, *contra a vontade transitória dessa vontade*. Politicamente, mais do que um homem é o próprio simbolo da constituição *natural* do país, base da sua constituição juridica, constituição sem palavras vagas, sem retórica, uma constituição—circunstancia rara—com a noção do concreto e do real. Por isso o país lhe tem dado tanta força ainda quando parece não lha dar (a adesão a Salazar é, ás vezes, mais *por dentro* do que *por fora*), por isso, talvez, todas as nações *constitucionais* o respeitam e por isso o considero o ponto final da minha evolução moral e politica.

ANTONIO FERRO

PRAIAS E TERMAS...



São de 1921 estes dois desenhos inéditos de Bernardo Marques, que se destinavam a um trabalho de colaboração com Afonso de Bragança. Eis o banhista e eis o aquista — cada um deles estampado, no flagrante do seu irremediável ridículo, pelo lápis espirituoso de Bernardo Marques.

COMPANHIA ALCOBIA

FORNECEDORES DOS MELHORES E MAIS LINDOS MOBILIARIOS

Cómodas de estilo — Porcelanas de Saxe
Espelhos de Veneza — Candeeiros de cristal,
de ferro forjado e de madeira — Tapeçarias
Marquisetes e voiles suiços — Carpettes de lã

COMPANHIA ALCOBIA
RUA IVENS, 14
(Esquina da Rua Capelo)
TELEFONE: 2 6441

VINHO DO PORTO

«GRAHAM»

DA FIRMA

G. & J. Graham & C.ª

Vila Nova de Gaia

Agentes para Portugal e Colónias

Guilherme Graham J.or & C.a

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBOA
Tel. 20066-9

Rua dos Clérigos, 6
PORTO
Tel. 880-1

FELISMINOS & MACHADO, L.DA

OFICINAS CONKLIN

ROSSIO, 93, 3.º, LISBOA

PAPELARIA RIJO	Mercado de Canetas, Lda.	ESTILOGRAFIA
R. Prata, 150	*2, Calçada do Combro, 4*	*R. St.ª Catarina, 293; Praça da Batalha, 23—PORTO*
LISBOA	*L I S B O A*	

Companhia Colonial de Navegação

Serviço de carga e passageiros

Linha da Costa Oriental

Saidas mensais, com escala por **Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Mossamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique** e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

Linha da Costa Ocidental

Saidas mensais, com escala por **S. Tomé, Sazaire, Luanda e Lobito** e mais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação.

Linha da Guiné

Saidas mensais, com escala por **Funchal, S. Vicente, Praia e Bissau.**

Linha da América

para Filadelfia.

Linha do Brasil

para Rio de Janeiro e Santos.

ESCRITORIOS

LISBOA
R. do Instituto Vergilio Machado, 14
(Rua da Alfândega)—Telef. 20058

PORTO
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 9
Telefone 2342

AMIANTO
BORRACHA
CORREIAS
OLEO DA MARCA «VALADOIL»
SEDAS SUIÇAS PARA PENEIROS
MARCA «DUFOUR»
PNEUMATICOS DAS MELHORES MARCAS
PARA AUTOMOVEIS
PUADOS BELGAS PARA CARROS
CARTÃO «KLINGERIT»—VIDROS «KLINGER»
CALÇOS «KLINGER» PARA TRAVÕES

TELEGRAMAS VALADEIRO

VALADAS, L.DA

ESCRITORIO

C. DO MARQUES D'ABRANTES, 1 a 5
TELEFONES: P B X 6 3113 — 6 3114

ARMAZEM

C. DO MARQUES D'ABRANTES, 27, 29 e 31
AV. PRESIDENTE WILSON, 68, 70 e 72

LISBOA

FILIAIS

PORTO — Rua Mousinho da Silveira, 73, 75 e 77 — Telefone 739
COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, 31 e 33 — Telefone 103
BEJA — Rua de Mertola — Telefone 159

A. LEMOS, L.DA

ALFAIATES-MERCADORES

113—R. Augusta—115

Telefone 2 6056

LISBOA

PARIS-CHIADO

as melhores e mais bonitas flôres

R. GARRETT, 64

Telefone 26068

AS MINHAS ANDANÇAS PELO MUNDO

Seis episódios dramáticos de reportagem

evocados por *Norberto Lopes*

Em vinte e cinco anos de jornalismo, que não foram dos menos agitados, nem dos menos «vividos», é natural que tenha algumas recordações dignas de figurar neste numero comemorativo das nossas bodas de prata. Vou contar seis episódios dramáticos de reportagem que me parecem mais curiosos, em que fui simples espectador, figurante ou protagonista.

Fernando de Noronha, 1922

Maio de 1922. Ilha de Fernando de Noronha. Eu já contei esta história. Mas vale a pena contá-la de novo, porque é um episódio revelador da influência que o acaso pode ter no exito duma reportagem ou na obtenção duma simples notícia.

Estavamos em Fernando de Noronha eu e o Tomás Colaço, querido companheiro das minhas primeiras andanças pelo Mundo, que foi também um dos redactores-fundadores deste jornal. Tinhamos desembarcado do «Republica». Gago Coutinho e Sacadura Cabral haviam desferido de novo o seu voo audacioso para fazer a viagem de ida e volta aos Penedos de S. Pedro, com o propósito de ligar assim a travessia que fora interrompida pela queda do «Lusitania» em pleno oceano, já perto da costa brasileira.

Os aviadores deviam estar de volta ás 5 e meia da tarde. Em Fernando de Noronha ficara o escaler do «Republica» com cinco marinheiros para dar amarração ao «Fairey 16». O Sol escondeu-se no horizonte, anoiteceu e o avião não regressou

Vivemos horas de angustia inesquecíveis. Enquanto o Tomás Colaço partiu para a vila, a saber notícias, eu fiquei na praia, com os marinheiros do «Republica», na esperança de que o avião chegasse dum momento para o outro. Mas as horas passaram, a nossa ansiedade aumentava a cada minuto e o avião não chegou. Até ás três da madrugada não tivemos uma unica notícia.

Entre a baía de Santo António, onde o «Fairey 16» devia amarar, e a vila que era a sede duma colónia penitenciária —seis quilómetros escassos que percorriamos a cavalo algumas vezes por dia— havia uma ligação telefónica que servia duas ou três *cabines* se não estou em erro: a casa do governador, a estação radiotelegráfica e talvez o cabo submarino. A certa altura, para satisfazer a ansiedade dos marinheiros e a minha própria ansiedade, peguei no auscultador para falar com o Tomás, que devia estar a essa hora em casa do governador, e ouvi uns ruidos misteriosos que me pareceram sinais do alfabeto Morse. Passei imediatamente o auscultador a um dos marinheiros, que era telegrafista, e vi que o rosto se lhe iluminava duma maneira estranha.

—Pegue num lapis e escreva, disse-me ele a rir e a chorar. E dali a pouco ditava-me a seguinte mensagem, que vinha pôr termo á nossa duvida angustiosa: «*Generalmar — Lisboa* — Estou á vista vapor inglês *Paris-City* salvou aviadores. Comandante *Republica*».

A antena da estação de rádio da ilha, que por sua vez a transmitia para a estação do cabo submarino pelo sistema Morse, estava a receber um telegrama do comandante Muzanty para o major general da Armada dando-lhe conta do salvamento dos aviadores—e, por um fenómeno para o qual não procurei explicação, no auscultador do telefone, que devia estar ligado ao posto radiotelegráfico, ouviam-se os sinais que transmitiam para Lisboa a notícia sensacional.

Nascia o dia quando eu e o Colaço recebemos um rádio do comandante Muzanty a confirmar a boa nova.

Algures em Espanha, 1926

Abril de 1926. Não me ocorre o nome da estação de caminho de ferro onde isto me aconteceu. Ia de Madrid para Sevilha num comboio em que viajava o rei de Espanha. Chegara de Paris e deixei-me ficar uns dias em Madrid, quando recebi um telegrama do jornal para acompanhar Afonso XIII a Huelva, onde o rei ia receber os aviadores do *Plus Ultra* que tinham feito o *raid* a Buenos Aires. Gago Coutinho fora convidado para a cerimónia. O excelente Melo Barreto, que era nosso embaixador em Madrid, conseguiu que o meu nome fosse incluido, como representante do «Diário de Lisboa», na comitiva real, mas já não lhe foi possivel arranjar-me lugar na carruagem-cama em que viajavam Afonso XIII e o corpo diplomático convidado para a recepção aos aviadores.

A carruagem real ia atrelada a um comboio que em certa altura do percurso devia tomar outro rumo, formando-se então só com ela, o vagão-restaurante, um furgão e a máquina um comboio especial para Sevilha.

Melo Barreto garantira-me que nessa estação, cujo nome não me ocorre, passaria para a outra carruagem. Mas eu adormeci e ele adormeceu e, quando um passageiro que ia a meu lado, sabendo que eu devia seguir para Sevilha, me acordou para me dizer que a outra composição do comboio ia partir, mal tive tempo de pegar na mala e correr para a carruagem que estava á frente, onde devia fazer o resto da viagem até á capital da Andaluzia, conforme estava combinado. O comboio, porém, já se tinha posto em andamento. Saltei para o estribo, abri a porta e ia a entrar quando um empregado se pôs á minha frente, impedindo-me a passagem. Talvez me tomasse por algum magnicida que pretendesse atentar contra a vida do rei.

O que eu não podia era ficar perdido numa estação sertaneja, á espera dum comboio, e deixar de fazer o serviço que me tinha sido marcado. Tomei então uma resolução heroica: quando o empregado cresceu para mim, não hesitei um segundo: atirei-lhe com a mala á barriga e o homem caiu desamparado no corredor. Gritos, reboliço e veio uma parelha da Guarda Civil para me prender. Declinei a minha identidade e pedi que fossem acordar o embaixador de Portugal. Dali a pouco, lá veio o nosso Melo Barreto em pijama, fazendo o gesto peculiar ao miope que procura os óculos para ver o que se passa. E quando me viu no meio dos dois guardas-civis, envolvido naquele distarbio, ficou espantado a olhar para mim e perguntou-me quase a gaguejar:

—Oh, Norberto! Oh, Norberto! Então que foi isso?

Tudo se esclareceu com a sua intervenção. Estenderam-me um colchão no corredor e viajei assim até Sevilha. De manhã, quando Afonso XIII se preparava para tomar o pequeno almoço, o mesmo empregado que fora vítima da minha insólita agressão e que eu recompensara com uma boa gorgeta, foi prevenir-me á pressa para que me levantasse, porque o rei ia passar para o vagão-restaurante.

Braga, 1926

Maio de 1926. Braga. Cheguei ao anoitecer e encontrei a cidade toda iluminada para uma festa religiosa. Celebrava-se em Braga o Congresso Mariano. E abria-se um capítulo novo na História do País. O general Gomes da Costa pusera-se á frente duma revolução que em breve havia de levar o Exército a tomar conta do Poder.

Duas colunas marchavam do Porto sobre Braga, comandadas pelo coronel David Rodrigues. O automovel em que eu seguia para a cidade dos arcebispos cruzara-se com elas á saída de Ermezinde. As tropas marchavam lentamente pela estrada de S. Romão—sem pressa de chegar.

Depois de passar o Arco da Rua Nova, corri ao Grande Hotel, onde Gomes da Costa jantava acompanhado pelo seu ajudante e por dois amigos. A sala tinha um ar pacato de hospedaria provinciana. Alguns congressistas marianos, especialmente senhoras, jantavam tranquilamente—sem dar conta de que a seu lado estava a voltar-se uma página da História.

Aprazou-se a entrevista para o quartel general, onde mais tarde o chefe da revolução me fez sensacionais declarações. Eu fora o primeiro jornalista a chegar a Braga. Estive a escrever a minha reportagem até nascer o dia. E, como não era fácil comunicar pelo telefone com Lisboa, só tinha um meio de fazer chegar notícias minhas ao jornal: era conseguir que um passageiro do «rápido» que saía de manhã do Porto me trouxesse o original para Lisboa. Não me foi fácil convencer um *chauffeur* a trazer-me ao Porto naquela manhã perturbada, em que as tropas revoltadas tinham tomado posições em volta da cidade e se dizia que as forças fieis ao Governo avançavam a toda a pressa para dominar a revolta. Além do mais, um nevoeiro de cortar á faca tornava a marcha lenta e perigosa através duma estrada má e pouco segura.

Faltavam cinco minutos para partir o comboio quando saltei na estação de S. Bento. Percorri as carruagens uma a uma. Havia só um passageiro para Lisboa. Entreguei-lhe o original e fi-lo prometer, sob palavra de honra, que mal desembarcasse no Rossio correria a entregar a minha reportagem á Rua Luz Soriano. Não lhe perguntei o nome. Nunca soube quem era. Só sei que cumpriu religiosamente a promessa e que nesse dia o «Diário de Lisboa» pôde publicar, em primeira mão, o relato sensacional dos acontecimentos, que constituiam ainda um mistério para a capital e para o País.

Porto, 1927

Fevereiro de 1927. Porto. Uma parte da guarnição militar revolta-se e pretende derrubar a Ditadura. Eu tinha acompanhado ao Lindoso, na véspera, o ministro do Comércio, tenente-coronel Carvalho Teixeira, e dispunha-me a partir nesse mesmo dia para Lisboa, quando o Reinaldo Ferreira me apareceu no Grande Hotel e me disse que não viesse.

—Amanhã, venho buscar-te ás 5 da manhã. Vais ver que não perdes o teu tempo.

E fiquei.

Tenho ainda o salvo-conduto assinado pelo dr. Jaime de Morais — só passou dois: um para mim e outro para o Reinaldo—que me permitia «circular livremente em todas as posições ocupadas pelas forças revolucionárias».

Assistimos a todos os preparativos que se fizeram na Praça da Batalha, á abertura de trincheiras, á montagem de postos; vimos o general Sousa Dias, acompanhado pelo coronel Freiria, assumir o comando das tropas revoltadas; tivemos uma larga entrevista com Jaime Cortesão e Jaime de Morais, no átrio do Teatro de S. João, que era uma especie de P. C. das forças que tomaram posições na Batalha, e percorremos todos os pontos onde podiamos colher informações que completassem a nossa reportagem.

Mas como havia de fazê-la chegar a Lisboa?

Fui para o quartel general e, ao cabo de longas negociações, consegui tomar conta do telefone. A menina da estação preveniu-me, porém, que não podia falar com Lisboa. Só tinha linha até Vila Franca.

—Ligue-me para Vila Franca!

Com efeito, dali a pouco respondiam-me de Vila Franca. Impossível falar com Lisboa. A linha estava cortada. Pedi, então, á menina que chamasse alguém que soubesse escrever com certo desembaraço para tomar conta duma mensagem urgente. E dois minutos depois, veio ao telefone um amigo do «Diário de Lisboa» que por um acaso extraordinário estava nesse dia em Vila Franca e perto da estação telefónica no minuto em que eu falei. Tomou nota da minha reportagem, ditada nas suas linhas gerais, meteu-se num automovel e veio entregá-la á Rua Luz Soriano.

Ficara, mais uma vez, provado que o acaso é a providência dos reporteres.

Sevilha, 1931

Julho de 1931. Sevilha. Greve revolucionária na Andaluzia. Acorreram á cidade do Gudalquivir jornalistas de todos os países do Mundo. A Espanha constituia, nessa altura, a actualidade europeia. De Lisboa tinhamos ido: o Ferreira de Castro, pelo *Século*, o Belo Redondo, pelo *Diário de Notícias*, e eu pelo *Diário de Lisboa*.

Sevilha regressava, a pouco e pouco, á normalidade, mas ainda não tinham desaparecido completamente os sintomas de mal estar provocados pela repressão violenta ordenada pelo Governo, que mandara destruir a tiros de canhão uma casa onde se dizia que tinham sido armados os revolucionários—a célebre taberna dos irmãos Cornelio.

Um Sol escaldante abrazava a cidade —30 e tantos graus á sombra nos mais frescos patios sevilhanos. *Señoritos* ociosos voltavam a sentar-se em comodas *sillas*, á porta dos seus «circulos» da *Calle Sierpes*, onde durante alguns dias o tiroteio afastou toda a caracteristica pasmaceira. As pombas, que tinham fugido assustadas, regressavam timidamente á Praça de Espanha, pondo uma nota de alegre frescura na tristeza que envolvia Sevilha.

As sedes dos sindicatos operários agitavam-se ainda. Fora preso o célebre dr. Vallina, médico em Alcalá, um idealista á maneira de Tolstoi, que era considerado o chefe da revolta. Juan Belmonte dizia-me: «Se tivesse 24 anos, assim como fui toureiro, era revolucionário».

(Continua na 32.ª pag.)

ÓDIO

Tudo o que te disserem é verdade.
Se á luz dum sonho desvairado e incerto
me esqueci a sonhar, hoje desperto.
Assim o exige a tua crueldade.

Arrastada pelo ódio que me invade,
Só eu sei quanto sofro ! Peito aberto,
o coração ferido exponho, é certo ;
mas que volupia sinto na maldade !

Implacável, a minha desventura
quer que proves também esta amargura
em que vivo depois que te perdi...

Talvez a chama do meu ódio, acesa,
possa mostrar-te, enfim, toda a grandeza,
toda a paixão do meu amor por ti !

VIRGINIA VICTORINO

ROYAL EXCHANGE ASSURANCE CORPORATION

Contas relativas a 31 de Dezembro de 1945 dos negócios em Portugal

BALANÇO GERAL

ACTIVO

RESERVA MATEMATICA (resseguros cedidos)		—$—
RESERVA DE GARANTIA (resseguros cedidos)		82.886$00
VALORES DE EMPREGO DAS RESERVAS		
Titulos de crédito e numerário		
Próprios	6.225.889$11	
De resseguradores	—$—	
Imoveis	—$—	
Empréstimos Hipotecários	—$—	
Empréstimos s/titulos	—$—	6.225.889$11
VALORES EM DEPOSITO		
De vários	—$—	
De resseguradores	—$—	—$—
DEVEDORES POR VALORES EM DEPOSITO		
Vários	—$—	
Ressegurados	—$—	—$—
IMOVEIS		—$—
MOBILIARIO E MATERIAL		—$—
EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS		—$—
EMPRESTIMOS S/TITULOS		—$—
DEVEDORES GERAIS		
Segurados, Correspondentes e Angariadores	541.895$50	
Ressegurados	—$—	
Resseguradores	—$—	
Outros	250.951$02	792.846$52
COTAS PARTES DE INDEMNISAÇÕES A RECEBER		—$—
PREMIOS EM COBRANÇA NA AGENCIA GERAL		614.956$78
LETRAS A RECEBER		—$—
TITULOS DE CREDITO		—$—
DEPOSITOS EM BANCOS		—$—
CAIXA		358.492$32
		8.075.070$73

PASSIVO

RESERVA MATEMATICA		
De seguros directos	1.837.422$24	
De resseguros aceites	—$—	1.837.422$24
RESERVA DE GARANTIA		
De seguros directos	2.196.014$40	
De resseguros aceites	10.806$00	2.206.820$40
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS		
De seguros directos	957.371$25	
De resseguros aceites	—$—	957.371$25
CREDORES POR VALORES EM DEPOSITO		
Vários	151.393$00	
Resseguradores	—$—	151.393$00
CREDORES GERAIS		
Segurados, Correspondentes e Angariadores	52.637$94	
Ressegurados	—$—	
Resseguradores	—$—	
Outros	—$—	52.637$94
INDEMNISAÇÕES A PAGAR		721.313$50
COMISSÕES A PAGAR		198.313$08
PROVISÕES DIVERSAS		323.143$00
SEDE (Saldo anterior)	105.561$46	
GANHOS E PERDAS	1.521.094$86	1.626.656$32
		8.075.070$73

GANHOS & PERDAS

DÉBITO

	ACIDENTES NO TRABALHO	ACIDENTES PESSOAIS	FOGO	AGRICOLA E PECUARIO	AUTOMOVEIS E RESPONSABILIDADE CIVIL	DIVERSOS	CONTAS GERAIS	SOMAS PARCIAIS	TOTAIS
RESERVA MATEMÁTICA									
De seguros directos	182.160$47	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	182.160$47	
De resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	182.160$47
RESERVA DE GARANTIA									
De seguros directos	—$—	6.766$22	212.859$10	—$—	81.762$92	1.701$00	—$—	303.089$24	
De resseguros aceites	—$—	—$—	745$37	—$—	—$—	—$—	—$—	745$37	
De resseguros cedidos	—$—	—$—	—$—	2.462$00	—$—	—$—	—$—	2.462$00	306.296$61
AMORTIZAÇÕES	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
COMISSÕES									
De seguros directos	166.269$84	46.900$84	426.574$54	7.282$28	511.708$16	4.104$63	—$—	1.162.840$29	
De resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
Despesas de aquisição	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	62.967$72	62.967$72	1.225.808$01
INDEMNIZAÇÕES									
De seguros directos	597.848$45	36.025$00	1.114.843$92	5.512$50	1.248.792$28	15.014$64	—$—	3.018.036$79	
De resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	19.818$21	—$—	—$—	—$—	19.818$21	
Despesas com avaliação e liquidação de sinistros	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	3.037.855$00
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS									
Prémios	—$—	—$—	238.303$16	34.502$80	—$—	—$—	—$—	272.805$96	
Juros	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	272.805$96
DESPESAS ESPECIAIS DOS RAMOS									
Administração	42.268$61	8.067$93	40.738$66	774$65	90.464$96	277$50	—$—	182.592$31	
Impostos	40.642$00	7.388$00	239.029$11	5.830$71	143.286$68	1.275$15	—$—	437.451$65	620.043$96
DESPESAS GERAIS									
Administração	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	1.202.095$14	1.202.095$14	
Impostos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	351.232$51	351.232$51	1.553.327$65
ENCARGOS DIVERSOS	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
	1.029.189$37	105.147$99	2.273.093$86	76.183$15	2.076.015$00	22.372$92	1.616.295$37	—$—	7.198.297$66
									1.521.094$86
GANHOS E PERDAS									8.719.392$52

CRÉDITO

RESERVA MATEMÁTICA									
De resseguros cedidos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—
RESERVA DE GARANTIA									
De seguros directos	—$—	—$—	—$—	2.958$03	—$—	—$—	—$—	2.958$03	
De resseguros aceites	—$—	—$—	—$—	877$00	—$—	—$—	—$—	877$00	
De resseguros cedidos	—$—	—$—	67.717$00	—$—	—$—	—$—	—$—	67.717$00	71.552$03
PRÉMIOS E S/ ADICIONAIS									
De seguros directos	1.625.681$35	295.502$78	2.780.438$91	41.574$20	3.444.629$84	54.997$19	—$—	8.242.824$27	
De resseguros aceites	—$—	—$—	9.842$72	75.248$42	—$—	—$—	—$—	85.091$14	8.327.915$41
RECEITA DE RESSEGUROS CEDIDOS									
Comissões	—$—	—$—	47.620$50	—$—	—$—	—$—	—$—	47.620$50	
Indemnizações	—$—	—$—	—$—	5.512$50	—$—	—$—	—$—	5.512$50	53.133$00
RENDIMENTOS									
Das Reservas Técnicas de Seguros Directos	64.788$65	3.926$55	33.375$94	1.081$10	90.319$36	2.845$48	—$—	196.337$08	
Das Reservas Técnicas de Resseguros Aceites	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	196.337$08
Dos Valores Livres	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	
RECEITAS DIVERSAS					70.455$00	—$—	—$—	70.455$00	
Dos ramos	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	70.455$00
Outras	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—	—$—		8.719.392$52
	1.690.470$00	299.429$33	2.938.995$07	127.251$25	3.605.404$20	57.842$67	—$—		

O chefe da Contabilidade—*Wladimiro de Meneses*

Os Agentes Gerais—*Manuel Casal, Ld.ª*

ATITUDE DE SEMPRE

Tolerância

Este vigésimo-quinto aniversario do «Diario de Lisboa», estas afectuosas bodas de prata, fazem-me acima de tudo relembrar a atitude de imparcialidade, de justiça, de sinceridade—melhor direi, da tolerância lucida—que o jornal, através de tudo, e ás vezes contra tudo, sempre quis manter e manteve. Joaquim Manso e os colaboradores cotidianos do seu esforço e do seu trabalho, souberam sempre evitar a violencia de conceitos, que divide, os excessos de facciosismo, que separa, o odio que afugenta e os vexames que hostilizam. Acontecimentos internos e externos poderiam tê-los levado a palavras menos calmas, a opiniões menos conciliatorias, a criticas mais acerbas e duras. Nunca desejavam, nunca tentavam fazê-lo. Antes, o intuito de quanto se tem escrito e publicado no «Diario de Lisboa»—se numa visão de conjunto, embora rápida, percorrermos e seguirmos a marcha do jornal durante o quarto de seculo da sua existencia—o intuito, a aspiração que sempre o norteou foi e é, patentemente, de concordia e de entendimento civico e social. E eis o que—verdade seja—muita gente não lhe perdoa...

Sei que a tolerância e a justiça não são, de facto, virtudes primaciais da nossa época turbulenta e dolorosa. Mas sei, também, que sem elas regressariamos a tão barbaros primitivismos que a humanidade só teria um caminho de redenção:—recomeçar de novo, com redobrado anseio e longa energia, a reconstruir, permita-se o termo, a reedificar a sua própria alma. No tumulto imenso e no ruidoso ou silencioso embate de interesses, de ambições insatisfeitas, de iniquidades e rebeldias, de esperanças e desesperos, de sofrimentos reais e de sonhos consoladores, que é hoje o espectaculo do mundo—ao espirito e ao amor compete criar a disciplina e a solidariedade abrigantes, que se alicercem em nobres, puros e altos ideais. O «Diario de Lisboa», dentro do seu ambito—que é vasto—tem dado sempre esse exemplo, tem sido sempre esse estimulo de harmonia e de paz. Mais de que nunca precisamos entender e seguir tal exemplo. Mais de que nunca precisamos de compreender a necessidade e a verdade, do limpido incentivo. Nele reside a suprema essencia da tolerância, presença constante e guiadora nas colunas deste jornal.

JOÃO DE BARROS

A exposição da Primavera da Galeria

A. MOLDER

apresenta só algumas dezenas de quadros, mas todos — sem excepção — são de qualidade e categoria

Visite esta Exposição ! ! !

Do esforço dos artistas e da actividade da Galeria

A. MOLDER

resulta um certame de rara beleza

(Aberta das 10 às 13 e das 14.30 às 19. h.)

RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO, 101, 3.º

(Por cima do Café Restauração)

ASSENTOS PARA CADEIRAS
IDEAL
FABRICA: RUA DO HEROISMO, 133
DISTRIBUIDORES GERAIS
MACHADO PEREIRA & SILVA, L.DA
RUA DO ALMADA, 109 - PORTO

Pensão Peninsular

Boa comida — Bons quartos

Poço do Borratem, 4, 1.º — Lisboa

O «DIARIO DE LISBOA»

visto de fora

Creio que foi num pátio do Liceu que vi pela primeira vez um farrapo desse jornal, em que nem sei ao certo se já alguma vez tinha ouvido falar, mas que logo, realmente, me impressionou.

Era uma época de perturbações, quase tantas que chegavam para assinalar cada dia do calendário—e por sinal que só o correr dos anos e a mais atenta interpretação dos factos me ensinou que eram justamente os próprios que as desencadeavam os que mais bramavam contra elas e contra as suas consequencias. Tinha-se saído de uma guerra—cujos efeitos se sentiam, então, com maior intensidade do que durante os anos da contenda em que tinhamos participado. E pareçe, por sinal, que essa lição de há dois dias—que é quanto vale esse ror de anos na história de um povo—bem pouco parece ter pesado na nossa compreensão, pois supusemos, quando vimos baquear sucessivamente o nazismo alemão e o imperial feudalismo nipónico, que poderiamos dar o suspiro de alivio e aproar tranquilamente á maré de rosas que deveria vir ao nosso encontro... Afinal, tudo se passa agora, depois de 1945, em termos idênticos aos que já conheciamos de depois de 1918—e não seria dificil abrir dois ou três livros de doutrina ou mesmo reportarmo-nos a dois ou três relatórios de circunstancia para termos aqui á mão o impressionante aparato de terminologia e de matéria de facto com que condimentar a asserção. Simplesmente, seria tempo perdido, porque não vale a pena documentar o que já está á vista de todos, nem isso corresponderia ao nosso propósito, que é de puro desfastio, sem vestigios de solenidade.

Por essa época, sucediam-se os jornais, reflexo de muitas tendências, expressão de muitos propósitos, sinal, talvez, da existência de outras tantas ambições. Alguns foram pouco mais do que meteóricos na sua passagem pelo reino das coisas possíveis, mas o simples relancear de olhos pela cadeia de titulos, então gritados pelas ruas da cidade, dá bem a imagem dessa época de incertezas, em que cada um buscava livremente a lamparina que pudesse guiar o caminho das suas inclinações.

O «Diário de Lisboa» foi capaz, entretanto, de escolher para si um caminho diferente, um rumo novo, uma rota que nunca tinha sido percorrida. Não foi, de nenhum modo, «mais um» jornal. Soube ser, totalmente, um jornal novo, abrindo para si um talhão próprio, ao tempo revolucionário no processo—e isto quer dizer tanto na execução material, de gritante ostentação gráfica, como no arzinho fresco e airoso, simultaneamente literário e popular, «gavroche» e chiadeiro, péfresco e elegante, oportuno e desconcertante Talvez houvesse a tendência de o considerar «futurista». A palavra tinha uma certa cotação no vocabulário do tempo e consumia-se, com certa largueza, para aplicar a tudo que se não entendia por completo ou que saía meio centimetro do espartilho numerado dos cánones incontestáveis. De qualquer modo, o «Diario de Lisboa» deve ter surpreendido a tranquilidade bem pensante da época, deve ter surpreendido o publico e talvez até o tenha escandalizado—nêste sentido de entender por escandalo tudo o que perturba o lugar-comum da pacatez indígena, entre a modorra da má-lingua inoperante, a insignificancia pretenciosa do cigarrinho barato enfiado em boquilha de marfim ou a infecunda gracinha, ás vezes piada grossa, sôbre os negócios intimos de quem quer que se atreva a pisar com as suas botas de polimento a poeira fina das ruas da Baixa, onde se acotovelam os apressados que vão á vida e os que não têm pressa nenhuma. Mesmo para esses—talvez, até, principalmente para esses—o «Diario de Lisboa» deve ter sido um escandalo, saboroso e picante, ansiosamente esperado e gulosamente devorado. Um escandalo, sim. Um escandalo gerador de desconfiança—mas precisamente neste sentido em que a desconfiança nos põe de pé atrás e nos atrai, que não se sabe o que é mas que cada um deseja conhecer minuciosamente, quantas vezes simulando o mais pudico desinteresse...

Tudo isso, evidentemente, só teria sido possivel pela presença de uma «équipe» animada de um espirito diferente—um espirito moço, gentil, espadachim, aventuroso e irreverente, de quem fosse capaz de subir a escadaria mais alcatifada para desfechar simbólico e desnorteante piparote no nariz do mais solene e empertigado Buda...

Mas o que era o «Diário de Lisboa»? O que queria o «Diario de Lisboa»? Aí estão os arquivos de um quarto de século a responder — e nem as perguntas se repõem para se lhes dar resposta que cada um sabe qual seja. Mas pode recordá-las quem estava de fora, quem não era da «équipe», quem algumas vezes as ouviu formular — nem sempre com intenção totalmente livre de pecado. Em temas de paixão não há razão. E cada apaixonado, por isso mesmo, por definição assente, é um subdito do reino dos cegos, que só aceita a sua própria cegueira, com todos os arrebatamentos, sem curar de saber até onde vai, fazendo mesmo quanto em suas forças caiba para ignorar os limites da sua justa causa—e os da justa causa dos outros. O apaixonado é um sectário, que não tem aptidões para apreciar a independência de juizo. Por essa época ouvi a um categorizado dirigente político—ainda hoje no numero dos vivos—que «o «Diário de Lisboa» é o jornal de todos os governos, mas com que nenhum Governo pode contar como seu». A apreciação pode parecer paradoxal—mas só o é na aparência. O interesse superior está acima dos governos—é o interesse da propria Nação.

Este espirito, precisamente, não podia deixar de se reflectir no processo de trabalho e nos resultados da sua execução, procurando constantemente o interesse publico, mas para o servir e orientar—e não para o lisongear ou para lhe ministrar narcóticos.

Dos vinte e cinco anos de existência do «Diario de Lisboa» podem falar quantos dos meus camaradas, com a mais louvavel pertinácia, aqui os têm passado, orgulhosamente, ligando-se-lhe de alma e sangue. Mas não fica mal que fale, também, quem veio «de fora», quem espreitou dia a dia o produto desta ordem de trabalho. De vinte anos de exercicio profissional, passei doze com responsabilidades efectivas na condução de um jornal que tinha um curso paralelo ao do «Diario de Lisboa». Nem ficará mal a ninguém esta confissão: o «Diario de Lisboa» era a minha sombra. Eu procurava sempre fazer diferente, procurava sempre fazer melhor: o «diferente» — conseguia; mas o «melhor» suponho que nunca tive a sensação de o ter conseguido, porventura esmagado, psicológicamente, pelo pêso de prestigio que do «Diario de Lisboa» irradiava, pelo seu eterno tom juvenil, desenvolto e sagaz, elegante e cavalheiresco.

Um episódio que nunca foi contado serve para ilustrar esse espirito gentil e generosamente cavalheiresco. O jornal em que eu trabalhava fôra alvo de um desacato, com portas arrombadas, vidros partidos, arquivos dispersos, material desfeito, papelada e cadeiras pela janela fora. Mas a desordem é, afinal, vitima de si própria: nunca chega a ser suficientemente sistematizada para pôr em ordem os seus designios. Por isso, os estragos tinham sido graves, mas, com um pouco de boa vontade e outro tanto de capricho, foi possivel repôr tudo a funcionar, sem interrupção no contacto com o publico. Todo o dia tinha sido grande o corropio de gente—amigos e curiosos. Mas, logo pela manhã, uma das primeiras pessoas a aparecer foi, precisamente, Pedro Bordalo Pinheiro, uma das grandes almas do «Diario de Lisboa», por cuja memória eu bem compreendo o respeitoso culto de saudade que se lhe guarda. Ia, simplesmente, como se fôsse fazer a mais insignificante oferta dêste mundo, pôr á disposição do jornal, que era concorrente do seu, os seus serviços, as suas instalações, as suas máquinas, o que fosse preciso...

—Veja se quer alguma coisa... O que quiser está á vossa disposição...—insistia êle comigo, a despedir-se, afectuoso e sincero.

Foi assim, em tal espirito, que me habituei a ver o «Diario de Lisboa», enquanto estive de fora. E' assim, afinal, que o continuo a ver, há três anos, desde que os meus camaradas do «Diário de Lisboa» me fizeram o dom precioso da sua inigualável camaradagem.

JOSE' RIBEIRO DOS SANTOS

BODAS DE PRATA

Recordação

No dia 7 de Abril feseja o *Diario de Lisboa* as suas *bodas de prata*. Há vinte e cinco anos, num dia de Primavera, apareceu um novo jornal da tarde, num formato novo, escrito por gente nova, cheio de vida, de alegria, confiante no seu destino...

Parece-me que foi ontem... e por vezes parece que foi há muito mais tempo, tal é a soma de acontecimentos que por esse mundo fora se têm acumulado neste quarto de século. Talvez em época alguma se tenham dado tantas coisas extraordinárias no espaço de pouco mais de duas décadas!

O *Diario de Lisboa* tem tido, pois, sempre muito que contar, e aos seus colaboradores pode faltar espaço, mas não falta assunto.

Tendo começado a escrever neste jornal em Junho de 1921, as *bodas de prata* do meu trabalho completam-se, também, em 1946—e tantas recordações me trazem de quanto tenho deixado do meu pensamento, do meu esforço, da minha vida, nestas páginas, em diversas modalidades, desde artigos de fundo, reportagens e entrevistas até ao saudoso «Chá das cinco» e á minha secção semanal «A' Margem da Semana».

Assim se foram dobando vinte e cinco anos, e se foi transformando o mundo, evolucionando o jornal e as suas secções.

Como quase toda a gente que escreve, fui acumulando cartas dos muitos ou poucos leitores que acompanharam o meu trabalho, que bastantes vezes me animaram com uma palavra boa e compreensiva, tão certo é que em muitos casos as pessoas desconhecidas vêem melhor o nosso pensamento do que aqueles com quem de perto convivemos. Para esses, que ainda hoje desconheço, vai, neste momento de recapitulação, a minha reconhecida lembrança. Mas não é a essas cartas, que não tenho tempo de folhear, na apressada vida dos nossos dias, que eu vou buscar a recordação que desejo consignar aqui, como episódio agradável da minha vida jornalistica.

Numa ocasião em que visitei os bairros pobres de Lisboa, e escrevi vários artigos sobre esse assunto, uma vez, ao entrar no *Diario de Lisboa*, encontrei um tipógrafo, que trabalhava, então, ali, e que se dirigiu a mim, dizendo:

—Li o seu artigo. Gostei muito dele. E' mesmo assim. Eu moro lá.

Nunca qualquer louvor me dera tanto contentamento como aquelas palavras simples, ditas do coração, sem intenção lisonjeira, e apenas como testemunho de que eu soubera ver e fôra exacta e sincera. Agradeci-lhe efusivamente, trocámos algumas impressões acêrca da minha visita ao seu bairro, um sorriso, um aperto de mão. Mas nunca se apagou da minha memória a satisfação que aquelas palavras me deram, e a redobrada fé com que continuei a tarefa que empreendera.

MARIA DE CARVALHO

ARTES DECORATIVAS

Loja: sortido de cristais e bronzes, etc., cave: sortido vário de todos os artigos, 1.º andar: faianças portuguesas e ferros forjados.

padrões modernos...
CORTE ELEGANTE!

Um fato ou sobretudo feito na Casa Africana, distingue-se sempre pela alta qualidade do tecido, elegância do córte e distinção dos padrões. Preço módico.

Casa Africana
RUA AUGUSTA, 161-171

SOCIEDADE GERAL DE COMERCIO, INDUSTRIA E TRANSPORTES, Ld.ª

Barreiro

Agentes em Lisboa: Companhia União Fabril (Secção Maritima)
RUA DO COMERCIO, 39 — Tel. 20512

— FROTA —

n/m AFRICA OCIDENTAL...	1.504 T.	n/v LUSO	10.125 T.
n/m ALEXANDRE SILVA ...	3.110 T.	n/v MARIA AMELIA...	3.005 T.
n/v ALFERRAREDE...	2.118 T.	n/v MARIA CRISTINA	5.580 T.
n/v AMARANTE...	12.595 T.	n/v MELLO...	6.253 T.
n/v COSTEIRO	900 T.	n/v MIRANDELLA	7.900 T.
n/v COSTEIRO SEGUNDO...	490 T.	n/v MIRA TERRA...	600 T.
n/m COSTEIRO TERCEIRO	1.426 T.	n/v PINHEL...	5.874 T.
n/v CUNENE	9.800 T.	n/m SÃO MACARIO	1.221 T.
n/v FOCA	2.018 T.	n/v SAUDADE...	6.430 T.
n/v GAZA	7.979 T.	n/v SILVA GOUVEIA	1.353 T.
n/v INHABANE	9.619 T.	n/v ZE' MANEL	1.220 T.

n/v MONCHIQUE, n/tanque ... ... 7.800 T

TOTAL: 108.920 TONELADAS

REBOCADORES:
«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL», «FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO», «SOURE».

LANCHAS A MOTOR:
«GAROTA», «BOLHÃO», «OBIDOS», «MAQUELA» e «CAROCHA».

21 Batelões (19 de 500 ton. e 2 de 250 ton.
25 Fragatas (2.268 ton.).
1 Barca de água (250 ton.).
1 Draga «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m3 cada.

CARREIRAS DE LISBOA PARA

NORTE DE EUROPA — NORTE DE AFRICA — CABO VERDE — GUINE' —ANGOLA — ARGENTINA — CHILE — ESTADOS UNIDOS — TERRA NOVA—GROENLANDIA e COSTA DE PORTUGAL

NAVIOS A CONSTRUIR PARA RENOVAÇÃO DA FROTA:

4 navios com 9.500 T. Deadweight
2 navios com 9.100 T. Deadweight
4 navios com 7.000 T. Deadweight
4 navios com 3.800 T. Deadweight
6 navios com 3.200 T. Deadweight

RAINHA DA HUNGRIA

Companhia Colonial de Navegação

PAQUETE «Serpa Pinto»

para:

Rio de Janeiro, (Santos. Pernambuco e Baía, (se convier) sairá em 22 de Abril para Leixões, regressando a Lisboa e saindo em 30 de Abril.

PAQUETE «Colonial»

para:

Funchal, S. Tomé, Sazaire, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e outros portos sujeito a baldeação, sairá em 26 de Abril com escala por Leixões.

As passagens para o Funchal só são vendidas depois de satisfeitos os pedidos para a Africa.

LISBOA — Rua do Instituto Virgilio Machado, 14
Telefone 2 0058
PORTO — Rua do Infante D. Henrique, 9
Telefone 2342

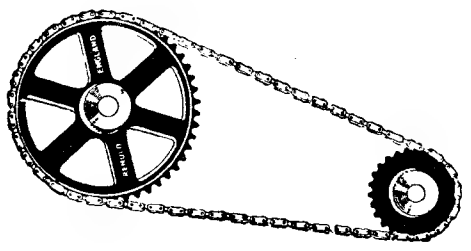
Dinheiro
Empresta-se ao juro da lei sôbre todos os artigos que ofereçam garantia
Compra e vende antiguidades, ouro, joias, etc.
José Mayer
Telefone 2 2381
RUA DO LORETO, 18

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
dando-se o maximo sobre todos os objectos.
R. Duque de Palmela, 11
a R. Alexandre Herculano

Empresa Maritima Jamiesilva, L.da
Armadores de Navios de Carga
Sede Largo Tomaz Miranda — Espozende
Delegação Praça do Municipio, 20, 3.º — LISBOA
Telegramas «Amisil» — Telefone 25170

A GRÁFICA
Tipografia — Encadernação — Papelaria — Livraria — Carimbos de borracha — Depósitos de impressos para repartições públicas
Precisam-se AGENTES em todas as localidades do País
S. Tiago de Cacém

CORRENTES RENOLD



A transmissão mais prática
ECONOMIA DE ESPAÇO
ECONOMIA DE FORÇA
TRANSMISSÃO POSITIVA COM CERCA DE 99 % DE EFICIENCIA
Funcionamento suave
Longa duração

HARKER, SUMNER & C.ª, L.da
14, Largo do Corpo Santo, 18 LISBOA
152, Rua José Falcão, 156 PORTO

Pensão e Restaurante REGO
TELEFONE 8913
Mercearia e Vinhos
Largo Tomaz Miranda
ESPOZENDE

Embalagens transparentes
Para todas as aplicações. Envelopes para meias, camisas, gravatas, luvas, etc. Sacos para massas alimenticias, frutas sêcas, doces, bonecas, etc. Confecção perfeita. Preços convidativos.
PALMA & EUGENIO
Rua das Mercês, 40 (Ajuda)—Lisboa—Telefone 81.1017

Moradia em Sintra
Vende-se, indep., nova, 20 div., jardim, t. comod., na Correnteza. Av. Gomes Amorim, 3.

Se passar por Samora Correia
VISITE A PENSÃO NAZARENO

EDIFICIOS INDUSTRIAIS
Grande área de terreno, todo murado, telefones, habitações, escritório, agua de poço e da Companhia, alta tensão, etc., vende-se ou aluga-se.
Trata MACEDO VIEIRA, R. St.º Antonio, 41, 2.º—PORTO—Telef. 4604
IMAN

Ericeira
Comer LAGOSTA e chorar por mais
Só na ERICEIRA, na PENSÃO MORAIS
— Telefone 11 —
Proprietário A. MORAIS

Os que fazem o Diario de Lisbôa

(Continuação da 27.ª pag.)

Lima o oficialato do Mérito Agricola, e outras da pecuária, expressas nas reportagens das feiras da Golegã e de Sevilha, e nas visitas feitas á Caudelaria Nacional da Fonte Boa.

De crónicas e críticas tauromáquicas publicadas no «Diário de Lisboa» —todas as das corridas do Campo Pequeno e das feiras de Sevilha, e outras, transcrevendo-as e compilando-as, tem publicado diversos livros, como «Vaya por ustedes», «El Libro de Cañero», «De Lisboa a Sevilha», «A B C da Tauromaquia» e «Meio século a ver touros».

Tavares da Silva

Tavares da Silva—João Joaquim—é no «Diario de Lisboa» a alegria personificada. Entrou para esta casa para dirigir a secção desportiva, e não tardou a desenvolvê-la, a aprimorá-la, a torná-la uma das mais curiosas e sugestivas da imprensa portuguesa, incluindo os jornais da especialidade. E tudo realiza com um optimismo permanente, que deriva, porventura, da confiança em si próprio, dos conhecimentos—e da probidade, que é mais alguma cousa—de homem de desporto. Pode dizer-se que nesta casa se fez, mas pode afirmar-se também que ele fez a autoridade da sua secção.

Praticante de futebol por amadorismo—embora só houvessem dado por ele os condiscipulos do curso de Direito—tornou-se um técnico de primeira lamina. Arbitrou durante muitos anos e foi mesmo, além de presidente do Colégio dos Arbitros, arbitro internacional. E', como jornalista da especialidade — e eis o que nos interessa — critico, comentador e orientador, sem um deslise de parcialidade ou um assomo de mau humor. As suas reportagens desportivas, mesmo nos periodos em que tem responsabilidades de seleccionador, são sempre correctas, mas nem por iso menos sugestivas. Em várias cidades de Espanha, de Itália, da Suiça, da França — onde tem estado como enviado especial —os seus relatos das competições desportivas interessam o publico mais exigente. Criou uma forma nova, elastica, vibratil, capaz de todos a entenderem.

Mas Tavares da Silva não é apenas —porque as qualidades de jornalista o revelaram—o redactor de uma especialidade. Ele trata a reportagem em todos os planos, a noticia mais contingente, o artigo de maior responsabilidade, a entrevista mais aliciante. Não pretende ser um mestre, mas sabe «disto» a valer.

Tem publicado livros sobre desportivismo, e é um especialista de quase todas as modalidades de educação fisica. Lê e estuda—estuda mesmo um pouco de Direito—e como profisional afirma-se pela lealdade de processos e pelo seu já assinalado optimismo contagioso de eterno rapaz.

DOIS POETAS

A VELHA

A velha tinha uma saia
de remendos da vida remendada,
e um lenço branco de cabelos brancos
na cabeça cansada.

A velha tinha uma cara
de fomes e de penas amassada
e um corpo todo aos nós de árvore sêca,
de planta mal regada.

A velha tinha um olhar
de estrela morta, de luz apagada,
e duas mãos de terra por lavrar,
de cortiça queimada.

A velha tinha uma voz
de fio de água, de fonte calada,
e uma bôca sem dentes e sem lábios,
de estátua mutilada.

A velha tinha uma alma
de farrapos de vida, alinhavada...
A velha tinha uma alma
—e não tinha mais nada.

///

ESTRANHA DOR

Estranha dor,
insuportável dor...

Sonhei que a minha vida era sonhada
e por isso tão débil e tão futil,
tão mal aproveitada,
tão tristemente inutil.

Sonhei que a minha vida era sonhada,
que era névoa de sonho, luz astral,
pó e cinza dos anos percorridos,
e que a Vida, afinal,
era pura ilusão dos meus sentidos.

Sonhei que era a sonhar que percorria
meus ásperos caminhos
de pedras e de espinhos...

Sonhei que era a sonhar que preferia
ao planalto, a planície,
á ilimitada altura,
a limitada superfície...

Sonhei que era a sonhar que recusava
o risco da Aventura
e que a sonhar por sombras o trocara...

Mas acordei... Ao sonho preferira
o tímido sabor
de humana realidade.

Estranha dor, insuportável dor...
O sonho era mentira...
A vida era verdade.

(Inéditos)

FERNANDA DE CÁSTRO

Parte, minha alma aflita!

Este cair de sombras
E' uma opressão! Rescendem,
Mais tristes, as alfombras.

Rosas a cor desprendem,
(A côr e as ilusões...);
Mortas, das hastes pendem..

Crepitam orações,
A' flor das lousas... Vagam
Brancas aparições...

Sorrisos, que se apagam
No merencório poente,
De luto os céus alagam.

Ah, dizer o que sente
Minha alma, nesta hora
De extremo adeus pungente!

Na febre que o afervora,
O Pensamento vai
Por esses mundos fora...

E, no horizonte—olhai!—
Todo abrasado em Deus,
Refulge outro Sinai...

Turbam-se mais os céus;
Turbados, relampejam,
Ao alto, os sonhos meus.

Nuvens e aves adejam;
Ao vento, como loucas,
Adejam e negrejam.

E, crispadas e roucas,
Há palavras de medo,
Soltas de áridas bocas.

A hora é de segredo;
(O vento cava e agita
A noite do arvoredo...)

—Parte, minha alma aflita,
Voa, no último raio
Da luz, que inda palpita,
Humana, em seu desmaio!

MARIO BEIRÃO

///

«Os primeiros numeros do «Diario de Lisboa» foram escritos, compostos e paginados numa casa escura, humida e fria, que as ratazanas percorriam descaradamente, sem recear ataques. Um amigo nosso, que um dia nos visitou, ao ver o descaramento dos roedores, disse-nos:

—Este jornal ha de ir longe porque consegue viver no meio de bichos...

Provavelmente foi daqui que o «Diario de Lisboa» adquiriu um certo feitio para se não assustar».

(De um «eco» em 7 de Abril de 1922»).

///

No dia do aparecimento do «Diario de Lisboa» produziu-se um acontecimento que causou sensação: uma entrevista do sr. cardeal patriarca D. Antonio endes Belo com o sr. presidente da Republica, dr. Antonio José Almeida. O prelado ia solicitar do Chefe do Estado a amnistia politica, que de facto o Congresso concedeu dias depois, aproveitando as comemorações do 9 de Abril. O encontro entre aqueles dois venerandos portugueses foi amistosissimo.

///

Foi o «Diario de Lisboa», no seu 1.º numero, que anunciou que Lucilia Simões ia reaparecer na cena teatral. A noticia causou então estraordinario interesse.

///

Se ainda existisse, celebraria hoje também os suas bodas de prata o «Correio da Manhã» jornal monarquico dirigido pelo dr. Anibal Soares, e com o qual o «Diario de Lisboa», jornal republicano, manteve sempre as mais amistosas relações.

COLECÇÃO «POESIA»

POESIAS DE

Fernando Pessoa

A' VENDA A 3.ª EDIÇÃO

A publicar em breve: «POESIAS DE RICARDO REIS»

Pedidos a todas as Livrarias

ATICA, S. A. R. L.— R. das Chagas, 23-27 — LISBOA

Ferraria Franco-Portuguesa

(ALFREDO FRANCO)

SERRALHERIA CIVIL — Campo Grande, 288
SERRALHERIA MECANICA — R. das Salgadeiras, 28
CONSTRUÇÕES METALICAS — Damaia

Todos os trabalhos metalurgicos, em especial:
Serralheria Artistica e de Construção Civil;
Construções metalicas e mobiliário.

SEDE: CAMPO GRANDE, 288

Telefone 57.313 — LISBOA

ESTABELECIMENTOS

JERONIMO MARTINS & FILHO, L.DA

Grandes Armazéns de Víveres

PAPELARIA E PERFUMARIA — IMPORTAÇÃO — EXPORTAÇÃO

///

Fornecedores de mantimentos para Navios

///

Teleg.: «*Viveres*» Telef. do Estado, 259

Telefones: 2 8248, 2 3241/2/3—13, RUA GARRETT, 23—LISBOA

TINTAS
ESMALTES
VERNIZES

ORIGEM INGLESA — EMBALAGENS DE ORIGEM

CASA LINO

RUA DOS BACALHOEIROS, 115 — LISBOA

Telef. 2 1374 e 2 1375 P. B. X. **Telegramas — ONIL**

Companhia Portuguesa
RADIO MARCONI

CONCESSIONARIA DO ESTADO

TELEGRAMAS
VIA "PORTUCALE"

Serviço telegráfico e telefónico, de todo o mundo para todo o mundo

Telegramas especiais de saudação (SDS) para o Império Português, a 10$00 cada telegrama de 10 palavras

EM LISBOA — Rua de S. Julião, 127 — Telefone 27211
(P. A: B. X.)

NO PORTO — Praça Almeida Garrett, 27 — Telefone 5680

Estações em:

Carnaxide, Alfragide, Vendas Novas, Funchal, Ponta Delgada, Praia (Cabo Verde), Luanda e Lourenço Marques

GALERIA PORTUGAL, L.DA

GRANDE EXPOSIÇÃO (a melhor que temos organizado) com quadros antigos e contemporaneos, das ESCOLAS flamenga, Espanhola, Italiana, Francesa, Inglesa e Portuguesa, assinados e atribuidos a *Adrien Brouwer, Teniers, Goia, Salvador Rosa, Vieira Lusitano, Roquemont, Sanchez Ramos, Columbano, Metrass, Bordallo Pinheiro, Silva Porto, José Malhoa, Carlos Reis, Condeixa, Ramalho, Alves Cardoso,* Antonio Saude, João Reis, José Campas, Falcão Trigoso, Frederico Aires, *Girão,* Maria Ayda, Vilaça, Maria Adelaide. Lima Cruz, Gomes Martins, Tulio Vitorino, Alipio Brandão, Hygino Mendonça, Teixeira Bastos, Tomaz de Melo e muitos outros.

QUADROS—PINTURA SOBRE COBRE, ANTIGOS, DE GRANDES DIMENSÕES e pequenos, PRIMITIVOS PORTUGUESES LINDISSIMOS, aguarelas de *Ricardo Hogan, Enrique Casanova, Roque Gameiro, Rosental,* Eduardo Malta, José Dias Sanches, Luiz Salvador, etc.

Jarrões da India, China e Japão, Estatuetas, Louças da Companhia das Indias, China, Japão, Saxe, Sévres, Inglesas e Portuguesas Grande colecção de *Leques antigos,* alguns raros. *Relógio antigo de Sévres raro* e outros e muitas utilidades.

Aberta das 10 ás 19 horas, todos os dias uteis. Telefone 2 7330.

RUA D. PEDRO V, 66 e 68

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa

CAPITAL REALIZADO ..... 80.000.000$00
FUNDOS DE RESERVA ..... 81.000.000$00

Rua do Comércio, 95 a 119 – LISBOA

DEPENDÊNCIAS URBANAS

Alcantara, Poço do Bispo, Conde Barão, Almirante Reis e Benfica

FILIAIS E AGÊNCIAS

Porto, Coimbra, Braga, Faro, Ponta Delgada, Covilhã, Torres Vedras, S. João da Madeira, Santarem, Torres Novas, Gouveia, Estoril, Tortozendo, Abrantes, Mangualde, Figueiró dos Vinhos, Olhão Matozinhos, Moura, Guarda, Espinho e Montijo

TÔDAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

OS NOSSOS COLABORADORES

PERPETUIDADE

Um conto inédito de *Aquilino Ribeiro*

O José Flora sabia o que custa a vida. De oito irmãos ladros e famintos, perfeita ninhada de ratos, só ele conseguiu erguer cabeça. Para isso fartou-se de puxar pelo corpo e dar voltas ao juizo. Trabalhara como um moiro. Não era homem que levantasse um pé sem saber que estava firme o outro. Qualquer acto, o mais insignificante, havia de meditá-lo primeiro, ponderá-lo, vê-lo sob os vários aspectos, esquadrinhar o seu avesso como se faz a um taleigo quando se muda de conteudo. Numa palavra, em aparência era um destes tipos, acima de boçais, que a linguagem dos que perduram cigarras até morrer cominam de calculistas, arrangistas e doutros fajardismos anexos. Afinal, parecia apenas ser daqueles que se recusam a tomar uma deliberação sem préviamente consultar a consciência ou o travesseiro, que é a sua segunda instancia.

Pastor dos dez anos aos dezassete em casa do Saramago rico, abalava de manhã, para o monte, com um trancanaz de pão no bornal e a metade da sardinha da ordem.

—Quem quer o rabo da sardinha? Quem quer a cabeça?—propunha o unhas de fome para filhos e assalariados. O José Flora preferia do lado da cabeça porque, deitadas bem as contas, essa parte sempre tinha mais que comer.

Lorgava o pão e, depois de lhe papar o miolo, para a côdea em forma de conca ordenhava as cabras. Cevado de leite, curtido dos ventos e dos sois se fez rijo e forte como os calhaus da serra.

Aos dezassete anos, com o dinheiro das soldadas e outro que o pai tirou á fiança, ajustou com um homem de escuros cambalachos a passagem para o Brasil. O engajador conduziu-o pela raia de Monção á terra galega, onde ficou encalhado semanas e semanas á espera que o navio negro fizesse escala por Vigo. Nesse entretanto soube tornar-se util ao estalajadeiro, dobrando-lhe o animo calmho. Era ele que rachava lenha para os gastos da cozinha, que ajudava a patroa a amassar a fornada, que ia por água á fonte, varria a casa, se desfazia, em suma, em paparicos para donos e hóspedes. Nas vésperas da partida, D. Jesus de Timoneda, veio ter com o «portuguesito»:

—Seu moço, o paquete sai ámanhã, mas eu venho rogar-lhe para ficar connosco. O Brasil tem-no aqui, que lho prometo eu. Se aceita, a viagem é-lhe reembolsada...

O Flora, dentro do seu sistema, pediu licença para reflectir. Onde levava aquela vida de escravo? Timoneda tinha apenas filhos varões e não meninas. Depressa despedaçou os frágeis vinculos:

—Cada um tem que cumprir a sua sina—veio ele dizer.—A minha passa por Terras de Santa Cruz. Adeuzinho e bem hajam.

No Rio pegou do gadanho ao lado dos patricios que trabalhavam para o Botá-Fogo na descarga dos saveiros. Dias depois era celebrado o seu alento e fortaleza. Em menos de ano chegava a capataz na Sapucaia com casa de pasto e criação de cerdos por sua conta e risco.

Mas a sua linha de destino estava a acabar, no que respeita áquelas paragens, a trajectória. Para que lhe servia moirejar, amealhar, enriquecer? Para quê, se não levava mais longe que á sepultura aquela vereda?! Pediu licença para ir a Portugal. Agenciara um certo peculio ao mesmo tempo que robustecera a poder de experiencia a norma que fizera sua regra de conduta e com a qual se não dera mal: reflectir todos os instantes da vida, desde o futil, que parecesse não ter mais valor que beber um copo de água, ao solene, destes que põem um homem de baraço ao pescoço. Sabia distinguir como poucos a sua mão direita da mão esquerda e quantos vintens eram precisos para fazer cinco tostões. Neste capitulo a sua sagacidade ia até o apuramento milesimal, só peculiar á balança dos ourives.

Quando entrou na aldeia natalicia com o seu fato preto, a barbela de oiro de dois fios, as suas falas acertadas e as suas duas letras—porque, tendo verificado que havia certa vantagem dos que sabiam ler sobre os que não sabiam, aprendera a escrever uma carta sem grandes erros e a cortar menos mal um artigo de jornal—não o reconheceram. Ele é que imaginou ter largado na vespera da lura montesinha, tão incardido era aquele seu ar de sordidez e miséria. A velhice não era mesmo para ali chamada. Envelhecem o granito e o colmo a partir do dia em que descoram duma vez para todo o sempre sob a acção fulminante das intempéries?!

Flora disse mal da sua cabeça quando se viu na piolheira familiar com manos e sobrinhos de dentes agudos como enxadões, ao mesmo tempo tão ávidos dos seus cobres como mariolas no respeito. E o seu primeiro movimento foi apartar-se da covadonga, adquirindo um casebre que mandou atabicar e onde pôs uma irmã a forjicar o comer. Depois tratou de empregar os capitais, adquirindo terras, dando-os a alto e firme juro, indo mesmo a comprar a sua vaca ao ganho para aqueles lavradores que, por falta de cálculo, tinham bebido um copo a mais e fumado uns tantos massos além do que lhes permitiam as posses. Mas havia que firmar melhor o pé, firmá-lo consoante o sentido profundo com que se significava a existencia.

* * *

Na localidade bárbara, havia uma ganhadeira á sua moda. Andara por vila e termo, Mangualde, Viseu, Porto, sempre ao serviço de viuvas e velhas solteironas, tão recheadas de pecunia como de manias. Mas acertou que fossem esmoleres pela razão congénita por que lhes podia dar para serem agarradas, e ao recolher, quando, os seus anos entraram na casa decimal que não tilinta, mas chocalha—quarenta, cinquenta—trazia um grosso pé de meia. Demais, sabia fazer o chá a um doente, despontar umas piugas, e palpitavam-se por cima de sua casca labroste vinte anos de convivencia com gente civilizada, que usa guardanapo á mesa, toma vinho quinado, dispõe de tempo para ter a sua enxaqueca e ir para as praias, e que pratica outras coisas assim obnóxias e singulares para uma lapuza das serras. O Flora, na sua qualidade de bom calculista, considerou que estava ali a mulher que lhe convinha. Pois que já era adiantada em anos, em vez duma ninhada de ratos como seus pais, teriam apenas os filhos que quadravam a um casal bem ordenado: um, até dois. Mais, era desgoverno. Agora, um até dois era necessário, indispensável mesmo á sua missão no mundo. Quem asseguraria a continuidade de suas pessoas? Para quem trabalhavam? A quem deixariam os seus bens acumulados em anos e anos de trabuzana?

No fundo de seu ser haviam ambos formulado igual anelo com a mesmissima ansia, de modo que se acharam destinados um para o outro segundo a graça e a harmonia pre-estabelecida. Casaram. Ao fim de três anos, embora amigos como unha e carne, surpreenderam-se a desesperar cada um para seu canto. E' que Lourença continuava enxuta como uma sardinha corchada. E, porque assim fosse contra os seus ardentes desejos, a pobre mulher rompeu a consultar quantos bentos e benzilhões lhe indicaram na vasta redondeza e a fazer promessas a todos os anjos e santos da côrte celestial. As ermidinhas não conheceram romeira mais exacta nem os santuários celebres penitente mais atrida ao rojar pelo solo em volta das penhas sagradas seus joelhos nus. Se por um acaso feliz, tivesse que satisfazer de chapa quantos votos fizera ao divino, esvaziaria a arca grande a pesar-se a trigo, e os cerieiros da Bezelga não forneceriam cera cabonde com que medir-se ás velas prometidas da sua altura. Mas os santos advogados não quiseram saber da sua concepção ou a sua voz carecia de mérito para atravessar a imensidade etérea e acordar-lhes os ouvidos surdos que nem tapados com rôlhas.

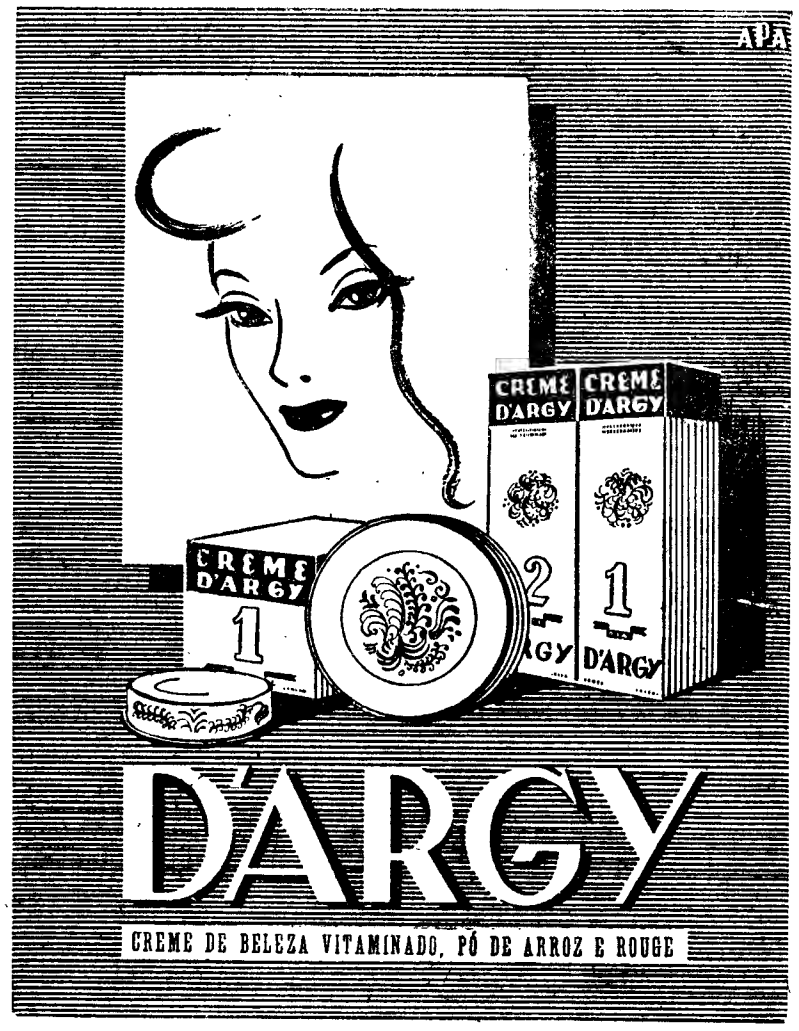
O Flora, esse que resistira com sua forte e calculada personalidade á impregnação espiritualista da Tijuca, que nunca fora santanário, passou a descrer de todo. Na taverna do Evaristo, onde de largo em largo vinha botar a sua sentença e jogar a bisca samarreira, ouviram-no blasfemar á boca grande dos eclesiásticos e da religião. Padre Eterno, quem lhe viu alguma vez a bela barba de rio? Alma, quem avistou alguma vez tal pomba a voar?

O pároco passou a contá-lo no rol dos pedreiros-livres. Flora, em realidade, cortara as relações com o Todo Poderoso. Como não, se não dava despacho ás suas instantes deprecadas?! Cortara-as ainda com os seus ministros pelas mesmas razões e porque o munus ecleciástico com seus lazeres, seu aparente «far-niente», seu artisanato rubicundo contrastava com a vida de escravo que sempre levara, ao serviço dos outros primeiro, agora ao serviço de ambições não menos exigentes e despóticas. Não havia ideias, ideias abstratas, que seria o perigo, nesta querela entre o Flora e a divindade, mas uma questão puramente pessoal. Sim, porque lhe não davam ouvidos? Para que lhe servia andar como um negro, um negro honrado e cumpridor, na porca da vida? Com que fim podia justificar-se de não comer vitela ou cabrito e o seu passadio se limitar á batata, á berça e ao bocadinho de carne da salgadeira? Porque havia de teimar em não botar gravata e casacão, ter a burrinha passeira e maviosa, que os levava ao mercado, em vez dum garboso cavalo? Era razoável que persistisse naquela febre de ajuntar todos os anos mais uma propriedade ao seu cadastro na Fazenda? Para que toda essa freima, esse desespero em ser rico, em desenvolver a lavoira, aumentar a casa, deitando a unha a horta, linhar, bouça, pinhal ou barrosela que pusessem em hasta? Flora estava rico, rico como porco, o primeiro proprietário do lugar, e nada o afligia tanto como ter de deixar os bens á choldra de seus irmãos e sobrinhos, uns pirangas que não tinham onde cair mortos, que casavam, recasavam, amancebavam-se e elevavam a parentela a uma prodigiosa e ruidosa maltesia.

Subitamente, a meio desta porcela desatada de impropérios e descrenças, Lourença, a quaternária Lourença, sentiu os estremecimentos jubilosos de Rebeca quando concebeu a Esau. Viva Deus, a terra, maninha tantos anos, entreabria-se ao gérme que floria. O incréu tirou o chapeu e sentiu ganas de ajoelhar ante o ventre de sua mulher como ante um altar. E em acção de graças mandou ao senhor prior um galo para o almoço e um carro de raízes de carvalho para a braseira.

Meses andados veio ao mundo uma menina, que atravessou a infancia como uma gorda e corada maçã camoesa. Durante o ditoso transcurso, pois que já estava traçada uma directriz á sua rota na terra, mais se espremeram no trabalho, afiando seus dedos na onzena, explorando a relice dos pródigos, nunca dormindo a noite toda na cama. Fazia a menina Vitória dezasseis anos para a Candelária e ainda o pai não tinha reparado que estava casadoira, quando lhe vieram dizer que o Amadeu, neto precisamente do Saramago, um meliante que voltara da tropa e só andava bem de pau argolado e de cigarro na boca por feiras e arraiais, fora encontrado com ele em ledos gatimanhos e franco relambório. Caiu-lhe a alma aos pés. Era possivel? Era, que se deu a espreitar a filha pela socapa, receoso de ser joguete da dissimulada. As meladas fosquinhas a que assistiu sem ser visto não lhe deixaram mais duvidas. Depois de estudar prós e contras, por-

(Continua na pág. 26)



Os que fazem o

Dr. Norberto Lopes

Norberto Lopes é um jornalista de fibra e altanaria, de uma excelsa dignidade profissional. Feito e educado na escola de mestres, qualquer dos grandes do jornalismo que desapareceram da vida—o tomaria por um seu par. Estas coisas escrevem-se sem esforço, e reduzem-se ao limite que uma boa compreensão de camaradagem impõe. Apareceu em Lisboa com 16 anos apenas—frequentar Direito. E desatou a frequentar as salas de redacção; dele havia o direito de perguntar: «de onde lhe veio o gosto para a arte de jornalista?». Em 1919 entrou para a redacção de «O Seculo» da noite, onde pontificava Avelino de Almeida. Depois esteve na «Patria», já lançado pelas suas provas de reportagem e de cronista, de uma delicada sensibilidade, a um tempo romantica e realista. Entrou para o «Diário de Lisboa» no seu primeiro dia, e nunca mais o deixou. O trasmontano afizera-se á capital, trazendo para o jornalismo, que abraçara como carreira de seu destino, as virtudes das gentes da sua região. Formou-se em Direito em 1927—e ficou apenas jornalista

Começou então a sua ascenção vertiginosa; servido por uma cultura forte, a valorizar o fulgor da sua pena—á qual se devem algumas das páginas de antologia do jornalismo português—, Norberto Lopes fez, como raros apenas, a crónica literária, a crónica futil, a viagem, a alta reportagem, a rua, o parlamento, a entrevista, a politica, a critica, o imprevisto. Nenhum segredo desta amante doirada e serena, que é a arte do jornal—lhe foi alheio. Em 1929 ascendeu a chefe da redacção.

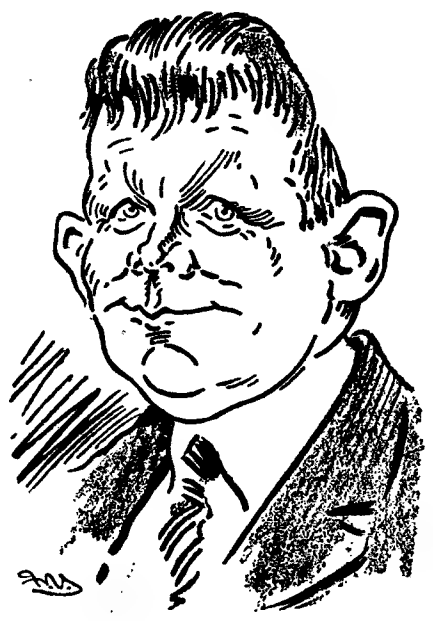
A sua obra no «Diário de Lisboa» não se pode conter em meia duzia de linhas. Atropelamos, de memoria, este seu «curriculum vitae» de um quarto de século: a viagem de Coutinho e Sacadura ao Brasil, o «Periplo de Africa», a bordo do «Gil Anes»—oito meses sobre as águas do mar acompanhando uma divisão naval—, uma reportagem a Angola acompanhando o ministro das Colonias Bacelar Bebiano, a revolta comunista da Andaluzia, a viagem á Argélia e á Tunisia com o presidente do Governo francês, Daladier, a entrevista, em Roma, de Chamberlain com lord Halifax; reportagens na Itália, na Austria, na Bélgica, na Inglaterra, na Alemanha, na Espanha, na Checo-Eslovaquia; a guerra civil no país vizinho, a visita ao campo de concentração de Dachau; dezenas de reportagens no país—o 28 de Maio em Braga, o 3 de Fevereiro no Porto, a passagem do rei Alberto por Lisboa—, entrevistas com o chanceler Schuschnigg, com o principe de Stahremberg, com o aviador Lindbergh, com Teixeira Gomes, em Bougie, com Gomes da Costa, com Bernardino Machado. Em todos os seus trabalhos de «jornalismo vivo» foi perfeito, como em todas as crónicas de espírito e de singular pureza literária, é modelar. Publicou, já então no «Diário de Lisboa», os livros «Cruzeiro do Sul», «Mais vale andar no mar alto...», o «Exilado de Bougie», a «Viagem maravilhosa»; tem traduzido dezenas de peças do melhor teatro, francês sobretudo, e ele próprio escreveu, de colaboração com Chianca de Garcia, «Filha de Lázaro», representada com assinalado exito, no Politeama.

Norbero Lopes pertence nesta redacção ao numero daqueles que, mesmo não assinando, revelam a autoria do escrito.

Norberto de Araujo

Norberto de Araujo vinha de Italia, onde fôra entrevistar esse velho leão vencido que era Giolitti, quando entrou para o «Diario de Lisboa». Divisamo-lo com curiosidade. A sua personalidade fisica talvez não correspondesse ao seu estilo tão fino e vibratil.

Sorria, brincava, era um rapaz de 32 anos, entre os de vinte, ou dezanove que nós eramos—o romantico admirável, que fazia chorar os mulheres, na-



quelas deliciosas aguarelas, que passaram á literatura com o nome de «Miniaturas».

Norberto de Araujo é—*todo um jornalista*. Tanto escreve sobre o joelho uma cronica lapidar, descobrindo, inevitavelmente, ao assunto, mesmo que o não tenha, uma faceta original, como se atira para a reportagem, sabendo nós, de antemão, que será sem duvida, um dos primeiros. Não tem um estilo invariavel, mas um para cada assunto, até mesmo para cada caso. Durante anos escreve, semanalmente, no nosso jornal, as «Paginas de Quinta-feira», sinteses de arte, politica, casos de rua, comedia burguesa, a nota cultural, o comentário de teatro—e ora discute, ora defende, ora neutraliza, sempre com brilho e uma audácia formal que se insinua, inédita, na sensibilidade. Fez duas viagens presidenciais, com Antonio José de Almeida ao Brasil, e com o general Carmona, a Espanha. A sua reportagem a Gibraltar, quando da chegada no porta-aviões «Eagle», dos aviadores espanhois do «Numancia», é sensacional. Salva a crónica por um fio, descendo por uma corda de um convés a outro, surpreendendo Ramon Franco. Em 1925, ano de oiro da comemoração de Santa Teresinha, vai a Roma. Assiste ao julgamento do Angola e Metropole, de que nos dá crónicas modelares. Mais tarde inicia uma série documental, com o titulo «Como se trabalha em Lisboa?».

Deve-lhe o «Diario de Lisboa» algumas ideias felizes: as rainhas dos mercados e a festa das costureirinhas. Põe sempre em tudo que faz uma nota lirica, de emoção sentida. Uma das suas ultimas grandes páginas do jornalismo foi a visita da rainha D. Amelia ao panteão de S. Vicente. A par disso, intermitentemente, assina a critica literária, o comentário artistico, a entrevista politica, uma das quais provoca um duelo sangrento. Os seus ultimos amores são Lisboa, de que erudita e sentimentalmente, tem escrito páginas dignas de tombo citadino. Conhece dela todos os seus segredos, todos os seus encantos, todos os seus desvarios.

Norberto de Araujo, jornalista, é essencialmente um escritor. Damos aqui, apenas, um lampejo da sua biografia. Diz ele que é o mais velho dos redactores do «Diario de Lisboa»—e tambem um dos mais novos, dizemos nós. Os cabelos brancos, não contam quando nas veias flameja o sangue ardente da profissão. Apesar da sua vida intensa de jornalista, Norberto tem publicados 31 volumes. Não será preciso mais para definir o seu intenso e admiravel labor.

Dr. José Ribeiro dos Santos

José Ribeiro dos Santos é jornalista de alto a baixo. Cultiva o anonimato, que raras vezes quebra. Tem acêrca da sua profissão, que nele é uma febre lenta, um gastar de nervos em silencio, uma paixão tranquila, sem lances de romance—ideias próprias. Um dia poderá ser considerado um mestre de «metier», curso tirado na banca da redacção, menos em contacto com a rua, mas não menos perto dos acontecimentos. «Penso que o jornalismo não se inventa—vive-se, mesmo quando se não dá por ele»—diz.

Sem ser um concentrado, é um retraído. Considera-se uma peça desta grande engrenagem, montada para servir, na medida do possivel, o que se supõe que sejam as grandes predilecções do publico: noticia, projecção do drama, ideias.

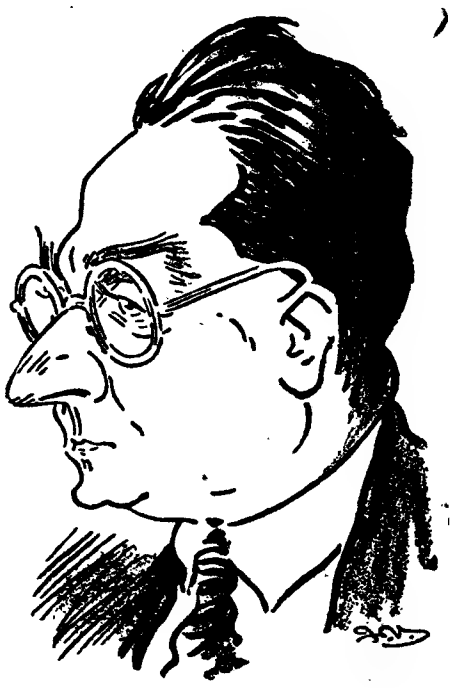
Veio para o *Diario de Lisboa*» com uma experiencia feita na vida das redacções, desde o *Rebate* há muitos anos, para onde fôra ainda rapazinho, quando tirava o seu curso de Direito, até á sua longa estadia na *Republica* como chefe de redacção.

Não se recorda do muito que tem feito, ou tem inspirado, na sua dezena de anos da profissão. A critica, o teatro, as artes merecem um carinho especial ao seu espirito culto. A arte do jornalismo periodico—ou seja a revista, o «magazine» — é-lhe familiar e propicia ao seu temperamento reflectido mas dinamico, dentro da aparente calma de um lago abrigado de ventos. Dirige o *Ver e Crer* com Mário Neves.

Constitue um exemplo de dedicação e atenção á «máquina» que, na qualidade de sub-chefe de redacção, tem sempre diante dos olhos. Satisfaz-se com a certeza de «em cada instante procurar fazer o que supõe o seu dever, e ficar sempre a mastigar a incerteza de o ter conseguido». A sua modestia não é graduada por reguas de um sistema: é assim porque é. Dos seus livros citamos: «Fogo»—crónicas da sua pena impressiva, «Memórias dos outros» e «Senhoras conhecidas»; de teatro que representou lembramos «Minha mulher é um homem», mas outras peças escreveu, «O dono da casa», por exemplo, ensaiada por Maria Matos.

E é, além do mais, do melhor dos camaradas.

Artur Portela



Com 19 anos apenas, Artur Portela lança-se ávidamente na reportagem. Era nessa altura um rapaz magro, de aspecto doentio, nervoso e ardente de sensações. Podia ter começado pelo «chien crevé», mas logo no primeiro numero do «Diário de Lisboa», em meia duzia de pinceladas, nos dá um quadro, fotográfico como reportagem, da cerimónia do Soldado Desconhecido no Parlamento, ante-camara da sua tumulização na Batalha.

Empolga-o a entrevista; realiza milhares delas, tentando dar-lhe um aspecto original. Discute, replica, insinua, lisongeia ou critica mesmo, o político, a actriz, o viajante ilustre, procurando descobrir-lhes as almas. Dos seus primeiros tempos deram brado, entre outras, as suas entrevistas com Leote do Rego, Bernardino Machado, António Granjo, João Chagas, etc.

A pouco e pouco, avolumam-se e equilibram-se as suas qualidades literárias. Tenta depois a crónica, desde a aventura nocturna nos cais até á peregrinação dolorosa, e por vezes trágica, das prisões, dos hospitais, da Morgue e dos manicómios.

Da entrevista e da crónica passa para a critica teatral, onde o seu temperamento atrevido o leva a sustentar uma série de polémicas que deram brado. Responde a um célebre manifesto dos mestres, promove a consagração de Angela Pinto, que estava abandonada, e mais tarde, a de Adelina Abranches.

Faz numerosas viagens ao estrangeiro: a Paris (exposições internacionais), a Berlim (enterro de Stresemann); ao Rio de Janeiro com uma excursão de portugueses; a Inglaterra, para assistir ao lançamento dos navios da nova esquadra e mais tarde, um mês antes da guerra, com uma excursão de jornalistas, durante a qual realiza com Churchill uma entrevista que foi discutidíssima. Foi repetidas vezes

"Diário de Lisboa"

a Espanha, onde assistiu ao dramático discurso de Sanchez Guerra contra Afonso XIII, que entrevistou nessa altura; é recebido mais tarde por Berenger, o sucessor de Primo de Rivera, e fala, já em Republica, com Azaña, Julian Bestero, Indalecio Prieto, Marcelino Domingo e outros politicos espanhois.

Durante a guerra civil que estalou naquele país jogou várias vezes a vida. Com objectividade, em circunstancias dificeis, escreveu uma série de crónicas sobre a tomada de Talavera, Toledo, Madrid e Barcelona, a que assistiu.

Já depois de declarada a guerra europeia, foi a Paris, onde entrevistou Herriot. Grandes artistas de teatro e cinema, como Cecile Sorel, Brulé, Antoine, Danielle Darrieux, Vivian Leigh, Anabela, Tyrone Power, Charles Boyer, Montgomery e muitos outros foram retratados nas páginas do «Diário de Lisboa» pela sua pena.

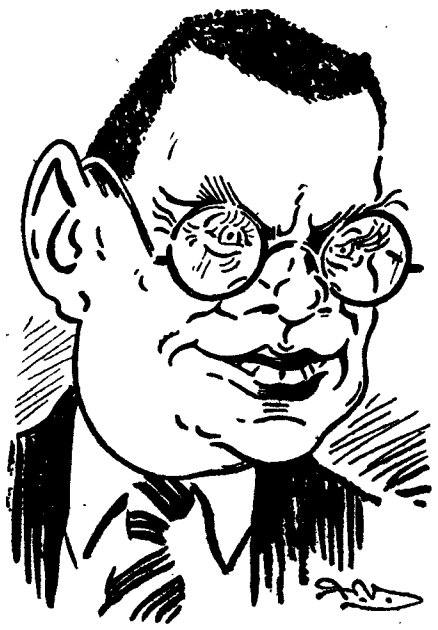
Fez todas as reportagens de revoluções, muitas vezes debaixo de fogo, como no 18 de Abril.

Dirige actualmente, no nosso jornal, a rubrica de artes plásticas e a Página Literária. Publicou ultimamente duas séries de reportagens de grande interesse, uma sobre operações cirurgicas e outra sobre a vida dos mineiros. A sua evocação dos duelos politicos foi muito apreciada e deve constituir em breve um magnifico volume.

Carlos Ferrão

A politica internacional, encontrou em Carlos Ferrão um dos seus melhores comentadores. Sereno, observador implacável, de uma extraordinária cultura e de uma memória excelente, Carlos Ferrão foi dos primeiros, em Portugal, e talvez no mundo, que viu avizinhar-se a catastrofe, motivo porque ocupou uma coluna do «Diário de Lisboa», depois duas, e se o deixassem todo o jornal, de tal maneira, passionalmente até, Carlos Ferrão está enfronhado nos manejos das chancelarias e da politica de cada Estado. A sua actuação na guerra foi brilhantissima. Interpretador de factos, conhecendo a psicologia das grandes figuras mundiais e, sobretudo, os avatares históricos dos povos, as suas observações são verdadeiros axiomas. Sensacionalmente, anuncia-nos, em plena guerra, e quando nada o fazia prever, que a Alemanha atacaria a Russia. Afirma-o de uma maneira decisiva. O publico pasma. De facto, três dias depois, Hitler lança-se contra os sovietes. Há, seguramente, oito anos que Carlos Ferrão todos os dias escreve para este jornal. E' enorme a sua soma de trabalho. O cronista apurado de matéria internacional, é citado no estrangeiro. Os jornais de Londres, entrevistam-no; a B. B. C. reproduz os seus comentários.

O que chega a parecer milagre, é



Carlos Ferrão nunca se ter enganado. Mas é assim mesmo. Ele só escreve, depois de ter pensado, pesado matemáticamente, todos os argumentos. Se o «Diário de Lisboa», foi, de certo modo, um guia na guerra europeia, comentando ou prevendo acontecimentos, deve-o a Carlos Ferrão.

Não se julgue, porém, que ele é apenas um cronista internacional. Antes disso, a politica interna, as camaras, os vultos partidários tinham nele um auscultador sereno, imparcial e objectivo. Famosa, e até histórica, assim a classifica Rocha Martins, uma entrevista de Carlos Ferrão, com o general Ivens Ferraz. Trabalhou na «Capital», «Pátria», «Tarde», «Vitória», e «Século», voltando a colaborar neste ultimo desde 1942.

Nós chamamos-lhe o «professor» porque o foi, e ainda porque o seu conselho é sempre o melhor e a sua palavra a mais cordata.

Felix Correia

Depois de interromper o seu curso do liceu, foi aprendiz de torneiro mecanico na casa Street e empregado de escritório de Santos Matos & C.ª, Martins & Galla, Limitada e Guerreiro Gala. Em 1916 começou a colaborar assiduamente no jornal monárquico da tarde «O Liberal». Em 1918, foi convidado, por António Sardinha, para redactor do diário integralista «A Monarquia», desempenhando este cargo até ao desaparecimento do jornal. Tem, portanto, 28 anos de jornalismo profissional.

No dia seguinte ao do desaparecimento do referido jornal, entrou para a redacção do «Diário de Lisboa», que completava nesse mês (Abril de 1922) o seu primeiro aniversário.

Neste jornal, realizou entrevitsas com o presidente Carmona, com Gomes da Costa, Cabeçadas, Bernardino Machado, Eduardo VIII, Hitler, Franco, Washington Luís, Marcelo Alvear, Kerensky, o Kronprinz e Wendell Willkie; cardeais Cerejeira e Sebastião Leme e padre Luís Gonzaga Cabral; Gago Coutinho, Brito Pais, Sarmento de Beires, Jorge de Castilho, Italo Balbo, Lindbergh, Ramon Franco, Lehman, comandante do «Graf Zeppelin», Hildebrant, o homem que primeiro sobrevoou Paris em dirigível, Antoine de Saint-Exupéry, Costes; dr. Ley, dr. Goebbels, Speer, Roechling, «o homem do Sarre»; Max Braun, o «leader» da oposição sarrense aos alemães; Frank Hodges, «leader» trabalhista inglês (1928); os diplomatas dr. Pedro Teotónio Pereira, Veiga Simões, Amé Leroy, Araujo Jorge, Guerra Duval e barão von Hoyningen-Huene; Veva de Lima, Lily Jean-Javal, autora do «Au pays du soleil de minuit»; Mercedes Sanz-Bachiller, fundadora do «Auxilio Social», Rosita Serrano, Maria Rasputine; Henrique de Paiva Couceiro, João de Azevedo Coutinho, Filomeno da Camara, Ferreira do Amaral, o conselheiro Ernesto Driesel Schroeter, ministro de João Franco; João Chagas, Cunha Leal, os irmãos Bensaudes, os generais Sinel de Cordes e Raul Esteves; os generais Sanjurjo, Queipo de Llano, Varela, Millan-Astray, Martinez Anido, Yague; Calvo Sotelo, o conde de Guadalhorce, Yanguas Messia, Cruz Conde, o marquês de Quintanar, Ortega y Gasset, Lerroux, Luís Araquistain, Martinez de Velasco; Pedro Calmon, Gustavo Barroso, Gustavo de Almeida, Procópio Ferreira; o dr. Voronoff, o «principe Boris de Andorra», etc.

Fez as seguintes reportagens no estrangeiro: muitas em Espanha, como as da guerra civil, do primeiro voo comercial Madrid-Lisboa (1925), em representação de toda a Imprensa portuguesa, da Semana Portuguesa em Sevilha, da ida de Nicolau e Trindade até Vigo; em 1929, diversos artigos da Alemanha, onde foi para tomar parte na primeira viagem do paquete português «Quanza», e em 1935 larga reportagem do plebiscito do Sarre e da Alemanha, com alguns artigos de França.

Principais reportagens em Portugal: revoluções de Almada, dos aviadores militares na Amadora (1924), do 18 de Abril e do 19 de Julho (1925), do 28 de Maio (1926), do 3 de Fevereiro no Porto (1927) e do 26 de Agosto; diversas greves, umas pacificas, outras revolucionárias; algumas Voltas a Portugal em bicicleta, «raids» aéreos iniciados no nosso país, ou que aqui tiveram escala; naufrágio do «Yankee Clipper», em frente a Cabo Ruivo; o ciclone; o grande desastre ferroviário na linha de Cascais; comemorações centenárias em Lisboa, Guimarães, Sagres, Ourique, etc.

Quando, em Janeiro de 1927, entrou no Limoeiro, para cumprir 3 meses de prisão, como primeira vitima da nova lei de Imprensa, foi acompanhado até á porta da cadeia por uma centena de profissionais do jornalismo.

Manuel Nunes

Entre nós, chamamos-lhe o «reporter do crime». Evidentemente, há outros, mas este é o «nosso», sem ar detectivesco; mas tenaz, arguto, morrendo, se preciso for para trazer uma boa notícia para o jornal. E' dos que conhecem melhor os escaninhos do Torel, assim como sabia de cor e salteado os da «Correirinha», quando a Policia de Investigação estava ali, no Governo Civil. Manuel Nunes é dos da primeira hora, no «Diário de Lisboa». A sua ficha refere que entrou em 1921, mais mês, menos mês, e desde então, operoso, infatigável, ao sol e á chuva, na tormenta das revoluções, batido pelas chamas de um incêndio, onde haja um crime, um sinistro, um caso de rua pitoresco, Manuel Nunes

lá está, calmo, falando pouco e ouvindo muito, com o seu «faro» magnifico de reporter. E' o mais silencioso de nós todos e um dos que trabalham mais. Uma diligência policial ou uma entrevista pode levar dias, ou mesmo meses, toda a gente pode esquecê-las, ou cansar-se. Só Manuel Nunes não abandona a «caça», e um belo dia regressa á redacção com a notícia fresca, como se fosse de ontem. Fez a crónica dos tribunais, assistindo ao histórico julgamento do 18 de Abril, no qual foi promotor o sr. general Carmona; relatou congressos politicos; especailizou-se em questões de abastencimentos; seguiu e não se perdeu o labirinto das investigações sobre o Angola e Metropole; e tem realizado centenas de entrevistas, sobretudo, com individualidades operárias. Quase todos os crimes lhe têm passado pela mão. Um belo dia acordou poeta, e com um comentário justo, salvou os restos mortais de Gomes Leal de irem para a vala comum. Já foi a Espanha duas vezes—e se ali não relatou um crime, com certeza que nos trouxe uma boa entrevista. Eis Manuel Nunes, o mesmo vinte e cinco anos depois de ter entrado no «Diário de Lisboa».

Dr. Mário Neves

Tendo vivido desde tenra idade no ambiente dos jornais, que frequentava assiduamente com seu pai—o saudoso mestre de jornalismo Hermano Neves—foi aí que procurou ganhar a vida, quando as circumstancias resultantes da morte prematura do chefe da familia o obrigaram a procurar trabalho.

Com menos de 20 anos, já então fazendo parte da redacção do «Século» e ainda estudante de Direito, entrou, em Dezembro de 1931, para o «Diario de Lisboa», onde passou a assegurar um serviço regular de informações da Arcada.

Depois de ter passado por outras secções do jornal, aproveitou uma larga viagem pela Europa, em 1935, para dar aos leitores do «Diario de Lisboa» algumas impressões, das quais se destacam uma visita ao Vaticano, em que registou sensacionais declarações de Pio XI condenando a esterilização humana pelos nazis, e um encontro com Manuel Azaña, em Bilbau, pouco tempo antes deste estadista espanhol voltar ao poder.

Quando rebentou a guerra civil em Espanha, e o «Diario de Lisboa» distribuiu alguns dos seus redactores pelas diversas zonas de combate, coube-lhe o sector de Badajoz, cuja tomada descreveu com objectividade. Tendo sido o primeiro jornalista português que ali entrou, depois da queda da cidade em poder do «Tercio» e dos «regulares», a sua reportagem, de que parte ficou inedita, constituiu um

(Continua na 27.ª pag.-

OS NOSSOS COLABORADORES

Perpetuidade

Continuação do conto de *Aquilino Ribeiro*

(Continuação da pág. 23)

que não seria ele que daria tal passo, impulsivamente, sem pensar primeiro duas e três vezes, chamou a filha e, depois de longa e industriosa parlenda, em que via a sua palavra abrir rosso no peito dela como um cinzel em pedra dura, acabou peroando:

—Pequena, este homem não te serve. Vem de lá de casa do Diabo, e não sabemos que vicios ocultos traz. O que toda a gente vê é que não passa dum trancarruas que breve há-de espatifar o pouco que tem a herdar dos pais. A semana que vem vai responder a uma policia, não se livra da cadeia, e é-lhe bem feita, para, outra vez com a bebedeira, não se sair a espancar meio mundo. Mas ainda pior, muito pior do que isso, como já averiguei, é desrespeitar quem lhe deu o ser. Há poucos dias ergueu a mão para o pai. Não, em familia minha, com o meu voto, não entra um homem que, em nos pilhando ámanhã velhos ou doentes, á primeira contrariedade seria capaz de nos correr para fora de casa a pontapés. Não, filha, por essa via vais errada. Queres tu saber o homem que te serve? Uma joia de rapaz...? Um santo marido...? Queres? E' o Vicente da Adelina. Aí o tens que nem encomendado, destes que tais que para a mulher só têm um semblante: boquinha que queres, coração que desejas?

De sobra sabia Vitória que o Vicente era pouco sofrido e se virara já por vezes ao pai que, de resto, nas horas de pingueiro ninguem podia aturar. Mas era um rapaz direito como uma racha de lodo, desempenado, dois caracois da melena a fugir para a testa, um naminho de salpor sempre ao peito, do mesmo modo que nos lábios o sorriso de gallaroz para as moças que se espenujavam todas diante dele. E deitou-se a soluçar no regaço da mãe que a afagou e foi persuadindo da inutilidade daquele pendor, sabido que o pai era incapaz de dar o braço a torcer.

—Aceita o Vicente — terminou por dizer ao tempo que lhe encarecia também tal prenda de rapaz.

—O Vicente, senhora mãe, que ficou livre da tropa, que anda hético?! Deus me livre de semelhante emplastro!

A velha, pois que, além dos anos, não o atestavam menos os cabelos, onde seria raro o que não estivesse grisalho, e a cara mais engrouvinhada que as batatas que escaparam ao canto do monte duma colheita para a outra, a velha deu-lhe conselhos de prudência tirados da cartilha do marido, mais ajuizados uns que os outros, e tão oportunos que a mocinha arrefeceu em seus ardores.

—Pega no Vicente, filha, que, não senhora, não anda hético. Aquela amarelidão é de casta. Olha para o pai! Sempre assim foi um espicho de carne e mais teso para a labuta não quero que haja. Este Vicente nem parece do nosso tempo. Quem o vê num adjunto de copo na mão ou de brejeiro na boca a fumar ao teixugo? E estimar a mãe!? E' ela querer e põe as palmas das mãos por baixo para ela passar!

Vitoria não gostava nada dele por todas essas razões de virtude, pelo seu feitio de bom-serás e do gato borralheiro. Mas empurra daqui, empurra dalém, uma vizinha porque: não há melhor! outra porque: ficas uma baronesa! sobretudo porque ao seu coração chagado se impunha lenitivo e mordedura de cão cura-se com pelo do mesmo cão, o facto é que casou com o moço bisonho e salamurdo, rei dos manga-la-mangas.

* * *

Nas famílias como nas nações, como no mundo, a história repete-se. Ano após ano os grilos amorudos surgiam a cantar para as grilas em seus jardins babilónicos de trevo e serradela, e as rolas nupciais a descrever sarabandas gazosas por cima da pola tenra dos piffheiros, mas o berço, o velho berço em meia lua de Vitória, nunca mais ouvira a melopeia ternissima:

Papãozinho, vai-te embora
De-cima desse telhado...

A filha era tal qual a lauda em branco de Lourença nos primeiros anos de casório. Assim ela fosse um dia rasurada, repentina e favorávelmente! Com o genro é que o Flora não tivera surpresa que destoasse dos seus cálculos cerrados. Tudo o que o sogro ditasse representava a ultima palavra de Salomão. O sogro ou a sogra.

—Vicente, se não gostas do caldo, deixa!—dizia-lhe Lourença tantas vezes.

—Deita cá mais meia tejela...

—Vicente, se queres ir á festa da Lapa com a Vitória, vai, que eu deito as vacas...

—Bodas e festas não me enchem a mim o papo. A Vitória que vá, se lhe apetecer.

—Vicente, estão ali os mercadores com boas casimiras. Vai escolher uma roupa...

—Uma roupa, se o terno com que me casei está ainda novo...?

Era assim, os Floras a esboçar um desejo e ele a ir ao encontro de dois. Sobrepassava mesmo o genro ideal, pois alem de trabalhador de mão cheia, que deitaria os bofes mas não arriava, de escravo gratuito, primava por mariposo, o mariposo delambido que não sabia o que havia de fazer á mulher. O diabo é que começaram a passar os anos, dois, três, quatro, cinco, e parada a linha da descendência. E o drama voltava outra vez a apertar-lhes a garganta com a sua fera impiedade. Para quem ia a grande riqueza que haviam acumulado? Que lhes valia ter junto grão a grão uma fortuna de arregalar para aquelas terras se não havia um herdeiro que a gozasse um dia? Acabaria ali a raça dos Floras?

A velha Lourença recomeçou, desta vez com a filha, a romaria dos corpos-abertos e benzilhões. Executaram todas as práticas cabalisticas, defumadoiros, mezinhas que a ciência empirica duns e doutros aconselhava. Por outro lado fizeram as promessas mais inverosímeis aos bem-aventurados. Nada resultou que se visse. O Flora por sua vez virava á feição primitiva. O maçónico subia novamente á superfície como um bolor inextinto, ou uma cortiça temporáriamente enterrada no sarro da vasilha. E desatou a murmurar de Deus, dos anjos e dos santos; em catréfia sucessiva, dos ministros do altar. Então o que tinha havia de ir para a ratazanada dos sobrinhos, uns caurineiros que lhe vinham saltear o melgal no tempo próprio e não deixavam amadurar uma ameixa no pomar? Não, antes vender tudo e ir gastá-lo para Lisboa, de bengala na mão e cartola, pelos teatros, com meninas da trama, e em comes e bebes do fino! Sim, bradava aos ceus que a uns pilhos caisse assim uma queijada do ceu sem a merecerem! Era o ultimo dos escandalos!

Um dia, alertado pela noticia que lera nas gazetas acerca da geração artificial, deitou-se a Coimbra consultar um cirurgião de fama. Ia consigo o Vicente que se prestava a todos os caprichos e ordens do sogro. Tanto se vestia como despia, tanto mostrava o que Deus lhe deu, como mostraria o que não deu. O médico concluiu fácilmente pela incapacidade generatriz, mas absteve-se de lhe comunicar a ele o diagnóstico. O Flora, que tudo fazia por cálculo, coçou várias vezes a cabeça, sinal de problema bicudo a resolver.

A sua casa era grande, trabalhosa, e a lavoira, a que dantes davam vazão ele e a mulher, que em verdade valiam por quatro, exigia agora mais e mais gente de roga.—A minha casa é uma alfandega!—exclamava Lourença, com justificado orgulho. Para roçar o tojo era precisa uma turma de oito, dez homens; para sachar, ranchadas de mulheres, que era forçoso ir assoldadar nas terras vizinhas; para as segadas impunha-se igual aparato e só não sucedia o mesmo com a malhada, porque Flora, de parçaria com dois compadres, tinha adquirido uma malhadeira que debulhava a messe deles e ia fazer a dos outros, cobrando com isso boa espórtula. Na aldeia é rara de encontrar a gente de seco. Flora trazia-a a comer. Vitória levava o cesto aviado para uns e outros, e ninguém era mais alceiro e expedito em tais recovas.

Depois dos grandes serviços, que exigiam numeroso concurso de braços, vinham trabalhos mais maneirinhos, como engaçar a caruma dos pinhais, arralar os bastios, semear giestas, preparar os alfobres, etc. Para esta faina um dos jornaleiros predilectos era Amadeu, tão grande trabalhador como doidivanas, sempre artola e aos tombos na vida. O Flora, esquecido das velhas histórias que, por via de regra, se diluem na aldeia como espuma, naturalmente porque ele assim era esforçado lidador, tratava-o muito de *manu* a *manu*. Sempre que era preciso um homem não queria outro. O Amadeu lá se encarregava de dar conta do recado, ás vezes longe do povo, levando umas vezes farnel aviado, outras vezes levando-lhe Vitória o comer.

De ordinário o Vicente ia com as vacas, cada um se repartindo para seu mester. Assim o exigia a grande freima da casa.

Uma bela manhã, aleluia! a velha Lourença saiu-se a cacarejar alto e bom som que Santa Eufémia se amerceara finalmente de sua filhinha, que ou muito se enganava ou andava pejada de meses. De facto, o ventre começou a arredondar. Foi uma epifania naquele lar. O Flora fez a paz com a consciencia de cristão velho, admitindo lá outra vez as Três Pessoas da Santissima Trindade e todos os anjos e santos da Corte Celestial. Graças ao Altíssimo, a linha sucessorial reatava-se na dobadoira da eternidade. A sua vida tinha um destino; no trânsito por este vale de lágrimas lobrigava um objectivo concreto ás suas labutas e canseiras. Não faltou mais a uma missa. Joelho em terra, lábios a murmurejar, ninguém assistia com mais devocão ao santo sacrificio. Já pedia também para lhe darem a vara do pálio. E quando se deu aquele grande desastre, o Amadeu, que ficou esmagado debaixo dum penedo que os dois andavam a tombar para a parede do lameiro que entesta com o rio, foi ele que pagou o funeral, rico funeral com oficio de corpo presente e jantar a dez padres.

Nasceu o herdeiro almejado, o seu ai-jesus. Quem via aquele Flora a fazer de burro com o menino ás cavaleiras e a chorar no sermão de S. João, da Senhora Mãe de Deus e dos Homens ou do Martir, festas de que saltava como mordomo dumas para as outras, quem o via sempre pronto para tudo o que cheirasse ao serviço de Deus e se lembrava do incréu e blasfemo, não acreditava. Altos juizos do Senhor!

AQUILINO RIBEIRO

MEIAS AMERICANAS
(NYLON DUPONT)
51 Gauge
A AUTENTICA MEIA DE VIDRO
Recebemos directamente em todos os tamanhos
MEIA DE VIDRO
R. Augusta, 158

Os que fazem o "Diário de Lisboa"

(Continuação da pag. central)

verdadeiro testemunho do qu se passou nas horas trágicas que se viveram m Badajoz. Essa reportagem do «Diario de Lisboa», reproduzida e citada lá fora, é um dos capitulos mais sinceros da história da guerra civil espanhola.

Em 1937 visitou os Estados Unidos, escrevendo então algumas crónicas sôbre a vida e o povo da América do Norte, por cujos assuntos passou a interessar-se particularmente, como revelou em diversas publicações.

Desde o periodo agitado que precedeu a guerra mundial até ao seu termo, trabalhou quase ininterruptamente na secção de estrangeiro, cabendo-lhe a selecção e arranjo de grande parte do noticiário das agencias, cujo aproveitamento nem sempre constituia tarefa fácil para um jornalista de quem se exigia imparcialidade, quando as suas simpatias eram inteiramente para um só lado.

Durante o periodo que precedeu as ultimas eleições, obteve numerosas entrevistas e assegurou, em grande parte, a informação relativa á actividade da oposição.

Em 1941, publicou uma biografia de Roosevelt, editada pela Parceria António Maria Pereira, para a qual traduziu alguns livros da guerra.

Para a Editorial-Seculo, além da colaboração para a «História da Guerra», traduziu também diversos livros.

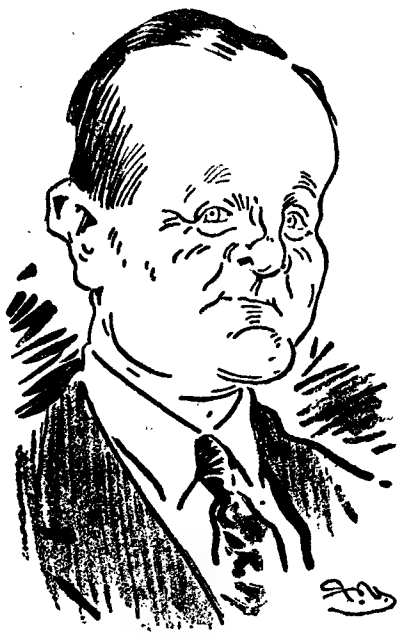
Manuela de Azevedo

Manuela de Azevedo—nasceu em Lisboa, mas foi criada e educada em Mangualde. Foi professora em Vizeu. Desde muito menina que mostrava uma tendência acentuada para se individualizar em iniciativas de espirito e de coração.

Publicou um livro de versos «Claridade», do qual o director do «Diário de Lisboa» escreveu neste jornal: «Poetisa de espirito beirão, contemplativo e lírico», D. Manuela de Azevedo, publicou um livro, estreia literária, que pode ser também um desabafo belo de uma sensibilidade que não se contem em terras de Mangualde...». Era uma profecia e um incentivo: afinal o seu primeiro contacto com o «Diário de Lisboa». Com efeito um belo dia, com sua familia, desceu da Cava de Viriato e deitou á capital do Tejo. Trazia ilusões mas não era uma «litera»; uma sede de realismo imperativo atirava-a para o jornalismo, e já houvera publicado artigos em jornais da provincia. A «Republica» aceitou um escrito seu, porque lhe viu «possibilidades»; um ano depois era convidada para redactora, e, a seguir, partia para o Brasil, onde esteve dois anos como enviada daquele jornal, que lhe confiou a organização de vários trabalhos, entre os quais um suplemento dedicado ao grande país de Além Atlantico, de onde enviou reportagens sobre colonização, emigração, que a Imprensa carioca reproduzia. Estava feita jornalista—o seu sonho.

Voltou, final de 1939, ao corpo de redacção do seu primeiro jornal, onde publicou uma série de artigos assinados «Guarda nocturno»—comentários, páginas de vida sentida por uma estranha mas equilibrada sensibilidade de mulher. Em Janeiro de 1943 era chefe de redacção da «Vida Mundial»—outra técnica, outros assuntos menos sugestivos para o «dia a dia»—mas jornalismo, enfim. E em 16 de Julho do ano passado, sobraçando um romance que acabara de publicar «Um anjo quase demónio»—entrou os humbrais do «Diário de Lisboa». Escondeu o romance, as aspirações literárias, encontrou-se outra vez na fogueira do jornal diário, e lançou-se ao trabalho de redacção, da rua, das entrevistas, do acontecimento. Realizou reportagens de caracter social e económico na Covilhã, e no Vale do Sado, que afirmaram jornalista de verdade.

Mauricio de Oliveira



Entrou para o «Diario de Lisboa» no dia 2 de Maio de 1929, ou seja há dezassete anos. Foi o primeiro jornal onde trabalhou como redactor efectivo. Dedicou-se desde logo á campanha em prol do ressurgimento naval português, procurando auxiliar o ministro Magalhães Correia a criar no país um ambiente favorável ás grandes despesas que seria necessário fazer com a Marinha, como efectivamente se fizeram, se não no todo previsto, pelo menos em grande parte.

Dois anos depois de estar ao serviço do «Diario de Lisboa», foi-lhe confiada a primeira reportagem ao estrangeiro: a posse do presidente Alcalá Zamora, que lhe concedeu as primeiras declarações para um jornal estrangeiro, após o juramento no Congresso.

As principais reportagens que realizou para o «Diario de Lisboa», depois disso, foram: acompanhar o ministro dos Colónias, dr. Armindo Monteiro, na sua grande viagem ás possessões ultramarinas (1932); viagem inaugural, pelo Mediterraneo, do novo transatlantico italiano «Oceania» (1933); viagem a Inglaterra, a bordo do aviso «Bartolomeu Dias», para fazer a reportagem da coroação do rei Jorge VI (1937); visita á esquadra nacionalista espanhola, no Ferrol, durante a guerra civil de Espanha (1938); visita de uma parte da esquadra portuguesa a Sevilha, viajando a bordo do aviso «Gonçalo Velho» (1939); uma série de cruzeiros no Atlantico a bordo de navios de guerra portugueses, em periodos de manobras, etc.

Algumas dessas reportagens e outras relacionadas com o ressurgimento da nossa Marinha de Guerra, proporcionaram-lhe alguns livros de exito, quatro dos quais, sobre os aspectos navais da guerra civil de Espanha, foram traduzidos em lingua espanhola.

Tendo-se dedicado, especialmente, aos assuntos do mar, têm sido essas as reportagens e noticias que, em mais larga escala, lhe cabem nas páginas do «Diario de Lisboa». Em todas elas, pelo menos nas de maior amplitude, tem procurado interessar cada vez mais o publico pelas colsas de Marinha, mostrando que o poder naval é indispensável á manutenção do nosso império colonial e á protecção das nossas estradas comerciais através dos oceanos.

Acompanhou várias vezes o Chefe do Estado em viagens oficiais através do país. Por ocasião de uma dessas viagens, encontrando-se no Porto (1932) acompanhou o então ministro do Interior, dr. Mario Pais de Sousa, numa visita que este fez ao sr. dr. Oliveira Salazar, na sua casa de Santa Comba Dão, onde este se encontrava, nessa altura, bastante doente. Apresentado pelo dr. Pais de Sousa, foi recebido pelo então ministro das Finanças, no seu proprio quarto de cama, e esta visita proporcionou-lhe uma crónica que foi publicada no «Diario de Lisboa».

Mais recentemente, o desenvolvimento da nossa marinha mercante e o ressurgimento da nossa frota de pesca têm-lhe merecido especial atenção e uma série de artigos ou reportagens chamando a atenção do publico para o significado economico desses problemas.

No campo das entrevistas, além de duas com o actual Chefe do Estado, e aparte algumas com personalidades estrangeiras (almirante Jellicoe, Alcalá Zamora, Julio Prestes, marechal Badoglio, Italo Balbo, duque de Kent, etc.), a grande maioria tem sido relacionada com os assuntos navais, em especial os das nossas marinhas de guerra e mercante.

Santos Jorge

E 'o tipo do «reporter» fura. Para ele não há dificuldades e conhece toda a gente, mesmo que ninguém saiba da sua existência. Atira-se, com audácia, não se importando que, por detrás da «noticia», possa estar a prisão, ou um mergulho desagradável no Tejo. Bate-se por ela, contra todos os azares. E' a minucia, o pormenor, o retrato da vitima, o nome dos pais, dos avós, o *que fez* e *porque o não fez*. Os redactores gostam que Santos Jorge os acompanhe. Já sabem que a estrutura da reportagem, qualquer que seja o caminho, está segura, inabalável. Além disso, tem uma alegria que cura os mais pessimistas. Numa palavra, a «brasa» que arde e, ás vezes, de mais... mas todos sorrimos, ele o primeiro irradiante de sugestão humana. E' de uma fidelidade escrupulosa no que relata. Podemos considerá-lo um dos melhores técnicos em cerimónias religiosas. A hierarquia dos diversos elementos da igreja, o grande cerimonial, a ordem de uma procissão, tudo nos dá com impecável escrupulo e uma exuberante abundancia de pormenores. Por isso é sempre o escolhido para esses factos.

Revoluções, greves, descarrilamentos, inundações, fogos, naufrágios—tudo isto, fremente e doloroso de trágico, tem tido o testemunho de Santos Jorge. O redactor pode ter falhado um nome; Santos Jorge, imediatamente dá-lhe dez. Tem acompanhado o sr. presidente da Republica nas suas viagens através do país, bem como o sr. Cardeal Patriarca, e diversos membros do Governo. Esteve também em Espanha, quando ali foi o sr. general Carmona. E' desinteressado e objectivo na reportagem. Popular, exuberante, Santos Jorge nunca se esquece de «fazer doutrina», como ele diz, não escondendo as suas ideias liberais, mas a «notícia» acima de tudo. E' extensa a sua folha de serviços, da qual registamos apenas um ou outro facto, na impossibilidade de a reproduzir integralmente.

Rogério Perez

Rogério Perez (Rogério Garcia Perez) «El Terrible Perez», assinou a sua primeira critica de touros no «Diário de Lisboa» em 9 de Maio de 1921, depois de o ter feito em semanários da especialidade. Ausentou-se então para Espanha, regressando ao «Diário de Lisboa» no mesmo mês de 1923, voltando a percorrer a Espanha com D. António Cañero e enviando dali crónicas das corridas, de teatros e de vários aspectos da vida espanhola.

Em 1927 passou á efectividade como redactor, continuando com a critica tauromáquica e também colaborando na teatral e em todas as secções do jornal. Foi várias vezes a Espanha como enviado especial para a reportagem de acontecimentos, como os dos ultimos tempos da Monarquia—em que entrevistou os chefes politicos, de La Cierva a Sanchez Guerra e Melquiadez Alvarez—e dos primeiros anos da Republica, e depois por ocasião da revolta das Asturias, em 1933, entrevistando em 1934 o então presidente da Republica, Alcalá Zamora e, em 1936, por ocasião das eleições de Fevereiro, desde Calvo Sotelo até Alvarez del Vayo, numa série de reportagens que Fidelino de Figueiredo classificou de «honradas porque expressam a realidade, sem deformações sectárias».

Nos diários madrilenos «El Sol» e «La Voz», de que foi correspondente até final, publicou então um artigo que mereceu ser difundido por outros jornais espanhois e cujo titulo e tema eram a sintese do que no «Diário de Lisboa» escrevera o nosso director, sr. dr. Joaquim Manso: «Amigos, mas cada um na sua casa...».

Durante a guerra civil de Espanha visitou várias frentes, como as de Cordova e do Norte, entrando em Santander no dia da tomada e, em Madrid, com Artur Portela, antes das tropas nacionalistas.

Tendo há anos acompanhado o general Ivens Ferraz, por ocasião do seu encontro, em Viana do Castelo, com o general Primo de Rivera, esteve depois em Mondariz a convite do presidente do directório militar, e em 1938 e 1939 acompanhou o sr. general Carmona nas duas visitas presidenciais á Africa. Fez várias campanhas relacionadas com a agricultura, como a do trigo, que lançou no «Diário de Lisboa», merecendo do ministro Linhares de

(Continua na pag.

Os que fazem o "Diário de Lisboa"

Miguel Martins

Miguel Martins

Foi o primeiro chefe de tipografia do «Diário de Lisboa», cargo que exerceu até 1930. Transitou depois para a secção de «linotipes», onde ainda se encontra. Tem, pois, também 25 anos de casa, e conserva a mesma mocidade, dentro do mesmo espírito de dedicação ao jornal. E' o encarregado de interpretar a «grafia» de alguns redactores que escrevem por hieroglifos. Considerado técnico profissional desde os tempos da «Capital»—é um especialista da mecanica linotipista. Tal qual Manuel do Espirito Santo—e porque ambos já não são crianças—conviveu com os grandes do jornalismo do seu tempo; podem-se ambos considerar um livro aberto—com uma página de cada lado. Miguel Martins é, ao cabo, um esplendido camarada que entra na redacção, á vontade, como o caçador numa coutada familiar.

Gabriel Duarte

Gabriel Duarte

Gabriel Duarte, em serviço activo, um dos pés da tripeça de tipografos da primeira hora: os outros dois são Espirito Santo e Miguel Martins. Dos artistas gráficos de 7 de Abril de 1921 presta serviços ainda, mas na administração, por invalidez profissional, João Ribeiro. Alguns outros da primeira hora—levou-os a morte. O Gabriel Duarte, é o encarregado dos titulos, a missão decorativa de um tipógrafo especializado, como Joaquim Bizarro é o artista de paginação, isto é: do desfile dos acontecimentos, sem atropelos. Nesta parada, que os olhos do leitor acompanham, um lindo titulo — é um estandarte. Duarte tem também uma afinidade com a redacção: é o primeiro nela a aparecer—para ler os titulos dos outros jornais.

Henrique Franco

Henrique Franco

Quando o «Diario de Lisboa» se libertou da industria de gravura alheia, e montou oficina própria. veio dirigi-la o tecnico Henrique Franco. E'-lhe completamente indiferente a noticia; o «boneco» é tudo. Mede os acontecimentos por colunas, e os homens, não aos palmos, mas por milimetros. Tem a habilidade de aumentar ou reduzir as pessoas, sendo insensivel á justiça ou á injustiça que isso representa: o seu julgamento é o da régua da redacção. Trabalha com seus colaboradores—contra-relógio, e não é por ele que o jornal perde o comboio.

Alberto Feio

Alberto Feio

O «Diario de Lisboa» tem a sua «Torre do tombo» — o arquivo. Dele foi encarregado há quinze anos Alberto Feio. Tem os acontecimentos e os homens catalogados—em fichas. O seu maior desespero é não poder, em dois minutos, dizer-nos quando passou por Lisboa Fulano, quando foi a Inglaterra o redactor tal, quem é que entrevistou Beltrano. Mas logo que aparece com o verbete—aparece tambem o seu sorriso. Passa metade do seu tempo na redacção, sente-se jornalista, e o seu sonho seria que o mandassem um dia fazer uma reportagem ao Arquivo dos Feitos Findos. Conhece toda a gente de retrato, e se alguem não está na sua colecção é porque «nunca fez nada na vida».

ALFREDO VIEIRA PINTO

Vogal do Conselho de Administração do «Diario de Lisboa» desde Novembro de 1922, ano da fundação da sociedade «Renascença Gráfica». Acompanhou, desde o primeiro ano do jornal, a acção de seu irmão, Antonio Vieira Pinto. E' nesta casa. um sólido elemento orientador de prosperidade e ordem administrativa. tanta vez um cooperador da redacção, uma presença estimuladora; um amigo. O «Diário de Lisboa» é, em parte apreciavel, obra sua

DR. GUILHERME PEREIRA DA ROSA

Vogal do Conselho de Administração do «Diario de Lisboa». Quando entrou para este jornal em 1942, a ocupar na «Renascença Gráfica o lugar representativo da viuva e da filha de Pedro Bordallo Pinheiro—já era desta casa, pelo coração e pela inteligência. E' um elemento valioso pela sua função no Conselho, um camarada na redacção, um espirito limpido e tolerante, jornalista por atavismo e sensibilidade. E' tambem sub-director de «O Seculo»

JOÃO CRISOSTOMO DE SA

Chefe dos serviços de administração e de tesouraria. Trabalha no jornal desde 1926, e ascendeu ao cargo que hoje desempenha mercê da sua ocmpetência especial, da sua dedicação, da compreensão da responsabilidade que sobre ele impende. E' um braço direito do Conselho de Administração

MANUEL DO ESPÍRITO SANTO

Chefe da tipografia desde 1930, pertencia já ao quadro tipográfico desde 7 de Abril de 1921 — fundação do jornal. E' um técnico de grande autoridade profissional, e um orientador tão consciencioso quanto dinamico e compreensivo da sua missão. Pode considerar-se um colaborador da redacção

Joaquim Lapa

Joaquim Lapa

Joaquim Lapa, nosso chefe de revisão há quinze anos, profissional muito distinto, e pessoa muito culta, é, como não pode deixar de ser, a «vitima». A redacção é com ele que reponta: por força—as gralhas de «pôr as mãos na cabeça» são sempre da sua responsabilidade. Claro que tem culpas nesse cartorio. O que sucede é que toda a gente se esquece dos lapsos que a revisão evita, dos erros a que acode a tempo, das tolices que surpreendeu —dos serviços, enfim, que presta. Tem a preocupação das virgulas: eis um sinal de consciencia profissional. Já dizia Benavente que é por porem as virgulas no seu lugar que os homens se distinguem das mulheres. Joaquim Lapa é, de resto, um admiravel companheiro.

Denis Salgado

Denis Salgado

Denis Salgado, reporter fotografico do «Diario de Lisboa», veio para este jornal em outubro de 1931. Profissional da sua arte muito distinto, ele tem o seu trabalho ligado, desde há quinze anos a esta parte, a todo o esforço da redacção na pequena e grande reportagem, na entrevista, na ilustração da noticia e da simples crónica. Não há, pode dizer-se acontecimento nacional que fugisse á sua objectiva de jornalista. Centenas de vezes se deslocou para fora de Lisboa e deve considerar-se notável o seu aturado trabalho em Espanha durante a guerra civil, acompanhando os nossos enviados especiais.

Além do mais, é um camarada de redacção, prestante e dedicado, sempre presente.

Arminda de Vasconcelos

D. A. de Vasconcelos

Esta senhora entrou para o «Diário de Lisboa»—antes do nosso jornal aparecer. Precede dois meses o primeiro numero, pois preparou os serviços administrativos com a antecedência com que as raparigas preparam o seu bragal de noivado. E' na administração, ao lado de D. Maria Perpétua Luciano (que conta 24 anos de serviço) a «mãe dos pobres». D. Arminda de Vasconcelos tece todos os dias rosários de numeros, e possui o mais lindo sorriso deste mundo. O jornal para ela não é, porém, apenas o serviço de administração; considera-se a leitora mais antiga do jornal e conhece os segredos da redacção. A sua pergunta invariavel é esta —«Então quando escreve mais um livro?». Naquele «santuário» da administração D. Arminda é o «Menino Jesus onde te porei».

Silva Pereira

Silva Pereira

O nome de Mário da Silva Pereira figura nos registos do «Diario de Lisboa» desde o ano da fundação. Actualmente, conta 48 anos de idade e 24 de serviço no nosso jornal, Em Novembro faz aqui o seu quarto de século: metade de uma vida! E' zeloso e meticuloso como um verdadeiro guarda-livros — e são essas, precisamente, as funções que lhe cabe desempenhar. Relatórios, balancetes, quadros, tabelas, estatisticas, toda a complicada engrenagem da contabilidade é o seu ponto forte—e o mais forte alicerce de qualquer cofre-forte... A sua dedicação pelo jornal, onde trabalha há um quarto de seculo, é vivamente apreciada por todos os elementos directivos.

Augusto Gomes da Costa

Augusto Gomes da Costa

Eis uma biografia bem curiosa—quase á americana. Veio para cá aos 13 anos, como aspirante a continuo da Redacção. Breve passou á Administração, para prestar serviços na secção de Publicidade, que chefia há perto de 17 anos, quando morreu Manzoni de Sequeira. De uma diligência e actividade exemplares, pode dizer-se que toda a Lisboa o conhece, pelo menos ao telefone... Tem sempre tudo á disposição de quem pretende pôr um anuncio no jornal: um sorriso, um cumprimento, um agradecimento. A unica coisa que ele ás vezes não tem é espaço—mas disso não tem ele a culpa...

Quinhones de Sá

Quinhones de Sá

Empregado dos serviços administrativos do «Diario de Lisboa», onde trabalha desde o ano de 1936, a sua actividade multiplica-se em mil pequenas atenções a tudo em todos os lugares onde supõe que a sua actividade se pode revelar util, uma coisa a cada hora, cem coisas, mil coisas—uma só atenção, uma só diligencia. Eugénio Quinhones de Sá, de seu nome todo, conta 36 anos de idade, e espera—e nós tambem—viver ainda muitos anos e bons; quantos lhe faltarem para ter a satisfação de que o tempo lhe chegue para o bom e efectivo desempenho de todas as funções do seu cargo. Não sendo dos mais antigos empregados da Administração, é sem duvida um dos mais dedicados.

Os que ficaram

pelo caminho

Fundadores

e colaboradores

do nosso jornal

ANTONIO VIEIRA PINTO

Um dos fundadores do «Diario de Lisboa», sem duvida a sua «alma mater» inicial. Tolerante e compreensivo, de benesses desinteressado, companheiro de todas as horas, Antonio Vieira Pinto até ao dia infausto do seu falecimento—21 de Março de 1927—foi o amigo constante, que lembramos hoje neste dia festivo. Talvez sem ele o «Diario de Lisboa» não tivesse sido possivel; mas não é apenas o seu auxilio eventual que evocamos, ou a sua acção na «Renascença Gráfica», mas a sua afectiva solidariedade de coração, nunca desmentida, a sua lealissima presença

SARMENTO DUQUE

Quando o «Diario de Lisboa» começou a gizar-se—apareceu logo o Sarmento Duque. Era o menos novo dos novos. Tinha um espirito fulgurante, observador, um tudo nada ceptico. Entre ele e Afonso de Bragança havia afinidades de maneira—e eram tão dispares! Possuia realissimo talento profissional, um certo e natural desdem por exterioridades comprometedoras. Fez neste jornal até á morte, no fim de Dezembro de 1926, tudo o que pode ser exigido a um jornalista. Não deixou um unico livro, mas de suas crónicas dispersas poderia—se esse fosse o seu destino—ter feito uma obra admiravel

ALVES MARTINS

Este—que veio desde a primeira hora do jornal—era o poeta da redacção. Via tudo—em poesia. Formara-se em Direito, e perdera-se no caminho. Era beirão. Talvez Deus o não tivesse fadado para o jornalismo profissional. E contudo realizou, durante os poucos anos em que foi nosso companheiro, e até á morte, pequenas crónicas, deliciosos apontamentos, algumas reportagens vibrantes, a despeito de não simpatizar com o jornalismo de movimento. Alves Martins era um estático, idealista, que gostaria que um jornal—fosse escrito em verso. Deixou alguns livros de rimas, onde o seu talento palpitou

que desappareceram

do numero

dos vivos

nos ultimos

vinte e cinco anos

PEDRO BORDALLO

Vogal do Conselho de Administração da «Renascença Gráfica», sociedade na qual se integra o «Diario de Lisboa». Morreu, novo ainda, em 6 de Fevereiro de 1942, mas de todos quantos desappareceram da vida ele é o mais presente, numa saudade que não acaba mais. O «Diario de Lisboa» deve-lhe muito, pela sua visão limpida, pela sua iniciativa própria ou entusiasmo pelas iniciativas alheias. Era o «jornalista» do Conselho de Administração, o camarada sempre presente, ao nosso lado, o animador, o espirito gentil, nunca oscilante na duvida, e que, connosco, tantas vezes compartilhava de trabalhos arduos fora da redacção, fora de Lisboa, fora do pais. Nascido de uma estirpe de artistas, generoso e fidalgo, mantinha com galhardia as tradições da familia

MANZONI DE SEQUEIRA

Antonio Manzoni de Sequeira entrou para o «Diário de Lisboa» em Agosto do ano da fundação, como administrador. Imprimiu uma orientação mais larga aos serviços administrativos, que timidamente haviam começado. No exercicio do seu cargo se manteve até 28 de Junho de 1937, dia em que faleceu. Foi um dedicado servidor do «Diário de Lisboa», que nele teve um elemento orientador e de confiança, e a quem ficou devendo apreciáveis serviços

JOÃO FRANCO MONTEIRO

Era um jornalista doutrinário e profissional de sólido pulso. Fôra mesmo um combatente de suas ideias de miguelista romantico e de católico convicto. Mais velho do que qualquer de seus companheiros, bondoso, tolerante, um pouco conselheiro—«vê lá, rapaz!»—não foi redactor de banca; colaborou e dirigiu a revisão, numa aposentadoria voluntaria. Era um belo camarada este João Franco Monteiro de quem os novos já se não lembram

NOBRE MARTINS

Foi redactor do «Diário de Lisboa» e cronista teatral desde o primeiro dia. A sua escola era a classica do jornalismo do principio do seculo; não enfileirava ao lado dos novos pelo processo de trabalho, mas sim por uma vibração e por um espirito de camaradagem que não pertence a escola alguma. Humorista por sua natural tendência, contundent sem ser agressivo, era neste jornal um elemento de conciliação. Veio, já feito como reporter, para este jornal; tinha as suas maneiras de ver e de sentir o jornalismo. Mas admirava os que mereciam e compreendia que, como arte, a sua profissão evolucionara. Faleceu em 1941

COSTA ROSA

O primeiro reporter que o «Diário de Lisboa» teve, logo no primeiro dia, foi Costa Rosa, moço jornalista, que já trabalhara em alguns diários, e se afirmava como uma grande esperança profissional. E com efeito, nos poucos meses que trabalhou nesta casa, revelou-se um reporter de fibra, capaz de atingir uma craveira superior. Morreu em 1921

CARLOS SERGIO

Carlos Sergio foi durante alguns anos redactor desportivo do «Diario de Lisboa». Dedicou-se ao jornal e á sua secção com entusiasmo, e fez algumas reportagens da sua especialidade em Espanha. Era um rapaz cujo valor pessoal excedia em muito aquele que podia ser exigido pela sua função. Tinha espirito e dispunha de enormes faculdades de trabalho. Morreu novo

CARLOS DE VASCONCELOS E SÁ

Foi dos primeiros da casa. Vasconcelos e Sá—cronista mundano—esteve presente no 7 de Abril. Não era jornalista, além do seu mundo aristocrata, burguês-fidalgo, passando pela arte, pelos salões, pelo teatro; mas a sua corda profissional vibrava em prata. Carlos de Vasconcelos e Sá era o melhor dos camaradas, assomadiço por vezes, prestante, bondoso, finissimo no trato, correctissimo de sentimentos. Morreu em 1943, redactor do «Diario de Lisboa»

Telefone 28778

End. Teleg. ARFOTO

S. P. L. A. L.da

Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aéreos, L.da

A única organização nacional especializada em trabalhos de fotogrametria

AVIAÇÃO PRÓPRIA

Os mais modernos aparelhos de restituição plana e estereofotogramétrica
Sócia das Sociedades Portuguesa, Francesa e Belga de Fotogrametria

Medalha de Ouro na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932
Medalha de Ouro na Grande Exposição Colonial do Pôrto de 1934

ESCRITÓRIOS E OFICINAS
RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 61-63 — LISBOA

Rebuçados Peitorais de S. Paulo
os melhores contra a tosse
Oito medalhas de ouro
A' venda em toda a parte e na fabrica «A Primorosa» R. S. Paulo, 126 – T. 26511

Não se esqueça que em todas as mesas é servido o delicioso
CHÁ CELESTE

H. VAULTIER & C.A

MAQUINAS
E ACESSORIOS
P A R A A
INDUSTRIA

Casa fundada em 1897

Drogaria de
VIUVA COELHO, L.DA
(Antiga Casa de JOSÉ PIMENTA)
Oleos, tintas, pinceis, gessos, vernizes, anilinas, petróleo, camurças, perfumarias e produtos quimicos
38-E, Calçada do Combro, 38-F
TELEFONE 2 1168

J. A. DE OLIVEIRA BRAGA
(Casa fundada em 1836)
FERRAGENS E FERRAMENTAS
3, Calçada do Combro, 3
LISBOA

CIMENTO TEJO

CANTARIAS MARMORES

ANTONIO MOREIRA RATO & F.OS, L.DA
Av. 24 de Julho, 54-F.
LISBOA
Telefone 6 0879 Telegramas — RATOFILHOS

Ch. Lorilleux & C.ª
Rua Paiva de Andrade, n.º 5

Prefiram sempre Conservas Tenorio
ATUM TENORIO
á venda nos bons estabelecimentos

"Consegue-se uma perfeita saúde dental"...

...graças ao dentífrico de laboratório!

385

Eramos assim

há vinte e cinco anos...

Sem relacionar antecedentes nascidos da estreita convivência com jornais e jornalistas, nem atribuir ao cometimento de algumas prosas e razoável numero de bonecos publicados em jornais, revistas e livros, nem tão pouco ao exercício de redactor artístico, num transitório diário matutino, a tendência e o gosto publicitário, mediado 1921 tudo me atraía no jornalismo e me incitava a formar planos, embora ilusórios, de fundar uma folha. Tinha então, além de vinte e sete anos, por companheiro e confidente de semelhantes manias Afonso de Bragança, fraterno e muito saudoso amigo.

Em pleno Chiado, mal floria nos escaparates a resplandecência das luzes eléctricas, pontuando na ladeira o crepusculo vespertino, era certo encontrá-lo melancólico algumas vezes, mas sempre disposto a vagabundear comigo até madrugada. Se também era certo, antes de nos conhecermos certa tarde no Café Martinho, embirrar comigo, depois, até á derradeira despedida, indo ele para o Norte, nunca mais demos por tal. No tropel dos nossos agitados sonhos e tantas discussões, demasiado escasseava o tempo na cogitação e na escolha das formas de acção mais verosímil e adequada aos projectos duma reforma estética e de costumes, que então decidiramos empreender dispondo apenas da cumplicidade passiva do papel. E, claro está, dentre as inumeras que meditávamos, sempre um jornal nos parecia a melhor; um jornal de feição mais literária, moderadamente anunciador consoante o equilíbrio de pecunia aconselhasse, adornado de gravuras e menos pançudo no fundo e na informação do que eram os orgãos da manhã, nessa época.

Quantas «maquettes» combinámos e desenhei? Não me recordo. Entre tantas, um dia, trabalhávamos a que viria a ser o «Diário de Lisboa». O Afonso grita-me no Tavares a espantosa novidade: O dr. Joaqum Manso, seu tão afectuoso amigo e como nós devaneador de reformas e novos jornais, paralelamente concebera o projecto duma gazeta e acolhera muito satisfatóriamente as linhas gerais da que trabalhávamos, ao que parece, bastante ajustadas ás caracteristicas da que ele próprio ideara.

O formato, principalmente, mereceralhe inteira aprovação. Mas faltava ainda a peça de efeito, a chamada girandola final, que a seguir estrondeou nos meus ouvidos e quase me aniquilou de pasmo! O nosso ilustre amigo dr. Joaquim Manso constituira já a empresa editora, e desejava num próximo encontro aprazado para muito breves dias apreciar os desenhos originais do cabeçalho, o traçado das páginas, e ainda o modelo de um cartaz destinado a anunciar ao publico da capital e do resto do País a próxima aparição do futuro «Diário de Lisboa», o «jornal das cinco horas».

Rodaram no quadrante vinte e cinco dilatados anos. Controvérsias, dissídios, lutas de predomínio, bastante sofrimento e algumas lágrimas. No coroamento uma temerosa guerra como nunca se viu. Ruinas e luto.

Mas através todas as vicissitudes os artifices do sonho sempre são capazes de empreender novas arquitecturas á simples metáfora, cavalgando geladas realidades. Pura geometria no espaço, ainda com propósitos de aliança entre o ceu e a terra. Forjados no segredo das origens novos «Zés do papel impresso», se adoptar o denominativo de um amigo nosso, se subordinarão ao mesmíssimo fatalismo dos prelos. Sem o seu auxílio, daquele meu amigo, visionário lucido e talentosíssimo, de quem agora na rampa do Chiado não diviso a estirada silhueta, não possuiriamos entretecida com subtil e engenhoso humor, entre sentimental e sarcástico, a formosa esteira de preciosidades desdobradas no «Chá das Cinco», e as suas rimas, na maior parte perdidas. por sómente as reter na memória.

No numero dos raros que acarinharam ainda no berço o «Diário d Lisboa», pareceu-me apropositado evocar os referidos sucessos. Mas seria injusto esquecer, sem uma unica excepção, todos os trabalhadores que com inegável talento, dedicação e saber, promoveram o seu fortalecimento, com tanto exito, como quando o corporizaram. Amigos todos que muito prezo e a cujo sentimento de companheirismo me conservarei sempre grato. Em boa verdade, a minha insignificante interferência reduz-se práticamente a uma simplória cimalha que sem o poderoso concurso do seu esforço e a superior direcção do seu fundador e meu benevolente amigo dr. Joaquim Manso, a quem presto calorosa homenagem e felicito do coração, teria decerto abatido, e não observariamos hoje com fundo regozijo a rodagem em movimento no mostrador do tempo, como no das rotativas a contagem dos exemplares, a soma esperada de mais vultuosos aniversários.

Pintor ANTÓNIO SOARES

(Desenho de António Soares)

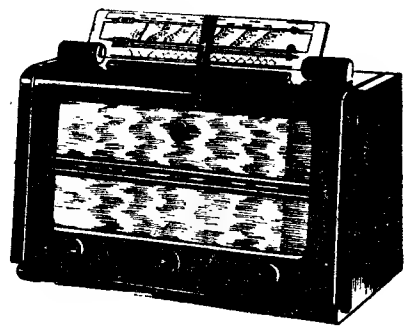
AFONSO DE BRAGANÇA

Veio para o «Diario de Lisboa» no primeiro dia, com o seu talento peregrino e o fulgor dos belos entusiasmos. Foi redactor de banca, cronista delicioso de um penetrante espirito irónico, a acusar uma sensibilidade de eleição. Tinha qualquer coisa de D. Quixote e de Siegfried. Era o menos lirico possivel—e escrevia em verso, no ritmo de um cavaleiro andante. Morreu no ano seguinte ao da fundação do jornal, do qual foi um dos sonhadores de «Café», a brincar com o seu destino. Já muito doente, na cama, dizia a dois dos nossos que o foram ver: «... quando esta manhã acordei de não ter dormido...». Parecia uma criança, para quem o paradoxo era um balão de côres. «Amostras sem valor» foi o seu unico livrinho, que se guarda nas estantes eleitas

EM 1146

muitos poucos podiam ouvir os grandes artistas da Europa

hoje, por intermédio dos qualificados aparelhos de Rádio PHILIPS, todos podem ouvir os consagrados artistas do Mundo inteiro.



A Grande Marca de Reputação Mundial

PHILIPS

CARMEN MARQUES

Carmen Marques veio para o «Diário de Lisboa» no segundo ano da sua publicação. Era aluna de Direito, curso que concluiu com boa classificação. Possuia extraordinárias qualidades de jornalista—vivacidade, alegria, convicção—e deixou no nosso jornal artigos, crónicas e reportagens de muito mérito. Dedicou-se depois á sua profissão no fôro. Morreu em 1931 quando do seu talento havia muito a esperar

Os nossos colaboradores artisticos da primeira hora

Almada Negreiros

O seu nome era uma revolução. O mestre do futurismo português não abdicava. Fazia uma conferência, escrevia um artigo, deixava cair um dito, na Rua do Ouro, e os cercles literários, os «ateliers» de arte, as academias eram atacadas do que se pode chamar epilepsia critica. Mas Almada, que assinava, nessa altura, com um d vermicular, enorme, espécie de antena, mostrava-se, calmamente, indiferente, e seguia o seu caminho. Tinha passos certos: os da amizade pelo nosso jornal. Publicámos dezenas, centenas de desenhos dele. Nem era preciso assinar, tão inconfundiveis, com aquela fragrancia espiritual, que rescende da sua obra de pintor. Foi dos belos pioneiros do jornalismo artistico e decorativo, que trouxe a imagem cotidiana até aos olhos do publico.

Antonio Soares

«Diaro de Lisboa». Foi ele, depois de Joaquim Manso, quem viu pela primeira vez o titulo do nosso jornal. Escreveu-o e desenhou-o e cá ficou, no seu gótico elegante, gravado como o cunho de uma moeda. Antonio Soares era também o Chiado, mas de outra maneira, subtil, literária, de uma frescura própria, que já era a sugestão do seu belo estilo como artista. Para António Soares, Lisboa era uma mulher bonita. Elas usavam, então, os cabelos curtos, as saias mais compridas, e pintavam-se menos, mas eram deliciosas como hoje—como sempre. António Soares desenhava-as, vestia-as, observava-as com uma elegancia parisiense, nas páginas do «Diario de Lisboa». E elas, gostavam, como hoje. Outro artista, outro nome, que começou connosco.

Jorge Barradas

Jorge Barradas começou como caricaturista. Tinha o sorriso do Chiado. Sob o seu lapis, as páginas do «Diario de Lisboa» vibraram. «Mordia» com finura as celebridades de então—as que desciam ou subiam na vida.

Entre o nosso jornal e a Brasileira *a distancia podia medir-se pelas passadas de Jorge Barradas, um verdadeiro rapaz de ironia e alegria. Tão garoto como pardal lisboeta. Ninguém escapava áquele traço fino, ou, então, a uma cena de rua, «croquis» elegante que o seu lapis desenhava á maravilha. Hoje, é um nome da pintura. Dá vontade de lhe dizer: Bons tempos! Já tem cabelos brancos, mas ainda nos dá numa bela alegria de Primavera, o sonho da sua e da nossa mocidade que, afinal, é eterna, nisto que se chama um jornal.*

Bernardo Marques

E há tambem Bernardo Marques, esse moço simpático, que depois de vinte e cinco anos está novo, original, fraternal, como quando começou. Gostavamos dele no «Diario de Lisboa». A vida separou-nos um pouco, mas o Bernardo ficou dos melhores cavaleiros desta Tavola Redonda de amizade, de sonho, de exuberancia, de paixão, com que começamos, e que os outros mais novos mantêm como fogo sagrado. Bernardo Marques era o «especialista» do que, nessa altura, se chamava o «novo rico», que a outra guerra atirava já para um camarote da Opera, já para o Tavares, com ementa de luxo e charuto depois. Trabalhou muito no «Diario de Lisboa», onde deixou, revemo-lo hoje com saudade, uma pitoresca história dos costumes da época.

Francisco Valença

É o mestre da caricatura. Depois de Rafael Bordallo, entre outros mais destacados ele é, sem duvida, o melhor. Se o génio fôsse vivo, dir-lhe-ia: És do meu sangue! Toma estes lapis!

Mestre Francisco Valença, como Forain, ou Hogarth, sabe fazer rir e também chorar. Cada uma das suas páginas do «Sempre Fixe», por exemplo, é um quadro de costumes, um auto vicentino, uma execução grotesca. O humorismo, a charge, *a ironia figuram nos milhares de caricaturas que faz á roda do ano. E não é, apenas, o traço; é a legenda, como antigamente, isto é, a ideia servindo o talento artistico—porque sim. E' dos nossos há muito tempo, ano atrás ano, aqui—e, inconfundivelmente!*

Valença, Sempre Fixe! *Mais dois apelidos para o seu nome ficar completo!*

///

A primeira entrevista de caracter de arte que o «Diario de Lisboa» publicou foi com a pintora D. Helena Roque Gameiro. Subscreveu-a D. Maria Fernanda de Castro e Quadros. Eram ambas quasi duas crianças.

TAURÓMAQUIA

De Goya e Zuloaga a Ortega y Gasset e Ramada Curto

Todos sabemos que muitos reis, portugueses e espanhois, desceram aos redondeis, ainda que raros se apeasem de seus cavalos, limitando-se a alancear, em tentativas de imitação do Cid Campeador, ou a rojonear, buscando competir com o conde de Villamediana que na tradição do toureio equestre castelhano equivale ao nosso marquês de Marialva. Então eram os reis que no brilho da festa peninsular procuravam manter superioridade sobre os nobres mais famosos, disputando-lhes as palmas que causavam engulhos ao poder real.

Nos principios do século XIX democratizou-se a festa de touros, passando os nobres a ser substituidos por picadores plebeus e, depois, estes por simples peões que antes foram modestos auxiliares e então, por sua arte, ocuparam o primeiro plano, disfrutando de novo poder, o da popularidade.

D. Francisco de Goya, que dos reis se ria em quadros onde os pintava sem o respeito palaciano de Velazquez, e que se divertiu até como uma famosa duquesa de Alba, a bela e generosa duquesa Cayetana, foi o primeiro grande da nova idade que invejou a popularidade de que então disfrutavam aqueles toureiros que ele próprio retratou. Conviveu com eles, reproduzindo as suas sortes mais famosas, mas não lhes perdoava o levarem-lhe o melhor da admiração das «majas» do seu tempo. E um dia, no desterro em França, velho e surdo, nostálgico da sua Espanha e da festa que os nobres lhe faziam nos palácios de Madrid, e o povo nas «praderas», disparou contra os toureiros uma frase que Moratin lhe ouviu e reproduziu numa carta: «Sou mais valente que todos os toureiros, e mato melhor os touros, «recebiendo», como poucos fazem».

A afirmação oferece duvidas, mas Goya, a sério ou a brincar, porque apesar de bisonho era amigo de pregar suas partidas, desejava que fosse verdadeira. E' quen ão bastavam os seus quadros geniais para vencer a popularidade de que disfrutavam os toureiros.

Em nossos dias, outro pintor genial, Ignacio Zuloaga, havia de desejar também ser toureireiro, e andaluz.

Do seu país vasco desceu á Andaluzia e ali andou em escolas de toureiro e chegou a ser anunciado numa novilhada como «El Pintor». E já consagrado em Paris, ainda tinha como maior gloria o saber agarrar com graça numa capa de tourear e bem usar da «muleta». Em Madrid viveu os seus ultimos anos, pintand retratos de toureiros, como Goya, convivendo com eles e, apesar de sua bondosa natureza, talvez invejando-lhes a popularidade. O mundo admirava o pintor, mas quando este passeava com o seu amigo Juan Belmonte por Madrid, era o toureiro que todos apontavam e admiravam.

E o mais famoso dos filosofos contemporaneos, D. José Ortega y Gasset, também quis ser toureiro. Andou como tal pelas aldeias de Castela, tendo como peão de confinça seu irmão Eduardo, a quem ele afirmava que triunfaria quando se apresentasse em Madrid, «arrimandose». Mas em Madrid não chegou a triunfar por que numa daquelas aldeias topou com um touro chamado «Vinagre» que o colheu pela barriga e o fez estar vários dias na cama.

Desistiu do triunfo como toureiro, mas vai escrever um livro de touros aquele moço que nas aldeias de Castela «con el castizo perfil de mozalbete magno y cabezon, arrancaba alaridos de entusiasmo a la multitu abarrotada en la plaza del pueblo».

Tão grande é o brilho dos «caireles», tão fortemente deslumbra as multidões que reis e soberanos da arte e das letras, de Goya e Zuloaga a Ortega y Gassett, têm invejado e tentato igualar os idolos da popularidades, a deusa tentadora.

Dum famoso advogado, escritor e dramaturgo, e antigo ministro, o sr. dr. Ramada Curto, sabemos nós o bastante para julgarmos que também ele trocaria as glorias do fôro e do palco pela possibilidade de ser toureiro.

Estudou a «Arte de Montes» até e ar de có alguns dos textos do basico tratado de tauromaquia, e exibe com orgulho a cicatriz duma colhida que lhe proorcionou um touro do Cartaxo; mas, em Pórtugal é dificil chegar a ser toureiro como ele desejaria, com alternativa, reconhecido como tal, e como tal popular, ainda mais.

«EL TERRIBLE PEREZ»

LEIAM
fixe

Seis episódios dramáticos de reportagem

(Continuação da 17.ª pag.)

Os jornalistas portugueses fizeram a sua reportagem, trabalhando sempre mais ou menos de acordo e em excelente camaradagem. Um belo dia, porém, o Belo Redondo, vermelho como um pimentão, irrompeu pelo *hall* do Hotel de Inglaterra dentro e desfechou-me á queima-roupa, diante da mesa onde eu tomava uma orchata gelada:

—Você sabe que o Ferreira de Castro foi hoje de avião para Barcelona, sem me dar cavaco.

O Ferreira de Castro, querido camarada, com quem mantiveramos sempre um convivio fraternal, ou porque recebesse instruções de Lisboa nesse sentido, ou porque lhe pesava já o calor de Sevilha, resolveu partir para Barcelona—onde se ia votar o Estatuto da Catalunha—e não teve tempo de se despedir de nós, o que provocou a furia do Belo Redondo.

—Ah! mas eu vou dar-lhe uma lição. Vai saber quem é o Belo Redondo.

E entrou como uma flecha para dentro duma *cabine* telefónica. Ainda o ouvi pedir:

—*Señorita! Pongame con Barcelona!*

Dali a pouco vinha a ligação.

—*Haga el favor de ponerme con la Generalidad. Quiero hablar con el presidente Maciá.*

E dali a dois minutos, se tanto, o nosso Belo Redondo estava a falar com o coronel Maciá, enquanto o Ferreira de Castro seguia de avião para Barcelona. Meia hora depois, telefonava para Lisboa uma entrevista sensacional com o presidente da Generalidade.

Conto isto hoje, porque é um dos rasgos de reportagem que mais tenho admirado em vinte e cinco anos de vida profissional.

Roma, 1939

Janeiro de 1939. Roma. Visita do primeiro-ministro, sir Neville Chamberlain, e de lord Halifax, ministro dos Negócios Estrangeiros, a Mussolini. Cheguei na véspera, de avião, ao aeroporto de Ostia, ido de Marselha, depois da viagem triunfal de Daladier á Tunisia, na qual tomara parte juntamente com cem jornalistas de todo o Mundo.

Quando o dr. Lobo de Avila, nosso ministro junto do Quirinal, teve a amabilidade de me acompanhar ao Ministério da Cultura Popular para obter facilidades, o chefe de gabinete desculpou-se que era tarde, que estavam distribuidos já os convites para todas as cerimónias oficiais em honra dos visitantes, mas que ia ver o que se poderia fazer.

O ministro de Portugal insistiu em que eu era o unico jornalista português enviado especialmente a Roma para fazer a reportagem da visita e que não deixaria de ser grato ao chefe do Governo italiano que essa visita tivesse na Imprensa portuguesa a merecida repercussão.

O chefe de gabinete respondeu que faria tudo o que lhe fosse possível para facilitar a minha missão, prometendo-me, pelo menos, o salvo-conduto especial, ou seja aquilo a que os franceses chamam *coupe-file*, para circular livremente durante as solenidades oficiais que iam realizar-se em Roma, e mesmo alguns convites para determinadas cerimónias menos reservadas. Havia, porém, uma para a qual declarou desde logo que lhe era completamente impossível arranjar-me convite: a recepção dada por Mussolini no Palácio Veneza em honra dos ministros ingleses. Não tinha sido possível atender metade dos pedidos e a selecção era rigorosíssima.

—Eu próprio, ministro de Portugal, não fui convidado—dizia-me á saída o dr. Lobo de Avila, para justificar de algum modo as dificuldades postas pelo chefe de gabinete de Pavolini.

Calculam, por isso, a minha grata surpresa quando o porteiro do *Hotel Quirinale* me entregou no dia seguinte um grande sobrescrito do Ministério da Cultura Popular e entre os numerosos convites para todas as cerimónias oficiais que iam realizar-se em Roma descobri um largo cartão impresso a elzevires dourados em que Benito Mussolini, chefe do Governo italiano, me convidava para assistir á recepção que dava no dia seguinte, no Palácio Veneza, em honra do primeiro-ministro e do ministro dos Negócios Estrangeiros de Sua Majestade britanica. Ao fundo, á esquerda, lia-se: *E' obrigatório o trajo de casaca ou farda com condecorações.*

Ora, eu levara apenas para o Norte de Africa, numa *valise* apressada e leve, própria para viajar de avião, além da roupa branca indispensável, um *smoking*, pois não se previa que o protocolo democrático exigisse outra indumentária mais severa nas festas em honra de Daladier. E foi de *smoking* que resolvi ir ao Palácio Veneza, apesar da exigência da etiqueta, pois não queria perder de modo algum uma ocasião unica na minha vida de reporter.

O que foi esse espectáculo deslumbrante, tanto pelo cenário maravilhoso em que decorreu, como pela assistência elegantíssima, não vem para o caso descrever agora. Senti-me perdido nos salões imensos do Palácio Veneza, dentro do meu pobre *smoking*, entre fardas chamarradas de ouro, casacas de corte impecável e *toilettes* riquíssimas de sedas e brocados que vestiam as mais lindas mulheres da aristocracia romana. Notei, no entanto, que havia, como o meu, uma meia duzia de *smokings* envergonhados, circulando discretamente por entre a multidão dos convidados—e isso contribuiu para diminuir, até certo ponto, a sensação de mal estar que a principio se apoderara de mim.

Findo o jantar, que se realizou na ala do palácio habitada pelo chefe do Governo, abriu-se uma porta e Mussolini fez uma entrada teatral, acompanhado do conde Ciano e dos seus dois convidados de honra. Demoraram-se os quatro algum tempo a conversar, fazendo-se em volta deles e a pequena distancia um semi-círculo respeitoso, onde eu me encontrava. A certa altura, quando os quatro se dispunham a dar a volta pelas inumeras salas do palácio, mostrando-se aos milhares de convidados que as enchiam literalmente, alguém se acercou de mim e me segredou ao ouvido, em italiano, qualquer coisa como isto:

—Não perca de vista o conde Ciano.

—Não compreendo..., respondi surpreendido pelo inesperado da recomendação.

—Então não é...?, voltou o meu interlocutor quando percebeu que se tinha enganado.

Compreendi tudo. Era o Scarpia encarregado de montar o serviço de polícia e o meu *smoking* autorizara-o a supor que eu era um dos agentes secretos que tinham sido encarregados de estabelecer uma vigilancia discreta durante a recepção. Não havia mais de seis. Eram os seis *smokings* que eu tinha visto quando cheguei. E retorqui-lhe com toda a altivez que o meu fraco conhecimento da lingua italiana me permitia:

—Perdão! Eu sou jornalista!

—Jornalista?! De que nacionalidade?

—*Portoghese.*

—*Portoghese?!*

E deu uma gargalhada que chegou a despertar a atenção das pessoas que, como nós, estavam mais perto de Mussolini e dos ministros ingleses. E' que *portoghese*, em Itália, quer dizer borlista—individuo que vai de graça ao teatro.

Nunca me senti tão vexado. Corei até á raiz dos cabelos. E quando se abriu a sala onde estava servida a ceia e a aristocracia romana se precipitou, com um apetite devorador, sobre aquele banquete de Lúculo, desci apressadamente a escadaria do Palácio Veneza e fui ao hotel despir o *smoking*.

NORBERTO LOPES

BROOKLAX
CHOCOLATE LAXATIVO

Prevenimos o publico de que foi recebido, encontrando-se á venda em todas as farmácias.

BROOKLAX é consumido anualmente em 77 países numa totalidade de muitas centenas de milhares de caixas.

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS: RAUL VIEIRA, LD.ª—51, Rua da Prata, 3.º—Lisboa

CRONICA RETROSPECTIVA

Um quarto de século na redacção, no jornal e na rua

Ao iniciar-me no «Diário de Lisboa» contava sete dias apenas de existência. Foi há vinte e cinco anos. E, agora, ao fazer-se este balanço de um quarto de século, só tenho a recordar o amavel convivio, a grata camaradagem, que sempre me prestou o seu director e os seus principais redactores. Bem conhece o publico a personalidade do senhor doutor Joaquim Manso. Articulista fulgurante, orador e conferencista eloquentíssimo, o seu espirito criador e orientador tem assistido, com rara continuidade, á factura literária do jornal, exornando-o de caracteristicas inconfundiveis.

A sua presença mantem-se, assim como a de todos os jornalistas de então e a de outros que vieram «refrescar» os veteranos das inevitáveis fadigas. Evoquemos, porém, o jornal...

* * *

Então, havia por antecedentes próximos, a «Capital», de Manuel Guimarães, e «A Manhã», de Luís Derouet. Na primeira daquelas redacções, brilhavam Hermano Neves, tão dignamente continuado por seu filho Mario Neves; Herculano Nunes, depois director da «Vitória»; Adelino Mendes, articulista, cronista e reporter de destacada personalidade. E, na segunda, além do seu director, o inconfundivel Mayer Garção, cintilava com Norberto de Araujo e as suas inolvidáveis «Miniaturas», cronicas de raro garbo e aprumo, as cronicas inexcediveis de Bourbon e Meneses. Já ali iniciava a sua copiosa, variada, farta obra de atento observador da politica internacional Carlos Ferrão, o qual prosseguiria depois no «Seculo» e no «Diario de Lisboa», esse trabalho de incessante pesquisa e fertil produção que é o jornalismo de analise a distancia—esgotante e pleno de responsabilidades como qualquer outro feito ao perto.

* * *

Dentro deste quadriculado, movimentava-se o jornalista do «Diario de Lisboa». A época era mais literária, mais impressionista que a de agora, acentuadamente informativa, telegraficamente noticiosa, sintetica. Havia e há redactores personalissimos como Artur Portela e Norberto Lopes ou, entre os desaparecidos ou retirados para outras actividades Sarmento Duque, boemio encantador; José Fernandes, poeta, humorista e intimo conhecedor de toda a vida «alfacinha»; Afonso de Bragança, colaborador expansivo e espirito dotado de raro senso critico; e, tambem, Silva Passos, o poeta, o ligeiro cronista, que com Arnaldo Pereira, fechavam o quadro dessas falanges de páraquedistas da literatura jornalistica de fragmentos e «sueltos».

CONSIGLIERI SA' PEREIRA

SEMPRE

que lhe surja qualquer dificuldade de ordem técnica, tanto em Rádio como em Electricidade,

SEMPRE

que necessite adquirir material eléctrico de qualquer espécie, dirija-se á

ELECTRO-LISBOA, L.da

Será atendido por pessoal devidamente habilitado que lhe dará todas as indicações.

Cabos, fios de todos os tipos, lampadas de todas as voltagens, etc., etc.

INSTALAÇÕES DE LUZ FLUORESCENTE

Revendedores gerais das LAMPADAS LUMIAR

Descontos a revendedores

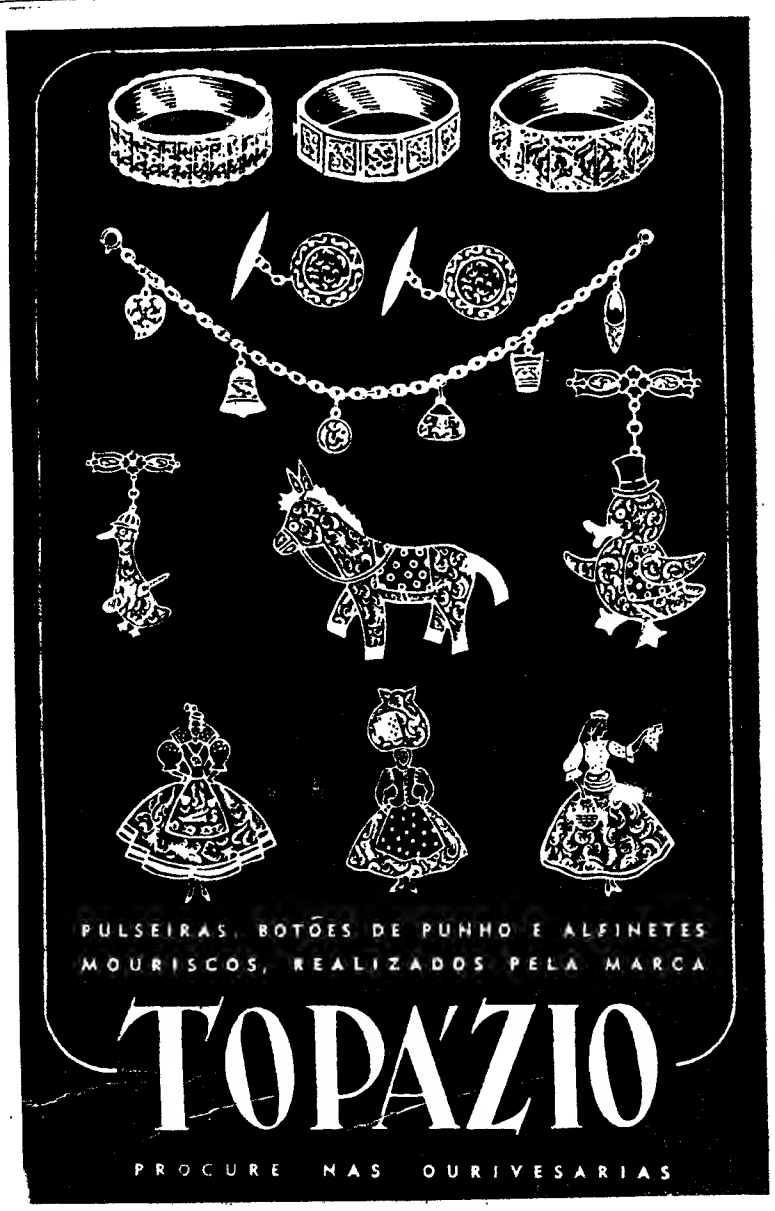
RUA AUGUSTA, 246-248 — Tel. 2 0568

EM:

MÚSICA DE DANÇA
MÚSICA CLÁSSICA
ÓPERA

EST. VALENTIM DE CARVALHO
R. Nova do Almada, 97

COM ESTE ANUNCIO E MAIS **15$00**
TIRA V. EX.ª UM BOM RETRATO NA
FOTO ACHILES
Av. Almirante Reis, 1.º ANDAR do n.º 1-E.
(próximo da Garage Lys)



NO SÉCULO da VELOCIDADE e da PRECISÃO

Os negócios podem ser acelerados com o auxílio de máquinas de escritório modernas.
Uma somadora é hoje um instrumento de trabalho absolutamente indispensável em todas as organizações progressivas!

ADIÇÃO
SUBTRAÇÃO
MULTIPLICAÇÃO
MÁQUINAS DE SOMAR
ADDO
a maravilha da indústria sueca

Agente em Portugal:
M. SIMÕES JUNIOR
RUA DA CONCEIÇÃO, 46 1º LISBOA · TEL. 21672

Distribuidores - Norte:
ARAÚJO & SOBRINHO, SUCR.
LARGO DE S. DOMINGOS, 50 · PORTO · T. 235

é sol engarrafado...

...o bom Vinho de Colares. As nobres uvas Ramisco creadas em solo arenoso, vivificadas pelo ar marítimo, são durante todo o seu crescimento largamente expostas aos raios ardentes do sol. Depois, as uvas doiradas onde se concentraram vivificantes efluvios, entregam às prensas um sumo vermelho que durante longos anos, na penumbra das adegas, se liberta das verduras juvenis e amplifica as suas qualidades de calor, de perfume, de generosidade.
Contemple-o no seu copo: — não é sol esta purpura e êste oiro?
Beba-o: — não é sol o calor bemfasejo que êle lhe transmite?

VINHO DE COLARES

HAVAS

Leiam hoje o sempre **fixe**

Oficina metalúrgica
de
AMERICO SANTOS
Trabalhos em chapa de metal e cobre
Torneiro mecanico
Canalizações para água e gás
Instalações Electricas
Rua Luz Soriano, 32—LISBOA
Telef. 2 1994

Pensão Belga
Primorosas instalações em Palacete proprio—R. Actor Tasso, 11, Tel. 40529 — de luxo, com todo o conforto moderno, agua corrente quente e fria em todos os quartos, aquecimento central, sala de visitas e cozinha francesa.
Ambiente e serviço de bom hotel, a preços resumidos.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias urinárias—Venero—Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
Telefone 2 9062

COLL TAYLOR, LDA.
IMPORT. & EXPOR.
R. dos Douradores, 29 - 1.º
LISBOA

SOLDADURA AUTOGÉNIA

Instalaçõds completas. Aparelhos. Gases. Oxigénio. Acetilene dissolvido. Carboneto de cálcio

SOLDADURA OXI-ACETILENICA

///

Maçaricos soldadores e cortadores. Manoredutores. Soldas e decapantes para soldadura de todos os metais GERADORES de ACETILENE de alta pressão, construidos com todos os aperfeiçoamentos modernos para todos os trabalhos de soldadura.

SOLDADURA ELECTRICA

///

Postos e acessórios — Electrodos

Assistência Técnica Gratuita

L'AIR LIQUIDE

Rua Pinto Ferreira (à Junqueira) — Telef. 81536 — LISBOA

Rua Justino Teixeira, 657 — Telef. 1744 — PORTO

FAMALCA É O PRODUTO **ISENTO DE LEITE** QUE CONVEM PARA A ALIMENTAÇÃO DOS SEUS FILHOS, POR CONTER **MALTE E SAIS DE CALCIO**

Famalca

UM ALIMENTO FAVORITO PORQUE É UM PRODUTO DA FABRICA DE CHOCOLATES «FAVORITA»

As famosas

IGUARIAS, GÉNEROS ALIMENTÍCIOS E CONDIMENTOS da casa

CROSSE & BLACKWELL

ESTABELECIDA EM 1706

VOLTAM

C&B

com a PAZ

Consultem os Agentes: Miranda & C.ª—Lisboa. Arnaldo Salgueiro & C.ª—Porto

---

Sapataria «TRICANA»

Sempre em crescente desenvolvimento, acaba de inaugurar as suas oficinas, estando já a confeccionar os novos modelos para a PÁSCOA, sôb a direcção técnica de AUGUSTO FERREIRA.

Rua José Falcão 56-58 — Telef. 51170 — LISBOA

Banco Fonsecas, Santos & Vianna

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL ... ... Esc. 96.000.000$00

FUNDO DE RESERVA ... Esc. 51.000.000$00

Rua do Comércio, 132 — Lisboa

Aos Srs. AUTOMOBILISTAS

A NOVA VULCANIZADORA DE BEJA

EXECUTA TODOS OS TRABALHOS EM :

Pneus e Camaras d'Ar — Rechapagens com desenho e a liso — Rasgos de todos os tamanhos — Jantes partidas — Rasgos na Jante

CONSULTE **A. PAIVA**

RUA DA CASA PIA **BEJA**

OURIVESARIA

SILVA

Tel.: 96 ***BEJA***

José Augusto da Silva

RUA DA LIBERDADE, 25-26 — Telef. 248

BEJA

Comissões e Consignações

Agência NAUMANN

Agência Distrital dos Rádios A G A

João da Palma

FABRICA DE MOSAICOS

Mosaicos para Pavimentos, Mosaicos de Granito, Mosaicos Artísticos, etc.

Travessa da Banha — BEJA

TELEFONE N.º 266

PAGINA DAS PROVINCIAS

Manuel Gomes de Barros & C.ª. Sucrs.

Drogas e Ferragens

Agentes da **LUSALITE** para os concelhos de: Amarante, Penafiel, Marco de Canavezes, Paredes, Paços de Ferreira, Lousada e Baião.

Rua 5 d'Outubro **Telefone 37**

AMARANTE

Americo Taxeira de Vasconcelos

Rua Candido dos Reis, 1, 3, 5 e 7

AMARANTE

Fazendas de lã, algodão e seda; chapeus, guarda-sóis, miudezas e artigos de novidade.

Correspondente da Comp. de Seguros «Tranquilidade»

Indústrias Reunidas do Tâmega, L.da

Amarante

Telefone 78—Amarante
Telefone 4888—Porto

Serração mecanica de madeiras
Extracção de óleo de bagaços

Moagem de bagaços para alimentação de animais.

Fabricação de urnas funerárias

ALBERTO MARINHO

Serralharia mecanica

Construções mecanicas

Fundição

Largo Conselheiro Antonio Candido

Telefone, 48 **AMARANTE**

Farmacia Torres Pinheiro, L.da

Gerente Técnico:

JULIO BENTO M. BAPTISTA

Rua Serpa Pinto (Junto á Ponte)

Telef. 6 **TOMAR**

Francisco Marques da Silva & Irmãos, Ltd.

Mobilias, Tapeçarias, Chapelaria, Louças e Vidros

Fazendas, Modas e Confecções

Rua Serpa Pinto, 140 a 154

Telefone 92

TOMAR

FAZENDAS, MIUDEZAS E MERCEARIA

Correspondente Bancario.

Agente de Companhias de Seguros
José Fernandes de Oliveira
(Sobrinho)

Rua Herois de Chaves

S. JOÃO DA PESQUEIRA

João Tomaz Gomes

Rua Direita

S. JOÃO DA PESQUEIRA

Sapataria, Lotarias, Tabacos, Vinhos e seus derivados.

Conservas, chouriços, queijos, artigos regionais, etc.

Preços vantajosos

Telefone 34

Abílio A. S. Silva

ALHANDRA

Fabrica de licores e xaropes

«SILVITA»

Vinhos de mesa Colete Encarnado
Armazens de vinhos e seus derivados

Telf. 5

Duarte & Macieira, L.da

ALHANDRA

Armazem de mercearias, cereais e legumes.

Depositarios dos famosos refrigerantes supersumo.

José da Conceição e Silva

Telefone 34 **ALHANDRA**

Serração de madeiras e carpintaria mecanica

Auto-Velo Alhandrense

Automovel de Instrução e aluguer

Gasolina e Lubrificantes Vacuum
Material Electrico.

José Coelho Junior

Mercearias, Fazendas, Drogaria etc.

Proprietário: do Café Central e das Oficinas Gráficas da R. de Pêra, Ld.ª.

AGENTE COMERCIAL

Revendedor de todos os artigos para Industria de Lanificios.

Telefones:—P. P.—2 e 16

CASTANHEIRA DE PERA

José Bahia Pirré

Comissões—Consignações

Conta Própria

PORTOMAR-MIRA

Rádio Philips. Material eléctrico. Lotaria. Livros. Artigos de escritório. Vinhos, Licores e Champagnes.

Farmácia Ribeiro Dias, Suc.or

Formicida «RADICAL»

O maior destruidor de formigas **«VERMOL»**. Infalivel na expulsão dos vermes intestinais.

Produtos Quimicos—Especialidades Farmaceuticas

PORTOMAR—MIRA

João Neves Campos

Completo sortido de Fazendas de Lã, Algodão e Seda.—Mercearias, Tabacos, Esmaltes, Vidros, Artigos Eléctricos e Calçado de Borracha. —Importador do papel de fumar «Trabalhador»—Agente Concelhio da **Sociedade Central de Cervejas**

CASTELO DE VIDE

Loja do Povo

de

Afonso de Alegria Roque

Fazendas, Mercearias, Ferragens e Drogas

CASTELO DE VIDE

A CAMPONEZA

DE

VIÚVA DE JOAQUIM MENDES

R. D. Margarida Relvas—R. Elias Garcia—R. Latino Coelho
Telegramas **V.ª Mendes**
Telefone **Cabine n.º 1**
Cod. RIBEIRO

Mercearias, Fazendas, Miudezas, Louças de Esmalte, Tabacos, Azeite, Vinhos, Cervejas, Licores, Semeas e Cereais. Agencia de Seguros.

Torrefacção. Moagem eléctrica de café

Posto de venda de fórmulas de franquia dos C. T. T.

MARVILA—**GOLEGA**

A COMARCA DE ARGANIL

A maior tiragem dos jornais bi-semanais portugueses

Tipografia, Papelaria, Livraria

Praça de Simões Dias—ARGANIL

Telef. 2

Augusto Marques Barrela

FARMACIA MARTINS

Produtos quimicos e especialidades farmaceuticas, Nacionais e Estrangeiras.

CORRESPONDENTE BANCARIO

12—Rua Filipe da Silva—14
ALTER DO CHÃO

Telefone n.º 21

José Nunes Petronilho

Penamacor

Comissões e Consignações de todos os artigos produzidos e consumidos na região

Marciano Ribeiro Cipriano

Representações—Correspondente de jornais diarios

Telefone 41

CAMPO MAIOR

Café Zezere

DE

Antonio Ferreira Junior

Especialidade em café, chá, vinhos, refrigerantes e pastelaria—Aguas minerais. Artigos escolares.

FERREIRA DO ZEZERE

HAVANEZA CATIVELENSE

— DE —

Antonio Felisberto d'Oliveira

Mercearia, Tabacos, Fazendas,
Ferragens e artigos de miudezas
Agentes de Comp.as de Seguros

BEIRA ALTA **CATIVELOS**

Café Progresso

DOCES

Espumantes

VINHOS FINOS

VINHOS DO PORTO

///

Livraria e papelaria

SARDOAL

Emprêsa Anglo-Portuguesa de Madeiras, Limitada

Toros para minas — Postes telegráficos — Exportadores de Madeiras — Madeiras para construção — Travessas para Caminhos de Ferro — Caixas para embalagens

Sede em Lisbôa — Portugal

Rua de S. Julião, 190, 1.,º E.

Telefones { **23779** **22202**

Telegramas «MADEIRAS»

Laminas GILLETTE

Rapidez, simplicidade, suavidade, eficiência e economia! É a definição do processo de barbear Gillette. Se nem sempre consegue obter Lâminas Gillette, lembre-se que elas são excelentes e que... a sua produção ainda é limitada.

Esc. 7$50 as 5 lâminas
Esc. 15$00 as 10 lâminas

TRADE Gillette MARK

75. RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º LISBOA

Estaleiros de Construção Naval

DE

Francisco Ferreira

Espozende

Navios, Traineiras e Barcos de Recreio

MECO, LIMITADA

Fábrica de Sobrescritos e Depósito de Papéis

CASA FUNDADA EM 1888

LISBOA (Sede) — Largo Rafael Bordallo Pinheiro, 20 a 25 — Telef. 2 0496 e 2 7316
PORTO — Rua das Flores, 14, 1.º — Telef. 7050

Oficinas de Construção Civil e de Moveis

— DE —

Izolimo Fernandes Loureiro

ESPOZENDE

Auto-Santiago

DE

Manuel Pires de Mendonça

Estação de serviço automóvel - Recôlhas - Mecânica geral — Soldaduras Acessórios Sobressalentes Óleos e gasolina «Shell» - Artigos de electricidade Canalizações de água - Vulcanização de pneus e câmaras de tôdas as medidas por máquinas modernas

AGÊNCIA OFICIAL DA:

PHILIPS PORTUGUESA S. A. R. L.
COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
R. da Estação do C. de Ferro, 1 — Telef. 54
SANTIAGO DE CACÉM

AGENCIA BARATA

GASTÃO MENDES BARATA

REGISTADA

A primeira organização do género no País
Os melhores e mais ricos auto-cars fúnebres

Garages e cocheiras de grande extensão
e oficinas próprias nos seus edifícios

PARA SERVIÇOS EM TODO O PAÍS

SEDE NA:

194, RUA SARAIVA DE CARVALHO, 202

Telefone P. B. X. 61112 PORTUGAL LISBOA

PAGINA DAS PROVINCIAS

CALDAS DE CHAVES

da mais antiga e comprovada eficácia terapeutica

Director clinico — Dr. MARIO CARNEIRO

Aguas alcalinas quentes, carbo-gazosas, silicatadas e rádio-activas, empregadas em aplicações externas para o reumatismo e aplicações internas para dispepsias, hepatites, entero-colites e cistites.

///

Estancia aberta de Maio a Outubro, no meio do lindo Vale de Chaves, junto á cidade de Chaves.

Flávio Amorim de Freitas

ARMAZENISTA E PRODUTOR DE BATATA DE SEMENTE

Castanhas, nozes e batata de consumo

Telefone n.º 164 **Rua do Tabolado** **CHAVES**

A COMPETIDORA

João Teixeira Chaves

Telefone, 101 **Telegramas JOÃO CHAVES**

Exportador de Batatas, Feijão e Presuntos

Rua Candido Sotto Mayor **CHAVES**

F. Rodrigues Guerra

Importação directa de sal graudo de SETUBAL e miudo de AVEIRO

CEREAIS, BATATA E ADUBO QUIMICO

Rua Candido Sotto Mayor **CHAVES**

Telegramas F. GUERRA **Telefone n.º 102**

A Exportadora de Chaves, L.da

IMPORT-EXPORT

Batatas, Castanhas, Nozes, Carnes, etc.

Telegramas—Exportadora

Telefones:—Escritório, 96—Armazem, 155

Agentes do Cimento LIZ e de materiais de construção

Depositários da Companhia União Fabril Portuense

CERVEJA CRISTAL, ZIRTA e PRETA, LARANJADA INVICTA E GRANITADA

TERREIRO DE CAVALARIA **CHAVES—PORTUGAL**

Sociedade Mercantil de Chaves

Exportadores de castanhas verdes e frutas secas

Produtor de batatas—semente—certificada

Telef. 49 **Teelgramas—MERCANTIL** **CHAVES**

ALBERTO ALVES

(FOTOGRAFIA ALVES)

Casa própria fundada em 1918

RETRATOS DE ARTE E AMPLIAÇÕES

Fornecimento de Edições de postais ilustrados

APARELHOS E ARTIGOS PARA FOTOGRAFIA, CINEMATOGRAFIA, PROJECÇÃO E RAIO X DOS PRINCIPAIS FABRICANTES, IMPORTADOS DIRECTAMENTE

ACABAMENTO DE TRABALHOS AOS AMADORES

RUA DIREITA, 153 a 157

CHAVES (PORTUGAL)

Teleg.: *FOTO ALVES* CHAVES

Telefone 96

Nogueira & C.ª L.da

Rua 1.º de Dezembro

CHAVES

Mercearia fina, louças, esmaltes e artigos escolares

Rep. da Agência de Naveg. e Comércio

Farinha Saluzena e cál em pedra e hidraulica da Martigança

Ceramica Flaviense, L.da

FABRICA DE TELHA, TIJOLOS E SERRAÇÃO DE MADEIRAS

TELEFONE 46 **CHAVES**

Francisco Gonzalez

Peles e cravagem de centeio

Bairro de S. Bento

CHAVES

Antunes & Lopes

SUCESSORES DE

BARREIROS, PETRONILHO, EM Ct.ª, Suc.

Fazendas e Mercearias. Modas e outros artigos. Chapelaria.

Agencias de O SECULO, «Diario de Lisboa» e «Jornal de Noticias»

Praça do Municipio, 52-54 **Telefone 148**

COVILHÃ

Palace Hotel

ESTREMOZ

Um dos melhores Hoteis da provincia

Telefone: 7

João E. Silva, Limitada

Caixa Postal n.º 24 **COVILHÃ**

Telefone n.º 311

Telegramas J E S

Porto **SANDEMAN**

João Bernardo & Fino

Armazem. de Lanifícios

Vendas por junto e a retalho

Peçam amostras

COVILHÃ

Ernesto Cruz & C.ª

LÃS E FIOS DE ESTAMBRE

Teleg. — ERCRUZ **COVILHÃ**

Telefone — 247 PORTUGAL

///

CODIGOS: RUDOLF MOSSE, RUDOLF MOSSE SUP, A B C FIFTH ED., V CODE 1929

MARIO TAVARES

DESPACHANTE OFICIAL—AGENTE DE NAVEGAÇÃO

CORRESPONDENTE BANCARIO

Telegramas: MATAVARES **Telefones:6 e 26**

SINES—PORTUGAL

Mário de Almeida, L.da

Tipografia—Papelaria—Livraria e Encadernação

Agência de Jornais

Rua Vaz Monteiro **PONTE DO SÔR**

PAGINA DAS PROVINCIAS

Fábricas Metalúrgicas

ALBA

Augusto Martins Pereira

Albergaria-a-Velha

End. telegráfico: ALBA
Telefone: 6 (P. B. X.)

Escritório em Lisboa:
R. dos Correeiros, 40, 2.º, Esq.
Telefone 2 1319

CASA HIPÓLITO

Fundada em 1900

FABRICAS METALURGICAS

Material Viti-Vinicola—Pulverisadores HIPOLITO de todos os sistemas
Bombas para trasfega—Mangueiras para vinhos—Caldeiras de Destilação

Telefone P. B. X. 53 TORRES VEDRAS

Fábrica do Tramagal

A' maior produtora de máquinas e utensilios para a agricultura e industria no país.

DUARTE FERREIRA & FILHOS
TRAMAGAL

Filial em Lisboa Av. P. Wilson, 17-21

CAMARA MUNICIPAL DE GRANDOLA

FEIRA DE AGOSTO

EDITAL

Carlos José Champalimaud Aboim Barahona, Presidente da Camara Municipal do Concelho de Grandola:

Faz saber que nos dias 28 e 29 de Abril do ano corrente, se realizará nesta Vila, no novo campo expressamente adquirido pelo Municipio, para esse fim, a tradicional e importante

FEIRA ANUAL DE GADOS

e todas as espécies de comércio, denominada FEIRA DE ABRIL.

Estão asseguradas as habituais facilidades aos feirantes e ao publico concorrente á feira, mantendo-se a deliberação camarária em vigor nos ultimos anos, que isenta do imposto de terrado os mesmos feirantes.

Paços do Concelho de Grandola, 14 de Março 1946.

O Presidente da Camara, **CARLOS BARAHONA**

A Abastecedora Grandolense

— DE —

Luis André Rodrigues

COMÉRCIO GERAL

Grandola

PAPELARIA PROGRESSO

DE

Abel dos Santos Cardim

Correspondente do «DIARIO DE LISBOA» e Revista «MUNDO GRÁFICO»

Praça de João de Deus — **GRANDOLA**

Livros escolares e de escrituração comercial
Papeis de encadernação. Pastas para arquivo e Envelopes
Grande sortido de canetas de Tinta Permanente
Tintas, Lápis e colas. Artigos escolares e para Escritório. Fitas para máquinas e papeis quimicos
Aceita Representações de artigos do seu comercio

CASA DAS NOVIDADES

V.ª e Filhos de Jacinto de Mendonça Freire

Modas, Tecidos, Lanificios, Retrosaria, Novidades, Perfumarias, Camisaria, Gravataria, Cobertores, Atoalhados, algodões

69, Rua Luis de Camões, 71 Telef. 38 BOMBARRAL

CALDAS DAS TAIPAS

Magnifica estancia de cura, repouso e turismo a 7 quilómetros de Guimarães e 14 de Braga

As melhores águas do país para cura das doenças de pele—Serviço de carreiras diárias de hora em hora, entre Braga e Guimarães.

Excelente Hotel e esplendidas pensões
Parque de turismo com campo de jogos, praia fluvial. Aprasiveis distracções

JOAQUIM FARIA JÚNIOR, LDA.

Armadores de Traineiras da Peeca da Sardinha
PENICHE—End. telegrafico: «Farium»—Telefone 40—Apartado 3
REPRESENTAÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Redes e fios de pesca. Cabos de aço, cairo, sisal e manila. Alcatrão Tintas e vernizes para navios. Tinta «Cato». Anzois e outros artigos para a pesca.

Combustiveis e Lubrificantes. Pneus, camaras, velas, baterias, etc.
Motores maritimos «Bolinder»
Seguros em todas as modalidades e riscos

Manuel Mamede & Irmão, L.da

Mercearia—Drogas—Tintas—Vernizes—Apreetos maritimos—Louças—Vidros—Ferragens—Cimento—Material eléctrico
Agente da C.ª de Seguros SOBERANA—Sub-agentes da SHELL

118—R. José Estevam—118 PENICHE Telefone 62—Apartado 6

CASA BERNABÉ
Fundada em 1866

João Baptista da Conceição (Filhos)

Fazendas, Ferragens, Mercearias e Papelaria—Redes e fios para pesca da (Companhia de Redes de Pesca,Ld.ª—Consignatários da SOCONY VACUUM OIL COMPANY, INC.—Artigos Eléctricos e para automóveis—Lampadas e Receptores T. S. F. Philips—Sub-Agência da Companhia de Seguros NORWICH UNION—PENICHE—Telefone 17

Sebastião Carvalho Horta

Camionetes e Automóveis de aluguer
Máquinas debulhadoras e Enfardadeiras Mecanicas
Barcos de Pesca
Telefone 56—Telegramas-Nabeu PENICHE

um bom Fato
um bom Padrão
uma boa qualidade

Casa Misarelas

49, R. Visconde da Luz, 53

Telefone 3003 COIMBRA

Transportes Bombarral, L.da

Serviço rápido e eficiente de transportes de mercadorias

Todas as cargas e todas as quilómetragens

Rua da Coutada, 14—Telef. 29
BOMBARRAL

CURTUMES

J. S. NAZARIO

Solas, Calfes e vacas-calfe

Telef. 21

Alcanena

ACACIO COSTA

VIDAGO

Mercearia, ferragens, papelaria, etc.

Adubos e utensilios para agricultura. Depositário da Socony—Vacuum Oil Company

TELEFONE 17

M. V. P.

Vinte e cinco anos de jornalismo

(Continuação da 10.ª pag.)

luso-galaica dos chefes de Governo generais Ivens Ferraz e Primo de Rivera (10 de Julho) acontecimento que o «Diário de Lisboa» acompanhara com um seu redactor. Foi então para Espanha deslocado um enviado especial, Norberto de Araujo, e um reporter, Santos Jorge. As páginas deste jornal constituem o melhor subisidio para quem quiser um dia fazer a história deste periodo de politica peninsular, e em publicações oficiais contêm-se transcrições dessas páginas; as recepções, solenidades; e festas nas três grandes cidades espanholas, as visitas ás exposições de Sevilha e de Barcelona (Pueblo Español), estão, com larga reportagem fotográfica, arquivadas no nosso jornal.

Rogério Perez, como enviado especial, acompanhou o sr. general Carmona nas duas viagens á Africa (Angola, 1938 e Moçambique, 1939), constituindo as suas crónicas páginas que afirmam o esplendor e alto significado patriótico dessas viagens. A viagem presidencial ás Ilhas dos Açores (Julho e Agosto de 1941) igualmente teve no nosso jornal a projecção devida, assim como as viagens á Africa dos ministros das Colónias, engenheiro Bacelar Bebiano (1929), na qual Norberto Lopes foi o nosso enviado especial, dr. Armindo Monteiro (1932), na qual o «Diário de Lisboa» se fez representar por Mauricio de Oliveira, e a do dr. Marcelo Caetano (1945).

Reportagens especiais

Entre as dezenas de reportagens para as quais o «Diário de Lisboa» deslocou enviados especiais, queremos citar as mais assinaladas.

Em 30 de Março de 1922 largaram do Tejo, no hidro-avião «Lusitania» para a viagem transatlantica os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que desceram nos Penedos de S. Pedro e S. Paulo. A 27 de abril desse ano partiu no «Bagé» como enviado especial do «Diário de Lisboa» Norberto Lopes, que naqueles Penedos, e depois em Fernando Noronha e nas cidades do Brasil, descreveu os episódios emocionantes da travessia e ainda a recepção triunfal que os aviadores tiveram em terras brasileiras; essas crónicas, depois reunidas em livro, constituem subsidios para a história da aviação em Portugal

Em Agosto de 1923 realizou-se uma viagem, com carácter diplomático, a Ceuta, Tetuan, Larache e Alcacer-Quibir, havendo partido os portugueses de Lisboa até Ceuta a bordo da canhoneira «Bengo»; representou o «Diário de Lisboa» Norberto de Araujo, que das festas e recepções por terras do Norte de Africa, onde flutuou a bandeira de Portugal, enviou crónicas nas quais trasparece o alto significado nacionalista da visita.

De Outubro de 1924 a Julho de 1925 realizou-se uma viagem de instrução e adestramento das guarnições de uma divisão naval, constituida por cinco navios, viagem conhecida por «Periplo de Africa», e que serviu também a uma afirmação de soberania. Como nosso enviado especial acompanhou essa viagem a bordo do «Gil Eanes» Norberto Lopes, que arquivou no nosso jornal flagrantes crónicas das suas visitas a terras de Portugal do Atlantico e Pacifico, e ainda a cidades do Mediterraneo.

Em Maio-Junho de 1925, por ocasião do Ano Santo, em Roma, foi a Itália como enviado especial do «Diário de Lisboa» Norberto de Araujo, que acompanhou os milhares de portugueses que de Portugal se deslocaram a Lourdes e a várias cidades de Itália; o nosso redactor transmitiu para o nosso jornal uma série de crónicas e reproduziu o esplendoroso acontecimento que foi a canonização de Santa Terezinha do Menino Jesus, e o discurso de Bento XV aos prelados e peregrinos portugueses.

Também, em 1935, Mário Neves, representante do «Diário de Lisboa» numa digressão por Itália, registou as sensacionais declarações de Pio XI condenando a esterilização humana preconizada pelos nazis.

Em Setembro e Outubro de 1928 foi ao Brasil, em viagem especial, Artur Portela, como representante do «Diário de Lisboa», e que das cidades principais daquele país nos enviou crónicas impressivas, focando a vida progressiva do país irmão.

Em Junho de 1929 largou das costas de Espanha para o Brasil o hidro-avião espanhol «Numancia», que se afundou ao largo dos Açores. O «Diário de Lisboa» deslocou para Gibraltar Norberto de Araujo, que a bordo do porta-aviões inglês «Eagle»—que recolhera os náufragos, Ramon Franco, Gallarza e Ruiz de Alda—os entrevistou, em condições dificeis, que foram assinaladas na Imprensa da época, em Portugal e em Espanha.

Em 1937 deslocou-se aos Estados Unidos o nosso redactor Mário Neves, que coligiu impressões e nos enviou oportunissimas crónicas da vida do povo americano.

Acontecimentos de Espanha

Os acontecimentos de Espanha mereceram sempre ao «Diário de Lisboa» o maior relevo. Em 1921 o nosso director realizou algumas memoráveis entrevistas com os principais chefes políticos, algumas das quais foram depois transcritas em Espanha.

O golpe de Estado de Primo de Rivera, em 1923, foi acompanhado, quase passo a passo, por alguns redactores do «Diário de Lisboa»; o general chefe do Governo concedeu ao nosso jornal várias entrevistas nesse periodo, e mais tarde, uma das quais, em 7 de Novembro de 1928 quando da sua estadia em Viana do Castelo.

A proclamação da Republica, em 14 de Abril de 1931, com a consequente deposição de Afonso XIII, foi acontecimento capitular que o «Diário de Lisboa» acompanhou enviando a Madrid alguns redactores, entre os quais Artur Portela, que já estivera em Espanha no ultimo período da Monarquia; as entrevistas com homens publicos e as impressões recolhidas deram então a justa nota do ambiente espanhol. Rogério Perez igualmente em 1930 e 1931 realizou assinaladas entrevistas com políticos de todas as correntes de opinião.

Pouco depois da proclamação da Republica, Agosto de 1931, produziram-se na Andaluzia sublevações de caracter comunista, enviando o nosso jornal áquela região o seu redactor Norberto Lopes.

Em 17 de Julho de 1936 deu-se o golpe de Estado chefiado pelo general Franco. A Espanha lançou-se na guerra civil, que só havia de acabar em Março de 1939. Durante esse longo periodo deslocaram-se a Espanha alguns redactores, para várias regiões simultaneamente, demorando-se sobretudo na zona de Madrid, onde—pode dizer-se—assistiram aos combates, correndo riscos e suportando as contingências da guerra: Norberto Lopes, Felix Correia, Artur Portela, Mário Neves, Rogério Perez, Denis Salgado, Norberto de Araujo (este na Galiza), acompanharam os movimentos militares e políticos. No nosso jornal ficou, em grande parte, arquivada a história desse movimento nacionalista.

Os acontecimentos políticos internacionais

Durante o funcionamento da Sociedade das Nações, e por várias vezes, o «Diário de Lisboa» teve em Genebra o seu enviado especial, dr.ª D. Irene de Vasconcelos.

Em Setembro de 1935 Artur Portela deslocou-se a Gibraltar, no período da tensão da Itália com a Inglaterra por motivo da premeditada conquista da Etiopia; as páginas de flagrante oportunidade do enviado especial do «Diário de Lisboa» interessaram então todo o país. A guerra da Abissinia (1936) teve no nosso jornal o maior destaque.

Por ocasião da coroação do rei Jorge VI, facto que precedeu de alguns meses a guerra mundial, enviou o «Diário de Lisboa» a Inglaterra Mauricio de Oliveira, que em crónicas admiráveis descreveu as solenidades e a imponente parada naval de Portsmouth.

No final do ano de 1938 realizou-se, já sob pressão do fantasma da guerra, a viagem de Daladier a Argélia e á Tunisia; Norberto Lopes, nósso enviado especial, acompanhou essa viagem memorável, indo de avião de Tanger a Tunis, por Casablanca, Oran e Argel; as suas crónicas ficaram como subsidios valiosos para a história desse periodo agitado da vida internacional. Ainda o mesmo jornalista em Janeiro de 1939, seguiu de perto, em Roma, o famoso encontro de Chamberlain e Halifax com Mussolini.

Artur Portela em Julho de 1939 deslocou-se a Londres, de onde escreveu uma série de crónicas sobre o estado politico e militar da Inglaterra, realizando uma entrevista com Churchill, ainda não membro do Governo, e que se pode considerar profética.

A guerra mundial—Setembro de 1939 a Agosto de 1945—teve no nosso jornal a mais larga e desenvolvida reportagem, através das agências, mas foi igualmente seguida nos seus aspectos politicos, diplomáticos e militares pelo nosso redactor Carlos Ferrão, que em muitas centenas de crónicas, de alto interesse publico, esclareceu dia a dia a situação; essas páginas honram a Imprensa portuguesa.

Já nos ultimos dias da guerra, Norberto Lopes foi á Alemanha e descreveu para os leitores do «Diário de Lisboa» os horrores do campo de concentração de Dachau e as ruinas de Munich.

Acabada a guerra na Europa, e, depois, no Pacífico, continuou Carlos Ferrão a comentar e a sublinhar certos aspectos dos acontecimentos que derivaram do fim da luta e da preparação para a paz, nas várias conferências e reuniões internacionais.

Acontecimentos nacionais

Em vinte e cinco anos, como acima dizemos, os acontecimentos ligaram-se á actividade do nosso jornal como o nosso jornal aos factos e á acção dos homens. Limitamo-nos a sublinhar os principais acontecimentos, além daqueles acentuadamente políticos, já referidos.

A comemoração do centenário de Vasco da Gama (1924), a do 4.º centenário da fundação da Universidade de Coimbra (1936), as exposições Colonial do Porto (1934) e a do Mundo Português, em Belém (1940), mereceram-nos a maior expansão, na exaltação do seu significado e grandeza, assim como as Exposições Industrial e a da Ocupação Colonial, ambas no Parque Eduardo VII.

De entre as centenas de reportagens de acontecimentos de relevo sublinhamos as que dizem respeito á burla do Angola e Metrópole, começo de 1926, e depois, em Julho de 1930, o julgamento dos reus no tribunal especial de Santa Clara, que preencheu muitas audiências e ainda o julgamento da Casa Waterlow, em Londres. Igualmente o julgamento dos implicados nos movimentos revolucionários de 19 de Outubro e de 18 de Abril tiveram no nosso jornal a maior expansão dentro da mais rigorosa imparcialidade. Outros julgamentos que apaixonaram a opinião publica, como o de Augusto Gomes (morte de Maria Alves) e o da Rua 20 de Abril, foram amplamente relatados, com igual isenção.

Quando o general Ivens Ferraz foi a Genebra, á Sociedade das Nações, onde recusou, com dignidade, as condições impostas para um empréstimo (20 de Agosto de 1928), o nosso jornal através do seu enviado em Itália, pôs em destaque aquela atitude.

Todos os acontecimentos relacionados com a Igreja, ou de simples mas significativo carácter religioso foram por nós focados: os concilios de Braga e da Sé de Lisboa, as peregrinações do Sameiro e da Fátima, Vila Viçosa, Santarém, e, sobretudo, e com relevo, o acordo missionário e concordata (1940). Igualmente nos merecera edificante reportagem a imposição do barrete cardinalicio ao novo cardeal Locatelli, nuncio em Lisboa, cerimónia levada a efeito no palácio da Ajuda, pelo presidente da Republica, dr. António José de Almeida. Os conclaves que elegeram Papa os cardeais Ratti e Pacelli, e a ultima nomeação de cardeais em consistório (1946), tiveram no «Diário de Lisboa» a maior repercussão, por parte de representantes do «Diário de Lisboa» em Roma. As viagens do sr. cardeal patriarca ao estrangeiro e ás nossas colónias foram seguidas com desenvolvimento.

As visitas de Chefes de Estado estrangeiros e de figuras representativas, tais as do rei Alberto, da rainha Isabel e do principe Leopoldo, da Bélgica, as do principe de Gales, depois rei Eduardo VII e do seu irmão duque de Kent, em 1931—a do ultimo repetida em 1940—foram acompanhadas pelos nossos redactores com o maior entusiasmo profissional.

As grandes manifestações politicas de apoio ao Governo, as viagens presidenciais e ministeriais de relevo, dentro do país, para as quais deslocamos enviados especiais, as comemorações patrióticas durante o periodo das comemorações centenárias em várias regiões, as romagens á Batalha, as grandes sessões da Assembleia Nacional, a propaganda eleitoral em todas as épocas, os acontecimentos de rua com carácter festivo e cultural—todas as manifestações de arte, letras, teatro, de expansão do espirito, de defesa da economia portuguesa—estão arquivadas no «Diário de Lisboa», em reportagens, entrevistas, crónicas e comentários.

Os problemas e assuntos coloniais, em todos os seus aspectos—o chamado «condominio», sobretudo, questão vívida intensa e patrioticamente no tempo do dr. Alvaro de Castro—foram tratados no nosso jornal com largueza. De igual modo o intercambio luso-brasileiro, de um amaneira geral a politica de realidades com o grande país irmão, mereceram sempre ao «Diario de Lisboa» uma atenção especial; o dr. João de Barros está desde a primeira hora do «Diario de Lisboa» sempre presente, á frente desse movimento espiritual.

Seria superfluo referirmo-nos a entrevistas—tantas elas foram—mais ou menos sensacionais, realizadas durante um quarto de século neste jornal. Lembramos apenas uma realizada com D. Afonso XIII em Madrid (1930), com a rainha D. Amélia em Versalhes (dr. Joaquim Manso, 1937), com Teixeira Gomes, em Bougie (1939), com Manuel Azaña em Bilbao (1932), com Rui de Barbosa no Rio de Janeiro (1922), com Alcalá Zamora (1933), em Santiago, duas com o general Franco, em Madrid, com Sanchez Guerra (1930), com Lindbergh, metido no seu avião amarado no rio Minho (14 de Novembro de 1933).

No capitulo de aviação— o «Diário de Lisboa» tomou sempre o primeiro lugar, na propaganda e no estímulo, não apenas quando da citada viagem de Coutinho e Sacadura Cabral, mas a quando do voo do «Pátria» a Macau (1924), da viagem Lisboa-Guiné (1925), do voo do «Argos» ao Rio de Janeiro (1928), da viagem a Lourenço Marques (1928), da viagem á India (1930), do «raid» Lisboa-Guiné-Angola e volta (1930), a Pangim (1934) a Timor (1934), do cruzeiro á Africa (1935), etc. O que hoje é normal, e passa sem simples citação, naqueles anos tinha, apesar da consciência na preparação, qualquer coisa de temerário.

As grandes competições desportivas internacionais fora do país (França, Itália, Suiça, Espanha, Holanda, etc.) tiveram sempre a presenciá-las e a transmiti-las enviados especiais do «Diário de Lisboa». Tavares da Silva foi, quase sempre, o redactor deslocado para essas reportagens directas.

Todos os grandes acontecimentos da marinha portuguesa tiveram, com interesse e destaque, um representante especializado do «Diário de Lisboa» a acompanhá-los: Mauricio de Oliveira.

* * *

Vinte e cinco anos de actividade—e isto acontece em todos os jornais—, vividos pelos nervos e pela inteligência, e evocados agora, correspondem a uma passagem pelo mundo, que evoluciona, se transforma e muda de semblante, nos homens e nas coisas. Mas para nós, ao folhearmos as nossas colecções, é como se tivesse tudo acontecido ontem.

EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

Algumas recordações

imagens e episódios

vividos pelo jornalista

durante 25 anos

(Continuação da 11.ª pag.)

sar de eu já estar encasacado e ele fardado; o nosso trabalho havia corrido bem. (Cristovão relatou no «Século» o caso da minha sortida e do aparecimento inesperado, para ele, no ascensor do «Eagle»).

Estas coisas, vistas a distancia, não têm importancia; nem mesmo a tiveram, em rigor, na ocasião. Mas é tão agradável recordar! Mirar a «estrela», que não se recusou a colaborar connosco. Evocar certo acontecimento X, que já lá vai, muito longe na neblina do tempo!

O cardeal Vanutelli e D. Manuel de Bragança

Há vinte e um anos, que se completam para o mês que vem, andava eu por Itália. Era a terceira vez que lá ia.

Desta vez não me levou lá qualquer acontecimento político ou social. Ia simplesmente fazer a reportagem do Ano Santo e assistir á canonização de Santa Terezinha. Já vinha do Sul da França, onde acompanhara dois mil portugueses peregrinos; passara pelo Norte de Itália.

Em Roma estavam oito prelados portugueses, entre os quais o bondoso D. António Mendes Belo, e estava também D. Manuel de Bragança, além dos milhares de peregrinos que haviam passado por Lourdes.

Surgem-me á memória meia duzia de episódios graciosos desse período. Anoto dois só com a volupia de recordar.

Já com 90 anos, alto, desempenado, andava pelas ruas de Roma imperial, deixando flutuar ao vento sua capa de seda vermelha, o cardeal Vicenzo Vanutelli. Fora—havia quantos anos!—nuncio em Lisboa, onde conhecera famílias da aristocracia.

Eu estava no Hotel Imperial, onde, aliás, raro parava. Uma tarde—escrevia no salão—vi chegar Vanutelli. O cardeal fez enorme restolho ao atravessar o atrio; dir-se-ia o Sacro Colégio em pessoa. Vinha visitar uma dama portuguesa, a sr.ª condessa de Alferrarede, cuja filha, a sr.ª condessa de Calhariz, hoje marquesa do Faial, ele baptisara em Lisboa.

Entretiveram-se a aristocrata e o purpurado em conversa numa saleta, cuja porta era envidraçada. Do meu salão, onde havia um piano, eu via distraidamente a cena, que haveria de parecer de teatro, deste do tipo da «Primorose». A sr.ª condessa é uma senhora muita simpática, e o cardeal era a simpatia em pessoa. E como havia estado em Lisboa—isto a meus olhos aumentava a simpatia. Mas ele nem para mim olhava, o que era tão natural—que me irritou. E decidi fazer uma partidinha. (E' preciso notar que eu tinha 30 e poucos anos).

Não sei tocar guitarra nem piano, mas em qualquer destes instrumentos «arranho o fado». E ele aí vai. Pisei as teclas, ensaiando primeiro baixinho e depois—foi o fado menor, com altos e baixos dolentes, arrastados, como se ali estivesse alguma fadista fidalga para cantar.

Sua Eminência—ouviu. Parou de conversar. Recordou. Pela Nunciatura do Quelhas, perto da Madragoa, quantas noites teriam dedilhado guitarras!

—Musica de Portugal, senhora condessa! Musica da sua terra!

Não vi, não sei se se lhe enterneceram os olhos, porque nisto de sentimento acho um cardeal igual aos outros homens. E olhou para mim.

Fechei o piano—até porque eu não sabia o «vira» nem o «corridinho» do Algarve—e voltei ao meu lugar. Estava contente. Um vislumbre de Lisboa passou ali perto da Roma dos Papas. E vinguei-me daquela naturalíssima e eminentíssima indiferença.

Outro episódio pessoal—e o espaço para mais não dá. Certa tarde, no Colégio Português da Via Santo Sprito, onde se hospedavam as vestes roxas dos bispos e a capa vermelha do cardeal de Lisboa, uma autoridade da banda do Quirinal apareceu a pedir a monsenhor secretário da Eminência portuguesa a graça de passar pelo Comissariado. Eu fui na cola do dr. Martins Pontes. Corriam boatos de que os portugueses, ou muitos deles, pretendiam fazer uma manifestação ao ex-rei.

—O Governo de Itália vê com grande agrado a presença de tantos portugueses em Roma, mas deseja firmemente que a peregrinação não se afaste do carácter religioso.

O cónego Pontes garantiu a isenção política dos portugueses. «Disso estamos certos»—replicou o Prefeito. E D. Manuel soube do caso. Não poderia receber ninguém. Ora uma manhã estava eu, com o dr. Jorge Faria e com uma filha minha, num estabelecimento de gravuras do Corso Umberto, quando demos por uma senhora, vestida de negro, que se voltou quando ouviu falar português: a rainha D. Amélia. E logo minutos depois entrou um rapaz novo, de bigodinho pequeno, que se dirigiu á rainha e a beijou: era D. Manuel. Descobrimo-nos. O ex-rei sorriu. Demorou-se pouco; á saída, dando um salto do degrau da porta ao estribo do automovel, e já no carro—fez-nos adeus familiar, que queria dizer:

—Que querem vocês; eu estou proibido de falar...

Jorge de Faria, monarquico, delirou: eu gostei. Mais adiante, em Vittoria Venetto, cruzou-se com o seu carro um que eu já vira, e que conduzia uma linda mulher, sobre cujo colo de gaze de pérola repousava um molho de rosas de Trinitá dei Monte: a rainha Isabel, exilada da Grécia, que também não podia receber os seus subditos. E saudaram-se como se dissessem:

—Este é o nosso destino...

Exilados em pleno exilio, é como ser forasteiro na própria terra natal...

N. de A.

POETAS

Acaba de sair uma admiravel Antologia da Poesia Portuguesa: **Liricas Portuguesas,** selecção, prefácio e notas de Cabral do Nascimento.

O volume inclui 308 composições de 50 dos poetas mais representativos dos ultimos 50 anos, muitos dos quais—e grandes valores—desconhecidos do publico de hoje, por se encontrarem esgotados os seus livros, dificilmente reeditaveis. **Liricas portuguesas** é, pois, uma preciosa colectanea da nossa poesia contemporanea e deve figurar na estante de todos os amadores das boas letras.

Edição da **PORTUGALIA,** na conhecida e prestigiosa colecção «Antologias Universais».

Leiam o jornal humoristico SEMPRE FIXE

NUM QUARTO DE SÉCULO

As iniciativas principais

do Diario de Lisbôa

e o seu caracter cultural

artistico e popular

Durante os vinte e cinco anos da sua actividade jornalistica, o «Diário de Lisboa», dentro da sua feição literária e cultural, não se limitou a acompanhar os acontecimentos da vida e a ser o eco de tudo quanto se passou pelo Mundo. Teve iniciativas próprias, que bem se enquadram na sua indole e no pensamento orientador expresso logo no seu primeiro numero. Lançou sugestões, criou realidades, desentorpeceu, por vezes, o ambiente da cidade contemplativa. Certo são estas funções imperativas de um jornal moderno. Mas devemos dizer que, em muitos casos, não nos limitamos a animar os corações, a contribuir para que refulgisse beleza e a alegria viesse á superficie das ruas. Procuramos alcançar objectivos de natureza cultural, de propaganda de valores nacionais e de exaltação do animo patriótico. De nenhuma, absolutamente de nenhuma, das suas iniciativas, este jornal quís tirar qualquer vantagem material, antes elas representaram, muitas vezes, a par do êxito publico que nos satisfez, encargos cuja responsabilidade muito nos honrou. Julgamos corresponder deste modo á missão imperativa da Imprensa: servir o publico não apenas com a noticia e comentário do facto, mas também com realizações que estimulam novas ideias e revigoram os espíritos.

Referimo-nos hoje, a algumas das iniciativas do «Diário de Lisboa» e a várias sugestões lançadas, que frutificaram.

* * *

Nascido sobre o signo da exaltação patriótica—as comemorações do 9 de Abril na Batalha com as inumações do «Soldado Desconhecido» — simbolizamos no soldado Anibal Augusto Melhais, ou simplesmente «Milhões», o valor militar dos portugueses. Assim promovemos em Abril de 1924 a vinda, desde Murça a Lisboa, daquele heroico combatente da Flandres, condecorado com a Torre e Espada e com cruzes de guerra portuguesa e inglesa, e organizámos com ele uma romagem á Batalha, presidida pelo ministro da Guerra, além de outras manifestações vincadas pelo nacionalismo mais ferveroso, e ás quais se associaram a Camara dos Deputados e o Governo.

Pertence do mesmo modo ao director do «Diário de Lisboa» (1933) a iniciativa de se erguer em Sagres um monumento ao Infante D. Henrique, iniciativa que passou ás mãos do Governo, e cujo concurso de projectos se realizou em 1934, repetido em 1936. Não está de pé, ainda, esse monumento, por motivos que nos cumpre respeitar, embora a eles sejamos alheios.

* * *

Em Setembro e Outubro de 1925, promoveu o «Diário de Lisboa», que para tal obteve a colaboração mais firme e compreensiva da Camara Municipal as «Festas dos Mercados», com caracter popular e cultural, e que foram, talvez, a sugestão directa para ulteriores manifestações oficiais e municipais, caracterizadas por um superior sentido de beleza e de evocações artisticas. Com o «Diário de Lisboa» colaboraram então o governador civil, dr. Filipe Mendes, o presidente da Camara Municipal, dr. Costa Santos, algumas das figuras mais destacadas das artes, das letras e do municipalismo, como o dr. José Leite de Vasconcelos, Columbano, Roque Gameiro, Raul Brandão, Aquilino Ribeiro, Augusto Gil, D. Lucinda Simões, D. Amélia Rey Colaço, D. Maria de Carvalho, D. Emilia dos Santos Braga, D. Tomás de Melo Breyner, Costa Mota tio, Francisco Santos, Alberto de Sousa, Matos Sequeira, Chaby Pinheiro, Rocha Junior, José Sarmento, Conde de Santar, Raul Caldeira, Fernão Pires, Augusto Pina, Alexandre Ferreira, dr. Joaquim Pratas, etc.

Levaram-se a efeito um concurso de beleza, entre raparigas de todos os mercados, várias festas publicas, sessões camarárias, e a reconstituição de um mercado seiscentista no Largo de S. Domingos, que constituiu notavel êxito.

Dentro da mesma indole popular, ilustrada por exteriorizações de arte, realizámos em 1928 uma «Semana dos Artistas» teatrais, na qual tivemos a colaboração de elementos de todos os teatros, em manifestações de graça e beleza, nas ruas e nos mercados; Erico Braga foi o nosso directo cooperador.

A pedido do jornal «A Noite», do Rio de Janeiro, promovemos a eleição de «Miss Portugal»; realizámos no Estoril um concurso de costureiras, e uma «Festa de Ardinas».

Com caracter literário promovemos um concurso de «Quadras Populares» no mês de S. João (1927), com grande repercussão no país, e para o qual obtivemos a colaboração de Augusto Gil, Acácio de Paiva e D. Virginia Vitorino. «O Concurso do Vinho e da Uva», em 1936, seguido de recital na Emissora Nacional, foi outra iniciativa de caracter literário e musical, coroada do maior êxito, e na qual colaboraram connosco João Saraiva, e o dr. Samuel Maia e uma dezena de poetas, artistas e de compositores musicais, obtendo-se daqueles concursos numeros deliciosos que ficaram no folclore português.

* * *

Devem-se ao «Diário de Lisboa» sugestões, que se converteram em realidade, como a da constituição de um «Grupo de Amigos de Lisboa», uma afirmação triunfante, posta, mais tarde de pé por, entre outros, Pastor de Macedo, Vieira da Silva, Pinto de Carvalho, Matos Sequeira, irmãos Mac-Bride. O Curso dos Estudos Olissiponenses junto da Faculdade de Letras é também iniciativa directa do nosso jornal, tornada possivel pela boa vontade compreensiva da Camara Municipal em vários periodos, e pela Universidade de Lisboa.

Ainda sob o ponto de vista cultural realizámos uma série de «reportagens retrospectivas», nas quais se evocaram quadros históricos, alguns deles tornados peças literárias interessantes.

No pensamento de valorizar as actividades industriais e comerciais, publicámos de Setembro de 1930 a Janeiro de 1931, uma série de trinta e tantos grandes artigos «Como se trabalha em Lisboa», para cuja elaboração percorremos arsenais e estabelecimentos fabris do Estado e particulares, as maiores fabricas de Lisboa, estaleiros, caminhos de ferro, oficinas; cais, navios; excertos desses artigos encontram-se em compêndios de ensino técnico e comercial.

Estas foram as principais iniciativas do nosso jornal, algumas das quais tiveram repercussão no país. Para elas contribuiram, segundo a sua indole, todos os nossos redactores, e ainda Pedro Bordallo Pinheiro, um animador de realizações, entusiasta e compreensivo, cuja acção, ao evocarmos o nosso trabalho, lembramos com infinita saudade.

Ver e crer

CADA ASSUNTO VALE UM LIVRO

O grande mensário português, que, num ano de publicação, reuniu entre os seus colaboradores mais de duas centenas de nomes, escolhidos entre os mais representativos do pensamento português contemporaneo: a Academia e a Universidade, a Literatura e a Técnica, a História e a Ciencia, ao alcance de toda a gente.

UM MÊS DE LEITURA POR 5 ESCUDOS!